



ROTA DO
ROMÂNICO

Guia



OCEANO ATLÂNTICO



A ROTA DO ROMÂNICO NA REGIÃO NORTE DE PORTUGAL



ÍNDICE



- | | | | |
|----|---|-----|--|
| 9 | INTRODUÇÃO | 58 | 9. Ponte de Vilela |
| 10 | O TERRITÓRIO | 60 | 10. Igreja de Santa Maria de Meinedo |
| 12 | O ROMÂNICO | 64 | 11. Ponte de Espindo |
| 13 | O Românico em Portugal | 66 | 12. Mosteiro de São Pedro de Ferreira |
| 15 | O Românico nos Vales do Sousa, Douro e Tâmega | 72 | 13. Torre dos Alcoforados |
| 18 | A Arquitetura Românica | 75 | 14. Capela da Senhora da Piedade da Quintã |
| 22 | A ROTA DO ROMÂNICO | 78 | 15. Mosteiro de São Pedro de Cête |
| 25 | Marque a sua Visita | 84 | 16. Torre do Castelo de Aguiar de Sousa |
| 26 | Centros de Interpretação | 87 | 17. Ermida da Nossa Senhora do Vale |
| 27 | Centros de Informação | 90 | 18. Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa |
| 28 | PERCURSO “VALE DO SOUSA” | 96 | 19. Memorial da Ermida |
| 30 | 1. Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro | 98 | PERCURSO “VALE DO DOURO” |
| 38 | 2. Igreja de São Vicente de Sousa | 100 | 23. Igreja de São Miguel de Entre-os-Rios |
| 42 | 3. Igreja do Salvador de Unhão | 104 | 24. Marmoiral de Sobrado |
| 45 | 4. Ponte da Veiga | 106 | 25. Igreja de Nossa Senhora da Natividade de Escamarão |
| 47 | 5. Igreja de Santa Maria de Airães | 109 | 26. Igreja de Santa Maria Maior de Tarouquela |
| 49 | 6. Igreja de São Mamede de Vila Verde | | |
| 53 | 7. Torre de Vilar | | |
| 55 | 8. Igreja do Salvador de Aveleda | | |



Mosteiro de Ancede | Baião

- | | | | |
|-----|---|-----|--|
| 115 | 27. Igreja de São Cristóvão de Nogueira | 156 | 21. Igreja de São Gens de Boelhe |
| 119 | 28. Ponte da Panchorra | 159 | 22. Igreja do Salvador de Cabeça Santa |
| 121 | 29. Mosteiro de Santa Maria de Cárquere | 163 | 37. Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo |
| 126 | 30. Igreja de São Martinho de Mouros | 168 | 38. Igreja de Santo André de Vila Boa de Quires |
| 130 | 31. Igreja de Santa Maria de Barrô | 173 | 39. Igreja de Santo Isidoro de Canaveses |
| 133 | 32. Igreja de São Tiago de Valadares | 176 | 40. Igreja de Santa Maria de Sobretâmega |
| 137 | 33. Ponte de Esmoriz | 179 | 41. Igreja de São Nicolau de Canaveses |
| 139 | 34. Mosteiro de Santo André de Ancede | 184 | 42. Igreja de São Martinho de Soalhões |
| 143 | 35. Capela da Senhora da Livração de Fandinhães | 188 | 43. Igreja do Salvador de Tabuado |
| 147 | 36. Memorial de Alpendorada | 193 | 44. Ponte do Arco |
| 150 | PERCURSO "VALE DO TÂMEGA" | 195 | 45. Igreja de Santa Maria de Jazente |
| 152 | 20. Igreja de São Pedro de Abragão | 199 | 46. Ponte de Fundo de Rua |

- 202** 47. Igreja de Santa Maria de Gondar
- 206** 48. Igreja do Salvador de Lufrei
- 209** 49. Igreja do Salvador de Real
- 212** 50. Mosteiro do Salvador de Travanca
- 218** 51. Mosteiro de São Martinho de Mancelos
- 224** 52. Mosteiro do Salvador de Freixo de Baixo
- 228** 53. Igreja de Santo André de Telões
- 232** 54. Igreja de São João Baptista de Gatão
- 236** 55. Castelo de Arnoia
- 240** 56. Igreja de Santa Maria de Veade
- 244** 57. Igreja do Salvador de Ribas
- 248** 58. Igreja do Salvador de Fervença

251 A NÃO PERDER

- 252** Felgueiras
- 254** Lousada
- 256** Paços de Ferreira
- 258** Paredes
- 260** Penafiel
- 264** Castelo de Paiva
- 266** Cinfães
- 269** Resende
- 271** Baião
- 274** Marco de Canaveses
- 277** Amarante
- 281** Celorico de Basto

284 NATUREZA E PAISAGEM

- 284** Principais Miradouros
- 286** Principais Parques e Praias Fluviais
- 288** Principais Parques e Jardins

294 MUSEOLOGIA

298 PRINCIPAIS EVENTOS

310 EXPERIÊNCIAS

- 311** Rota do Românico
- 312** Passeios na Linha do Douro
- 313** Cruzeiros no Douro
- 316** Pedestrianismo
- 320** *Trail Running*
- 322** BTT
- 324** Turismo Equestre
- 325** Golfe
- 326** Termas e *Spas*

328 GASTRONOMIA E VINHOS

- 329** Gastronomia
- 333** Doçaria
- 344** Vinhos

350 ONDE COMER

362 ONDE DORMIR

374 CONTACTOS ÚTEIS



A ROTA DO ROMÂNICO ESPERA POR SI.

VENHA VIVÊ-LA.



Introdução

Com este guia turístico iremos proporcionar-lhe uma fabulosa viagem à descoberta da Rota do Românico.

Na primeira parte vai encontrar uma caracterização física e histórica do território da Rota do Românico e um conjunto de informação sobre o românico dos vales do Sousa, do Douro e do Tâmega. Depois, damos-lhe a conhecer os nossos Centros de Interpretação e 58 monumentos, integrados em três percursos: o percurso “Vale do Sousa”, o percurso “Vale do Douro” e o percurso “Vale do Tâmega”. Deste modo, vai poder viver intensamente uma das mais enriquecedoras experiências de turismo cultural.

A segunda parte deste guia é dedicada a um conjunto diversificado de recursos turísticos que o território da Rota do Românico tem para lhe oferecer e que, certamente, vão ajudar a complementar a sua estada, tornando-a única e inesquecível. Comece por sentir a arte de bem receber, conheça os hotéis e as magníficas unidades de turismo no espaço rural que o vão acolher como se estivesse em sua casa, proporcionando-lhe um ambiente simples ou requintado, mas sempre muito familiar. Renda-se aos cenários bucólicos do território da Rota do Românico. As serras

da Aboboreira, do Marão e de Montemuro escondem vales verdejantes que se espelham nos rios de águas límpidas. Um irrecusável convite a momentos de descontração, ao lado de quem mais gosta.

A pé ou de bicicleta, desfrute de longos passeios pelos centros históricos, pelas aldeias serranas e pelas Aldeias de Portugal. Do alto de um miradouro, deixe-se embalar pela poesia de um entardecer mágico e contemple a beleza serena da paisagem.

Mas, se o que o faz vibrar são as emoções fortes, então parta à aventura! A sua adrenalina vai subir à velocidade dos cursos de água, aliciantes para a prática de *rafting*, canoagem ou motonáutica. Em terra, acelere nas pistas de rali, motocrosse ou todo-o-terreno. Os parques temáticos também lhe oferecem diversão garantida...

Aproveite a generosidade da natureza e desfrute das retemperantes águas termais ou, se preferir, opte por uma revigorante sessão de *spa*.

Depois, entregue-se aos pequenos prazeres da vida. Prove os tentadores paladares regionais ou delicie-se com os sabores *gourmet* da requintada cozinha de autor. Desperte a sua gula com a afamada doçaria e não se esqueça de acompanhar sempre com o divinal Vinho Verde da região.

O Território



Igrejas de Sobretâmega e São Nicolau (à direita do rio Tâmega) | M. Canaveses

Localizado no noroeste de Portugal, o território abrangido pela Rota do Românico é estruturado pelos vales dos rios Sousa, Douro e Tâmega. Engloba 12 municípios: Amarante, Baião, Castelo de Paiva, Celorico de Basto, Cinfães, Felgueiras, Lousada, Marco de Canaveses, Paços de Ferreira, Paredes, Penafiel e Resende, distribuídos pelas áreas geográficas do Vale do Sousa, do Douro Sul e do Baixo Tâmega.

Caracterizado, de uma forma geral, por um povoamento intenso, favorecido pela extensa rede hidrográfica, pelo predomínio de baixas altitudes e pelo solo granítico, este território foi construído pela ação milenar do Homem, traduzindo-se hoje numa multiplicidade de monumentos que testemunham mosteiros, igrejas, capelas, castelos, torres, pontes e memoriais.

Apenas a sul do Douro, o maciço de Montemuro parece querer obstar ao avanço do viajante que provenha do Norte. Efetivamente, deve ter sido determinante nos tempos da Reconquista quando, pelo ano 1000, a fronteira se fixava ao longo do cur-

so do Douro e certos castelos, como o de Arnoia (Celorico de Basto) (p. 236), providenciavam a vigilância às hostes cristãs. Foram alguns dos descendentes destes guerreiros que intervieram na construção



Castelo de Arnoia | Cel. Basto

e humanização do território conquistado, quer através da administração direta de propriedades tomadas na refrega, quer através da fundação de cenóbios que derivaram em grandes potentados religiosos e económicos.

Desde o século X estruturaram-se aqui os interesses de três estirpes: os Sousões (ou

Sousas) com os Guedões, entre o Ave e o Tua, os Gascos, no curso terminal do Sousa até ao Távora, e os Baiões, num pequeno enclave entre os cursos do Tâmega e do Douro. A cada uma destas linhagens ligou-se até muito tarde um ou mais mosteiros, onde os descendentes dos reconquistadores se mandavam sepultar, como nos casos de Pombeiro (Felgueiras) (p. 30) com os Sousões, ou Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90), Vila Boa do Bispo (Marco de Canaveses) (p. 163) e Cárquere (Resende) (p. 121) durante séculos ligados aos Gascos ou de Ribadouro.

O poder destas famílias na região, ainda que sucessivamente restringido pela Igreja que desejava para a sua instituição o controlo total dos templos, permaneceu no direito de padroado que possibilitava a um leigo a nomeação do pároco, sepultamento para si e para os seus e a recolha de certos impostos em matrizes ou templos monásticos. Na Idade Moderna, a edificação de altares ou capelas privadas, com seus brasões ou representações de prestígio, sinalizava a importância da nobreza local e regional.

A evolução administrativa do território, desde a introdução do românico, é complexa. Marcado por uma manta de pequenas unidades (municípios, coutos,

honras e beatrias) e pela fronteira de várias dioceses, correições e comarcas, o vasto território entre o Sousa, o Tâmega e o Douro foi profundamente modelado no século XIX, em que os velhos núcleos medievais de poder foram substituídos por novas sedes de concelho, criadas segundo a lógica demográfica ou perante a nova rede de circulação viária.

Não obstante as velhas igrejas medievais, os mosteiros ou as pontes prosseguiram o seu papel de marco, símbolo de antiguidade e elemento de prestígio na paisagem, assumindo hoje o duplo significado de monumento e novamente objeto aglutinador de interesses locais e regionais. Cabe destacar o papel das igrejas enquanto ponto de convergência de interesses espirituais e religiosos, mas também artísticos, cujos edifícios cumprem, simultaneamente, o papel de espaço de culto e de cultura.

Ou, noutro caso, as pontes, relembrando as velhas vias de comunicação, não muito longe das atuais, como que querendo recordar que o passado apenas ultrapassa o presente e o futuro em técnicas e materiais, mas não em necessidades, em destinos e trajetos.

Rio Sousa | Lousada. Ponte de Espindo



O Românico

A arquitetura românica iniciou-se paulatinamente em algumas regiões da Europa medieval entre o final do século X e as duas primeiras décadas do século XI. Durante esta época manifesta-se um acentuado dinamismo na definição de planimetrias originais, em novas soluções construtivas e nos primeiros ensaios da escultura arquitetónica, principalmente em regiões da atual França e Espanha: Borgonha, Poitou, Auvergne e Catalunha. Este fenómeno deve ser entendido no âmbito de um quadro histórico mais complexo, marcado pela expansão do monaquismo e pelo incremento que as peregrinações então registam. A arquitetura românica não foi uma arquitetura exclusivamente religiosa. Castelos, paços, torres, pontes, rede viária e outros equipamentos públicos ou privados foram igualmente construídos em grande quantidade e variedade.

É entre 1060 e 1080 que a arquitetura românica consolida as suas principais novidades técnicas e formais, fazendo-se servir de um conhecimento preexistente e que então se adequa às novas necessidades e funções. Neste sentido, a planta da igreja românica, ainda que variada, apresenta-se bem definida por volta de 1100, ao mesmo tempo que a escultura invade o edifício, cobre os capitéis e ornamenta fachadas e claustros.

O românico tem sido considerado como o primeiro estilo europeu. Se é certo que a arquitetura e as artes românicas constituem um fenómeno comum aos reinos europeus de então, a verdade é que uma das principais características do estilo é exatamente a sua diversidade regional. Apesar das constantes reavaliações que se têm feito sentir em torno da compartimentação da História da Arte em estilos, estes continuam a ser hoje baró-

Igreja de São Martinho de Frómista | Palência | Espanha



metros úteis na definição da história das formas. Servem fundamentalmente para classificar grandes grupos de monumentos e não podem exercer uma influência exclusiva na análise de um determinado edifício. Na verdade, há sistemas construtivos e decorativos classificáveis como integrantes de um dado estilo que, no entanto, não correspondem necessariamente aos respetivos conceitos tradicionais. Daí que, no que ao românico concerne, as denominações periféricas de “popular”, “rural” e de “resistência” se mostrem cada vez mais verosímeis na classificação de uma qualquer estrutura arquitetónica em estudo.

A par da diversidade regional, caracteriza-se a arquitetura românica por uma longa diacronia. A perduração das suas formas ao longo dos tempos, cuja cronologia lata se pode estender entre o final do século X e o século XV – no caso de Portugal e de outras regiões hispânicas –, obriga cada vez mais a termos presente a vernacularização e a popularização das suas formas. Assim, tendo em conta o caráter redutor do conceito de “estilo”, antes de falarmos de “estilo românico”, devemos antes considerar a noção mais abrangente de “época românica”, na medida em que esta está mais concordante com a heterogeneidade e a variabilidade que caracteriza este momento da Idade Média.

Quando falamos em arquitetura românica importa ter presente que os edifícios não constituem apenas um conjunto de elementos que, coordenados entre si, lhe conferem uma dada forma que se designa de “construção românica”. Estes são também, e muito, o resultado de combinações concetuais, mas também de conjunturas históricas, económicas, políticas, sociais e religiosas específicas. Enfim, são o resultado da ação humana. Um estilo não é unicamente um conjunto de soluções formais que o objeto artístico e/ou

arquitetónico possui em si mesmo, mas é antes uma conjugação de formas, ideias e funcionalidades. Mais do que história das formas, a arquitetura tem de ser entendida como história dos significados. A criação de grupos regionais, reunidos sob o título de “românico”, resulta de estabilizações de diferentes soluções técnicas, formais e funcionais dominantes e, por extensão, de diferentes sentidos. A arte que se formou nos séculos XI e XII por toda a Europa ocidental, prolongando-se além destas centúrias, não mostrou sempre, nem em todo o lado, as mesmas características.



Mosteiro de S. Domingo de Silos | Burgos | Espanha. Claustro

O Românico em Portugal

A expansão da arquitetura românica em Portugal coincide com o tempo de D. Afonso Henriques, que assume o governo do Condado Portucalense em 1128 e se intitula como rei em 1139, prolongando-se o seu reinado até 1185. Foi nesta época que se iniciaram as obras românicas das sés de Coimbra, de Lisboa e do Porto e do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. A igreja deste mosteiro, fundado em 1131, apresentava uma arquitetura completamente nova no contexto do românico que então se difundia em Portugal.



Igreja de Bravães | Ponte da Barca. Portal ocidental

A par dos exemplos coimbrãos, a arquitetura que se fez erguer por então no eixo Braga-Rates, em torno da sé do Porto e na margem esquerda do rio Minho, testemunha bem quanto os fazedores da arquitetura da época românica em Portugal se mostraram recetivos a influências estrangeiras. Partindo destes “centros”, estas disseminaram-se um pouco por todo o território que então era alvo de uma forte organização administrativa no sentido de vir a tornar-se Portugal. Cruzando-se entre si (como bem testemunha o caso da igreja de Bravães, em Ponte da Barca), encontraram um forte substrato autóctone que assumiu um papel não menos importante na conceção daquilo que tem vindo a ser entendido como “românico português”. Um dos aspetos fundamentais para a compreensão da arquitetura que a época românica alcançou em território português é precisamente o entendimento da sua

vernacularização. Só a aceitação desta realidade nos permite apreciar criticamente a escala, a cronologia e a aparente simplicidade da arquitetura da época românica em Portugal. De facto, imperam as igrejas de reduzidas dimensões (salvaguardado que está o lugar ocupado pelas catedrais românicas e pelas igrejas de alguns mosteiros beneditinos e de cónegos regrantes), concebidas dentro de um jogo volumétrico maioritariamente composto por nave única e capela-mor quadrangular.

Dando resposta à rede de paróquias em formação, aspeto fundamental para a compreensão da geografia do românico entre nós, a maior parte das edificações religiosas destinava-se a servir pequenas comunidades de fregueses o que, aliás, explica também a grande proximidade territorial existente entre a maior parte dos exemplos hoje conhecidos. Além disso, são devedoras de um saber fazer que vai além da sua própria cronologia e que perdura, em locais mais periféricos, a par e passo com outras linguagens plásticas que se afirmam progressivamente nos principais centros artísticos de então.

Por fim, refletindo todos estes aspetos, a arquitetura da época românica é, em Portugal, particularmente rarefeita no que toca às grandes composições de escultura arquitetónica. Centrando-se fundamentalmente nos frisos, nas impostas, nos cachorros, nas arquivoltas e nos capitéis, o repertório da escultura ornamental tende para o uso de motivos geométricos que se repetem um pouco por todo o lado. Não obstante, encontramos uma primazia das representações animalistas, em capitéis e cachorros, sobre a figuração humana, cujos exemplos são bem mais restritos entre nós. Concentrando-se a maioria dos edifícios nas bacias dos principais rios, no caso do Entre-Douro-e-Minho, e apesar de detetarmos a ausência de grandes conjuntos escultóricos, verificamos existirem

uma multiplicidade de “dialetos” num tão reduzido espaço geográfico. A época românica também acompanhou a reorganização territorial do reino em formação, pontuando o território com estruturas castelares erguidas no alto de cabeços que velavam pela proteção das “terras” e das suas gentes. Dando resposta às táticas de guerra, os castelos românicos assumem-se como estruturas fechadas sobre si próprias, marcando de forma peculiar a paisagem com a sua tão característica torre de menagem. A par destes, as torres são um

testemunho da afirmação do poder senhorial e da sua necessidade de controlo direto e imediato sobre um dado território. E porque a circulação é fundamental em toda a história, e procurando dar resposta às vontades de Deus e às necessidades do Homem, a edificação de pontes pétreas marcou a paisagem românica. Servindo os mais variados níveis de interesses, estas estruturas são um bom testemunho de como a arquitetura da época românica se caracteriza pela perduração das formas para além do seu próprio tempo.

O Românico nos Vales do Sousa, do Douro e do Tâmega

Um dos aspetos mais caracterizadores da arquitetura que na época românica se desenvolveu em torno da bacia do Sousa, e que se estendeu às bacias do Tâmega e do Douro, prende-se precisamente com o arranjo peculiar que se dá aos portais principais das igrejas. Enquadrados por corpo saliente, o que permite criar uma maior profundidade ao conjunto das arquivoltas, o tímpano é sustentado por mísulas em forma de cabeça de bovídeo. Ensaiado primeiramente na Igreja do Mosteiro de Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90), este modelo estendeu-se pela região envolvente e encontrou ecos na bacia do Tâmega, conforme testemunha a Igreja de Tabuado (Marco de Canaveses) (p. 188).

Um outro aspeto que caracteriza muitos dos portais da região é, partindo do modelo do portal sul da igreja de São Tiago de Coimbra, a alternância de fustes cilíndricos e prismáticos nas colunas que sustentam as arquivoltas. Na bacia do Sousa encontramos este modelo nas Igrejas de Paço de Sousa, de Ferreira (Paços de Ferreira) (p. 66), de Sousa (p. 38) ou de Airões (p. 47), estas duas últimas em Felgueiras. Estendendo-se ao Tâmega, podemos apreciá-lo em dois portais principais, no de Santo Isidoro (Marco de Canaveses) (p. 173) e no de Tabuado. Mas há outros elementos que, caracterizadores daquilo a que a historiografia da matéria tem vindo a chamar de “români-

Mosteiro de Paço de Sousa | Penafiel. Portal ocidental



Igreja de S. Martinho de Mouros | Resende. Portal ocidental



co nacionalizado”, são identificáveis em terras do Tâmega e também do Douro. A forma de esculpir a temática tendencialmente vegetalista, recorrendo à técnica a bisel, própria do trabalho decorativo da madeira, denuncia o recurso a técnicas tradicionais de esculpir e revela a força das preexistências autóctones. Em Coimbra, este tipo de relevo, denunciando uma influência moçárabe, chegou a conceber formas estilizadas, apesar da simetria e do entrecruzamento dos temas. Identificamos esta plasticidade, mais gravada que modelada, nos capitéis do arco toral da cabeceira da Igreja de Barrô (Resende) (p. 130), nos portais principal e sul de Vila Boa de Quires (Marco de Canaveses) (p. 168) e de Tabuado e no principal de Travanca (Amarante) (p. 212).

Este modo de relevar está precisamente nos antípodas do tratamento plástico da escultura dos capitéis do arco triunfal de Fervença (Celorico de Basto) (p. 248) que, mais frondosos e túrgidos, denunciavam a influência do românico erguido ao longo da margem esquerda do rio Minho, cuja fonte primeira se encontra na catedral galega de Tui. Compostos por motivos vegetalistas e fitomórficos, o caráter túrgido da sua escultura volumosa assim o indica. Os motivos escultóricos de Tarouquela (Cinfães) (p. 109) denun-

ciam uma interpretação dos temas de origem beneditina disseminados a partir do eixo Braga-Rates feita pelos artistas autóctones, assumindo assim a sua escultura um evidente sabor regional.



Marmoiral de Sobrado | C. Paiva

Nesta tentativa de ligação dos monumentos românicos das bacias do Tâmega e do Douro à do Sousa, cabe aqui referir a identificação da cornija sobre arquinhos em duas Igrejas: nos alçados laterais da capela-mor de Gatão (Amarante) (p. 232), nos alçados principal e laterais de São Martinho de Mouros (Resende) (p. 126) e em peças avulsas no adro da Capela de Fandinhães (Marco de Canaveses) (p. 143). Elemento familiarizado na bacia do Sousa (Paço de Sousa, Ferreira, Sousa e Airães), foi a partir da sé de Coimbra que a cornija sobre arquinhos, modelo importado, se disseminou por amplas manchas do românico português.



Igreja de Gatão | Amarante. Cornija



Igreja de Tarouquela | Cinfaes, Portal ocidental

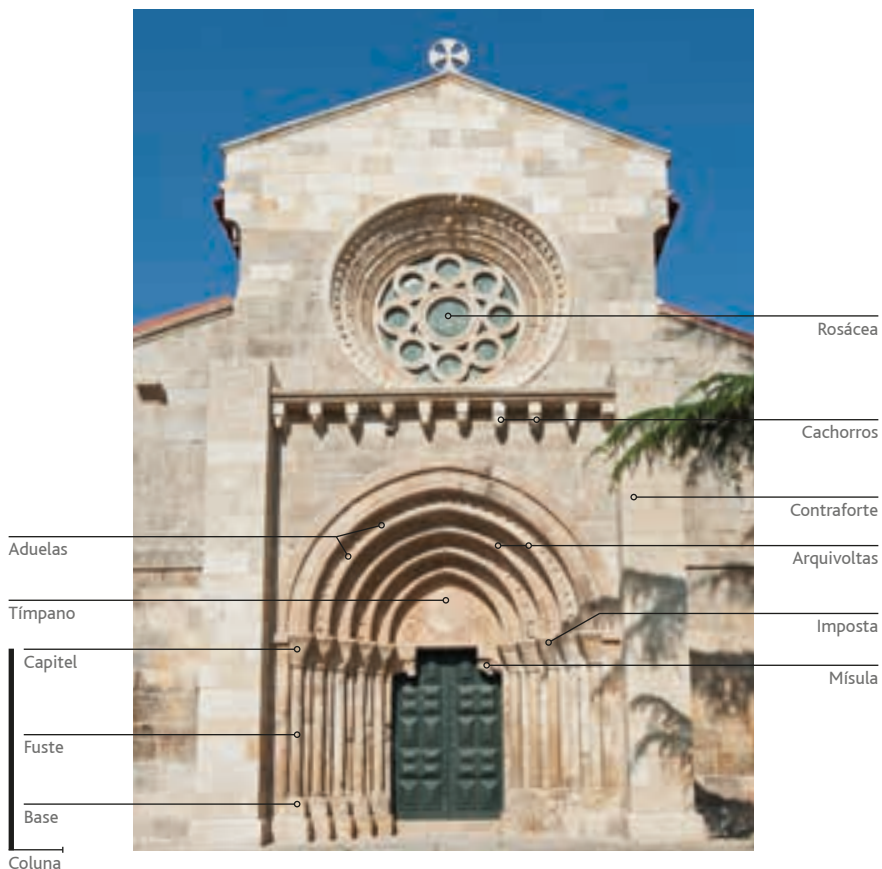
A par da presença de motivos comuns ao repertório decorativo da arquitetura da época românica em Portugal, mas também estrangeira, encontramos nas bacias do Sousa e do Tâmega a influência do românico disseminado a partir da sé do Porto, através do emprego dos toros diédricos: Cabeça Santa (Penafiel) (p. 159), Travanca e Real (Amarante) (p. 209) são alguns exemplos. Provindo do eixo Braga-Rates, o chamado tema das *beak-heads*, motivo de importação anglo-saxónica que figura cabeças de animais a morder o toro das aduelas, conheceu particular acolhimento em terras do Tâmega e Sousa, assumindo particulares contornos de originalidade na sua adequação ao arco triunfal de Tarouquela.

Também a iconografia identificada como alusiva à cena de *Daniel na cova dos leões* foi muito querida nesta região, encontrando-se variantes da mesma em diversos edifícios, como em capitéis avulsos de Veade (Celorico de Basto) (p. 240), no portal principal, nos capitéis exteriores do absidiolo norte ou no capitel do ar-

co formeiro do último tramo, do lado da Epístola, de Travanca, ou, então, no arco triunfal, no arco formeiro do primeiro tramo do maciço turriforme ou no portal principal de São Martinho de Mouros.

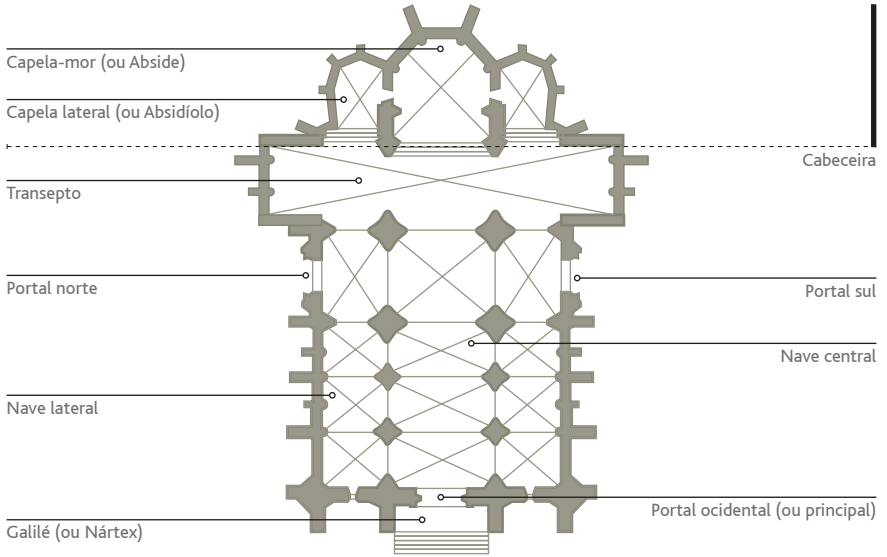
No entanto, a diversidade assume-se como tónica fundamental da arquitetura que na época românica surgiu em terras do Baixo Tâmega e do Douro Sul, contrariamente ao que se verifica no Vale do Sousa, onde é possível definir uma maior familiaridade entre os testemunhos arquitetónicos onde remanescem vestígios desta estética. De facto, o carácter muito tardio da maior parte dos edifícios das bacias do Tâmega e Douro, pelas suas características, assume um carácter peculiar pelo casamento que faz entre formas especificamente românicas que resistem além do seu próprio tempo com a introdução de outras, já góticas. Resistência e novidade mesclam-se e concebem estruturas arquitetónicas que, precisamente pelo facto de conterem em si esta originalidade, pontuam o território banhado pelos rios Tâmega e Douro.

A Arquitetura Românica



Portal





Arco triunfal



Cabeceira



Nave central



Fresta



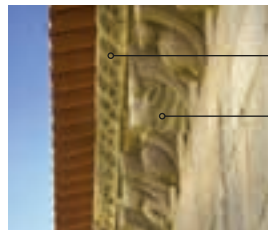
Nave lateral

Friso

Galilé (ou Nártex)



Cornija



Cachorro

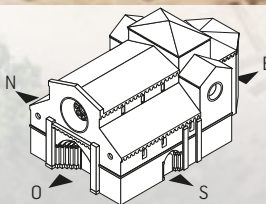
Rota do Românico

Os monumentos de estilo românico no Norte de Portugal, nos vales do Sousa, do Douro e do Tâmega, constituem testemunhos de pedra de uma identidade construída entre os séculos XII e XIV, aproximadamente. Nesta ilustração, reconstituímos as fases de implantação de uma igreja românica do século XIII.



Orientação

As cabeceiras dos templos estão viradas para oriente, na direção de Jerusalém, a cidade sagrada e alvo de várias cruzadas cristãs. Esta orientação permitia também que a primeira luz do dia incidisse sobre o altar principal, convergindo para ali os olhares dos fiéis.



Local de implantação

A escolha do lugar para edificar um templo não era arbitrária, pois revestia-se de carga simbólica e cultural. As igrejas e mosteiros românicos acompanham o habitat e consagram as comunidades que as desejam próximas. Ancorados no seu lugar, os templos românicos são extraordinários testemunhos de civilização.



Método construtivo

A generalização das técnicas românicas levou à sua aplicação em todos os edifícios religiosos, castelos, torres e pontes. A arquitetura caracteriza-se por muros de dupla face de blocos de pedra bem talhados, arcos de volta perfeita e, quando possível, pelo uso de espaços abobadados assentes em pilares.

Materiais

A pedra é o material mais utilizado em toda a arquitetura medieval portuguesa. No Norte de Portugal, incluindo a área da Rota do Românico, foi o granito a pedra mais comum, embora em outros locais do país se tenha construído em calcário (como em Coimbra ou Lisboa) e até em tijolo (como em Bragança).

Encomendadores

Um edifício românico era uma obra morosa e cara. A construção previa um diálogo entre os encomendadores, os doadores e os mestres-de-obras, até porque o projeto era alterado com frequência. Foram a nobreza senhorial e as ordens religiosas quem mais influenciaram a edificação dos monumentos da Rota do Românico.

ROTA DO ROMÂNICO

UMA EXPERIÊNCIA

FUNDADA NA HISTÓRIA.



O Românico dos vales do Sousa, do Douro e do Tâmega encontra-se associado ao despertar da Nacionalidade e testemunha o papel relevante que este território outrora desempenhou na história da nobreza e das ordens religiosas.

Ancorada num património histórico e arquitetónico de grande valor e de excecionais particularidades, a Rota do Românico proporciona-lhe uma viagem inspiradora em torno de 58 monumentos.



1. Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro | Felgueiras



2. Igreja de São Vicente de Sousa | Felgueiras



3. Igreja do Salvador de Unhão | Felgueiras



4. Ponte da Veiga | Lousada



5. Igreja de Santa Maria de Airães | Felgueiras



6. Igreja de São Mamede de Vila Verde | Felgueiras



7. Torre de Vilar | Lousada



8. Igreja do Salvador de Aveleda | Lousada



9. Ponte de Vilela | Lousada



10. Igreja de Santa Maria de Meinedo | Lousada



11. Ponte de Espindo | Lousada



12. Mosteiro de São Pedro de Ferreira | Paços de Ferreira



13. Torre dos Alcoforados | Paredes



14. Capela da Senhora da Piedade da Quintã | Paredes



15. Mosteiro de São Pedro de Cête | Paredes



16. Torre do Castelo de Aguiar de Sousa | Paredes



17. Ermida da Nossa Senhora do Vale | Paredes



18. Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa | Penafiel



19. Memorial da Ermida | Penafiel



20. Igreja de São Pedro de Abragão | Penafiel



21. Igreja de São Gens de Boelhe | Penafiel



22. Igreja do Salvador de Cabeça Santa | Penafiel



23. Igreja de São Miguel de Entre-os-Rios | Penafiel



24. Marmoiral de Sobrado | Castelo de Paiva



25. Igreja de Nossa Senhora da Natividade de Escamarão | Cinfães



26. Igreja de Santa Maria Maior de Tarouquela | Cinfães



27. Igreja de São Cristóvão de Nogueira | Cinfães



28. Ponte da Panchorra | Resende



29. Mosteiro de Santa Maria de Cárquere | Resende



30. Igreja de São Martinho de Mouros | Resende



31. Igreja de Santa Maria de Barrô | Resende



32. Igreja de São Tiago de Valadares | Baião



33. Ponte de Esmoriz | Baião



34. Mosteiro de Santo André de Ancede | Baião



35. Capela da Senhora da Livração de Fandinhães | M. Canav.



36. Memorial de Apendorada | Marco de Canaveses



37. Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo | M. Canaveses



38. Igreja de Santo André de Vila Boa de Quires | M. Canaveses



39. Igreja de Santo Isidoro de Canaveses | Marco de Canaveses



40. Igreja de Santa Maria de Sobretâmega | Marco de Canaveses



41. Igreja de São Nicolau de Canaveses | Marco de Canaveses



42. Igreja de São Martinho de Soalhães | Marco de Canaveses



43. Igreja do Salvador de Tabuado | Marco de Canaveses



44. Ponte do Arco | Marco de Canaveses



45. Igreja de Santa Maria de Jazente | Amarante



46. Ponte de Fundo de Rua | Amarante



47. Igreja de Santa Maria de Gondar | Amarante



48. Igreja do Salvador de Lufrei | Amarante



49. Igreja do Salvador de Real | Amarante



50. Mosteiro do Salvador de Travanca | Amarante



51. Mosteiro de São Martinho de Mancelos | Amarante



52. Mosteiro do Salvador de Freixo de Baixo | Amarante



53. Igreja de Santo André de Telões | Amarante



54. Igreja de São João Baptista de Gatão | Amarante



55. Castelo de Arnoia | Celorico de Basto



56. Igreja de Santa Maria de Veade | Celorico de Basto



57. Igreja do Salvador de Ribas | Celorico de Basto



58. Igreja do Salvador de Fervença | Celorico de Basto



Marque a sua visita

A marcação de visitas aos monumentos deverá ser efetuada com uma antecedência mínima de 24 horas (ou 48, para visitas ao domingo), de forma a garantirmos a sua abertura. Se pretender que a visita aos monumentos ou aos centros de interpretação (p. 26) seja acompanhada por um técnico da Rota do Românico, a marcação deverá ser realizada com uma antecedência mínima de 5 dias úteis.



255 810 706
918 116 488



Segunda a domingo
10h00-18h00



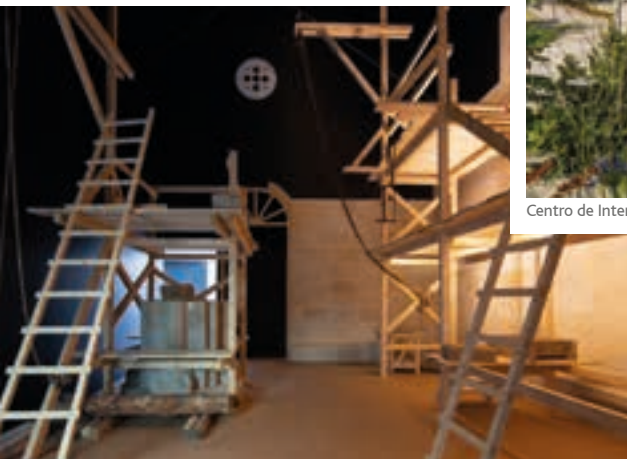
visitasrr@valsousa.pt
www.rotadoromanico.com

INFORMAÇÕES GERAIS

Não se realizam visitas à segunda-feira. A visita aos monumentos religiosos está condicionada pela celebração de eucaristias e outras cerimónias religiosas. Consulte a tabela de preços (abertura dos monumentos, visitas guiadas, etc.) no sítio da internet da Rota do Românico.

Mosteiro de Ferreira | P. Ferreira





Centro de Interpretação do Românico | Lousada



Centros de Interpretação

Os Centros de Interpretação dinamizados pela Rota do Românico afirmam-se como equipamentos imprescindíveis para a compreensão da arte românica nas suas diversas materializações, bem como das dinâmicas sociais e culturais que marcaram a Idade Média e os períodos históricos e artísticos subsequentes.



Centro de Interpretação da Escultura Românica | Penafiel

O Centro de Interpretação do Românico (p. 254), em Lousada, e o Centro de Interpretação da Escultura Românica (p. 260), em Abragão, Penafiel, perfilam-se, assim, como portas privilegiadas para o início da descoberta da Rota do Românico e do território do Sousa, Douro e Tâmega.

Estão abertos de terça-feira a domingo, entre as 10 e as 18 horas, apenas encerrando nos dias 1 de janeiro, Domingo de Páscoa, 1 de maio e 25 de dezembro. As visitas guiadas para grupos devem ser marcadas (p. 25) previamente.

Centros de Informação

Estes Centros são espaços de acolhimento e de apoio, onde poderá obter múltiplas informações sobre a Rota do Românico e sobre os recursos turísticos do seu território de influência. A ocorrência de atividades e/ou constrangimentos de serviço poderão condicionar a abertura e o horário de funcionamento dos Centros de Informação, pelo que sugerimos o contacto prévio (p. 25).



Espaço Douro & Tâmega | Amarante



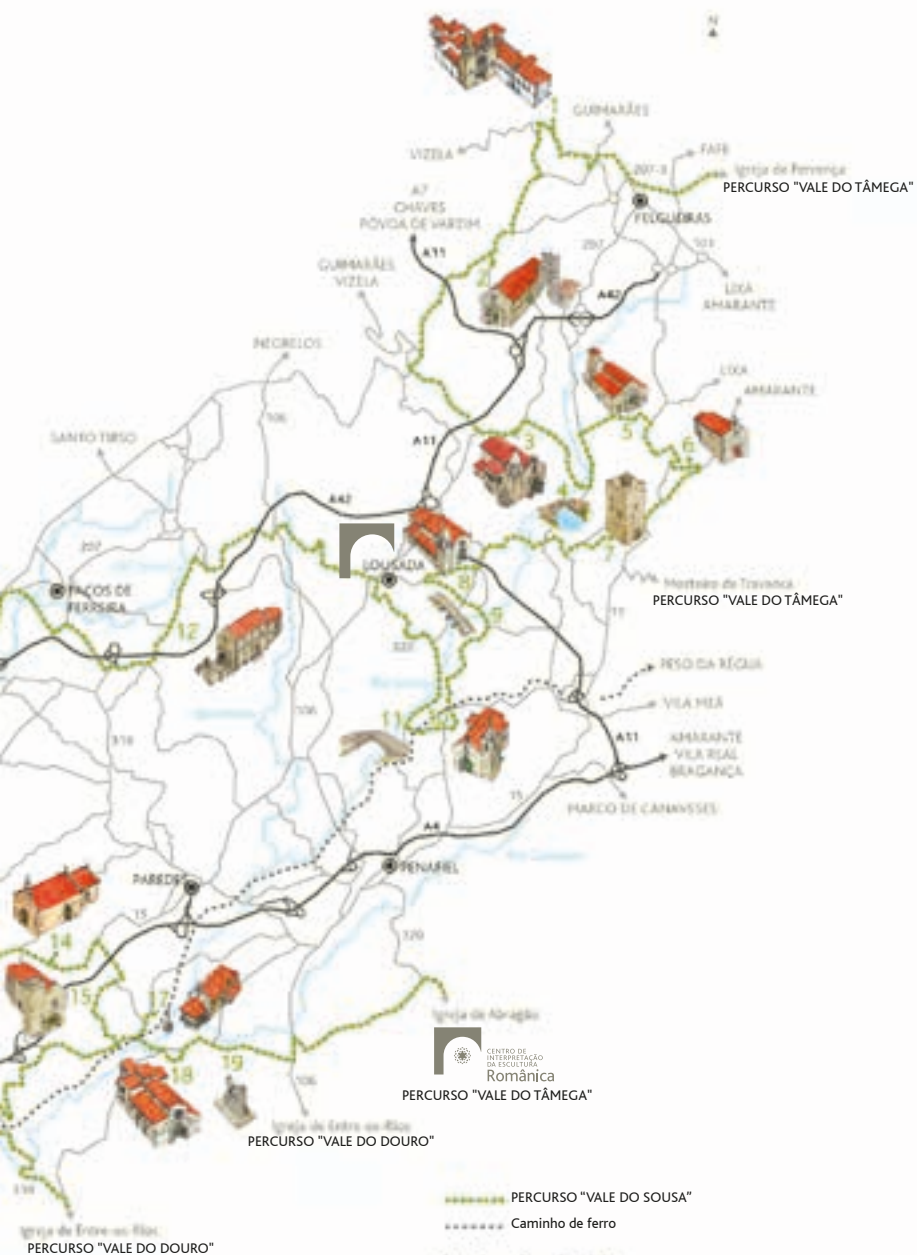
MOSTEIRO DE POMBEIRO	Claustro do Mosteiro de Pombeiro Rua do Mosteiro, Pombeiro de Ribavizela Felgueiras	41° 22' 58.09" N 8° 13' 32.59" O
TORRE DE VILAR	Alameda Torre de Vilar Vilar do Torno e Alentém Lousada	41° 17' 12.08" N 8° 12' 36.90" O
MOSTEIRO DE FERREIRA	Centro Cívico de Ferreira Av. do Mosteiro de Ferreira, Ferreira Paços de Ferreira	41° 15' 55.50" N 8° 20' 39.67" O
TORRE DOS ALCOFORADOS	Rua da Torre Alta Lordelo Paredes	41° 14' 55.95" N 8° 24' 30.17" O
PAREDES	Biblioteca Municipal de Paredes Praça José Guilherme Paredes	41° 12' 28.91" N 8° 20' 2.57" O
MOSTEIRO DE PAÇO DE SOUSA	Torre do Mosteiro de Paço de Sousa Largo do Mosteiro, Paço de Sousa Penafiel	41° 9' 58.33" N 8° 20' 40.78" O
MOSTEIRO DE CÁRQUERE	Rua do Mosteiro Cárquere Resende	41° 5' 14.54" N 7° 57' 27.56" O
AMARANTE	Espaço Douro & Tâmega Av. General Silveira, 59 Amarante	41° 16' 4.10" N 8° 4' 42.48" O
CASTELO DE ARNOIA	Castelo Arnoia Celorico de Basto	41° 21' 49.97" N 8° 3' 16.11" O

PERCURSO

VALE DO SOUSA

- 1 Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro
- 2 Igreja de São Vicente de Sousa
- 3 Igreja do Salvador de Unhão
- 4 Ponte da Veiga
- 5 Igreja de Santa Maria de Airães
- 6 Igreja de São Mamede de Vila Verde
- 7 Torre de Vilar
- 8 Igreja do Salvador de Aveleda
- 9 Ponte de Vilela
- 10 Igreja de Santa Maria de Meinedo
- 11 Ponte de Espindo
- 12 Mosteiro de São Pedro de Ferreira
- 13 Torre dos Alcoforados
- 14 Capela da Senhora da Piedade da Quintã
- 15 Mosteiro de São Pedro de Cête
- 16 Torre do Castelo de Aguiar de Sousa
- 17 Ermida da Nossa Senhora do Vale
- 18 Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa
- 19 Memorial da Ermida





PERCURSO "VALE DO TÂMEGA"

PERCURSO "VALE DO TÂMEGA"

PERCURSO "VALE DO TÂMEGA"

PERCURSO "VALE DO DOURO"

PERCURSO "VALE DO SOUSA"

Caminho de ferro



PERCURSO "VALE DO DOURO"

1.

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE POMBEIRO



Rua do Mosteiro
Pombeiro de Ribavizela
Felgueiras



41° 22' 58,09" N
8° 13' 32,59" O



918 116 488



Dom. 8h e 10h45



Santa Maria Maior
15 agosto



Monumento Nacional
1910



P. 25



P. 25



Sim

Uma visita ao Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro deve começar em lugar sobranceiro ao vale, para que possa ser devidamente apreciada a localização de um dos mais importantes mosteiros beneditinos do Entre-Douro-e-Minho, em riqueza e programa construtivo. A escolha do lugar para a sua implantação mostra, ainda hoje, como as comunidades monásticas procuraram construir nas melhores terras agrícolas, em áreas baixas, onde havia abundância de água.

A mais antiga referência documental relativa a Pombeiro data de 1099, registando a existência de um cenóbio. No entanto, é mais significativo para o conhecimento da história desta casa monástica um documento de 10 de fevereiro de 1102. Este indica que o Mosteiro foi fundado por D. Gomes Echiegues (1024-1102) e sua mulher Gontroda. Em 1 de agosto de 1112, D. Teresa (1080-1130), mãe de D. Afonso Henriques (r. 1143-1185), concede carta de couto ao Mosteiro, tornando-o terra privilegiada com justiça própria na pessoa do seu abade. A construção da Igreja tal como hoje se apresenta – apesar de muito reformada nos séculos XVII e XVIII – corresponde à obra da época românica, provavelmente

iniciada no último quartel do século XII, mas só terminada nas primeiras décadas do século XIII. Assim parecem indiciar a rosácea da fachada ocidental e a escultura e o alçado do portal principal.

À fachada ocidental foram acrescentadas duas torres que já estavam erguidas em 1629. Esta alteração poderá estar relacionada com a ruína da galilé, construção destinada a espaço funerário, onde figuravam as armas da antiga nobreza de Portugal. A localização exata desta celebrada galilé constitui um tema em aberto, tanto mais que as escavações arqueológicas (1993-2006) parecem revelar indícios da sua existência. A construção das torres entre finais do século XVI e o primeiro quartel do século XVII conduziu à reforma da fachada, com a finalidade de dar mais luz ao templo e de permitir a construção do amplo coro alto e do respetivo órgão.

No período de 1719-1722, o muro encaixado entre as duas torres e a respetiva rosácea, enquadrada em moldura de grande janela à maneira da sé do Porto, foi deslocado para a frente, ficando ali-

nhado com as torres, estruturando-se assim uma nova fachada, com nichos para as imagens de Nossa Senhora, orago da Igreja, e de São Bento e Santa Escolástica, patronos da ordem beneditina.

No que diz respeito à cabeceira da Igreja, a documentação garante que a capela-mor foi totalmente reconstruída em 1770. A sua planta original era semicircular, tal como os absidiólos ainda hoje presentes. A Igreja é composta por três naves de três tramos, cobertas por arcos-diafragma e madeira. O transepto é apenas notado na altura, ressaltando a sua volumetria no exterior. O portal principal é um notável exemplo de escultura românica. Os capitéis, de inspiração vegetalista e de magnífica execução, demonstram uma mão muito hábil no domínio da escultura em granito e representam o que de melhor se esculpiu nesta região, apresentando semelhanças nas Igrejas de Unhão (Felgueiras) (p. 42) e de Ferreira (Paços de Ferreira) (p. 66). As impostas, constituídas por palmetas simplificadas, apoiam seis arquivoltas, três das quais demonstram molduras protogóticas.





Há aduelas com animais afrontados, do tipo bracarense. Outras apresentam palmetas e cabeças de animais de cujas bocas saem fitas, idênticas a um exemplar de Veade (Celorico de Basto) (p. 240) e outras ainda, de muito aprimorado relevo, apresentam decoração floral, bem saliente.

Na fachada mantém-se a primitiva rosácea, bastante ampla, já protogótica, com estrutura idêntica à de Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90). Já as fachadas laterais desenvolvem-se segundo os esquemas da Época Moderna, ou seja, mostram soluções cenográficas, típicas dos esquemas da arquitetura e da decoração rococó.

À entrada da Igreja de Pombeiro, na área protegida pelo coro alto, encontram-se dois sarcófagos armoriados cobertos com estátuas jacentes, que podem ser atribuídos aos finais do século XIII ou ao início da centúria seguinte. As arcas faziam parte do importante núcleo funerário que outrora encontrava abrigo na galilé do Mosteiro, panteão da nobreza do Entre-Douro-e-Minho.

Gravada em dois silhares de granito, embutidos na parede leste do transepto, na esquina com o absidiolo sul, conserva-se a inscrição comemorativa da deposição de relíquias na Igreja do Mosteiro de Pombeiro.





A PINTURA MURAL

Em Pombeiro conservam-se dois programas de pintura mural: um no absidíolo do lado do Evangelho e outro no absidíolo do lado da Epístola. No arco do portal que dava acesso ao claustro há também vestígios de pintura mural, compostos por uma barra decorativa. Apesar de datarem do início da década de 30 do século XVI, estas pinturas acusam ainda soluções próprias do tardogótico, embora mostrem, simultaneamente, o acolhimento de novas formas de inspiração renascentista.

O mau estado a que a pintura do absidíolo do lado do Evangelho chegou, impossibilita uma apreciação estilística adequada. No entanto, pelo que restou do programa, o tema poderá reportar-se a uma cena alusiva à *vida de São Brás*, já que, de acordo com a lenda, o santo foi encontrado por caçadores, vivendo na selva com animais selvagens como ursos, leões e tigres, que havia domesticado.

A representação de cabeças de cerdas deve reportar-se a um dos milagres atribuídos a São Brás. Segundo a lenda que narra a vida deste santo, um lobo roubou a uma mulher pobre um porco, animal que constituía a sua única riqueza, tendo São Brás obrigado o lobo a devolver a presa. Como voto de agradecimento, a mulher levou a cabeça e os pés do porco assados à prisão onde se encontrava São Brás, santo muito cultuado desde a Idade Média, por ser um santo curador e taumaturgo.

Opinião diversa considera a existência de uma representação de carácter histórico, inspirada no ciclo do Antigo Testamento e referente ao *sacrifício de Noé* após o dilúvio. O conjunto de animais exóticos, à direita do observador, é acompanhado, à esquerda, por um grupo de figuras humanas ajoelhadas e que seguram velas.

A pintura do absidíolo do lado da Epístola encontra-se em melhor estado de conservação. São aqui representados dois santos beneditinos que, pelas suas legendas, deverão corresponder a *São Mauro* e a *São Plácido*. Estes santos foram discípulos de São Bento de Núrsia, fundador da ordem beneditina.

A representação de *São Plácido* está acompanhada, lateralmente, de um letrado que também não é inteiramente perceptível. No entanto, é possível ler-se, o seguinte: "(...) mill (?).(?) XXX I (?)" e nas linhas seguintes: "(...) sñor dom/abade dom amtonjo de Mello a mādou fazer".

SANTA MARIA DE POMBEIRO

Enquadrada atualmente no retábulo-mor da Igreja, merece atenção a escultura do orago, Santa Maria, devotíssima imagem ainda durante os séculos XVII e XVIII, conforme garante frei Agostinho de Santa Maria. Nessa época, a imagem, também designada de Santa-Maria-a-Alta, estava em altar próprio situado no corpo da Igreja, do lado do Evangelho.

É uma escultura em madeira dourada e policromada, de consideráveis dimensões, apresentando a Nossa Senhora em pé, segurando o Filho no braço esquerdo, e que ostenta, na mão direita, um cetro (colocado no século XVIII, quando se dourou de novo a imagem).

O Menino está sentado no braço da Mãe em posição entronizada, revelando uma fisionomia quase adulta. É uma escultura que deve ser enquadrada na época gótica,

talvez nos finais do século XIV, certamente bastante retocada em épocas posteriores. Embora a documentação garanta a existência de escultura de vulto no século XIII, fenómeno comum a outros países europeus, em Portugal foi no século XIV que a escultura gótica atingiu o seu apogeu. O incremento da produção gótica de escultura, tanto de vulto, como retabular, deve ser enquadrado no fenómeno devocional da época. Se na época românica se rezava fundamentalmente diante das relíquias, na época gótica aquelas já não satisfazem as necessidades devocionais. Reza-se agora diante das imagens esculpidas ou pintadas.

Própria da época gótica e do gosto pela aproximação dos crentes às figuras sagradas é a representação de Nossa Senhora em pé, segurando o Menino, habitualmente no braço esquerdo, tipo iconográfico que se designa de "Eleousa" e que irá dar origem a variantes como a de Nossa Senhora do Leite, já incluída esta nas variações muito góticas da Virgem da Ternura.



A partir de 1719-1721, quando ocupava a cadeira abacial frei Bento da Ascensão, regista-se uma série de reformas na Igreja. Embora ao longo de todo o século XVIII as intervenções sejam contínuas, são de destacar dois ciclos: no primeiro terço do século XVIII, a adaptação da Igreja à gramática barroca; a partir de 1760, a criação do ambiente rococó.

O objetivo era claro: promover a dignificação do culto e a atualização da linguagem artística da velha Igreja medieval. O artista mais proeminente desta metamorfose foi o reputado frei José de Santo António Ferreira Vilaça, entalhador, escultor e arquiteto. O retábulo-mor de Pombeiro, executado no período de 1770-1773, impõe-se, dominando todo o topo da capela-mor.

É uma excelente peça de madeira de castanho, totalmente dourada, onde se destaca a policromia do estofado das imagens dos santos que o mesmo suporta: São Bento, Santa Escolástica e, no nicho central, a imagem medieval de Nossa Senhora com o Menino.

O trono eucarístico, de forma piramidal escalonada, é um componente exclusivo do retábulo português que domina a organização do retábulo-mor desde o início do século XVIII, impondo-se como concretização do ideário tridentino. O topo dessa estrutura, o centro visual do retábulo, servia para a exposição do Santíssimo Sacramento. No retábulo de Pombeiro, frei José Vilaça valoriza esse ponto fulcral da máquina retabular, vazando a parede e colocando em contraluz raios de sol, permitindo que o Santíssimo Sacramento se apresentasse aos fiéis suspenso em luz.

Essa composição altamente engenhosa é reveladora da genialidade de José Vilaça. Depois da extinção das ordens religiosas masculinas em Portugal (1834), procedeu-se à inventariação de todo o património monástico, com o objetivo de registar os bens móveis e imóveis. No Mosteiro de Pombeiro, o processo de desamortização travaria as obras de reconstrução do espaço monástico, iniciadas após o incêndio provocado pelo saque das invasões francesas. Este processo originou a fragmentação de todo o património religioso que se encontrava nas mãos dos beneditinos de Pombeiro, contribuindo de modo acelerado para a delapidação de livrarias e cartórios, para a ruína e/ou transformação das dependências monásticas, modificando a função inicial do edifício, e para a alteração do património fundiário do Mosteiro.





NÚCLEO RURAL DO BURGO – ALDEIA DE PORTUGAL

Na área envolvente ao Mosteiro de Pombeiro são diversos os motivos de interesse cultural e paisagístico que justificam, indiscutivelmente, uma caminhada de reconhecimento.

Junto ao Mosteiro, o aqueduto de Pombeiro merece uma atenção especial. Foi construído entre 1704 e 1707 e é um elemento arquitetónico que se destaca pela sua estrutura em arcos de volta perfeita. Partindo, de seguida, na direção do Núcleo Rural do Burgo, vai deparar-se, pouco depois, com a fonte de Santa Bárbara. Foi construída pelos monges beneditinos de Pombeiro, em 1754. Embelezava a Via Sacra e saciava a sede aos peregrinos que visitavam o Mosteiro e, provavelmente, também aos que se dirigiam a Compostela (Espanha), pela estrada de Guimarães. Entre 2008 e 2010, esta fonte foi alvo de profunda requalificação.



Muito perto da mesma, preserva-se um pequeno troço de calçada romana, um cruzeiro e a Casa Rural do Adro do Mosteiro de Pombeiro dotado de um núcleo expositivo e interpretativo. Chegamos ao Núcleo Rural do Burgo. Localizado a cerca de 800 metros do Mosteiro, foi classificado como Aldeia de Portugal pela Associação do Turismo de Aldeia. Nesta povoação, numa atmosfera quase medieval, predominam as construções tradicionais em granito. Entre elas, destacam-se o Paço de Pombeiro (p. 362), agora convertido em unidade de turismo de habitação, o antigo seminário de Santa Teresinha e a Casa das Portas. Continue depois por um dos percursos pedestres sinalizados ("Caminhos Medievais" ou "Caminhos Verdes" (p. 316)), que se iniciam no parque de campismo. A descoberta de mais alguns pequenos tesouros está garantida: a ponte do Arco sobre o rio Vizela, que possui um marco de 1724 referente ao couto do Mosteiro de Pombeiro; o moinho ainda em funcionamento; mais um troço de calçada romana; a aldeia de Talhós, entre outros.

Uma referência final para a existência em Felgueiras, na freguesia de Sendim, de uma outra Aldeia de Portugal: Codeçais.



Rio Vizela | Felgueiras. Ponte do Arco



A NÃO PERDER

- 4,1 km: Fábrica do Pão de Ló de Margaride (p. 252)
- 5,8 km: Santuário de Santa Quitéria (p. 253)
- 7,7 km: *Villa Romana* de Sendim (p. 253)

2.

IGREJA DE SÃO VICENTE DE SOUSA



Rua da Igreja
Sousa
Felgueiras



41° 20' 37.68" N
8° 14' 56.14" O



918 116 488



Qui. 20h30
Dom. 9h30



São Vicente
22 janeiro



Monumento Nacional
1977



P. 25



P. 25



x

Uma visita à Igreja de São Vicente de Sousa é uma excelente oportunidade para entender como o românico português desenvolveu soluções muito originais. A escultura do portal ocidental é um rico testemunho dessa originalidade. Embora a sua escultura seja de temática vegetalista, não mostrando qualquer tema iconográfico, o cuidado arranjo do portal bem como a qualidade que a sua escultura patenteia, mostram bem o valor simbólico dos portais na época românica.

A maneira de solenizar os portais nem sempre correspondeu à execução de programas iconográficos de referente imagético, plasmando programas de temática religiosa, como os que encontramos na igreja de São Pedro de Rates (Póvoa de Varzim), na igreja de Rio Mau (Vila do Conde), na sé de Braga ou na igreja de Bravães (Ponte da Barca), entre outros exemplares.

Nas bacias do Sousa e do Baixo Tâmega é notória uma maior apetência por programas semelhantes aos da Igreja de Sousa. Contudo, a ausência de figuração não implica a ausência de significado. O cuidado na sua decoração, melhor será dizer no seu embelezamento, constitui por si só uma forma de simbolizar a entrada como Porta do Céu.

A Igreja de Sousa conserva duas inscrições da época românica de notável importância para o conhecimento da sua história. A inscrição comemorativa da dedicação da Igreja encontra-se gravada na face externa da parede da nave, à direita do portal norte do templo.

Assegura que a Igreja foi sagrada em 1214. A outra inscrição é ainda mais antiga, datando de 1162. Corresponde a uma inscrição funerária ou comemorativa da construção de um arcossólio, aberto na face exterior da parede sul da capela-mor.

A Igreja é constituída por planta longitudinal de nave única e capela-mor retangular (reconstruída na Época Moderna), apresentando uma torre sineira, erguida ao modo de um muro, adossada à fachada sul da capela-mor.

Na fachada principal, orientada a ocidente, abre-se o portal inserido em estrutura pétreo pentagonal e saliente à fachada, para que o pórtico possa ser mais profundo.

O portal é composto por quatro arquivoltas, em arco de volta perfeita, que assentam sobre três colunas com bases bolbiformes, de plinto decorado por entrelaços, fustes cilíndricos que alternam com fustes prismáticos - solução comum nesta região - capitéis e impostas ornados de motivos vegetalistas talhados em bisel, com a particularidade do capitel exterior do lado direito representar, na aresta, uma cara.

As fachadas laterais são rematadas superiormente por arquinhos sobre cachorros lisos, onde assenta a cornija, como no caso da Igreja de Airães (Felgueiras) (p. 47). Nos muros abrem-se dois vãos de iluminação, cujo perfil indica a sua abertura na Época Moderna.

O portal da fachada norte é constituído por duas arquivoltas e tímpano com a representação de uma cruz circundada por entrelaços. O da fachada sul é de estrutura simples e tímpano liso.



INSCRIÇÕES

A inscrição comemorativa da dedicação da Igreja regista:

E(ra) M CC 2 II PR[i]DIE KaLendaS SepTemBRIS DEDICATA FUIT / EC(c)LesiaM S(an)CT(i) VINCENCII M(arti)RIS A BRAC(r)ARE(n)SI ARCHI / EP (iscop)O DMNO STEPHANO DOMNO FERNANDO / REIMUNDI PRELATO ISTIus EC(c) L(esi)E EXISTENTE.

A cerimónia de dedicação da Igreja foi presidida pelo arcebispo de Braga, D. Estêvão Soares da Silva, que ocupou o cargo entre 1212 e 1228. A dedicação foi promovida pelo prelado da Igreja, D. Fernando Raimundo. O dia 31 de agosto de 1214 coincidiu com um domingo, como era canonicamente recomendado para a realização deste tipo de cerimónia.

A inscrição funerária apresenta: Era M^a CC^a +.

Estas duas inscrições permitem adiantar que a capela-mor foi a primeira parte da Igreja a ser erguida, o que se coaduna com o habitual ritmo construtivo da época românica. De facto, pelo que é permitido saber acerca da forma de construir nesta época - apesar da ausência de documentação sobre o estaleiro românico em Portugal - a obra era começada pela construção da cabeceira a que se seguia a edificação da fachada ocidental, sendo os muros da nave lançados posteriormente.

Certamente que este processo não corresponde a uma regra, mas a análise das paredes e alguma documentação são indícios da realidade deste processo construtivo. Era também habitual que a cabeceira da igreja fosse sagrada assim que estava concluída, permitindo a celebração do culto enquanto se construam as restantes parcelas.

A inscrição do arcosólio, que assegura que no terceiro quartel do século XII já se encontrava erguida a cabeceira românica, é um dado importante para o conhecimento da história da Igreja de Sousa. Na Época Moderna, esta parcela da Igreja foi remodelada, assim como o arco triunfal que a separa da nave, tendo restado unicamente o embasamento escalonado da época românica.





Na fachada sul, a meia altura do muro, corre um lacrimal sobre mísulas, elementos que atestam a presença de um alpendre de uma água ou a existência de um claustro. Como era habitual nas construções medievais, os claustros situavam-se, por norma, do lado sul, porque é o lado do sol, mais quente, organizando-se à sua volta os outros aposentos monásticos, como a casa do capítulo, o refeitório e o dormitório, entre outros elementos.

A existência de alpendres da banda do sul era também muito frequente, pelas mesmas razões, e por motivações de índole simbólica, já que a banda do norte, na qual se adossam alpendres, galilés ou capelas, era destinada aos rituais funerários e à tumulação, por ser o lado sombrio, da noite e da morte. É, por esta razão, que se coloca escultura de motivação apotropaica, ou seja, que tem a intenção e o poder de afastar o que é negativo, mais frequentemente nos portais setentrionais.

Aí são esculpidos animais que aparentam ferocidade como cães, leões ou serpentes, animais híbridos e fantásticos, como grifos e harpias, ou simplesmente cruces rodeadas de entrelaços ou, ainda, estrelas de cinco pontas, nós de Salomão e outros signos semelhantes. No entanto, este tipo

de escultura não é exclusivo dos portais situados a norte, como nos mostra a cruz rodeada de entrelaço do tímpano do portal sul da Igreja de Sousa. Ele é, simplesmente, mais frequente naqueles casos.

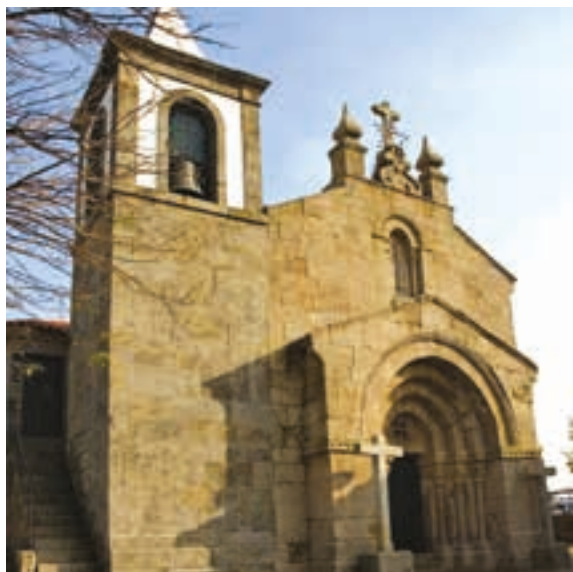
A torre sineira, adossada ao lado sul, apesar de ser rematada com elementos posteriores, poderá corresponder, na sua estrutura, à torre sineira medieval. É de notar que na sua base se abre um portal datável da Idade Média, indicando a relação entre a Igreja, a torre e a construção que estava adossada à parede sul do templo.

Da Época Moderna data o conjunto de talha e pintura barrocas, no interior da Igreja, juntamente com uma série de elementos arquitetónicos dos séculos XVII e XVIII. O programa pictórico presente nos 30 painéis do teto representa um ciclo dedicado ao orago da Igreja - São Vicente -, num conjunto de 30 cenas sobre a vida e os milagres daquele santo.

A campanha de requalificação da Igreja de Sousa teve início na década de 80 do século XX. Os trabalhos de conservação e requalificação realizados na Igreja estiveram a cargo da paróquia, tendo sido supervisionados pela Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

3.

IGREJA DO SALVADOR DE UNHÃO



Largo da Igreja
Unhão
Felgueiras



41° 18' 43.70" N
8° 14' 11.56" O



918 116 488



Sáb. 18h/19h (inv./ver.)
Dom. 8h



Divino Salvador
6 agosto



Imóvel de Interesse
Público, 1950



P. 25



P. 25



x

A Igreja do Salvador de Unhão constitui um estimável testemunho da arquitetura românica portuguesa. O portal principal, de excelente qualidade, apresenta um conjunto de capitéis vegetalistas considerados entre os mais bem esculpidos de todo o românico do Norte de Portugal.

Apesar das transformações que foi recebendo ao longo do tempo, e que sagazmente alteraram a construção românica, conservou-se a epígrafe que regista a dedicação da Igreja, em 28 de janeiro de 1165. Esta inscrição constitui o mais antigo testemunho da sua história, já que as referências documentais conhecidas não são anteriores a 1220.

A matriz de Unhão, de planta longitudinal, conserva a nave da construção românica, já que a capela-mor corresponde a uma reforma da Época Moderna. Do século XVIII deverá datar a torre sineira incorporada na fachada principal. Embora a parte superior da torre seja claramente dessa época, a sua construção pode ter resultado da existência de uma torre sineira medieval, já incorporada na fachada, à maneira da torre do Mosteiro de Cête (Paredes) (p. 78).

Nesta Igreja, construída durante a primeira metade do século XIII, é patente uma miscigenação de soluções decorativas próprias da região com outras, provenientes da região de Braga. Este aspeto é, aliás, uma das características da arte românica que demonstra a circulação de modelos e a itinerância das equipas de artistas.

A escultura do portal principal da Igreja de Unhão, fundamentalmente vegetalista, não deixa por isso de acusar um especial cuidado posto no seu arranjo. O motivo da cruz vazada colocado no tímpano mostra bem quanto se estimou a presença deste tipo de sinais que protegiam os templos.



INSCRIÇÃO

Gravada na face exterior da parede sul da nave, junto do ângulo com a fachada ocidental, a inscrição da dedicação da Igreja regista:

ERA MCC o III o DEDICATA / FUIT EC(c)LESIA ISTA o Per MANUS/
ARCHIEPISCOPI IOHANNIS BRACHARENENSIS / Vº KALendas F(e)B(rua)RII
o IN IUDICIO o MAGISTER o SISALDIS[?].

É uma inscrição comemorativa da dedicação da Igreja que, segundo Mário Barroca, foi gravada já depois de a parede sul estar erguida o que permite datar ou essa fase da construção, ou a conclusão do templo.

A Igreja foi dedicada por D. João Peculiar, que ocupou o cargo de arcebispo de Braga entre 1138 e 1175.

A referência ao "Magister Sisaldis" e a existência de uma série de siglas com um "S" de grande dimensão parecem indicar o nome do mestre da obra, elemento raro no panorama da arquitetura românica portuguesa. No entanto, o alçado do portal ocidental não pode corresponder a uma data tão recuada.

NOSSA SENHORA DO LEITE

A imagem de Nossa Senhora do Leite, colocada no retábulo-mor, é uma escultura muito curiosa que merece atenção. A ausência de movimento da figura de Nossa Senhora, a dimensão da cabeça e das mãos - proporcionalmente muito grandes relativamente ao corpo - parecem acusar uma datação românica. Esta desproporção não deve ser avaliada unicamente como uma inabilidade do artista. Muitas vezes ela é intencional. Estas imagens eram pensadas para serem vistas de baixo para cima, sendo realçados os elementos mais expressivos.

De olhar fixo e ausente, Nossa Senhora não estabelece nenhuma relação visual com o Filho, como é próprio daquela época. No entanto, o facto de o Menino ser representado como uma criança, apresentando-se nu e olhando para a Mãe, indicia uma iconografia própria da época gótica.

Embora a origem da representação de Nossa Senhora do Leite remonte ao século IV, é a partir do século XIII que este tipo iconográfico é mais aceite e amplamente glosado. A devoção e o culto a Nossa Senhora crescem extraordinariamente na época gótica, acompanhando uma tendência para uma aproximação entre as figuras sagradas e os crentes. É neste contexto que surgem as variantes da Virgem da Ternura, nas quais se enquadra a representação de Nossa Senhora amamentando o Filho.

Em calcário policromado (pedra de Ançã) e de origem desconhecida, a imagem da Igreja de Unhão constitui um interessante testemunho da persistência das formas românicas em plena época gótica.

Na escultura românica portuguesa não é necessária a presença de motivos figurativos para que o programa tenha uma intenção. Na verdade e, mais rigorosamente, não devemos falar de escultura decorativa quando os motivos são simplesmente geométricos ou vegetalistas. O facto de a própria escultura se centrar nos portais é, por si só, significante dos valores simbólicos atribuídos ao portal. É esta uma das características mais fascinantes do românico português que o românico da bacia do Sousa singularmente desenvolveu.



4.

PONTE DA VEIGA



Rua da Ponte da Veiga
Torno
Lousada



41° 17' 57.72" N
8° 13' 3.55" O



918 116 488



×



×



Em vias de classificação



P. 25



Acesso livre



×

Situada na freguesia do Torno, em Lousada, a Ponte da Veiga une as margens do rio Sousa entre os lugares de Rio e Cachada, no percurso do caminho velho entre a Senhora Aparecida e Unhão. De um só arco, ligeiramente quebrado, com aduelas estreitas e compridas que evidenciam marcas de canteiro, constitui o exemplo de travessia gótica, cujo período de edificação se situará na primeira metade do século XV.

A sua fundação pode ligar-se ao Mosteiro de Pombeiro (Felgueiras) (p. 30) que aqui possuía direitos e propriedades. De facto, a este poderoso instituto religioso ligam-se mais duas freguesias onde se localizam outras travessias medievais do Entre-Douro-e-Minho: a Ponte de Fundo de Rua (Amarante) (p. 199) e a de Cavez (Cabeceiras de Basto). Por toda a Europa, durante a Idade Média, os monges foram responsáveis pela construção de pontes e muitos dos seus santos refletem essa capacidade. Em Portugal, temos o exemplo maior de São Gonçalo de Amarante (p. 278).

De resto, para o Torno veio, em 1446, fugido da peste, frei Amaro, abade comendatário do Mosteiro de Pombeiro, que bem poderia ter sido o encomendador desta obra. Claramente de âmbito local ou regional, a Ponte

da Veiga enquadra-se na rede paroquial ou municipal de vias, ao contrário de outras travessias, que serviam um fluxo de trânsito regional ou inter-regional.

A Ponte da Veiga, de pequenas dimensões, foi desmantelada e reconstruída um pouco mais a jusante do local original, para que uma nova travessia pudesse servir o trânsito automóvel. Esta reconstrução permite compreender melhor como era construída uma ponte de pedra, segundo vários passos: a escolha do local, o esboço e aprovação do projeto, o corte e transporte da pedra e outros materiais necessários à edificação, a pavimentação e os posteriores acrescentos, benfeitorias e reconstruções.

Embora disponhamos de poucos documentos a este respeito, a construção de pontes em Portugal, durante a Idade Média, deveu-se à intervenção de senhores leigos e eclesiásticos. Em vida ou depois da morte, monarcas, bispos e senhores deixaram legados para a construção das travessias, importantes para o desenvolvimento local e para a afirmação do seu domínio no território. Nesse sentido, eram encarregadas as obras a mestres canteiros que, juntamente com o encomendador, decidiam pelo projeto mais proveitoso.

Escolhido o local e aprovado o desenho, buscava-se a pedra capaz de satisfazer, pela localização e pelo tipo de pedra, o estaleiro da obra. Feito o transporte, preparavam-se os instrumentos necessários ao corte e desbaste dos silhares e à sua

montagem na estrutura. Para erguer o arco executava-se um molde em madeira, chamado cimbre, onde eram armadas as aduelas previamente cortadas. Do seu encaixe, sem recurso a qualquer elemento ligante, resultava a robustez da ponte, depois de retirado o cimbre. A aduela chave devia ser de uma só peça, de modo a fechar o arco com estabilidade (o que não acontece no caso da Ponte da Veiga).

Finalizado o arco, completava-se o estribo e preenchia-se o intradorso, de forma a criar o tabuleiro, que é, no caso das pontes góticas, em forma de cavalete. Finalmente, pavimentava-se o chão e construíam-se as guardas que protegiam o trânsito de veículos e pessoas contra desvios ou quedas da estrutura.



Para esta obra concorriam vários ofícios, desde logo os pedreiros e canteiros, carpinteiros (a quem era confiada a execução dos cimbres, guindastes e outros instrumentos para transporte e colocação dos silhares), ferreiros (que executavam os instrumentos para corte e desbaste da pedra) e trabalhadores à jorna (a quem cabia realizar o trabalho braçal, entre outras atividades).

AS PONTES NA IDADE MÉDIA

O local escolhido para a edificação de pontes depende de inúmeros fatores, sendo o principal a preexistência de um canal de circulação com a importância necessária a uma travessia de pedra. Embora a Idade Média tenha sido um período particularmente ativo na construção e reedificação de pontes (no caso do aproveitamento de pontes do período romano, por exemplo), a travessia dos cursos de água continuou a fazer-se a pé (pelas poldras), por pontões de madeira ou por barcas - modo especialmente utilizado no rio Douro, onde a largura do rio não permitia a construção de pontes.

5.

IGREJA DE SANTA MARIA DE AIRÃES



Rua de Santa Maria
Airães
Felgueiras



41° 18' 54.42" N
8° 11' 52.88" O



918 116 488



Ter. 8h30; qui. 18h30
Sáb. 16h; dom. 11h



Santa Maria
15 agosto



Monumento Nacional
1977



P. 25



P. 25



x

A Igreja de Santa Maria de Airães constitui um significativo exemplar da longa permanência do padrão construtivo da época românica nesta região. Um dos aspetos mais significativos e peculiares da arquitetura românica da bacia do Sousa reside, precisamente, na aceitação dos modelos construtivos e das soluções decorativas próprias da época românica, durante longo tempo. O aspeto tardio de alguns elementos, como os capitéis do portal ocidental e as molduras e capitéis da cabeceira, indica que a Igreja deverá datar do final do século XIII ou mesmo do início do século XIV.

A Igreja de Airães corresponde a uma antiga fundação, uma vez que está documentada desde 1091. Nas *Inquirições de 1220* é referida como “ecclesia de Araes”, no julgado de Felgueiras. Nas *Inquirições de 1258*, “Sancte Marie de Araes” continua a ser do padroado de nobres e da apresentação do arcebispo de Braga. O padroado da Igreja conhecerá sucessivas transferências, sendo já da Coroa em 1394, que o vincula à ordem de Aviz. Em 1517, constitui-se como comenda da ordem de Cristo. Embora a Igreja apresente três naves, da construção românica, originalmente de uma só nave, conserva-se a



cabeceira, de planta retangular coberta por abóbada de berço quebrado, e a parte central da fachada principal, voltada a ocidente.

Na fachada principal, o portal tem um arranjo similar aos portais das Igrejas de Sousa (p. 38), de Unhão (p. 42), ambas em Felgueiras, e de Ferreira (Paços de Ferreira) (p. 66). Está inserido em estrutura pétreo pentagonal e saliente à fachada, para que possa ser mais profundo. As quatro arquivoltas não apresentam decoração e a forma e dimensão dos capitéis indicam já soluções góticas. A decoração das bases e dos plintos segue os modelos próprios da região.

A norte da cabeceira ergue-se a torre sineira, de difícil datação, embora os vãos de entrada e de iluminação pareçam corresponder à época gótica. No embasamento da Igreja há silhares almofadados, de tipologia romana, que sugerem a existência de um antigo edifício dessa época nas proximidades, eventualmente

até de uma primitiva igreja paleocristã ou suevo-visigótica.

O número de altares e respetivas invocações era, no ano de 1758, muito diferente do atual. A capela-mor estava apetrechada com um retábulo dourado e sacrário; nas naves, quatro altares colaterais, dois na nave central e um em cada uma das naves laterais.

Na nave norte situava-se a capela de Santa Luzia, invocação muito representativa do universo devocional da freguesia. A festa a Santa Luzia realiza-se a 13 de dezembro, contando com a presença de “munto pobo desta redondeza em romaria”. Na nave oposta, o retábulo de Santo António. Dos dois retábulos da nave central apenas sabemos que um era dedicado ao Santo Nome de Jesus. O conjunto de talha que a Igreja atualmente apresenta é posterior a esta informação do ano de 1758, testemunhando outra renovação do espaço sacro da Igreja de Airães.

6.

IGREJA DE SÃO MAMEDE DE VILA VERDE



Rua de S. Mamede
Vila Verde
Felgueiras



41° 18' 17.19" N
8° 10' 55.61" O



918 116 488



x



São Mamede
17 agosto



Monumento de
Interesse Público, 2012



P. 25



P. 25



x

Visitar a Igreja de São Mamede de Vila Verde, pensar na função de protetor do gado do seu orago e observar a paisagem envolvente, é um excelente meio para entender um testemunho das mudanças históricas do povoamento e das condições económicas deste local serrano, anteriormente destinado à pastorícia.

A Igreja está situada em local sobranceiro a uma paisagem majestosa, dominando o extenso vale de Vila Verde e mostrando como a localização das igrejas, na época românica, acompanha o habitat das populações, situando-se ora sobranceiras às agras, nas áreas mais planas, ora sobre as encostas, nas áreas mais montanhosas.

A referência documental mais antiga respeitante à Igreja de São Mamede encontra-se nas *Inquirições de 1220*, onde é já mencionada como “Sancto Mamete de Villa Verde”. Integrava, então, o padroado do Mosteiro de Pombeiro (Felgueiras) (p. 30). Apesar destas referências atestarem a existência da paróquia e da Igreja já no início do século XIII, o templo atual corresponde a uma reforma mais tardia.

A Igreja de Vila Verde é constituída por nave única e cabeceira retangulares, sendo esta mais estreita e mais

baixa do que a nave, segundo o esquema mais glosado na arquitetura medieval portuguesa, de função paroquial.

É uma construção à maneira românica, ou seja, utiliza as técnicas construtivas e decorativas, a planta e os alçados próprios da arquitetura românica, embora corresponda a uma época em que a arquitetura gótica era, há muito, dominante. Caracteriza-se por ser um excelente exemplo de arquitetura regional e periférica.

Com efeito, trata-se de uma construção já do século XIV – que substituiu a edificação documentada no primeiro quartel do século XIII – como sugerem vários elementos, sobretudo a forma de arranjar os portais e a utilização predominante de cachorros lisos.

Os vestígios da pintura mural do século XVI, hoje muito residuais, devem-se à encomenda por parte dos abades do Mosteiro de Pombeiro. Mostram que as paredes laterais da capela-mor foram pintadas com um padrão decorativo de

motivos vegetalistas e geométricos, à maneira dos panos de armar. Na parede fundeiria, pintadas ao modo de um retábulo, são ainda identificáveis as figuras de dois santos, segurando báculos, que tudo leva a crer corresponderem a *São Bento* e a *São Bernardo*, uma vez que um deles veste hábito negro e o outro, hábito branco.

Os padrões decorativos utilizados e as características formais das figuras aproximam este programa de outros exemplares, datados de 1510, como o do Mosteiro de Freixo de Baixo (Amarante) (p. 224) e da Igreja de São Nicolau (Marco de Canaveses) (p. 179).

Ainda nesta parede da capela-mor, a presença de um brasão pertencente aos Melos reforça a ligação da encomenda deste programa aos abades comendatários do Mosteiro de Pombeiro, igualmente responsáveis por várias campanhas de pintura mural de outras igrejas pertencentes ao seu padroado. Da mesma época datam as pinturas da nave da Igreja.





PINTURA MURAL

A pintura mural de Vila Verde mostra como, por vezes, as igrejas de pouco aparato arquitetónico receberam programas de pintura da autoria de artistas de acentuada qualidade. Este exemplar demonstra, ainda, como o encomendador pode ser decisivo na escolha dos artistas e dos programas pictóricos, e quanto podem ser desajustadas as análises que consideram que nestas igrejas rurais os programas artísticos correspondem a obras de periferia e atavismo.

É curioso notar que a Igreja de Vila Verde tanto apresenta uma solução arquitetónica tardia, de repetição das formas românicas ainda no século XIV, como constitui um exemplar de modernidade no que diz respeito à pintura mural.

Uma outra campanha de pintura mural, na capela-mor, sobreposta à que foi anteriormente referida, deverá datar de 1530-1550. Desta época restam vestígios muito ténues que um estudo, com base em documentação fotográfica das décadas de 20 ou 30 do século XX, permitiu identificar como a representação de *São Mamede*, orago da Igreja.

Junto aos pés do santo estavam pintados dois queijos e um púcaro, assim como uma ovelha, em clara alusão à lenda que narra a sua vida, bem como à sua qualidade de patrono do gado e do leite.

Esta campanha é comparável a uma outra da igreja de Vila Marim (Vila Real), datada por inscrição de 1549, à da Igreja do Mosteiro de Pombeiro, que apresenta o

mesmo motivo decorativo na moldura de uma porta entaipada que dava acesso ao claustro, e a um dos programas da igreja de Arnoso (Famalicão), entre outros exemplares do padroado do Mosteiro de Pombeiro e, igualmente, da encomenda dos abades comendatários, neste caso de D. António de Melo, referenciado documentalmente como abade de Pombeiro entre 1526 e 1556.

Esta campanha pictórica poderá ser atribuída ao pintor Arnaus, que assina os frescos da igreja de Midões (Barcelos), datados, por inscrição, de 1535.

Arnaus será também o autor da pintura mural da Ermida do Vale (Paredes) (p. 87). A Igreja de São Mamede foi sendo abandonada a partir da segunda metade do século XIX, na sequência da edificação da nova igreja paroquial de Vila Verde.

Entre os anos de 2005 e 2006, foram realizadas obras de conservação e requalificação da Igreja, supervisionadas pela Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, no âmbito da Rota do Românico. A dedicação do novo altar ocorreu no dia 12 de agosto de 2017.

SÃO MAMEDE

O orago, São Mamede, é um santo de devoção muito antiga em Portugal. No século X é já muito frequente a invocação deste santo em igrejas paroquiais e em capelas situadas em montes, junto aos castelos desta época da Reconquista, o que demonstra o interesse económico que se dava então à pastorícia e à criação de gado.

Segundo a lenda, São Mamede foi pastor e mártir de Cesareia, na Capadócia (na atual Turquia). No deserto construiu um oratório onde pregava o Evangelho aos animais selvagens. Com o leite dos animais produzia queijos, que um anjo lhe ordenara oferecer aos pobres.

Perseguido pelo imperador Aureliano, Mamede foi condenado a ser devorado por um leopardo, um leão e um urso que, recusando-se a atacá-lo, se ajoelharam aos seus pés. Depois de ter sofrido terríveis martírios, as suas relíquias foram levadas da Capadócia para Itália, Alemanha e França.

São Mamede tornou-se, por causa do seu nome e por ter sido alimentado pelo leite dos animais selvagens, protetor das amas de leite. Os martírios a que foi sujeito tornaram-no ainda protetor das doenças dos intestinos. No entanto, a sua maior popularidade deve-se à fama de protetor do gado.



7.

TORRE DE VILAR



Alameda Torre de Vilar
Vilar do Torno e Alentém
Lousada



41° 17' 12.08" N
8° 12' 36.90" O



918 116 488



x



x



Imóvel de Interesse
Público, 1978



P. 25



P. 25



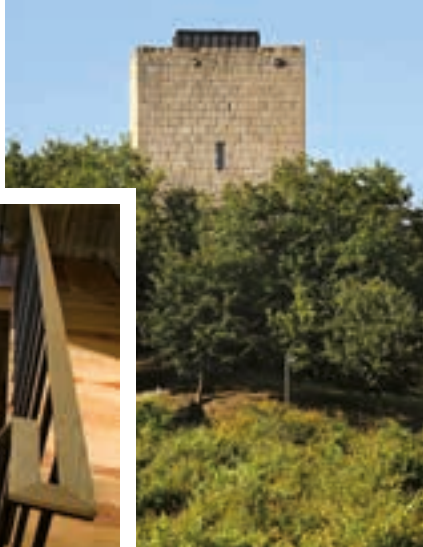
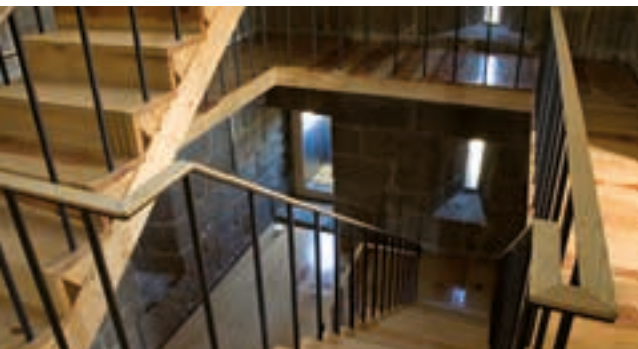
Sim

A Torre de Vilar, com cerca de 14 metros de altura, está implantada no topo de um outeiro que domina um vale fértil e bem irrigado. Esta Torre, mais do que uma construção militar, é um símbolo do poder senhorial sobre o território. Constitui um estimável testemunho da existência da *domus fortis*, a residência senhorial fortificada, na região do Vale do Sousa.

Segundo as *Inquirições de 1258*, "Sancte Marie de Vilar" era honra de D. Gil Martins (1210-?) e dos seus descendentes, da estirpe dos Ribavizela. Em 1367, o rei D. Fernando (r. 1367-1383) doa Vilar do Torno, Unhão e Meinedo a Aires Gomes da Silva, documentando-se a manutenção da Torre na mesma família, ao longo do século XV.

De planta retangular, a Torre de Vilar ergue-se sobre um afloramento granítico que coroa uma pequena elevação. A Torre é construída em excelente aparelho de cantaria granítica, com a presença de siglas de canteiro. Conserva ainda a altura correspondente a cinco pisos.

As fachadas apresentam numerosas seteiras e duas janelas retangulares, não tendo restado, contudo, quaisquer estruturas ou elementos secundários de madeira. No entanto,



subsistem vários níveis de mísulas salientes que constituíam os apoios correspondentes aos vigamentos de quatro pisos.

No interior conservam-se nichos, que aproveitam a espessura das paredes e que comprovam a função residencial desta Torre.

A fachada sudeste apresenta um vão de porta retangular, ao nível do segundo piso, aberto posteriormente à construção original, à qual se acedia pelo exterior através de uma escada de madeira.

Um quinto e último piso corresponderia ao adarve que circundava o topo das paredes que rematam num muro mais estreito, sobre o qual assentariam merlões, entretanto desaparecidos.

A Torre de Vilar deverá ter sido construída entre a segunda metade do século XIII e o início do século XIV.

AS TORRES SENHORIAIS

Estas torres senhoriais implantavam-se preponderantemente no seio das honras, em vales férteis de terrenos agrícolas de aluvião, ou na periferia dessas manchas agricultadas. É também frequente que se situem em áreas vizinhas de bosques e de montanhas, optando por terrenos de arroteamento mais recente com o objetivo de se afastarem das terras mais ocupadas, do ponto de vista senhorial, onde a vontade de afirmação das novas linhagens encontrava maiores dificuldades dado o antigo estabelecimento de famílias mais antigas e de poderes muito enraizados.

A esta implantação-modelo corresponde a Torre de Vilar, bem como outros exemplares: a Torre dos Alcoforados (Paredes) (p. 72), a torre de Pousada (Guimarães), a torre de Dornelas (Amares), a torre de Oriz (Vila Verde), o paço de Giela (Arcos de Valdevez), o paço de Curutelo (Ponte de Lima), a torre de Lourosa de Campos (Arouca) e a torre de Quintela (Vila Real).



A NÃO PERDER

- 0,7 km: Santuário de Nossa Senhora Aparecida (p. 255)
- 1,2 km: Casa Museu de Vilar – A Imagem em Movimento (p. 255)

8.

IGREJA DO SALVADOR DE AVELEDA



Avenida da Igreja
Aveleda
Lousada



41° 16' 46.51" N
8° 15' 10.95" O



918 116 488



Sáb. 17h30/18h30 (inv./
ver.); dom. 10h30



Divino Salvador
6 agosto



Imóvel de Interesse
Público, 1978



P. 25



P. 25

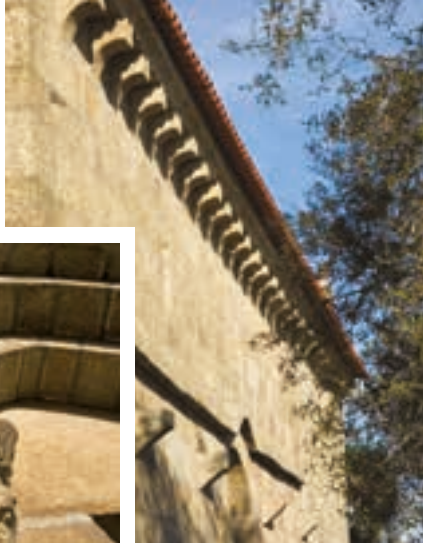


x

Vale a pena uma visita à Igreja do Salvador de Aveleda, não obstante a sua simplicidade construtiva. Esta Igreja é um interessante testemunho da longa persistência das formas românicas na arquitetura medieval portuguesa.

É no portal ocidental da Igreja que se conservam os elementos românicos mais evidentes, ainda que muito tardios. Os capitéis, vegetalistas, são todos semelhantes e o recorte das bases tem paralelo com outros exemplares da bacia do Sousa, como as Igrejas de Sousa (p. 38), de Unhão (p. 42) e de Airães (p. 47), em Felgueiras, e de Boelhe (p. 156), em Penafiel.

Os portais laterais, sem colunas, são igualmente sintoma de um românico já muito avançado no tempo. Mais correto será designar estes elementos de “românico de resistência”, tal o aspeto tardio que patenteiam. Os cachorros lisos, que coroam as paredes da nave, são outro sintoma de uma construção que dificilmente será anterior ao final do século XIII ou mesmo ao início do século XIV. Sobre os portais laterais corre um lacrimal que indicia a existência de alpendres, elementos habituais nas igrejas românicas portuguesas.



As primeiras referências documentais à “villa” de Aveleda remontam ao final do século XI quando, em 23 de maio de 1098, Pedro Astrufiz e sua mulher, Emizio Cidiz, vendem a Guterre Mendes e Onega Gonçalves, alguns bens que herdaram na “villa” de Aveleda. Em 1177, surge já uma referência à “ecclesia de Auelaneda”. Vela Rodrigues doa ao Mosteiro de Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90) os bens que possuía em Lousada e que herdara de seu pai, Rodrigo Viegas, e dos seus avós, Egas Moniz e Teresa Afonso.

O orago da Igreja, Divino Salvador, consta em documento de 1218 bem como nas *Inquirições de 1258*.

Tratando-se de uma Igreja de origem medieval, estão presentes quer no seu exterior, quer no interior, elementos arquitetónicos e artísticos que testemunham a sua transformação na Época Moderna, como a sacristia, a capela-mor e a torre sineira. São estruturas datadas dos séculos XVII-XVIII e que compõem níveis diferenciados da volumetria do edifício.



Os retábulos colaterais são de elaborado desenho rococó, e o retábulo-mor de traça neoclássica. Todavia, o destaque recai sobre as pinturas do teto da capela-mor, do teto da nave e do arco-cruzeiro, cuja autoria não foi ainda apurada.

O seu autor, perfeitamente integrado na estética rococó, deixou nestas pinturas um traço indelével do seu nível artístico: um programa iconográfico executado pela mão de um excelente artista, onde a

pintura respira autonomia própria, para além da função pedagógica e decorativa do espaço sacro.

Possivelmente, o retábulo-mor que foi substituído pelo atual devia seguir a mesma orientação estética que timbra este espaço. Não fora a substituição do retábulo-mor e estaríamos na presença de uma Igreja paroquial renovada no terceiro quartel do século XVIII, onde a harmonia formal era nota dominante.

ROSETAS

Na Igreja de Aveleda é ainda de referir a existência de uma peça decorada, que se encontra incluída num dos degraus que separa a nave da cabeceira da Igreja. Trata-se de uma peça retangular, em granito, na qual foram escavados dois motivos. Nos extremos há rosetas de seis pétalas enquadradas em círculos e, ao centro, um losango.

A decoração deste elemento, tanto pelos motivos que apresenta como pela técnica de os esculpir, aproxima-se dos frisos da igreja de São Torcato (Guimarães) que, por sua vez, tem paralelo em São Frutuoso de Montélios (Braga). Em São Torcato, uma igreja românica tardia com muitas alterações na Época Moderna, conservaram-se vestígios de um antigo templo

que datam da primeira metade do século X, integrando-se nas correntes moçárabes e do repovoamento do Noroeste. São Frutuoso de Montélios é ainda hoje um edifício pouco esclarecido quanto à sua datação. Os autores que o estudaram atribuem-no ora à arquitetura da época visigótica, ora à da época moçárabe.

Não cabendo discutir aqui a complexidade destas questões, é certo que a peça reaproveitada na Igreja de Aveleda se assemelha aos frisos presentes nos dois exemplares referidos. É possível que corresponda a uma construção mais antiga, que realmente existiu, já que a cronologia da atual Igreja é muito posterior às referências documentais acima registadas.



A NÃO PERDER

• 2,9 km: Centro de Interpretação do Românico (p. 254)

9.

PONTE DE VILELA



Avenida da Ponte
Aveleda
Lousada



41° 16' 8.53" N
8° 14' 53.31" O



918 116 488



×



×



Em vias de classificação



P. 25



Acesso livre



×

A Ponte de Vilela, situada no lugar de Vilela, freguesia de Aveleda, concelho de Lousada, assegura a travessia do rio Sousa, estabelecendo a ligação entre Vilela, a oeste de Caíde de Rei, e os lugares de Vilar de Nuste e de Cartão.

Em cantaria granítica, a Ponte de Vilela é composta por quatro arcos de volta perfeita. Os arcos apoiam-se em três pegões cegos, reforçados com talha-mares triangulares, a montante, e contrafortes quadrangulares, a jusante. Os vãos dos dois arcos laterais estão atualmente assoreados. O tabuleiro é horizontal sobre os arcos centrais e rampante nas extremidades, apresentando-se pavimentado com lajes graníticas. Os silhares desta Ponte não apresentam qualquer sigla, elemento quase sempre presente nas pontes medievais.

De complexa datação, esta Ponte de características técnicas e construtivas semelhantes às da época medieval, poderá corresponder ao período - século XIII - de crescimento das necessidades de circulação no Vale do Sousa, associada à necessidade de franquia do obstáculo natural constituído pelo rio Sousa.



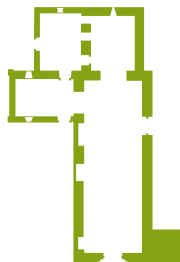
AS PONTES NA IDADE MÉDIA

A atividade pontística marcou de forma acentuada a paisagem medieval portuguesa. Segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida, entre a arquitetura civil da época românica, o realce deve ser posto nas numerosas pontes então construídas "pelo interesse que a época lhes dedicou, pelo impacte que elas representaram, pela transformação da paisagem que sempre ocasionam, pelos meios técnicos e económicos que exigiam e pelos benefícios que trouxeram às comunicações e aos homens".



10.

IGREJA DE SANTA MARIA DE MEINEDO



Rua da Igreja, 137
Meinedo
Lousada



41° 14' 55,20" N
8° 15' 26,27" O



918 116 488



Qua., sex., sáb. 19h



Nossa Senhora das Neves
5 agosto



Imóvel de Interesse
Público, 1945



P. 25



P. 25



x

A Igreja de Santa Maria de Meinedo apresenta um programa arquitetónico muito preso ao “românico rural”. A sua datação deve ser situada entre o final do século XIII e o início do século XIV, embora o templo perpetue esquemas decorativos e soluções construtivas que seguem os modelos românicos. Apesar desta datação tardia, o prestígio da Igreja é muito grande, uma vez que Meinedo foi sede de um bispado no século VI.

Um pouco a norte da Igreja e, possivelmente, no local de uma “villa” romana, há vestígios de muros e alguns capitéis que terão pertencido a uma basílica.

A campanha de escavações arqueológicas, realizada entre 1991 e 1993, permitiu identificar a abside de um edifício de planta cruciforme que poderá datar do período suevo, quando “Magnetum” foi sede de bispado.

O bispo de Meinedo, Viator, esteve presente no segundo Concílio de Braga, realizado em 572 e presidido por São Martinho de Dume. A basílica de “Magnetum” terá passado, pouco depois, a igreja paroquial como indica a sua referência no *Parochiale Suevicum*, documento que regista o número de paróquias pertencentes a cada diocese, e cuja elaboração decorreu da organização pa-

roquial impulsionada por São Martinho de Dume.

Meinedo era então um "vicus", o que significava a existência de uma povoação com parte do seu habitat organizado em ruas. Os elementos remanescentes da basílica, como capitéis e impostas, revelam uma construção de relativa grandeza e aparato. Em 1113, o bispo do Porto, D. Hugo (episc. 1113-1136), recebe de D. Afonso Henriques (r. 1143-1185), o couto do mosteiro de Santo Tirso de Meinedo. Desconhece-se a data de fundação deste mosteiro embora a lenda, consagrada no *Agiologio lusitano...*, afirme que foi o sogro do rei visigótico Recaredo que, da cidade de Constantinopla (atual Istambul, Turquia), trouxe o corpo de Santo Tirso, tendo fundado o mosteiro sob a sua evocação.

O templo apresenta uma planta de nave única e cabeceira retangular, como a maioria das igrejas românicas portuguesas, ambas com cobertura de madeira de duas águas. O portal principal, sem tímpano nem colunas, abre-se em arco apontado e tem as arquivoltas decoradas com motivo de pérolas, num arranjo próprio do "gótico rural".



A cabeceira é rematada superiormente por cornija que assenta em cachorros lisos, enquanto a nave apresenta elementos semelhantes, tendo, no entanto, alguns cachorros esculpidos. O portal sul não apresenta qualquer decoração e o do norte encontra-se entaipado.

Conjugando estes elementos, é possível propor uma datação já do final do século XIII ou do início do século XIV, ressaltando embora que a Igreja de Meinedo constitui um interessante exemplar no contexto da arquitetura medieval da bacia do Sousa que utiliza, durante largo tempo, soluções próprias da arquitetura românica.

No interior da Igreja, intervencionado por obras que lhe conferiram um aspeto depurado, sobressai o revestimento em talha dourada que ocupa toda a superfí-

cie da parede contígua ao arco triunfal, fazendo parte dessa estrutura os altares colaterais, que enquadram a capela-mor. A capela-mor de Meinedo, pela articulação que testemunha entre arquitetura, revestimentos parietais em talha, azulejo e pintura, bem como pela estrutura dos três retábulos que compõem o conjunto, afirma-se como um notável exemplo de unidade estética, do final do século XVII.

As obras de recuperação da Igreja de Meinedo foram iniciadas em 1991, sob a tutela do Instituto Português do Património Arquitetónico. Para além dos trabalhos de conservação e restauro do templo, a execução deste projeto incluiu também a realização de escavações arqueológicas no interior e no exterior.



NOSSA SENHORA DE MEINEDO

A imagem de Nossa Senhora de Meinedo ou de Nossa Senhora das Neves apresenta vestígios de policromia, o que se acorda a uma descrição que dela faz o autor do *Santuário mariano...* quando refere que era pintada de cores e ouro.

É uma escultura de vulto da época gótica, cuja grande devoção está bem documentada na Época Moderna. A escultura foi cavada na parte posterior, circunstância bastante frequente, que se destinava a tornar as imagens mais leves com a finalidade de serem levadas em procissão.

Em Meinedo foi encontrada, em campanha de escavações arqueológicas da década de 90 do século XX, uma outra imagem gótica, fragmentada, representando Santo António, em calcário e com vestígios de policromia. Estava enterrada no lado norte do adro da Igreja. A sua eliminação está de acordo com as determinações Sinodais que ordenavam que as esculturas velhas e em mau estado fossem quebradas e enterradas em chão sagrado, nas cabeceiras ou nos adros das igrejas.

O amplo incremento da produção gótica de escultura, tanto de vulto como retabular, deve ser enquadrado no fenómeno devocional da época. Se na época românica se rezava, mais frequentemente, diante das relíquias, na época gótica aquelas já não satisfazem as necessidades devocionais. Reza-se agora diante das imagens esculpidas ou pintadas.

No interior das igrejas multiplicam-se os altares ora da encomenda de confrarias, ora em capelas instituídas com a finalidade de celebrar sufrágios, aspeto que acompanha a progressiva crença no Purgatório, e que obriga a uma imensa quantidade de missas programadas nos testamentos. Na época gótica, ver é cada vez mais uma radicalidade. É preciso ver o santo, tocar-lhe, fazer preces diante da imagem, raspar a escultura ou a pintura porque a sua matéria é sagrada e tem poderes taumatúrgicos. Os santos são os grandes intermediários entre os homens e Deus e a sua capacidade é múltipla. Curam, provocam conversões, fazem milagres e desencadeiam fortes emoções.

O estudo das imagens não pode atender unicamente às suas formas iconográficas ou narrativas, mas também às suas funções e aos seus usos em contextos sociais, políticos e ideológicos em constante renovação.

O valor das imagens de um santo ou de um ciclo narrativo não se resume ao seu poder miraculoso. As imagens têm também de encantar e de causar admiração. Deverão ser belas, coloridas, ricas, expressivas e dramáticas para que exerçam fascínio sobre o espectador. Além das imagens dos santos, a época gótica estimou particularmente a imagem de Nossa Senhora, representada como Mãe de Cristo.

A imagem de Meinedo deverá enquadrar-se na produção coimbrã, talvez datando já do século XV, pela forma como são moldadas as vestes e pela relação entre Nossa Senhora e o Menino. No entanto, o quase total desaparecimento da policromia confere-lhe um aspeto um pouco arcaico, o que torna complexa a sua datação.



11.

PONTE DE ESPINDO



Rua da Ponte de Espindo
Meinedo
Lousada



41° 14' 36.53" N
8° 16' 24.75" O



918 116 488



x



x



Em vias de classificação



P. 25



Acesso livre



x

A Ponte de Espindo, situada no lugar de Espindo, na freguesia de Meinedo, concelho de Lousada, assegura a passagem sobre o rio Sousa, estabelecendo a ligação viária entre os lugares de Bustelo (Penafiel) e de Boim (Lousada).

Esta Ponte, de pequenas dimensões, é constituída por um só arco de volta perfeita, apoiado em sólidos pilares que arrancam diretamente das margens, apresentando-se o da margem esquerda protegido por um muro ou mouchão, a montante.

A largura do vão obrigou à elevação do arco e à colocação do tabuleiro em cavalete. É uma construção em cantaria granítica, com paramentos de aparelho irregular, o que contrasta com o aparelho regular do arco, de aduelas bem esquadriadas.

Esta Ponte, de difícil datação, assemelha-se, técnica e construtivamente, a uma ponte medieval.

Em 2018, no âmbito da Rota do Românico, o pavimento em madeira da Ponte de Espindo foi substituído por calçada à portuguesa.



AS PONTES NA IDADE MÉDIA

Apesar das Pontes de Espindo, de Vilela (Lousada) (p. 58), da Veiga (Lousada) (p. 45), da Panchorra (Resende) (p. 119), de Esmoriz (Baião) (p. 137), do Arco (Marco de Canaveses) (p. 193) e de Fundo de Rua (Amarante) (p. 199) corresponderem a uma cronologia avançada, a construção que apresentam recorda, em muitos aspetos, as pontes medievais que, nas épocas românica e gótica, constituíram uma boa parte do esforço construtivo de então.

As pontes da época românica cuidaram mais os seus alicerces do que as pontes romanas e procuraram sítios firmes para a sua construção. É esta a razão, segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida, que conduziu a que as pontes medievais resistissem melhor ao tempo e às cheias. As pontes românicas apresentam, por norma, grandes arcos cuja altura, por vezes, obriga à solução de ponte em cavalete, ou seja, de dupla rampa. Desenvolvem amplamente os talha-mares, a montante, e os contrafortes, a jusante.



12.

MOSTEIRO DE SÃO PEDRO DE FERREIRA



Avenida do Mosteiro
de Ferreira, Ferreira
Paços de Ferreira



41° 15' 53.38" N
8° 20' 37.66" O



918 116 488



Qua. 20h
Dom. 10h30



São Pedro
29 junho



Monumento Nacional
1928



P. 25



P. 25



Sim

A Igreja do Mosteiro de São Pedro de Ferreira é um edifício muito singular e de grande qualidade construtiva que convida a uma estimulante visita. Esta Igreja é um dos mais cuidados monumentos do românico português. A fundação do Mosteiro tem origens ainda não completamente esclarecidas, embora seja anterior a 1182, data em que a Igreja é explicitamente referida e em que a construção do templo - que hoje se conserva - terá então começado. Contudo, a sua origem será muito anterior, devendo recuar ao século X, como aparenta a referência que lhe é feita no testamento de Mumadona Dias, data-do de 959. Desta época nada resta da Igreja. Os elementos remanescentes mais antigos são identificáveis com uma primeira igreja românica que terá sido construída entre finais do século XI e os inícios do século XII. No século XIII, entre 1258 e 1293, o Mosteiro é integrado na ordem dos cónegos regrantes. No século XV, com a extinção daquela ordem, passou, com o couro e propriedades adjacentes, a fazer parte da Câmara do Bispo do Porto. Composta por uma nave, coberta de madeira, a Igreja do Mosteiro de Ferreira tem uma cabeceira abobadada

que se organiza em dois tramos, sendo o primeiro mais largo e mais alto, adotando uma solução muito própria do românico do Alto Minho, cujas influências se reportam à arquitetura própria da região integrada na diocese de Tui (Espanha).

Internamente, a cabeceira de Ferreira é poligonal, embora seja semicircular pelo lado exterior. Com dois níveis, o primeiro de arcadas cegas, duas das quais em mitra, e o segundo com alçado em arcadas que alternam com frestas, a sua capela-mor é relativamente alta e mais ainda o é o corpo da nave, oferecendo uma espacialidade bem protogótica. O arco toral da cabeceira apoia-se em pilastras salientes adornadas por escócias, numa solução inusual no românico português.

No arco cruzeiro há capitéis semelhantes aos das Igrejas de Fervença (Celorico de Basto) (p. 248), de Valdreu (Vila Verde) ou de Ermelo (Arcos de Valdevez), derivados dos modelos do Alto Minho, embora de tratamento menos volumoso.

A fachada principal apresenta o portal inserido em corpo pentagonal, solução comum às Igrejas de Sousa (p. 38), de Unhão (p. 42) e de Airães (p. 47), situadas no concelho de Felgueiras.

O amplo portal ocidental, com quatro colunas de cada lado, duas das quais prismáticas, está muito bem desenhado, mostrando um tratamento decorativo de acentuado valor. A sua ornamentação é feita por um recorte toreado no extradorso das arcadas que é acentuado por um largo furo.



Esta decoração, que tem sido comparada com a da Porta do Bispo da catedral de Zamora (Espanha), mostra acentuadas diferenças com aquele exemplar. O padrão decorativo do portal de Ferreira não provém daí, estando muito mais próximo da igreja de São Martinho de Salamanca (Espanha) e, mais ainda, das soluções decorativas das arcadas próprias da arte almóada de Sevilha (Espanha), da segunda metade do século XII.

Ainda neste portal há semelhanças com modelos originários da sé de Braga. Esta sé e a igreja do antigo mosteiro beneditino de São Pedro de Rates (Póvoa de Varzim) correspondem a estaleiros românicos onde se caldearam, e a partir dos quais se difundiram, modelos formais e temáticos que chegaram a várias igrejas da região de Braga e Guimarães, das bacias do Ave e do Sousa.

É de assinalar a qualidade da escultura dos capitéis dos portais laterais, uns com laçarias e animais e outros com decoração vegetal, que se assemelham aos motivos utilizados em Pombeiro (p. 30) e em Unhão, em Felgueiras.

Da conjugação destes elementos é possível concluir que esta Igreja, cuja construção decorreu entre o início e os meados do século XIII, adota simultaneamente modelos da arquitetura regional do seu tempo, do românico do Alto Minho, da Andaluzia e mesmo de Castela (Espanha).

A unidade arquitetónica e o rigor plástico desta obra mostram que o templo deve ter sido edificado rapidamente, beneficiando de condições técnicas, materiais e financeiras de exceção no panorama da obra românica em Portugal, considerando que a construção da Igreja foi realizada entre 1180 e 1195.





Na Igreja do Mosteiro de Ferreira é perceptível a presença de três mestres: um proveniente da região de Zamora, outro de Coimbra e ainda outro com experiência adquirida nos estaleiros do Vale de Sousa. As semelhanças com a Porta do Bispo da catedral de Zamora são evidentes, apesar de algumas diferenças no número de ressaltos, na decoração das jambas e no recorte dos favos, que naquela cidade espanhola são cordiformes enquanto em Ferreira são circulares.

Os portais de outras igrejas zamoranas - São Tomé, Santa Maria da Horta, Santo Ildefonso, Santiago do Burgo e São Leonardo - apresentam favos circulares tal como acontece em Ferreira. Este mestre, ou os artistas que com ele trabalharam, demonstra igualmente rigorosos conhecimentos da escultura da catedral de Santiago de Compostela (Espanha), anterior à obra de Mestre Mateus. Considera-se que os capitéis do portal ocidental são de rigoroso desenho compostelano.

A conceção da cabeceira dever-se-á igualmente ao mestre proveniente de Leão (Espanha), contando embora com a colaboração de artistas oriundos de Coimbra. O andar superior do alçado interno encontra paralelos tanto na sé de Coimbra, como na colegiada de São Tiago, da mesma cidade. No último quartel do século XII, Mestre Soeiro Anes - que colaborara com Mestre Roberto na catedral conimbricense - assim como vários artistas que trabalharam no estaleiro da catedral de Coimbra ter-se-ão deslocado para o Porto.

A nave é um elemento que deve ser realçado dada a sua invulgar altura. Foi por essa razão que recebeu contrafortes no exterior e colunas adossadas no interior, que ajudam à sua sustentação.

As fachadas laterais são rematadas por uma cornija formada por pequenos arcos assentes em mísulas, solução que vemos igualmente nos Mosteiros de Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90) e de Roriz (Santo Tirso), entre outros exemplares.

Fronteira à fachada principal, esta Igreja conserva a ruína de uma galilé ou nártex de função funerária, excelente e raro testemunho deste tipo de construções, que muitas igrejas românicas apresentavam. Este elemento corresponde a um espaço reservado a enterramentos e a rituais fúnebres de que restaram exemplares nas igrejas de Serzedelo (Guimarães), Vilarinho (Santo Tirso) e Friestas (Valença) - demolida aquando do restauro de 1935 - bem como algumas parcelas no Mosteiro de Freixo de Baixo (Amarante) (p. 224). Também a igreja de São Martinho de Cedofeita (Porto), a julgar pela documentação, possuía uma construção semelhante, que no caso do Mosteiro de Pombeiro tomaria uma dimensão mais monumentalizada.

No Mosteiro de Paço de Sousa esta edificação situava-se lateralmente à Igreja, tal como aconteceria em Roriz e como exemplifica ainda hoje, a capela lateral da igreja de Ansiães (Carrazeda de Ansiães). A proibição dos sepultamentos dentro das igrejas durante largo tempo terá levado a estas soluções. Através de doações às comunidades monásticas, a nobreza escolhia as galilés como espaço de tumulação, assegurando a garantia de cumprimento das disposições testamentárias, por parte da comunidade monástica, como meio de alcançar a salvação. No entanto, apesar da sua função primacial ser funerária, as galilés eram também utilizadas para abrigo, sessões de julgamento e outros atos jurídicos.





Dos túmulos de Ferreira apenas restaram duas peças funerárias: um sarcófago trapezoidal e a tampa de sepultura, com estátua jacente, do túmulo de D. João Vazques da Granja, atualmente exposta no Museu Municipal de Paços de Ferreira (p. 256). De todo o conjunto monástico de Ferreira subsiste unicamente a Igreja, já que os aposentos monásticos desapareceram ou sofreram profundas alterações. No que concerne ao seu restauro, o princípio orientador traçado pela Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

encontra-se documentado no *Boletim* n.º 7, publicado em setembro de 1937.

Antes das obras de restauro terem início, a Igreja do Mosteiro de Ferreira encontrava-se mascarada por febres estéticas produzidas na Época Moderna. Como exemplo é de referir o coro alto, considerado então como um elemento ocultador da soberba austeridade do templo. O coro ocupava uma quarta parte da nave partindo da fachada principal, tendo sido construído entre os séculos XVII e XVIII.

SINGULARIDADE ORNAMENTAL

O que faz da Igreja do Mosteiro de Ferreira uma obra singular, para além da excelência da sua arquitetura, é o facto de se conjugarem, em harmonia e em partes comuns da Igreja, desenhos arquitetónicos e motivos ornamentais oriundos de diversas regiões e oficinas: Zamora-Compostela (Espanha), Coimbra-Porto e Braga-Unhão.



A NÃO PERDER

- 3,9 km: Museu Municipal - Museu do Móvel (p. 256)
- 8,5 km: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins (p. 257)
- 11,1 km: Citânia de Sanfins (p. 257)

13.

TORRE DOS ALCOFORADOS



Rua da Torre Alta
Lordelo
Paredes



41° 14' 55.95" N
8° 24' 30.17" O



918 116 488



×



×



Imóvel de Interesse
Público, 1993



P. 25



P. 25



Sim



A Torre dos Alcoforados, também designada popularmente como “Torre dos Mouros” ou “Torre Alta”, acabou por adotar o nome da família de que a tradição tem vindo a conotar como sua fundadora. Apesar das incongruências, dúvidas e hiatos que a história daqueles que se ligam a este edifício possa suscitar, o que é mais provável é que a origem desta Torre se encontre ligada a indivíduos do círculo dos de Urrô, depois diluídos em Brandões e estes, finalmente, nos Alcoforados. A dispersão dos seus senhores entre famílias portuenses e de Entre-Douro-e-Minho poderá justificar o facto de esta Torre cedo ter ficado desabitada, muito embora se tenha mantido enquanto símbolo de prestígio.



AS TORRES SENHORIAIS

A par dos inúmeros testemunhos remanescentes, a presença do topónimo "torre" um pouco por todo o Entre-Douro-e-Minho é um bom testemunho da popularidade que estas estruturas alcançaram, descontextualizadas já de um ambiente exclusivamente militar, defensivo e de reorganização do território, antes associadas a uma sociedade senhorial em plena afirmação e ascensão. São, pois, as linhagens de segundo plano, os "milites" aspirantes a ricos-homens, quem de início adotou esta solução arquitetónica da *domus fortis* para encabeçar os seus domínios.

Seguramente posterior a 1258, a Torre dos Alcoforados foi edificada num afloramento granítico, que lhe acentua a verticalidade (a Torre conta, hoje, com cerca de 8,60 metros). Destaca-se assim no meio de um vale agrícola encaixado entre a serra da Agrela e a serra de São Tiago, irrigado pelo rio Ferreira (que passa a sudeste) e pela ribeira de Feteira (a nordeste) e ainda pontuado por vários poços e

engenhos característicos de uma intensiva exploração agrária. A ideia de domínio está bem marcada pelos indícios que nos mostram que um balcão, provavelmente dotado de matacães e de uma pequena cobertura, se abria no andar nobre da edificação, voltado a nordeste, abrindo a Torre senhorial para a propriedade agrícola imediata que controla.



A DOMUS FORTIS

Para Mário Barroca, a *domus fortis*, enquanto tipologia arquitetónica da época românica constitui um dos mais extraordinários exemplos de adequação entre modelo arquitetónico [derivado da torre de menagem], função [residencial] e poder simbólico [nobilitação e antiguidade]. Foi, pois, graças à sua forte carga simbólica que as torres senhoriais foram preservadas, mesmo quando esvaziadas de utilidade.

O modelo da torre senhorial românica deriva do modelo importado das torres de menagem dos castelos da mesma época, sobrepondo-se a componente civil à militar. É, por isso, que a porta de acesso à Torre dos Alcoforados está já rasgada ao nível térreo, evidente reflexo da sua função já residencial, entenda-se senhorial. Delimitada por um arco de volta perfeita, a porta apresenta uma verga de arco desenhado ao modo de lintel, composto por quatro aduelas, e estaria abrigada por uma estrutura alpendrada, de uma só água, conforme parece indicar o negativo marcado no paramento. Embora no topo

da Torre faltem algumas fiadas de silhares, pensa-se que esta terá sido ameaçada. Na estrutura desta edificação há um elemento que nos permite datar de forma aproximada a sua construção durante a primeira metade do século XIV. Tratam-se das janelas de sabor gótico, dotadas de mainel com arestas chanfradas no exterior e pedra horizontal com sistema de tranca no interior. Rasgadas num largo muro, com cerca de 1,10 metros de espessura, estas janelas são interiormente enquadradas por um arco ligeiramente abatido que abriga, ainda, conversadeiras de alvenaria situadas logo abaixo do peitoril, nos flancos dos rasgos da parede. Os sobrados dos pisos superiores, como as escadas que lhes permitiam o acesso, eram em madeira, conforme denunciam os encaixes das traves que sustentavam o sobrado.



Interior antes das intervenções da Rota do Românico (2014)



14.

CAPELA DA SENHORA DA PIEDADE DA QUINTÃ



Rua da Nossa Senhora
da Piedade, Baltar
Paredes



41° 11' 22.72" N
8° 22' 43.72" O



918 116 488



x



Nossa Senhora da
Piedade, 15 setembro



Em vias de classificação



P. 25



P. 25



x

Erguida não muito longe do lugar da Quintã, povoação que outrora integrou a honra de Baltar, da Casa de Bragança, hoje freguesia do concelho de Paredes, a Capela da Senhora da Piedade situa-se nas proximidades da velha estrada que ligava o Porto a Penafiel e Amarante. Nas *Memórias Paroquiais* de 1758 é referida como ermida da Senhora da Quintã, assim titulada por estar próxima daquele lugar. Sobre um ou mais cultos venceu o mariano, depois titulado Virgem da Piedade, expressão de sofrimento materno como reação à tragédia no Gólgota - tópico ao gosto da Reforma Católica, que poderá ter estado na base da mudança de orago. Enquadra-se assim este templo na tipologia de edifício de culto, cuja porta axial aberta ao espaço público assinala um espaço de devoção comunitária ou patronal, enquanto elemento protetor e aglutinador do termo comunal. A sua implantação é muito expressiva: edificada segundo a orientação canónica, aproveitou parte da área agrícola para abertura dos seus alicerces. É, pois, natural que a sua origem fosse um oratório destinado à veneração de entidade cristã.



Distinguindo-se pelas suas reduzidas dimensões, não deixa, contudo, de ter capela-mor e nave única. Mais erudita, a capela-mor data seguramente dos tempos medievos. Os cachorros de proa, já góticos e idênticos aos da cabeceira da Igreja do Mosteiro de Cête (Paredes) (p. 78), permitem-nos colocar a sua edificação em finais do século XIII, se não já durante o primeiro quartel do século XIV. A cornija que estes sustentam mostra-se decorada com um motivo floral relevado e que se aproxima ao da cornija da nave da Igreja de Abragão (Penafiel) (p. 152).

Foi, seguramente, já na Época Moderna que se terá ampliado esta pequena ermida medieval, acrescentando-lhe uma nave. À linguagem mais erudita do arco triunfal, composto por silhares bem esquadriados e pelo reaproveitamento de um friso com motivos florais com talhe aproximado ao da cornija exterior, opõe-se o caráter muito vernacular do aparelho do corpo da nave.





A "POPULARIZAÇÃO" DO ROMÂNICO

A Capela da Quintã é um bom exemplo da persistência, ao longo do tempo, de um modo de construir que encontra as suas origens na época românica e que, por diversas vezes, se mostra no século XVI, refletindo uma evidente "popularização" da arquitetura românica. Adotando formas que se convertem elas próprias em intemporais, o "românico popular" acaba por assumir um caráter arcaizante, existindo uma relação inversamente proporcional entre a distância cronológica e a evolução técnica.

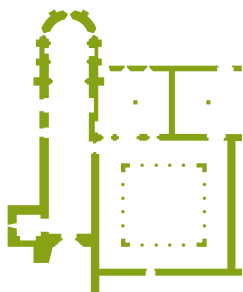
O portal principal inscreve-se na espessura do próprio muro. De perfil quebrado, não tem qualquer elemento decorativo e as suas aduelas evidenciam um perfil irregular, contrastando, por isso, com o caráter mais erudito da capela-mor. Não fora o portal sul, poderíamos dizer que os alçados da nave definem paramentos cegos. Fechada sobre si própria, a Capela da Quintã mostra-se interiormente bastante contida.



A NÃO PERDER

• 6,2 km: Circuito Aberto de Arte Pública (p. 259)

15.

MOSTEIRO**DE SÃO
PEDRO
DE CÊTE**

Largo do Mosteiro
Cête
Paredes



41° 10' 50,79" N
8° 22' 0,45" O



918 116 488



Dom. 11h



São Pedro
29 junho



Monumento Nacional
1910



P. 25



P. 25



x

A localização do Mosteiro de São Pedro de Cête, entre as melhores terras agrícolas, constitui uma atrativa lição de história. Uma visita a este Mosteiro mostra, ainda hoje, como são antigas as raízes da organização do território paroquial. Esclarece igualmente a importância que as ordens religiosas desempenharam na formação e consolidação do reino.

Nos séculos X e XI, época da Reconquista e da reorganização do território, a presença de uma igreja era o melhor signo de que o território estava organizado e povoado. Era, nesse tempo, o melhor testemunho da posse e ocupação cristã de uma terra, e uma garantia física, religiosa e psíquica para os habitantes dessa região.

A fundação do Mosteiro de Cête, que a tradição atribui a D. Gonçalo Oveques (1067-1113), tumultado na capela situada ao nível térreo da torre da fachada principal, remonta ao século X. Em 924, a documentação comprova já a sua existência, referindo, em 985, uma basílica dedicada a São Pedro, altura em que o Mosteiro se encontrava sob a proteção da família de Leoderigo Gondesendes. Os seus descendentes aliaram-se, por casamento, aos senhores de Moreira, tendo um deles, Guterre Mendes,

sido sepultado no Mosteiro de Cête. Os senhores de Moreira, que alcançaram importantes cargos políticos, detinham ainda o direito de padroado sobre os mosteiros de Moreira da Maia (Maia), de Rio Tinto (Gondomar) e de Refojos de Leça (Santo Tirso).

No entanto, a Igreja, tal como hoje se apresenta, não corresponde a épocas tão recuadas. A sua construção é já da época gótica como testemunham o arranjo da fachada, a relação entre o comprimento e a largura da Igreja, a relação entre o pé-direito da cabeceira e da nave, e a escultura dos capitéis e dos cachorros que apresenta.

Esta campanha de obras da época gótica, que pode ser datada entre o final do século XIII e o primeiro quartel do século XIV, está bem documentada na inscrição funerária do abade D. Estêvão Anes, que se encontra embutida na face interna da parede norte da capela-mor, junto do seu sarcófago.

O interior da Igreja corresponde realmente a uma espacialidade própria da época gótica. Da construção mais antiga foram reaproveitadas as primeiras fiadas da nave e, provavelmente, o portal sul que dá acesso ao claustro. Na campanha de obras dos séculos XIII-XIV foi erguida de novo a capela-mor, a nave foi aumentada em altura e em comprimento, sendo a fachada principal totalmente remodelada. Nas paredes da Igreja há uma boa quantidade de siglas, quase todas geométricas.

A cabeceira apresenta um alçado próprio da arquitetura românica, uma vez que são utilizadas arcadas-cegas para ritmar e animar a parede. Já os cachorros de proa que seguram a cornija, no exterior, são claramente da época gótica, como também o é a relação de altura entre a nave e a cabeceira. Apesar das frestas estreitas reforçarem o caráter fechado dos muros, aspeto que habitualmente reportamos à





arquitetura românica, é de assinalar que a arquitetura gótica portuguesa tem muitos exemplares, tanto na arquitetura monástica como na paroquial, que apresentam muros semelhantes aos de Cête.

Apesar da reforma da época gótica e, tal como acontece frequentemente na história da arquitetura medieval portuguesa, esta Igreja é um belo testemunho da aceitação dos padrões românicos e de quanto eles se ligaram a concepções religiosas. Se o portal norte deve ser considerado como gótico, já o portal principal retoma aspetos do românico epigonal. Por tudo isto, a Igreja de Cête é um monumento-chave para o estabelecimento de datações do românico tardio da região.

A torre de Cête, que abriga a capela funerária de D. Gonçalo Oveques, além da função de torre sineira tem um sentido simbólico que importa realçar. Incorporada na fachada, não é certamente uma torre própria para habitar. No entanto, ela também consagra uma senhoria porque o abade de um mosteiro é, na época medieval, habitualmente um nobre. O aspeto robusto e defensivo da torre tem, pois, uma motivação essencialmente simbólica.

Na época medieval, um complexo monástico era constituído por um conjunto de edifícios, cuja implantação é amplamente determinada pelo espaço ocupado pela estrutura da igreja. Por norma, o claustro e as outras dependências encostam-se à fachada sul, por ser a banda do sol, mais quente. Mas há várias exceções que se explicam por razões históricas, topográficas, ou de disponibilidade do terreno adjacente à igreja. Em Cête, o claustro e a sala do capítulo - hoje propriedade particular - construídos a sul da Igreja, testemunham algumas dessas parcelas que faziam parte dos conjuntos monásticos, embora correspondam a uma reforma já da época manuelina.

Na mesma época, a Igreja recebeu outras reformas, presentes no contraforte da fachada principal, que reforça a torre e, internamente, no arranjo da abóbada da capela funerária e do arcossólio, enquadrado por arco conopial, que alberga a arca tumular de D. Gonçalo Oveques, decorada com motivos vegetalistas. O arcossólio enquadra-se numa tipologia frequente no arranjo destes espaços funerários, própria da segunda metade do século XV e do

primeiro quartel do século XVI. O interior da capela foi ainda nobilitado por painéis de azulejos policromados. A partir dos finais do século XV e dos inícios do século XVI torna-se recorrente em Portugal o uso do revestimento azulejar, como forma de qualificação artística do espaço arquitetónico. A durabilidade desse material, aliada à forte carga decorativa que imprime aos locais onde é aplicado, explica a generalização desse gosto. A capela de D. Gonçalo Oveques conserva bons testemunhos de azulejo hispano-mourisco. Sendo o seu arranjo arquitetónico do final do século XV ou do início do século XVI, o revestimento azulejar datará da mesma época. O conjunto é composto por silhares de padronagem diferenciada - fitomórfica, geometrizante e laçarias - num cromatismo que utiliza o azul, o verde e o castanho, aplicado sobre fundo branco, cobrindo diversas partes da capela.

Esses painéis são delimitados por cercaduras de desenho geométrico simplificado. O túmulo do abade Estêvão Anes, com estátua jacente, foi executado em granito. Trata-se de uma produção local a que as características do granito, rocha de difícil tratamento, bem como a pouca habilidade do autor, imprimiram um caráter estático. O abade tem a cabeça, com mitra, apoiada em duas almofadas. Traja vestes de eclesiástico, de pregas retas muito convencionais no seu tratamento plástico, e segura o báculo com a mão direita. O rosto corresponde a uma representação dura e estereotipada, muito distante da que já então se praticava em Portugal, tanto na região Centro, que aproveita várias qualidades de calcário, desde Coimbra a Lisboa, como em Évora onde o mármore fornece material de resultados bem mais aprimorados.



Entre os anos de 1881 e 1882, a Igreja do Mosteiro foi alvo de obras de restauro, que mostram o seu estado deplorável àquela época, devendo-se a iniciativa à Junta de Paróquia. As obras de restauro iniciadas na década de 30 do século XX, levadas a cabo pela Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, conferiram ao conjunto monástico o aspeto que atualmente apresenta. Iniciaram-se com a demolição de todos os elementos arquitetónicos que ocultavam a edificação primitiva, a saber: demolição da sacristia e arrecadações que encobriam parte da fachada norte, obra da Época Moderna; remoção das escadarias em pedra que, ao longo da fachada norte, davam acesso ao primeiro andar do referido edifício; destruição de um dos pavimentos da torre;

reabertura da primitiva porta da fachada norte e conseqüente restauro; arranjo dos túmulos medievais que se encontravam debaixo da escadaria e sua recolocação no claustro; demolição do andar construído para habitação sobre a sala do capítulo. No interior da Igreja, as obras constaram de remoções e reconstituições, nomeadamente: remoção do púlpito e dos quatro altares que obstruíam a nave; reconstituição dos colunelos, das molduras e de duas frestas da capela-mor com base no modelo da única fresta que se considerou intacta; diminuição e reconstrução do espaço do coro alto, com o aproveitamento do primitivo acesso da torre; consolidação dos respetivos muros; restauro do contraforte da fachada norte da torre e coroamento da mesma.





SÃO SEBASTIÃO

No interior da nave da Igreja, no lado sul, e dentro de um arcossólio, resta um vestígio de uma pintura mural, que representa *São Sebastião* cravejado de setas. Deverá datar do segundo quartel do século XVI. Esta pintura, apesar do seu estado residual, merece ser referida no quadro das devoções dos finais da Idade Média e da primeira metade de quinhentos. No levantamento que se efetuou da pintura mural portuguesa das épocas acima referidas, constatou-se que o santo mais representado é precisamente São Sebastião o que corresponde, aliás, ao grande número de esculturas de vulto deste santo, do mesmo período, que chegaram aos nossos dias.

São Sebastião, cujo martírio terá ocorrido em 288, era considerado o terceiro orago de Roma (Itália) e é, sem dúvida, um dos santos mais populares em Portugal, como por toda a Europa, durante a Idade Média. Esta grande popularidade deve-se, essencialmente, ao poder antipestífero que lhe era atribuído, embora não esteja totalmente esclarecida a origem desta sua qualidade. De qualquer forma, ter-se-á firmado a crença de que, tal como as flechas disparadas pelos algozes não foram capazes de matar Sebastião, também a peste e outras doenças, vistas como flechas que vindas do exterior entravam no corpo, não seriam capazes de introduzir a peste no corpo de cada um.

A proteção do santo, numa época de tantas e endémicas epidemias, a evocação e a devoção que lhe eram prestadas, eram vistas como uma eficaz proteção contra as doenças. Esta proteção e valor profilático estenderam-se às doenças que atacavam as culturas agrícolas. É curioso verificar que, no século XIX, São Sebastião irá ser evocado como protetor das videiras contra a filoxera, a peste da vinha, mostrando quanto o seu poder antipestífero estava bem arreigado na crença.



A NÃO PERDER

• 4,8 km: Minas de Ouro de Castromil (p. 259)

16.

TORRE DO CASTELO DE AGUIAR DE SOUSA



Travessa do Castelo
Aguiar de Sousa
Paredes



41° 7' 26.05" N
8° 26' 18.76" O



918 116 488



×



×



Monumento de
Interesse Público, 2012



P. 25



Acesso livre



×

A Torre do Castelo de Aguiar de Sousa é muito prestigiada na memória coletiva da região, não propriamente pelos diminutos vestígios da construção que se conservam, mas por razões de índole simbólica e histórica.

Segundo a tradição, o Castelo foi atacado por Almançor (938-1002) em 995, no contexto das guerras da Reconquista. Encabeçou uma terra no processo da reorganização do território decorrido ao longo do século XI, e um importante julgado, já no século XIII.

O local de implantação, do que resta de uma antiga estrutura fortificada, acusa as preocupações de defesa do território. De acesso difícil, rodeado por montes mais altos que lhe retiram visibilidade, o Castelo de Aguiar de Sousa situava-se na rede defensiva do território, a que os reis asturianos deram particular atenção.

Em envolvente natural, a base da Torre testemunha uma estrutura de planta quadrangular, descentralizada dos vestígios do contorno da muralha, esta de forma ovaloide.

No século XII, o Castelo de Aguiar não deveria possuir ainda a Torre, embora seja já próprio do castelo da época românica a existência da torre de menagem no interior da cerca amuralhada superior.

Aguiar de Sousa desempenhou, desde muito cedo, um papel importante na região apresentando-se como um dos mais poderosos julgados do Entre-Douro-e-Minho, gozando de um considerável poderio e riqueza.

Nas *Inquirições de 1220*, os rios Ferreira e Sousa e os afluentes Eiriz e Mesio delimitavam o julgado. O território abrangido por este era muito vasto, desde o Porto até às proximidades de Penafiel, compreendendo todas as freguesias do atual concelho de Paredes (exceto Recarei) e mais

42 freguesias dos concelhos limítrofes, ou seja: oito de Gondomar e sete do concelho de Lousada; do concelho de Paços de Ferreira, 14 freguesias figuravam no território do julgado de Aguiar de Sousa, exceto as de Frazão, Penamaior e Seroa, que pertenciam ao extinto concelho de Refoios de Riba d'Ave; as outras 13 eram do concelho de Aguiar de Sousa, isto é, quase todo o atual concelho de Paços de Ferreira, a que se juntavam três freguesias do concelho de Valongo.



O CASTELO ROMÂNICO

O castelo românico caracteriza-se por constar de uma cerca com um reduzido flanqueamento e uma torre central, a torre de menagem, símbolo da senhoria castelã. Os muros da cerca procuravam principalmente travar o acesso à parte interior e o consequente assalto à torre de menagem que, isolada no centro do recinto, servia de residência temporária do senhor.



INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

As sondagens arqueológicas realizadas em 2013, na área envolvente à Torre, constatarem a existência de uma necrópole da época medieval, caracterizada por sepulturas escavadas na rocha, bem como a presença de um conjunto cerâmico de uso doméstico (fragmentos de ânfora e panelas), com tipologias atribuíveis à época romana. Foram recolhidas igualmente algumas peças de tradição castreja, como os típicos vasos de suspensão de asa interior, assim como fragmentos de cerâmica comum, de provável cronologia medieval, e uma moeda de cobre (ceitil), datada dos séculos XV-XVI.



A NÃO PERDER

- 3,3 km: Parque da Senhora do Salto (p. 258)

17.

ERMIDA DA NOSSA SENHORA DO VALE



Largo Vitorino Leão
Ramos, Cête
Paredes



41° 10' 33.06" N
8° 20' 58.03" O



918 116 488



Sáb. 19h



Senhora do Vale
8 setembro



Imóvel de Interesse
Público, 1950



P. 25



P. 25



x

A localização desta Ermida, em convidativa paisagem, onde corre uma ribeira em vale aberto e plano - hoje ocupado pelas culturas arvenses e pela vinha - explica a evocação de Nossa Senhora do Vale, mostrando quanto a sua fundação está ligada aos interesses agrícolas da população. A Ermida é composta por nave retangular e cabeceira quadrangular, ligadas pelo arco triunfal. A cobertura da nave é feita com madeira enquanto a da cabeceira, presentemente também de madeira, foi inicialmente pensada para receber abóbada de cruzaria de ogivas. As nervuras remanescentes apoiam-se em mísulas de recorte manuelino. Exteriormente, os contrafortes dos ângulos da cabeceira atestam um modo de construir próprio do final do século XV e do primeiro quartel do século XVI, bem como a planimetria quadrangular que esta cabeceira apresenta. O vão que dá acesso à sacristia apresenta uma moldura igualmente datável da época manuelina.

O alpendre que se encosta à fachada principal é de uma época posterior, embora a presença de mísulas num nível superior da mesma fachada indicie a existência de um alpendre mais antigo. A presença do púlpito no exterior da Ermida deve ser entendida no âmbito da romaria, já

que a grande afluência de fiéis obrigava à celebração ao ar livre. Tanto o púlpito, no exterior, são comuns a este tipo de capelas devocionais.

A construção desta Ermida poderá datar já do início do século XVI, como indica a cabeceira, ou do final do século XV. O arranjo do portal e a escultura que apresenta

mostram, no entanto, como a resistência dos motivos românicos se prolongou no tempo, sendo este um dos aspetos mais interessantes desta Ermida quando analisada no contexto da arquitetura religiosa da bacia do Sousa, embora este fenómeno seja comum a todo o Norte e Centro de Portugal.



AS ERMIDAS

A motivação da construção de pequenas ermidas está habitualmente associada não somente à prática da vida eremítica mas, e mais nuclearmente, à devoção e aos itinerários de santidade. Localizadas em locais ermos, estas capelas ou ermidas, implantam-se com frequência nos limites das paróquias, como polos devocionais das populações circundantes. As festas e romarias mais populares, onde se encontram as mais expressivas e notórias vivências de religiosidade popular, são vividas, não em igrejas catedrais ou paroquiais, mas, sistematicamente, em capelas, ermidas ou santuários. Ninguém melhor que Carlos Alberto Ferreira de Almeida compreendeu e estudou estas práticas devocionais e a sua relação com o local de implantação de capelas e ermidas: "As razões pelas quais se preferem, para vivências religiosas de romaria e promessas, as ermidas às igrejas paroquiais têm de ser poderosas, e serão múltiplas e complexas. Não é certamente porque as capelas possam responder melhor a novas devoções porque, se não é fácil mudar o patrono de freguesia, não é difícil acrescentar um altar lateral na igreja paroquial, como a prática bem mostra. Uma gama de razões diz respeito ao aspeto paisagístico do local eleito para implantação da capela, escolhido por ser ameno, por ser dominante ou por ser espaço invulgar. Não é por acaso que nos sítios mais deslumbrantes, ou mais aprazíveis, encontramos sistematicamente ermidas".

A PINTURA MURAL

Na parede testeira da cabeceira subsistem os vestígios da pintura mural que ladeava, originalmente, toda a área do nicho onde está colocada a imagem do orago.

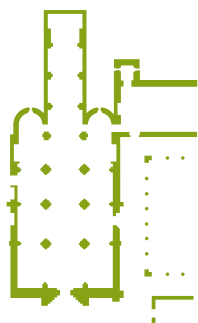
São ainda visíveis as representações de *anjos músicos*. A pintura remanescente indicia a presença de uma oficina de grande qualidade, dada a bidimensionalidade da figuração e o desenho do rosto dos anjos. Encontram-se afinidades entre este programa e a pintura que Arnaus realizou na igreja de Midões (Barcelos), datada de 1535.

Os vestígios da representação de um *anjo* na parede sul (em arco entaipado) da Igreja do Mosteiro de Pombeiro (Felgueiras) (p. 30), também são semelhantes aos da Ermida do Vale, bem como o programa pictórico da Igreja de Vila Verde (p. 49), também em Felgueiras. A autoria do programa desta Ermida poderá, pois, ser atribuída à oficina do pintor Arnaus, devendo a sua datação situar-se entre 1530 e 1540. O pintor Arnaus foi o mais interessante fresquista com obra conhecida do Renascimento português, dominando efeitos plásticos de grande virtuosismo técnico.



18.

MOSTEIRO DO SALVADOR DE PAÇO DE SOUSA



Largo do Mosteiro
Paço de Sousa
Penafiel



41° 9' 57.39" N
8° 20' 41.08" O



918 116 488



Sáb. 21h
Dom. 7h30 e 11h



Divino Salvador
6 agosto



Monumento Nacional
1910



P. 25



P. 25



Sim

O Mosteiro do Salvador de Paço de Sousa é um monumento assaz importante para a compreensão da arquitetura românica do Vale do Sousa. As suas singulares características, tanto ao nível da arquitetura como da escultura, e o facto de conservar o túmulo de Egas Moniz (1080-1146), aio de D. Afonso Henriques (r. 1143-1185), fazem deste velho mosteiro beneditino um dos mais apelativos e prestigiados testemunhos da arquitetura românica portuguesa.

A Igreja apresenta um modo muito próprio de decorar, tanto pelos temas que utiliza como pelas técnicas empregues na escultura. Esta escultura, típica das bacias do Sousa e do Baixo Tâmega, adota colunas prismáticas nos portais, bases bolbiformes, emprega padrões decorativos vegetalistas talhados a bisel e desenvolve longos frisos no interior e no exterior das igrejas, à maneira da arquitetura das épocas visigótica e moçárabe.

Paço de Sousa foi, neste contexto, um edifício-padrão onde as tradições locais e as influências do românico de Coimbra e do Porto se miscigenaram, padronizando o tipo de "românico nacionalizado" das bacias do Sousa e do Baixo Tâmega.

Paço de Sousa tem origem na fundação de uma comunidade monástica que remonta ao século X. A mais antiga referência documental data de 994. Nesta época, o Mosteiro, fundado por Trute-sendo Galindes e sua mulher Anímia, deveria seguir os costumes monásticos peninsulares, tendo adotado a regra de São Bento durante o abaciado de Sisnando, entre 1085 e 1087.

Data de 1088 o testamento de Egas Ermiges e de sua mulher Gontinha Eriz que, tendo em vista a salvação das suas almas, doam bens móveis e imóveis à Igreja do Salvador, sagrada por D. Pedro, bispo de Braga. Esta Igreja não corresponde ao atual templo românico, mas tudo indica que a sua arquitetura deixou marcas na construção que viria a ser erguida no século XIII. Este Mosteiro foi cabeça de um couto doado pelo conde D. Henrique (1066-1112), tendo vindo a tornar-se um dos mais afamados mosteiros beneditinos, com ligação à importante família do Entre-Douro-e-Minho, os Ribadouro, da qual provém Egas Moniz, a quem a tradição atribui a fundação do Mosteiro.

A família dos Gascos de Ribadouro deverá ser de ascendência estrangeira. O primeiro representante da família, Mónio Viegas I, seria originário da Gasconha (na atual França), informação transmitida pelos livros de linhagens. Esta família conseguiu senhorear-se de quase todos os mosteiros da região, a oriente do Sousa, ou seja, Paço de Sousa, Valpedre (Penafiel), [Al]Pendorada, Vila Boa do Bispo (p. 163), Vila Boa de Quires (p. 168) e Tuíás, estes quatro no concelho de Marco de Canaveses. Neste contexto, o padroado do Mosteiro de Paço de Sousa passará para os descendentes da filha dos fundadores, Vivili, ou seja, para Egas Ermiges (1071-1095) e para Egas Moniz, o Aio. O templo apresenta parcelas de diferentes épocas. Há frisos e outros elementos reaproveitados de uma construção mais antiga, que deverão datar da segunda metade do século XII, e ainda outros de nítido recorte pré-românico que inspiraram os artistas que trabalharam no estaleiro do século XIII.





A Igreja de Paço de Sousa apresenta três naves, falso transepto inscrito na planta e coberturas de madeira assentes em arcos-diafragma. A cabeceira é composta por três capelas que comunicam entre si: as laterais, de secção semicircular (absidiolos), à maneira românica, e a central, de planta retangular, resultado de uma alteração da Época Moderna.

A nova construção iniciada pelo lado ocidental desenvolveu-se em função da Igreja preexistente. Deste modo, é possível destacar uma primeira fase que corresponde ao primeiro tramo ocidental e ao portal axial, cujos elementos, nomeadamente capitéis e cachorros, apresentam um perfil mais antigo relativamente aos restantes: uns de nítida inspiração coimbrã ou da sé portuense, outros de diversos locais.

Uma segunda fase está patente no portal sul que, comparativamente ao portal ocidental da primeira fase, se apresenta menos arcaico. O tramo mais a ocidente, da primeira fase, é mais largo e mais alto, contrastando com os tramos mais apertados e baixos da segunda fase, o que comprova a redução das dimensões do projeto inicial.

No que diz respeito a uma terceira fase são de destacar, na cabeceira, os absidiolos cobertos por abóbada de berço quebrado, pelo facto de apresentarem elementos bastante evoluídos dentro do românico, nomeadamente nas suas frestas, semelhantes às da capela-mor da Igreja do Mosteiro de Cête (Paredes) (p. 78), datáveis dos inícios do século XIV.

Uma quarta e última fase de construção desta Igreja pode ser vista na cobertura do transepto e na torre sobre o cruzeiro que, pelo seu perfil indiscutivelmente tardio, lembra já a arquitetura gótica mendicante. Na parcela do muro do transepto do lado norte, foram integrados frisos e impostas muito anteriores à construção do século XIII. Nas frestas dos absidiolos, as molduras apresentam aspeto moçárabe. Alguns capitéis, como os do absidiolo do lado sul, com folhas salientes, têm igualmente nítidas recordações moçárabes.

Os elementos de revivalismo proto ou pré-românico, como os frisos de decoração vegetalista com talhe a bisel que se estendem ao longo dos muros, tanto no interior como no exterior, resultam da inspiração nos motivos e perfis das impostas pré-românicas.

A utilização dos arcos-diafragma nas naves é igualmente um elemento que recorda a espacialidade das igrejas pré-românicas peninsulares.

Na face exterior da parede sul da nave, junto da porta de acesso ao claustro, conserva-se uma inscrição funerária. Esta epígrafe, datada de 1202, reporta-se a D. Mónio Ermiges, abade de Paço de Sousa que pertenceu à família patronal do Mosteiro.

No interior da Igreja é possível identificar alguns elementos resultantes da reforma ocorrida durante a Época Moderna. O espaço da capela-mor, estreito e profundo, passou por várias campanhas de obras, de que é exemplo a intervenção de meados do século XVIII, durante o governo do abade frei Manuel das Neves. No que diz respeito ao retábulo-mor é evidente que o seu desenho e decoração indicam já uma cronologia bastante tardia dentro do período moderno, pois é notória uma miscigenação entre o gosto rococó

e o emergente gosto neoclássico, que viria a afirmar-se definitivamente junto à passagem do século XVIII para o século XIX. O claustro e o que resta do edifício monástico correspondem às reformas dos séculos XVII e XVIII.

O Mosteiro recebeu importantes obras de restauro no século XIX, da responsabilidade do Ministério das Obras Públicas, que decorreram entre 1883 e 1887. Entre os anos de 1920 e 1924 foram realizadas intervenções também a cargo daquele Ministério, tendo sido prioritária a recuperação das coberturas e muros. O incêndio de 1927, com origem nas dependências monásticas, estendeu-se ao corpo da Igreja, destruindo a cobertura, dois altares, adornos e objetos litúrgicos e algumas cantarias ornamentadas. Ainda no mesmo ano principiaram as obras de restauro, desta feita já a cargo da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, prolongando-se até 1938.



CAPELA DO CORPORAL

Demolida em 1605, dispunha-se de forma contígua à atual Igreja românica, na banda do norte, com a qual comunicava pelo topo do transepto, como atesta frei Leão de São Tomás na obra *Beneditina lusitana*. Aqui foi sepultado Egas Moniz, cujo túmulo aí permaneceu até à sua demolição, altura em que frei Martinho Golias, devido ao preocupante estado de degradação, mandou demolir a capela. João de Barros dá-nos notícia, em meados do século XVI, tanto da existência da capela do Corporal, como do túmulo de Egas Moniz que, àquela data, ainda ali se mantinha. Terá sido erguida nos finais do século XI, coeva da sagração da anterior igreja pelo bispo D. Pedro, em 1088. Esta capela foi o principal panteão da família dos Ribadouro, embora vários elementos desta linhagem tivessem escolhido outras igrejas como local de tumulação.



TÚMULO DE EGAS MONIZ

Com a demolição da capela do Corporal, o túmulo de Egas Moniz foi trasladado para o interior da capela-mor da Igreja, juntamente com os dos seus filhos, ficando o do pai do lado do Evangelho e o dos filhos do lado da Epístola.

Nesta operação, segundo dita a ata da transladação, descobriu-se que o túmulo havia sido mexido anteriormente, pois não se encontravam lá todos os ossos. Apenas os braços, as pernas e parte da cabeça, acompanhados dos ferros das armas e da bainha da espada, foram então encontrados. Segundo o cronista da ordem, frei Leão de São Tomás, os ossos correspondiam a um homem de grande estatura, o que surpreendeu o abade Golias aquando da cerimónia de transladação.

Finalmente, aquando dos restauros da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, em 1929, os túmulos foram reconstruídos, resultando na caixa tumular dupla que hoje se guarda no interior da Igreja, perto do portal principal.





Egas Moniz pertenceu a uma das mais poderosas estirpes da nobreza do Entre-Douro-e-Minho. Filho de Mónio Ermiges de Ribadouro e de D. Oroana, casou com D. Doroteia ou Mor Pais e, depois, com D. Teresa Afonso, fundadora do mosteiro cisterciense de Salzedas (Tarouca). Foi "tenens" de São Martinho de Lamego, de Neiva, de Sanfins e de Parada. Foi mordomo-mor da Cúria, com algumas interrupções, entre 1136 e 1145. O seu feito enquadra-se no cerco leonês a Guimarães (1127), tendo Egas Moniz logrado que o exército de Leão levantasse o cerco, sob a promessa de que D. Afonso Henriques prestaria vassalagem ao rei de Leão, D. Afonso VII. À falta de cumprimento desta promessa por parte de D. Afonso Henriques, Egas Moniz apresentou-se ao rei D. Afonso VII, em Toledo, com a sua mulher e os filhos levando cordas ao pescoço, oferecendo a sua vida e a da sua família ao rei leonês, como preço do perjúrio.

No cenotáfio mais tardio é novamente contada, de forma desenvolvida e com assinalável qualidade plástica, esta tradição. Este cenotáfio, que deverá relacionar-se com a autovalorização do trovador João Soares Coelho, descendente por linha bastarda de Egas Moniz, datará de meados do século XIII. Os relevos esculpidos aparecem já perspetivados e com movimento, o que faz deste exemplar um momento significativo na evolução da escultura funerária portuguesa.

Deste novo cenotáfio conservam-se dois faciais de topo e um lateral. No facial dos pés é representada a cena da morte santa, assistida. Egas Moniz está deitado numa cama, saindo-lhe pela boca uma figura nua que representa a sua alma eleita, que é recolhida por dois anjos. Ao lado estão figuradas quatro mulheres a chorar que, à maneira da iconografia medieval, arrancam os cabelos em sinal de dor. No facial menor celebram-se as exéquias fúnebres de Egas Moniz, através da representação de uma cena composta por um bispo, identificado pela mitra e pelo báculo, e por dois homens que depositam o cadáver no sarcófago, acompanhados de duas carpideiras, pouco perceptíveis.

Na face lateral é representada a viagem a Toledo com desenvoltura técnica, em médio e alto-relevo. As tampas do duplo túmulo apresentam-se em duas águas. Na mais antiga consta a inscrição funerária datada de 1146: HIC : REQUIESCIT : F(amu)LusS : DEI : EGAS : MONIZ : VIR : INCLITVS / ERA : MILLESIMA : [ce]JENTESIMA : ZXXXII [II].



A NÃO PERDER

• 6,4 km: Quintandona - Aldeia de Portugal (p. 263)

19.

MEMORIAL DA ERMIDA



Avenida da Ermida
Irivo
Penafiel



41° 10' 10.36" N
8° 19' 48.59" O



918 116 488



x



x



Monumento Nacional
1910



P. 25



Acesso livre



x

O Memorial da Ermida é um monumento de notável interesse que merece uma visita. Corresponde a uma tipologia de monumento de que restam unicamente seis exemplares em todo o território nacional.

Encontra-se hoje descontextualizado da antiga rede viária medieval, com a qual deve ser relacionado e entendido. Estava originalmente localizado junto à estrada velha que, saindo do Porto, atravessava a freguesia de Paço de Sousa, passava pela ponte do Vau, seguindo depois para nascente, já dentro dos limites da paróquia medieval de Santa Maria de Coreixas, posteriormente integrada na de Irivo.

A função deste tipo de monumentos, embora não esteja ainda totalmente esclarecida, deverá relacionar-se tanto com a colocação de túmulos, como com a evocação da memória de alguém, como ainda com a passagem de cortejos fúnebres. Habitualmente situados em caminhos ou cruzamentos de vias, eles consagram lugares de passagem, que o homem sempre necessitou de simbolizar.

O monumento apoia-se sobre uma base pétrea retangular, onde foi aberta a cavidade sepulcral que, segundo Abílio Miranda, era antropomórfica.



O remate superior inclui um friso onde foram esculpidas folhas tratadas a bisel, segundo a técnica do *atelier* de pedreiros que, em meados do século XIII, trabalhou no estaleiro do Mosteiro de Paço de Sousa (p. 90), também em Penafiel. As características estilísticas patentes na decoração do Memorial da Ermida sugerem uma cronologia em torno de meados do século XIII.

OS MEMORIAIS

Os Memoriais da Ermida (Penafiel), Sobrado (Castelo de Paiva) (p. 104), Alpendorada (Marco de Canaveses) (p. 147), Santo António (Arouca) e Lordelo (já desaparecido, em Baião) estão, segundo a lenda, relacionados com a Beata D. Mafalda (1195-1256) (p. 158), filha de D. Sancho I (r. 1185-1211). São tradicionalmente referidos como pontos de paragem no traslado do seu corpo para o mosteiro de Arouca.

Conta a lenda que D. Mafalda, devota da Nossa Senhora da Silva, na sé do Porto, se deslocou em visita àquela imagem, acompanhada do seu séquito, morrendo na viagem de regresso, em Rio Tinto (Gondomar), a 1 de maio de 1257. Ao longo do percurso desta viagem, segundo consagra a lenda, foram erguidos marmoirais destinados ao pouso do féretro da infanta durante a viagem até ao mosteiro de Arouca, que reformou e onde foi sepultada.



A NÃO PERDER

- 3,0 km: Honra de Barbosa (p. 261)
- 4,4 km: Castro de Monte Mozinho (p. 262)
- 6,1 km: Magikland (p. 263)
- 6,5 km: Museu Municipal de Penafiel (p. 262)
- 6,7 km: Quinta da Aveleda (p. 261)

PERCURSO

VALE DO DOURO

- 23 Igreja de São Miguel de Entre-os-Rios
- 24 Marmoiral de Sobrado
- 25 Igreja de Nossa Senhora da Natividade de Escamarão
- 26 Igreja de Santa Maria Maior de Tarouquela
- 27 Igreja de São Cristóvão de Nogueira
- 28 Ponte da Panchorra
- 29 Mosteiro de Santa Maria de Cárquere
- 30 Igreja de São Martinho de Mouros
- 31 Igreja de Santa Maria de Barrô
- 32 Igreja de São Tiago de Valadares
- 33 Ponte de Esmoriz
- 34 Mosteiro de Santo André de Ancede
- 35 Capela da Senhora da Livração de Fandinhães
- 36 Memorial de Alpendorada



23.

IGREJA DE SÃO MIGUEL DE ENTRE- -OS-RIOS



Largo de S. Miguel
Entre-os-Rios, Eja
Penafiel



41° 5' 0.12" N
8° 17' 57.94" O



918 116 488



Dom. 10h30



São Miguel
29 setembro



Monumento Nacional
1927



P. 25



P. 25



x

Visitar a Igreja de São Miguel de Entre-os-Rios, implantada no final da margem direita do rio Tâmega, e apreciar a paisagem envolvente são excelentes razões para entender quanto a localização de um templo é um notável testemunho de civilização.

Esta Igreja situa-se num importante território da época da Reconquista, que se enquadra na reorganização político-militar conduzida pelo rei Afonso III das Astúrias com o objetivo de criar condições de segurança que permitissem a fixação da população no vale do Douro.

A região do Baixo Tâmega pertencia, nos primórdios da Reconquista, em grande parte, ao território da “civitas” de Anegia. Segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida, o rio Douro era já nessa época uma importante via fluvial. Este território era ainda atravessado por dois importantes caminhos que ligavam o Norte ao Sul.

A criação do território de Anegia está documentada em cerca de 870, sendo do mesmo período das presúrias de Portucale (868) e de Coimbra (878). No âmbito destas presúrias, foram escolhidos pontos estratégicos nos quais se criaram fortalezas e se estabeleceram os “comites”, representantes dos reis asturo-leoneses, de forma a garan-

tir a segurança e a fixação das populações em áreas fronteiriças, sempre ameaçadas pelas razias muçulmanas.

O território da “civitas” de Anegia corresponde a um corredor natural, orientado a noroeste-sudeste e definido a oriente pelo Marão e Montemuro, a sul pelo maciço da serra da Freita e a ocidente por uma cumeada que na Idade Média era designada de Serra Sicca. Esta barreira natural era fortificada sobre o rio Douro pelo Monte do Castelo, em Broalhos, e pelo Alto do Castelo, em Medas (Gondomar). Sobre o rio Sousa dominava o Castelo de Aguiar de Sousa (Paredes) (p. 84), tomado por Almançor em 995, e sobre o rio Ferreira o Alto do Castelo, em Campo (Valongo). Entre os inícios e os meados do século XI regista-se uma fragmentação do território com origem tanto no abrandamento das razias muçulmanas, como na pressão social exercida pelas famílias de infanções, desejosas de uma maior repartição de

poderes militares, administrativos e judiciais, o que conduziu à divisão do território numa série de “terras”, cada uma encabeçada por um castelo. São estas poderosas razões que conferiam à região uma importante posição estratégica, sendo dominada por uma das mais notabilizadas famílias portugalenses, os Ribadouro.

A primeira referência documental à Igreja de São Miguel é mencionada no *Livro de Testamentos de Paço de Sousa*. O documento, que datará de 1095, refere uma doação de parte da Igreja àquele Mosteiro (Penafiel) (p. 90).

À escolha do orago São Miguel não deve ter sido alheio o ambiente da Reconquista e da reorganização do território. Eram muito cultuados e evocados, nesta época, os santos guerreiros e triunfantes, como o arcanjo São Miguel, chefe do Exército Celeste. Contudo, a atual Igreja não corresponde a uma época tão tardia. Terá sido alvo de uma reforma que data do século XIV.





É um exemplar que se insere no “românico de resistência”, característica que tanto marca outras igrejas românicas da área do Baixo Tâmega. Neste templo foram empregues soluções do “gótico rural” - como é visível no tipo de decoração vegetalista, tanto do arco cruzeiro como do portal norte - concomitantemente com soluções construtivas próprias da época românica. Os portais não apresentam colunas nem tímpanos e os arcos são sistematicamente quebrados. A Igreja não tem capitéis e o recurso às impostas como suporte para os arcos, assim como o uso de elementos decorativos de folhagens geometrizadas e feitas a bisel, como é o caso das folhas de videira tão frequentes no românico tardio, são outros aspetos que situam esta Igreja numa cronologia próxima da época gótica, embora a persistência das formas românicas esteja aqui presente. A planta segue o esquema habitual de nave única e cabeceira retangulares. A cabeceira original foi alongada, no âmbito das reformas do espaço litúrgico ocorridas durante o século XVIII, e também alteada, uma vez que, por norma, as cabeceiras medievais são mais baixas do que a nave. Aliás, como o arco cruzeiro original foi mantido, a cabeceira apresenta-se muito

reservada relativamente à nave, criando uma espacialidade peculiar que o magnífico retábulo-mor mais enfatiza.

A Igreja é construída em blocos de granito aparelhado, em fiadas pseudo-isódomas. Chama-se a atenção para o curioso facto de os blocos de granito desta Igreja não conterem siglas na sua quase totalidade, já que é habitual, em edifícios da mesma época, uma maior presença de marcas de canteiro e de marcas de posição. Apenas uma sigla de um canteiro foi encontrada, num dos blocos do muro da fachada principal.

A fachada principal apresenta um portal muito simplificado, rematado por arco apontado e assente em impostas. Todo o remate superior da fachada é feito em empena com cruz no vértice, e está coroado nos flancos por dois pináculos do século XVIII.

Nesta empena estaria o campanário medieval, como demonstram as marcas da corda ou corrente de tocar o sino, visível sobre o portal principal. As fachadas laterais apresentam uma sequência de cachorros que sustentam o lacrimal do telhado e que, pelo seu formato, grande dimensão e ausência de escultura, anunciam um modo de construir tardio, sugerindo contudo recordações do estilo românico.

O portal norte, em arco quebrado, recebeu uma decoração mais rica do que o portal principal, estando enquadrado por arquivolta decorada com motivos em ponta de diamante e folhas de oito pétalas geometrizadas e feitas a bisel, em semelhança com o arco cruzeiro do interior da Igreja, elementos que o enquadram no românico tardio e no gótico regional.

O interior da Igreja apresenta uma nave com cobertura de madeira, separada da cabeceira por arco cruzeiro de vão quebrado, que dá acesso à capela-mor, assente em imposta, sem colunas, e decorado com elementos vegetalistas.

Na parede norte da capela-mor subsiste um arcosólio do tempo da Igreja medieval, destinado a abrigar um túmulo, o qual foi parcialmente cortado pela im-

plantação de uma porta, na campanha de obras da Época Moderna. No interior há outros elementos que acusam intervenções datadas dos séculos XVII, XVIII e XIX, como os altares, o púlpito e os vãos de iluminação.

A campanha de restauro da Igreja de São Miguel de Entre-os-Rios teve início no ano de 1936. Inicialmente, o projeto previa obras de maior dimensão que não foram concretizadas. As obras de restauro incluíram a reparação de coberturas, a limpeza de rebocos, a substituição de janelas e de frestas, o lajeamento de pavimentos, a redução da capela-mor com deslocação do altar-mor, o entaipamento de uma porta, o desentaipamento de frestas e a demolição do campanário e da escada de acesso.



ARQUITETURA ROMÂNICA TARDIA

Esta Igreja, também conhecida por Igreja de São Miguel de Eja, faz parte de um vasto grupo de exemplares de peculiar arquitetura românica tardia que pontuam a paisagem da bacia do Baixo Tâmega, como as Igrejas de Abrugão (p. 152), de Boelhe (p. 156) e de Cabeça Santa (p. 159), em Penafiel, de Santo Isidoro (p. 173), de Tabuado (p. 188), de Vila Boa de Quires (p. 168), de Sobretâmega (p. 176), de São Nicolau (p. 179) e de Vila Boa do Bispo (p. 163), no Marco de Canaveses.

24.

MARMOIRAL DE SOBRADO



Rua da Boavista
Sobrado
Castelo de Paiva



41° 2' 34.00" N
8° 16' 12.29" O



918 116 488



x



x



Monumento Nacional
1950



p. 25



Acesso livre



x

Habitualmente designado de Marmoiral da Boavista, este monumento apresenta uma tipologia diferente dos Memoriais da Ermida (Penafiel) (p. 96) e de Alpendorada (Marco de Canaveses) (p. 147), uma vez que não apresenta arco.

É formado por duas cabeceiras verticais de terminação discoide, com cruces latinas gravadas em cada face, onde se apoiam duas lajes horizontais. A superior é retangular e a inferior, correspondente a uma tampa sepulcral, apresenta formato convexo na superfície. Sobre a laje superior está gravada uma cruz dentro de um triângulo. Na laje inferior foi gravada uma longa espada e uma cruz grega, inscrita em círculo. O elemento da cruz dentro de um círculo é comum na época românica, tanto na tumulária como nas paredes das igrejas. Nas faces externas de ambas as lajes foram também gravadas espadas.

Embora seja complexa a datação deste monumento, uma vez que a sua estrutura tem uma expressão diversa dos outros memoriais, não permitindo comparações tipológicas, o Marmoiral de Sobrado tem sido datado de meados do século XIII.



LENDA DE SANTO ANTÓNIO

Segundo a tradição, em Sobrado, vivia D. Martim de Bulhões que, ainda muito jovem, se enamorou de Maria Teresa Taveira. D. Gil, pai de Maria, quis que D. Martim fosse à guerra antes do casamento com a sua filha. Destemido e aventureiro, D. Martim aceitou o repto e armou-se cavaleiro antes de partir para Lisboa. Integrou uma cruzada liderada pelo rei D. Sancho I (r. 1185-1211), organizada para conquistar Silves, acabando cativo dos mouros.

Após o falecimento do seu pai, D. Maria começou a ser perseguida por D. Fafes, um cruel e rico homem, Senhor da Raiva, que com ela queria casar.

Entretanto, o capelão de Paços de Godim conseguiu a libertação de D. Martim, que se apressou a regressar, coincidindo a sua chegada com o dia em que D. Fafes decidiu tomar pela força a bela Maria.

Os dois rivais encontraram-se junto aos Portais da Boavista, local onde se encontra hoje o Marmoiral de Sobrado, envolvendo-se num duelo, do qual saiu vitorioso D. Martim. Em memória desse feito, D. Martim mandou erguer no local a sepultura ou o "memória" de D. Fafes.

D. Martim e D. Maria casaram e tiveram um filho: Santo António de Lisboa (c. 1195-1231).



A NÃO PERDER

- 4,0 km: Percurso "Viver o Douro" (p. 265)
- 4,6 km: Ilha do Castelo (p. 264)
- 12,8 km: Miradouro de São Domingos (p. 265)

25.

IGREJA**DE NOSSA
SENHORA DA
NATIVIDADE
DE
ESCAMARÃO**

Rua de São Miguel
Escamarão, Souselo
Cinfães



41° 3' 57.66" N
8° 15' 25.45" O



918 116 488



Dom. 9h30



Nossa Senhora da
Natividade, 8 setembro



Imóvel de Interesse
Público, 1950



P. 25



P. 25



x

Apesar do seu carácter tardio, a Igreja de Nossa Senhora de Escamarão assume uma especial importância devido à sua implantação estratégica, na confluência dos rios Paiva e Douro. Integrada no couto de Vila Meá, domínio do mosteiro de Alpendorada (Marco de Canaveses), a povoação de Escamarão constituiu sempre uma atrativa zona de passagem à vista do próprio mosteiro, comunicando rapidamente, quer com o Porto, quer com o Douro interior.

Assim, terá sido o próprio mosteiro que providenciou a edificação (ou reconstrução) da Igreja de Escamarão para, deste modo, assegurar a independência religiosa do seu couto. De pequenas dimensões, a fábrica desta Igreja mostra-nos por diversos elementos o seu carácter tardio. Sabendo que na época medieval, quer falemos de românico ou de gótico, a edificação de um edifício religioso começava pela cabeceira, salta-nos logo à vista a janela mainelada gótica que rasga a sua parede fundeira e a pequena rosácea que encima o arco triunfal.

Embora esta Igreja tenha adotado o aspeto maciço dos muros rasgados na nave por estreitas frestas, a verdade é que tem de ser entendida naquilo a que a História da Arte tem vindo a chamar de "gótico rural". Os portais não têm colunas, nem tímpanos e as suas arquivoltas assentam diretamente sobre os pés-direitos dos muros. Mas, nas arquivoltas da janela mainelada e do portal principal vemos a persistência de um formulário decorativo românico, de que destacamos as pérolas, tema tão glosado nas igrejas românicas das bacias do Douro e Tâmega. Resistências e inovações casam-se nesta Igreja de Escarvão, dando corpo a um característico

exemplo de arquitetura "gótica rural". Apesar de pouco legível, a inscrição que se encontra ao lado do portal principal, em caracteres góticos, alude à data de 1385 (Era 1423). Pela sua posição no edifício, e parecendo que não se trata de um reaproveitamento ou de uma inscrição feita posteriormente, cremos que esta poderá memorar a conclusão da construção da Igreja. No interior impera o granito e o mobiliário litúrgico remanescente foi concebido já nos tempos modernos. Testemunhos vários informam-nos que existia, pelo menos até inícios do século XX, uma pintura mural nesta Igreja e que tem vindo a ser atribuída ao século XVI.



PINTURA MURAL

Registos fotográficos antigos permitiram-nos identificar, na parede norte, junto ao arco triunfal, a representação de uma figura masculina, envergando hábito franciscano. Com a mão esquerda segura um livro e com a direita transporta um cajado (?). Poderá tratar-se de uma figuração pouco habitual de Santo António de Lisboa (c. 1195-1231).



Pintura mural antes das intervenções da DGEMN (1944)

Aproximadamente da mesma época são os frontais dos altares colaterais da nave. Recorrendo à técnica de aresta, apresentam-se como painéis azulejares mudéjar. A policromia destes painéis, feita à base de ocres, verdes e azuis sobre fundo branco, forma composições padronizadas de motivos fitomórficos e florais, antecipando a moda dos azulejos tipo “tapete” que irá conhecer entre nós uma grande voga no século XVII. No lado sul, os dois azulejos que destoam da restante composição foram justapostos ainda corria o século XVIII.

Estas mesas de altares expõem imagens ao culto dos fiéis, encimadas por sanefas neoclássicas, que completavam um conjunto retabular da mesma época, mas que foi apeado durante as intervenções de restauro realizadas na década de 1960, a expensas da freguesia, e que procurou acentuar o caráter medieval da Igreja. Persiste ainda à nossa apreciação o retábulo maior, em estilo nacional e da primeira metade do século XVIII. Apesar do caráter regionalizado da sua policromia, destaca-se no centro da composição as armas da ordem beneditina.



26.

IGREJA DE SANTA MARIA MAIOR DE TAROUQUELA



Rua de Santa Maria
Maior, Tarouquela
Cinfães



41° 4' 10.83" N
8° 11' 16.55" O



918 116 488



Sáb. 15h30/17h (inv./
ver.); dom. 9h30



Santa Maria Maior
5 agosto



Monumento Nacional
1945



P. 25



P. 25



x

A importância histórica de Tarouquela, em Cinfães, é hoje apenas assinalada pelo remanescente eclesial do que constituiu um dos primeiros mosteiros femininos da ordem de São Bento a sul do Douro. A sua origem, em meados do século XII, associa esta casa monástica a um casal, Ramiro Gonçalves e sua esposa, D. Ouruana Nunes, que adquiriram uma herdade que fora de Egas Moniz (1080-1146), dito o Aio, e sua mulher. Nela fundaram um novel mosteiro que o bispo de Lamego reconheceu em 1171 e que os seus descendentes confirmaram. Embora Tarouquela seguisse inicialmente a regra de Santo Agostinho, com D. Urraca, filha de Egas Moniz de Ortigosa, alterou-se o hábito e as monjas passaram a professar a regra beneditina. Gerido por dinastias de abadessas, a história deste mosteiro cruza-se com a das famílias mais notáveis da região. A influência dos Resendes deixou-se de sentir quase simultaneamente em Tarouquela e em Cárquere (Resende) (p. 121), onde jaz sepultado Vasco Martins de Resende, sobrinho de D. Aldonça, abadessa documentada na passagem do século XIII para o XIV e que foi uma das mais ativas, com um longo período de gestão que lhe

permitiu dispor de bens dentro do seu círculo familiar. É natural que com a cessação da influência dos Resendes, o abadado fosse parar às mãos de familiares e padroeiros do mosteiro, ainda que temporariamente. No século XIV, encontramos Tarouquela nas mãos dos Pintos, de Ferreiros de Tendais. A partir do século XV, as sobrinhas sucedem às tias, mantendo o poder numa família muito ligada às elites urbanas do Porto.



É, neste contexto, que devemos entender a escultura em médio relevo da Virgem entronizada amamentando o Menino Jesus, datada de cerca de 1500 e proveniente de uma oficina de Bruxelas (ou produção de Malines). Nesta representação de Santa Maria, a Maior, colocada sobre mísula no retábulo-mor (lado do Evangelho), junta-se ao hieratismo medieval da posição majestática um virtuosismo que parece apelar à piedade moderna.

O século XV é já o período de canto do cisne do mosteiro. Além do seu caráter intrinsecamente familiar, do seu isolamento físico e da sua dimensão, nota-se algum desmazelo por parte das monjas tarouquelenses. As abadessas quebravam muitas vezes os votos celibatários e agiam conforme os seus interesses pessoais. Em 1535 instala-se em Tarouquela uma regedora (a abadessa de Arouca, D. Maria de Melo) para serenar os ânimos de-



AS ABADESSAS DE TAROUQUELA

Da lista possível das abadesas de Tarouquela, que passamos a elencar, conhecemos alguns períodos de maior ou menor atividade, dada a documentação disponível e a sua ligação às elites locais e regionais (sempre condicionantes das relações do mosteiro aos vários poderes). Nesse sentido, são quase perceptíveis, a partir dos apelidos das madres, as várias fases do domínio de certas linhagens sobre Tarouquela.

Urraca Viegas (documentada com certeza até 1198); Maior Mendes (documentada entre 1255-1278); Aldonça Martins de Resende (documentada entre 1291-1349); Maria Martins de Moreira (documentada em 1357); Brites Gonçalves Pinto (documentada em 1445); Catarina Pinto (documentada entre 1473-1495); Leonor Pinto (documentada entre 1497-1506); Beatriz Pinto (documentada entre 1507-1531); Maria Ribeiro (documentada entre 1534-1536) e Maria de Melo (última abadesa de Tarouquela e primeira de São Bento de Avé-Maria do Porto).

ALDONÇA MARTINS DE RESENDE

O caso mais flagrante é o de D. Aldonça Martins de Resende, documentada entre finais do século XIII e os primeiros anos do século XIV. Os nobiliários imputam-lhe duas ligações amorosas, uma com Vasco Pinto (que parece não se confirmar) e outra com Rui Martins do Casal, trovador, de quem teve duas filhas legitimadas por D. Dinis (r. 1279-1325).

rivados da vontade régia de extinção do mosteiro e preparar a transição para São Bento de Avé-Maria, no Porto. Este mosteiro, fundado em 1514 por D. Manuel I (r. 1495-1521), fora construído para reunir num só lugar as monjas de diversos institutos femininos.

A história de Tarouquela explica-nos bem os testemunhos artísticos que as várias épocas nos legaram nesta Igreja que foi monástica. Embora a fundação do mosteiro de Tarouquela remonte ao século XII, os testemunhos românicos que restam na Igreja apontam-nos para uma cronologia mais recente, já de inícios do século seguinte. A par destes, uma inscrição reaproveitada no cunhal sudeste da torre sineira, que nos indica a Era de César de 1252 (ou seja, o ano de 1214), corrobora esta cronologia. Pensa-se que esta estaria inicialmente na capela-mor,

onde ainda se vê um “E”, no espaço entre o primeiro contraforte do lado norte e o arranque da parede da nave.

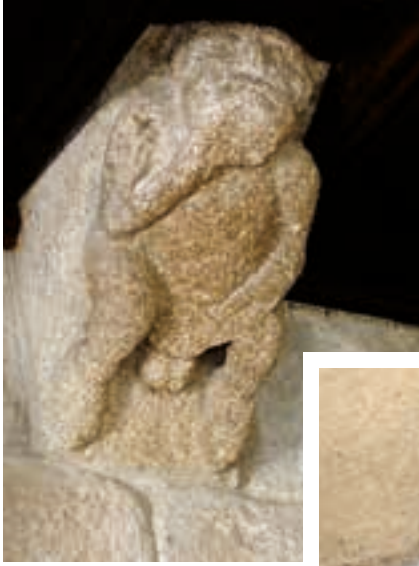
A edificação da Igreja românica foi talvez iniciada pela abadesa que terá introduzido a regra de São Bento em Tarouquela. A cabeceira desta Igreja fala-nos de um românico sedimentado. Nela se conjugam diversas correntes plásticas que dão corpo a um dos melhores exemplares da arquitetura da época românica em território português. Apesar de ter sofrido um acrescento no século XVII ou XVIII (para acolhimento do retábulo-mor), que aproveitou os silhares românicos, conforme denunciam as siglas visíveis no exterior, a densa ornamentação românica que subsiste é um bom testemunho da riqueza decorativa, indígena, densa, volumosa e com os aspetos barroquizantes que a estética românica alcançou entre nós.

Interiormente, a Igreja apresenta dois níveis de ornamentação, compostos por arcadas-cegas. As frestas são decoradas no interior e no exterior. Imperam as temáticas de origem beneditina: os animais antitéticos, os dois homens com uma só cabeça, as serpentes, o tema da sereia e o tema do homem entre duas aves, além, naturalmente, das palmetas bracarenses e de toda uma gama de motivos de natureza geométrica. Estes temas, absorvidos e representados por artistas autóctones assumem um claro sabor regional. Desta época deve apreciar-se o altar de sacração, com o respetivo tabernáculo na parte superior, colocado numa das arcadas cegas românicas, no lado da Epístola. Digna de nota é a temática do arco triunfal: animais pouco modelados e carregados

de grafismo fazem-se representar uniafrontados em cada uma das aduelas. O tema das *beak-heads* surge pela primeira vez num arco triunfal e, em vez das tradicionais cabeças de pássaro, temos aqui cabeças de lobo.

Enquanto Casa de Deus que é, os mentores desta Igreja monástica procuraram, através dos cachorros, representar as fraquezas humanas, conforme vemos num cachorro da abside, abrigado pela capela gótica de São João Baptista. Neste cachorro está representado o tema do *exibicionista*, homem acororado que segura os seus órgãos genitais, enquanto no alçado oposto há uma representação feminina com o sexo evidenciado (o mesmo modelo aparece num cachorro da Capela de Fandinhães (p. 143), no Marco de Canaveses).





A nave foi construída em data muito próxima. Veem-se cruzes de sagração ao longo das suas paredes. E, se a estética dos seus portais laterais é mais simples, o mesmo já não podemos dizer da composição do portal principal, considerado um dos mais curiosos exemplares portugueses. Mais do que os seus capitéis ou da figura hercúlea que ao modo de atlante forma uma mísula que sustenta o tímpano com flor-de-lis (símbolo mariano) aberta em sulco, têm sido os chamados *cães de Tarouquela* que mais atenções têm chamado a si. Colocados sobre as impostas, de cada lado do portal, podem ser descritos como dois quadrúpedes de cujas mandíbulas pendem corpos humanos nus, presos pelas pernas. De evidente caráter protetor, para repulsa do mal, testemunham uma vontade de afastar as forças malignas.

A capela funerária de São João Baptista foi instituída por Vasco Lourenço entre 1481 e 1495, ao tempo do reinado de D. João II (r. 1481-1495). Com cachorros de proa a sustentar a cornija e o portal principal ornado nas suas arquivoltas, não deixa contudo de se integrar naquilo a que se tem vindo a chamar de “gótico rural”. Enquanto capela funerária que é, tem sepulturas rasas ao nível do pavimento e, até 1980, guardava as três arcas sepulcrais que atualmente se podem apreciar no seu exterior. São sarcófagos monolíticos em granito com tampa definindo duas águas. Sem qualquer inscrição, ostentam, no entanto, símbolos alusivos a quem nele foi sepultado: uma espada, pés de milho e um báculo de abadessa.

ESCULTURA DE TEMÁTICA BENEDITINA

O portal sul apresenta uma estrutura idêntica ao principal, embora com tímpano liso, aqui suportado por duas aves (um mocho e um pelicano). Os capitéis mais bem conservados são de excelente execução. Simplificados, os motivos foram extraídos do repertório da arte românica beneditina: duas aves debicam de uma mesma taça na esquina do capitel, duas serpentes enrolam-se ou, então, dois quadrúpedes lutam com uma serpente. Nas impostas encontramos o motivo que Joaquim de Vasconcelos identificou com o "N.º 6 - elykses e círculos em movimento duplo; corda" na sua obra *A arte românica em Portugal...*



Abandonado o complexo monástico, Tarouquela passou a constituir uma simples Igreja do padroado de São Bento de Avé-Maria (Porto). Do antigo complexo apenas sobreviveu a Igreja. Embora a imagem atual do interior da Igreja derive em grande parte de uma intervenção de restauro realizada na década de 1970, a verdade é que esta Igreja chegou a ter cinco altares.

Hoje, apenas apreciamos o maior e um outro, na nave, do lado norte, ambos dentro da estética barroca. Enquanto memória dos outros três, temos, além das fontes documentais, as imagens que se apreciam sobre simples mesas de altar que poderíamos classificar de colaterais.



27.

IGREJA DE SÃO CRISTÓVÃO DE NOGUEIRA



Av. Dr. Reinaldo Flório
Calheiros, São Cristóvão
de Nogueira, Cinfães



41° 4' 24.69" N
8° 7' 44.53" O



918 116 488



Dom. 11h



São Cristóvão
25 julho



Em vias de classificação



P. 25



P. 25



x

Com a fachada voltada ao vale do Douro, a Igreja de São Cristóvão de Nogueira é representativa da organização e formação das paróquias na Baixa Idade Média (1000-1453). Segundo a tradição, o castelo de Sampaio, pequeno morro cônico a sul, na encosta da serra, teria sido o assento da primitiva freguesia e Igreja, depois transferida para o lugar de Nogueira, por mouros possantes. Trata-se apenas de uma lenda, das muitas que marcam a consciência das comunidades, desejosas de se mostrarem herdeiras de um passado extraordinário e glorioso, mas efetivamente esta narrativa pode ajudar a perceber, não a transferência da Igreja, mas a cisão de duas paróquias, inicialmente sujeitas ao castelo situado em Sampaio onde, provavelmente, se cultuava o Salvador, dado que ao território foi atribuído este hagiotopónimo. Talvez ainda durante o século XII, é provável que a terra se tenha fracionado em duas paróquias: São João Baptista de Cinfães (de cuja igreja românica apenas subsiste um tímpano apeado ao lado da atual matriz barroca, no centro da vila de Cinfães) e São Cristóvão de Nogueira.



Profundamente alterada na Época Moderna, que lhe reconstruiu a capela-mor (finais do século XVIII), lhe rasgou amplos janelões e lhe anexou edificações, a Igreja de São Cristóvão, do extinto concelho de Nogueira, é estruturalmente uma construção medieval enquadrada no chamado “românico de resistência”, onde se conjugam as persistências de sabor românico com os anúncios do gótico. A edificação desta Igreja deve ser entendida no âmbito da criação da nova freguesia, pelo que poderemos datar os vestígios românicos remanescentes da transição do século XII para o XIII.

De entre estes, assume particular destaque o portal principal, tardio e inscrito na espessura do muro e sem colunas, mas cujas arquivoltas são ornadas no chanfro pelo motivo das pérolas, que conheceu grande fama na região envolvente. Nas impostas, encordoados. Curioso é o portal sul, dada a originalidade dos motivos esculpidos no arranque das aduelas.

Duas mãos cerradas, colocadas sobre ambas as impostas, seguram uma chave (?). Também nos pés-direitos, definidos por uma aresta chanfrada, foram relevados curiosos motivos decorativos, entre os quais destacamos um lagarto, do lado direito do observador. De resto, quer ao nível das restantes aduelas da arquivolta, como nas impostas e nos pés-direitos, imperam os motivos vegetalistas e fitomórficos, entrelaçados relevados. Composto por uma só arquivolta dominada pelo arco envolvente, na aduela do fecho vemos uma inscrição, bastante apagada, mas que pode traduzir-se em IHS, alusão a Cristo enquanto salvador dos homens. Ao nível dos alçados laterais da nave temos de destacar o reaproveitamento de um friso decorado com palmetas bracarenses (lado norte, junto à torre sineira, a meia altura da nave) e de vários fragmentos de cornija ostentando ziguezagueados relevados. Persistências ou reaproveitamentos?



A cachorrada da nave é bastante rica ao nível da temática esculpida. Figuras humanas e vários focinhos de animais recordam-nos que, particularmente durante a época românica, os modilhões foram assumidos como um elemento fulcral da composição arquitetónica.



REAPROVEITAMENTO DE MATERIAIS

O que nos parece mais provável é que os fragmentos de frisos do alçado norte da nave resultem de um reaproveitamento de um edifício preexistente que poderá ter existido neste próprio local ou, então, poderemos estar diante do reaproveitamento de elementos escultóricos de uma primitiva igreja consagrada ao Salvador, mas que foi mudada de local, dando assim expressão factual à narrativa que se associa a esta Igreja.

O aproveitamento de materiais é muito comum ao longo de toda a História da Arte. Embora muitas vezes se procure justificar a reutilização de silhares com base num pretenso prestígio associado ao valor de antiguidade, o que é mais provável é que este aspeto decorra mais depressa de uma necessidade pragmática. Aproveitar o que já está feito (e bem feito) é bem mais simples do que fazer de novo. E nem sempre a escolha do local para edificação advém de elaboradas noções sobre a dicotomia sagrado/profano, antes do aproveitamento de afloramentos sobre os quais se possa levantar, com segurança, a nova estrutura.



No interior distingue-se um outro espírito, quase um “horror ao vazio”. Tendo em conta a regularidade dos paramentos das edificações românicas, estas mostraram-se importantes recetores da nova estética pós-tridentina, de que São Cristóvão de Nogueira constitui entre nós um bom exemplo. O teto da nave mostra um rico trabalho barroco de artesoadado e pintura, onde 57 painéis criaram um autêntico santoral: santos e santas ligados à Reforma Católica, bispos, apóstolos, mártires e os intercessores bem conhecidos do devocionário popular.

Embora tenha recebido uma policromia numa época posterior, que chegou mesmo a criar-lhe marmoreados, a talha desta Igreja representa os dois períodos que marcaram a sua conceção durante o século

XVIII. Nos retábulos colaterais, o estilo nacional e, no retábulo maior, o barroco joanino, onde se destaca um imponente trono eucarístico. O recurso a este modo artístico tão português envolveu em Nogueira o arco triunfal, criou a guarda do púlpito, ornamentou os dois retábulos embutidos nas paredes da nave, confrontantes, e concebeu um extravagante coro alto. Além da ampliação da capela-mor, a Época Moderna legou-nos a torre sineira, adossada à fachada principal, a norte, os pináculos que rematam os cunhais da Igreja e o janelão que encima o portal principal.

São Cristóvão de Nogueira é um bom exemplo de hibridez estilística, fruto de um rico conjunto de diversidades artísticas e estéticas.



A NÃO PERDER

- 5,5 km: Museu Serpa Pinto (p. 266)
- 7,5 km: Miradouro de Teixeira (p. 268)
- 11,4 km: Boassas - Aldeia de Portugal (p. 267)

28.

PONTE DA PANCHORRA



	Rua da Ponte da Panchorra, Panchorra Resende
	41° 0' 50.33" N 7° 58' 30.27" O
	918 116 488
	×
	×
	Monumento de Interesse Público, 2013
	P. 25
	Acesso livre
	×

A localidade da Panchorra, no concelho de Resende, insere-se no território da serra de Montemuro, perto de uma vasta área de planalto pantanoso conhecida há séculos como “Alagoa de D. João”. Quer Eça de Queiroz, quer Abel Botelho, fizeram eco da fama deste extraordinário documento orográfico nos seus romances *O crime do padre Amaro* e *Mulheres da Beira*, respetivamente.

Próximo, no sugestivo local com o nome de Casa da Neve, nasce o rio Cabrum, que atualmente divide os municípios de Cinfães e Resende, estendendo-se ao longo de cerca de 10 quilómetros até desaguar no Douro. O troço inicial do seu curso corre ao longo de veigas, entre os 1300 e os 1050 metros aproximadamente, e foi numa destas veigas que se edificou a Ponte da Panchorra, alçada no centro de uma paisagem estonteante.

A Ponte, de dois arcos, evidencia aparelho regular nas aduelas e irregular na silharia da restante estrutura, o que indica trabalho de artífices locais, expresso numa obra sem monumentalidade, destinada a suprir as necessidades de acesso da comunidade da Panchorra aos seus termos agrícolas e silvícolas. Dada a prevalência de gados, quer transumantes, quer locais, exigiam-se



caminhos capazes de assegurar a passagem frequente de animais e carros. Embora o Cabrum seja, neste local, pouco caudaloso, a sua corrente forte e dependente dos degelos, criava dificuldades a pastores ou lavradores para assegurar a subsistência e o abastecimento a homens e animais, sobretudo durante o inverno.

De difícil datação, mas nunca anterior ao período moderno, a Ponte da Panchorra constitui um dos pontos de atravessamento do rio Cabrum no sentido este-oeste. A montante, uma pequena passagem de pedra na Gralheira assegurava o trânsito pela serra, até Campo Benfeito e Rossão (Castro Daire). A jusante, as pontes de Ovadas, Lagariça e Nova traduzem os canais de circulação mais antigos, onde a distribuição da população (ao longo do Dou-

ro) sempre foi mais elevada. A tomada da serra pelo homem, embora tenha começado quase no rescaldo da Reconquista duriense (após o ano 1000) traduziu-se num vagaroso avanço ao longo da modernidade. Apesar de referida em 1258, só no século XVI a Panchorra alcança a autonomia paroquial, desligando-se de Ovadas. É disso testemunho a pequena igreja dedicada a São Lourenço, protetor contra os incêndios e ventos fortes.

É neste contexto agro-pastoril, que permitiu a subsistência de comunidades em zonas de altitude superior aos 1000 metros, que devemos compreender a necessidade da vetusta Ponte, símbolo do pragmatismo comunitário e valioso elemento de engenharia vernacular que merece demorada visita.

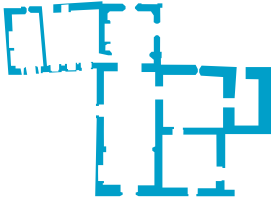


A NÃO PERDER

• 7,2 km: Vale de Papas - Aldeia de Portugal (p. 268)

29.

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE CÁRQUERE



	Rua do Mosteiro Cárquere Resende
	41° 5' 14.28" N 7° 57' 28.84" O
	918 116 488
	Sáb. 17h/19h (inv./ver.) Dom. 8h15 e 11h30
	Santa Maria 15 agosto
	Monumento Nacional 1910
	P. 25
	P. 25
	Sim

Edificado na encosta norte do maciço de Montemuro, quase à vista do Douro, o complexo monástico de Cárquere notabiliza-se não apenas pelo conjunto arquitetónico e artístico, mas pela profunda ligação aos primeiros anos da nacionalidade. Considerado, primeiramente, o local onde o pequeno infante Afonso Henriques (r. 1143-1185) se curara a pedido do seu aio, Egas Moniz (1080-1146), pela intercessão da Virgem Maria, constituiu mais tarde o panteão da poderosa família dos Resendes, até à sua dispersão, nos finais do século XV. As lendas urdidas pelos cónegos regrentes, que aqui governaram no espiritual e no temporal até ao século XVI, faziam parte de uma estratégia de consolidação e promoção que notabilizasse um património naturalmente apoiado por um extenso conjunto de bens fundiários e contributivos, numa vasta região a sul do rio Douro. E foram as riquezas que falaram mais alto quando coube reformar o Mosteiro, entregue no século XV a alguns eclesiásticos menos cientes das suas funções. A chegada dos jesuítas, no século XVI, determinou um novo fôlego na ampliação e consolidação do domínio de Cárquere. Deste instituto partiu a missão e a evan-

gelização que ajudou a formar o muito afamado santuário da Senhora da Lapa (Sernancelhe), a sudeste, nos confins dos planaltos da Nave. A posse de Cárquere foi pacífica até ao século XVIII, quando a perseguição aos jesuítas pelo Marquês de Pombal (1699-1782) atingiu a pequena comunidade alcandorada nas brenhas do Montemuro.

Este percurso, não obstante as vicissitudes dos homens e a sua cobiça, ficou de certa forma registado nos espaços e nos elementos artísticos que definiram o atual conjunto. Embora do período românico os vestígios (datados dos tempos de Egas Moniz e Afonso Henriques) sejam pouco expressivos, são dignos de registo: a fresta da capela linhagística dos Resendes e a torre, hoje imersa no conjunto,

mas que teria sido destacada do edifício eclesial e anexos.

No que toca à fresta da parede testeira do panteão dos Resendes deve-se destacar que surge ornamentada de ambos os lados. Se no interior prevalece uma linguagem geométrica, não obstante o desalinhamiento que se sente ao nível da composição das aduelas, é numa das arquivoltas do exterior que surgem os elementos mais originais, as chamadas *beak-heads*, motivos de importação anglo-saxónica e que se caracterizam pela conceção, em cada uma das aduelas, de animais unifrontados carregados de grafismo. Os capitéis optaram pela representação de aves, ora com pescoços enlaçados, ora sozinhas com as asas abertas.





OS SENHORES DE RESENDE

A linhagem dos Resendes, que os nobiliários fazem iniciar nos filhos de Afonso Rodrigues, de alcunha o "Rendamor", havidos com a monja raptada do mosteiro de Arouca, D. Mor Martins, centrou a sua atividade na região onde colheu o apelido, em particular em Cárquere - santuário que escolheram para seu panteão linhagístico. Os Resendes descendiam dos Baiões, de onde herdaram o brasão (de ouro, duas cabras passantes de negro, uma sobre a outra, revestidas com gotas do mesmo metal), e dos de Ribadouro, a cuja família se ligava Egas Moniz, dito o Aio, associado a Cárquere por ter participado na cura do infante Afonso Henriques, que a lenda diz ter nascido defeituoso das pernas. Sob intercessão da Virgem, Egas Moniz trouxe o príncipe até Cárquere e tendo aqui assistido ao milagre, foi generoso com a Igreja e o Mosteiro que dotou com legados.

Os que primeiro usaram o sobrenome Resende foram Rodrigo, Martim e Giraldo, filhos do referido "Rendamor" e da monja de Arouca. O neto do segundo, Vasco Martins de Resende, o "Trovador", encontra-se aqui sepultado juntamente com um filho e um parente de ambos, também chamado Vasco.

Todas as sepulturas são do período gótico e testemunham o ocaso desta família do contexto linhagístico português. A mulher do segundo Vasco Martins de Resende, D. Maria de Castro, tendo enviuvado sem filhos, casou uma segunda vez e levou com ela o património do seu primeiro marido, que depois se vinculou aos Castros. Serão estes que, a partir do século XVI, tomarão as rédeas do poder nesta região de Montemuro, dominando não apenas um extenso património imobiliário, mas vários direitos em igrejas, concelhos e honras.

Foi este mundo familiar e de linhagens que inspirou Eça de Queiroz (casado com uma descendente dos Castros, D. Maria Emília) a escrever *A ilustre casa de Ramires*, que, em finais do século XIX, descreve e satiriza o mundo social e político de um Portugal rural que ainda se revia naquele universo medieval.





Fundada sobre afloramento granítico, a robusta torre, de natureza defensiva e senhorial, poderá ter sido edificada na mesma ocasião do conjunto monástico e que alguns autores colocam no último quartel do século XII ou já no XIII.

Neste, a distribuição dos espaços, quer dentro da Igreja, quer exteriormente ao nível do atual cemitério (antigo claustro), denuncia a espacialidade românica. Todavia, aquilo que ainda hoje podemos apreciar quando entramos na Igreja de Cárquere é fruto de uma apropriação manuelina da fábrica românica primitiva, pontilhada por prévias intervenções góticas, de que é expressão maior a cabeceira, com a sua abóbada nervurada e janela mainelada, apenas visível a partir

do exterior. Da época manuelina destacam-se os portais principal e lateral norte. As pinturas murais preservadas (sob o retábulo de correr da parede testeira da nave) são também da mesma época da campanha manuelina (poderão datar dos anos 30 ou 40 do século XVI): no lado direito, uma representação de Santo António e Santa Luzia e, no outro lado, um conjunto de anjos esvoaçantes.

Da medievalidade são ainda as imagens da Virgem de Cárquere e da Virgem do Leite. A primeira tem excitado a curiosidade dos devotos pelas suas dimensões (2,9 centímetros de altura) e, sobretudo, por ligar-se-lhe a lenda da invenção (descoberta) em local ermo próximo, no qual mais tarde se fundaria o Mosteiro.



AS VIRGENS DE CÁRQUERE



Sendo Cárquere um santuário mariano é aqui muito forte a presença da Virgem, venerada sob dois títulos, o de Cárquere (século XIII) propriamente e o da Senhora Branca (século XIV). A primeira evoca os primórdios desta Igreja e do instituto monástico que se preservou até ao século XVIII. A segunda, não obstante ter sido introduzida pelos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, é fruto da devoção popular, que a tomou como intercessora dos recém-nascidos. Ambas trazem, aliás, o filho no regaço e ambas foram tidas como obreiras de auxílio divino relacionado com a infância: a primeira teria contemplado o infante Afonso Henriques com uma extraordinária cura e a segunda, através da sua matéria (o calcário), que buscada por mães receosas, providenciava o leite materno em falta.

As duas apresentam-se igualmente com o menino nos braços, sendo a de Cárquere sedenta, ou seja, estando sentada, e a Senhora Branca, em pé, segurando o Menino com a sua mão de dedos longos e esguios, uma característica das esculturas góticas. Efetivamente são ambas imagens medievais, mas separadas por anos e por sensibilidades artísticas diversas: a primeira é um claro exemplo de Virgem em Majestade, cuja posição em trono e rígida presença apela para uma alta medievalidade de Cristos e Virgens justiceros e vigilantes. As suas excêntricas dimensões tornam-na quase uma pequena relíquia que importa preservar dos olhares mais comuns. Por outro lado, o naturalismo da Virgem Branca, acentuado pela verticalidade das dimensões quase naturais, deve ter impressionado o vulgo, acalentando o caráter miraculoso do calcário que lhe deu o nome.

A Época Moderna, coincidente com a presença jesuítica, trouxe consigo a Reforma e, sobretudo, o barroco, de que salientaríamos o trabalho dos altares maior, lateral e o de São Sebastião (atualmente exposto na sacristia), todos integrados no período nacional.

O declínio de Cárquere começou em meados do século XVIII. Esvaziado dos seus guardiães e exposto o seu património à coibiça viu-se reduzido à condição de igreja

paroquial. Ao longo do século XIX, a crescente secularização e laicismo da sociedade ditaram que muito do património religioso fosse alienado ou decaísse em ruínas.

O século XX, pela mão de alguns investigadores e do crescente nacionalismo que buscava na história e no património os símbolos para reabilitar a nação e o novo regime republicano, olhou para Cárquere com a atenção devida a um dos legendários esteios da nacionalidade.



A NÃO PERDER

- 4,7 km: Museu Municipal de Resende (p. 269)
- 10,8 km: Termas das Caldas de Aregos (p. 270)

30.

IGREJA DE SÃO MARTINHO DE MOUROS



Avenida Nené Ribeiro
São Martinho de Mouros
Resende



41° 6' 6.90" N
7° 53' 54.92" O



918 116 488



Dom. 8h



São Martinho
11 novembro



Monumento Nacional
1922



P. 25



P. 25



x

Impo-
nente, a Igreja de São Martinho de Mouros ergue-se
a meia encosta, sobre o curso terminal do ribeiro de
Bestança (ou de São Martinho), no seu caminho rumo ao
rio Douro. Desde logo impõe-se a sua silhueta, afastada
do casario. O maciço turriforme que forma a sua fachada
principal torna esta Igreja românica deveras singular,
quer pelo seu carácter inédito no seio do românico portu-
guês, quer pelo pretenso carácter militarizado que assume
- mais retórico do que efetivo, pois a estas últimas funções
respondia, nas proximidades, o castelo de São Martinho.
Este aspeto é acentuado pelas estreitas frestas que ilu-
minam a nave. Na parte superior, uma cornija apoia-se
sobre uma banda lombarda, motivo muito utilizado no
românico das bacias do Sousa e do Tâmega, cujos arqui-
nhos são sustentados por cachorros com decoração zoo-
mórfica, em forma de cabeças de bovídeos, algumas delas
mais acabadas, outras mais esboçadas ou desgastadas.
Ocupando toda a largura da Igreja, esta fachada-torre
enquadra, por sua vez, um portal cujas arquivoltas des-
cansam em capitéis de temática animal e vegetal, ele-
gantes e com a escultura já presa ao cesto, anunciando
os tempos góticos que virão. O conjunto é envolvido

por friso enxaquetado e a sua imposta prolonga-se por toda a fachada. Logo acima deste vemos ainda quatro cachorros que atestam ter existido aí uma estrutura alpendrada.

O caráter tardio da edificação de São Martinho de Mouros é-nos indicado por meio de uma inscrição, relativa ao ano de 1217, que por estar gravada na face exterior da capela-mor (lado norte, primeira

fiada acima da sapata e quinta pedra a contar da direita) ou diz respeito ao início da construção desta Igreja românica ou memora a conclusão de uma primeira fase construtiva, ou seja, da cabeceira. Edificada, pois, já em pleno século XIII, a Igreja de São Martinho de Mouros apresenta-nos uma cronologia que se aproxima das suas congéneres dos vales do Sousa, do Tâmega e do Douro.

A IGREJA-FORTALEZA

Não nos podemos esquecer que, de um modo geral, o ambiente da Reconquista cristã se refletiu na arquitetura românica portuguesa, pois foi aqui que este novo estilo arquitetónico encontrou um ambiente e um espaço de afirmação muito próprio de desenvolvimento, impondo-se à medida que avançava a reorganização do território fomentada pelos monarcas cristãos.

A designação de "igreja-fortaleza" é por demais referida na nossa bibliografia dedicada ao românico, particularmente naquela que se desenvolveu em inícios do século XX. O facto de muitas igrejas aparecerem ameadas e de surgirem algumas torres com caráter militar, associadas a monumentos de caráter religioso (embora estas sejam na sua maior parte da época gótica), como a do Mosteiro de Travanca (Amarante) (p. 212), são justificações suficientes para que muitos autores defendam a existência de uma tipologia tipicamente portuguesa e que acusa um notório caráter militar, embora este seja mais retórico do que propriamente efetivo. Digno de nota é o facto de esta Igreja ser a única que foi tratada, com igual importância, no rol de *Castelos do 1.º período medieval* na monumental obra da autoria de Damião Peres, dada ao prelo em 1969, intitulada *A gloriosa história dos mais belos castelos de Portugal*.





Embora sejam escassos os dados históricos relativos à Igreja de São Martinho de Mouros, é seguramente no século XIII que encontramos as primeiras referências documentais que a ela se referem. A partir de então estas tornam-se mais regulares. De padroado real, conforme informação das *Inquirições de 1258*, a Igreja passou para outras mãos, a Casa de Marialva (século XV) e a Universidade de Coimbra (século XVI).

Entremos. Com a ampla espacialidade da nave única desta Igreja consagrada ao bispo de Tours (França) contrasta a organização espacial do primeiro quarto da Igreja e que corresponde ao maciço turriforme. Aqui deparamo-nos com três estreitas naves coroadas por abóbadas de pedraria paralelas, que se apoiam sobre dois altos e robustos pilares quadrangulares, aos quais se adossam meias-colunas em três dos seus lados. Capitéis esculpidos completam este conjunto: observam-se temas vegetalistas e antropomórficos, onde destacamos a representação de um homem a ser engolido pelas pernas por figuras monstruosas, temática que se repete num capitel do arco triunfal e num dos do portal principal.

Seguramente posterior, o arco triunfal, apontado e encimado por óculo moldurado, compõe-se de três arquivoltas assentes em colunelos embebidos no muro, com capitéis também eles decorados, esculpidos num granito de grão mais fino do que aquele que é utilizado no resto da Igreja, o que também permitiu um mais apurado e definido tratamento das formas esculpidas. Ao nível das arquivoltas vemos motivos denticulados.

Foi durante a Época Moderna que se concebeu o mobiliário litúrgico e demais elementos que habitam na Igreja de São Martinho de Mouros. Cabendo ao padroeiro a fábrica do património da capela-mor, acentuamos aqui o artesoadado com temas hagiográficos e alegóricos que remontará à primeira metade do século XVIII, revelador da espiritualidade e da catequética contrarreformista a que não deve ser alheia a intervenção jesuítica. O retábulo-mor, em estilo nacional, destaca-se pelo trono eucarístico, sobrepujado por uma representação da Ascensão de Cristo. Elaboradas à volta de 1530, na capela-mor salientam-se duas pinturas a óleo sobre tábua que representam cenas da vida de um *São Martinho* caritativo

e místico e que têm vindo a ser, erroneamente, atribuídas à escola de Grão Vasco. Tratam-se antes de trabalhos atribuídos aos Mestres de Ferreirim.

A cargo dos paroquianos, os retábulos da nave, fabricados também dentro da linguagem barroca dita nacional, são mais simples que o maior. Consagram-se os colaterais ao Senhor das Chagas e a Nossa Senhora do Rosário e o lateral (do lado direito da nave) à Senhora do Desterro. Embora não sendo da responsabilidade dos padroeiros, pois situam-se nas paredes colaterais da nave (portanto a cargo dos fregueses), podem ser dos últimos anos do século XV as pinturas de que restaram as representações (hoje encobertas pelos retábulos) de *São Brás* e certa figura feminina envergando um hábito beneditino. Deve-se ainda salientar a presença nos vários altares e sobre mísulas de peças de imaginária de boa qualidade plástica de que destacamos São Martinho de Tours, o orago.

Durante os anos 40 do século XX, a Igreja de São Martinho de Mouros foi alvo de uma profunda intervenção de restauro que procurou acentuar, de forma retórica, o seu aspeto militarizado, isolando a torre sineira ao modo de guarita e demolindo algumas edificações na envoltura da Igreja para dar a esta última uma mais pretendida e altiva legibilidade. No interior, removeu-se o estuque e apeou-se o coro alto que se encontrava na área do maço turriforme. Já na década de 60 do mesmo século foi desentapado o curioso arco abatido e ornado com pérolas que vemos na capela-mor, na parede lateral do lado da Epístola, rasgado acima do nível da porta de acesso à sacristia.



31.

IGREJA DE SANTA MARIA DE BARRÔ



	Rua de Santa Maria de Barrô, Barrô Resende
	41° 7' 44.39" N 7° 52' 57.40" O
	918 116 488
	Dom. 8h30/8h (inv./ver.)
	Santa Maria 15 agosto
	Monumento Nacional 1922
	P. 25
	P. 25
	x

A Igreja de Barrô foi edificada na margem esquerda do rio Douro, num terreno de acentuado pendente, pelo que a fachada principal se encontra a uma cota mais baixa do que a capela-mor. Trata-se de um edifício românico tardio, é certo, mas que ensaia já na região uma estética que se aproxima do gótico, que por altura da sua construção já se afirmava noutros estaleiros do País. Embora saibamos remontar ao século XII, a fundação da Igreja de Barrô como igreja particular de Egas Moniz (1080-1146), o Aio, que lhe veio às mãos por doação real, nada alcançamos sobre o que então se edificou/transformou ou se apenas foi dada continuidade ao culto, praticado, talvez, num templo já existente. Como se sabe, Egas Moniz foi “tenente” de São Martinho de Mouros entre 1106 e 1111 (pelo menos) e governador da região de Lamego entre 1113-1117 - e talvez até mais tarde. Tendo conseguido afirmar-se politicamente no reino em construção, Egas Moniz, dos de Ribadouro, fez copiosas dádivas a institutos religiosos, sendo de destacar o Mosteiro de Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90), onde se fez sepultar. Mais tarde, sua nora, D. Sancha Vermudes (c. 1130-?) doou o padroado de Barrô à ordem dos hospitalários (1208).

Assim, o poder que se associa a estes padrões justifica plenamente a construção de um edifício com algum aparato e devedor de significativas influências, de que destacamos a da sé de Coimbra, via sé do Porto, patente ao nível da composição da fachada principal. Embora em Barrô não exista um corpo avançado a enquadrar o portal e a rosácea emoldurada por janelão que se lhe sobrepõe, estamos seguramente diante de um edifício que é devedor destes modelos catedralícios, pelo que terá sido seguramente edificado no século XIII. Se, no janelão, as arquivoltas que enquadram a rosácea protogótica são de volta perfeita, no portal são já quebradas. E, neste último, a escultura dos capitéis, de temática vegetalista e floral, anuncia-nos o gótico, pois os seus motivos naturalistas colam-se muito ao cesto. De notável elaboração é o tímpano do portal, ostentando uma cruz vazada muito ornamentada. A torre sineira que se adossa à fachada principal no lado sul foi reconstruída em finais do século XIX.

A composição dos portais laterais contrasta muito com a da fachada principal. Pelas suas características confirmamos estar diante de um edifício românico edificado tardiamente e que aceitou uma nova estética, pois, apoiando-se na espessura do próprio muro, não tem colunas a sustentar as arquivoltas. Os cachorros assumem uma grande variedade de formas.

No interior da Igreja impera o granito. As dimensões da nave e da capela-mor, particularmente ao nível da sua altura, anunciam-nos já o gótico. Com uma ampla abertura, o arco triunfal, apesar da estética ainda muito românica dos seus capitéis, revela-nos já a mudança na liturgia. Às cabeceiras românicas, intimistas, mais baixas e estreitas do que a nave, criadoras de espaços de recolhimento, sucedem-se as amplas e iluminadas cabeceiras góticas, abertas aos fiéis.

Sabendo-se que a figuração humana não é um motivo comum do românico português, atente-se ao capitel que, do lado da Epístola, nos mostra uma cena de caça, cuja figura central é um homem que,





além de tocar um corno de caça, segura com a mão direita uma lança. O corno de caça era habitualmente usado para transmitir sinais em momentos de perigo. Do lado direito, um quadrúpede (talvez um bovídeo), e do outro lado, uma personagem que parece munida de uma espécie de escudo na mão direita e com uma moça na mão esquerda. O tema da caçada, enquanto alegoria de luta contra o mal, está também representado no capitel do outro lado, onde um javali é agarrado por uma pata e por uma orelha por dois quadrúpedes, talvez dois cães. O arco central da capela-mor, que ajuda a sustentar a abóbada, mostra já capitéis que denunciavam um outro gosto, mais aproximado daquele que se disseminou em torno da bacia do Sousa e que tratou os motivos vegetalistas com talhe a bisel.

A parte terminal da capela-mor resulta de uma ampliação feita para acolher o

cenográfico retábulo barroco, composto dentro do gosto joanino, e onde um imponente trono eucarístico define a sua composição. À invocação mariana medieval (Santa Maria) sucedeu, já no período moderno, a Virgem da Assunção, que ocupa o lugar titular no retábulo maior e respira o mesmo estilo da linguagem da talha. Certamente que os retábulos colaterais foram feitos num período anterior, ainda devedores do estilo nacional que a talha portuguesa tanto adorou.

Digno de destaque, na capela-mor, é o conjunto escultórico do Calvário, de excêntricas dimensões, constituído por Cristo crucificado, a Virgem e São João Evangelista. Embora não se encontre no local para que foi concebido, este conjunto alinha com o espírito barroco e a linguagem decorativa plasmada no retábulo maior, sendo provavelmente encomenda da mesma época.

32.

IGREJA DE SÃO TIAGO DE VALADARES



Rua P. Alcino Monteiro
Valadares
Baião



41° 8' 40.24" N
7° 58' 58.61" O



918 116 488



Sáb. 16h/17h (inv./ver.)
ou Dom. 9h



São Tiago
25 julho



Monumento de
Interesse Público, 2012



P. 25



P. 25



x

Valadares é, como o topónimo recorda, vale fértil e de bons ares. Implantou-se nele a pequena Igreja que se enquadra nas designações periféricas de “românico de resistência” ou “gótico rural”, exemplar tardio de um edifício marcado pelas vicissitudes da Idade Média: poucos recursos, distante dos principais centros, interferências senhoriais e eclesiásticas, etc. Talvez assim se explique a reedificação da capela-mor, que aproveitou uma inscrição datada da “Era de 1226” (ano de 1188), hipotética reminiscência do edifício anterior.

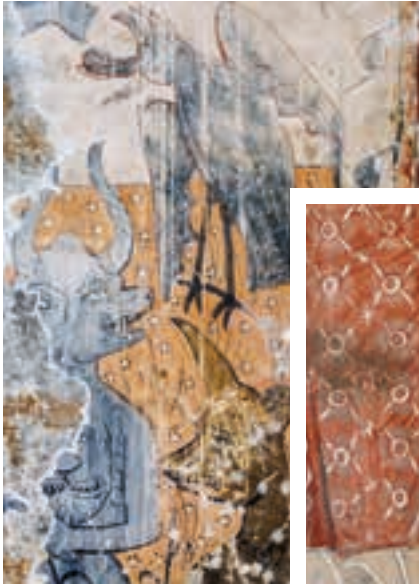
Constituída por nave única e capela-mor quadrangular, mais estreita e mais baixa, a Igreja aparenta uma estrutura vernacular, que alguns entendem por “rústica”, devido à forma e disposição dos seus silhares, de diferentes dimensões e que criam uma certa irregularidade aos seus muros. É na capela-mor e na fachada norte que se conserva a primitiva cachorrada da Igreja, patenteando uma decoração composta por rolos, bolas e algumas figuras algo despreziosas. O carácter tardio destes cachorros é testemunhado pela difícil adequação dos elementos esculpido à forma original deste elemento de suporte. Na fachada norte, a persistência de mísulas salientes a meia

altura do paramento informam-nos ter aqui existido uma estrutura alpendrada. A fachada principal é encimada por um campanário de duas sineiras, sendo apenas rasgada por um portal inscrito na espessura do muro que, pelo seu arranjo, nos confirma uma cronologia tardia para a edificação desta Igreja e que devemos colocar em finais do século XIII. Ligeiramente quebrada, a arquivolta exterior apresenta-se lisa e com arestas algo chanfradas (meia-lua). Já a interior é pontuada por pérolas no chanfro, motivo que se repete ao nível das impostas. Também o portal da fachada sul confirma esta tese, por ser apenas composto por uma arquivolta lisa inserida na espessura do muro. Alvos de debate têm sido as esculturas relevadas que, na fachada principal, marcam o arranque da empena: do lado

esquerdo, um coelho ou lebre, talvez simbolizando um desejo comunal de fertilidade e, do outro lado, um animal que ainda não foi identificado.

O poder senhorial foi sempre uma constante na história de Valadares, para o bem e para o mal. Por um lado, a Igreja fundou-se em propriedade particular e esteve assim sujeita aos desmandos dos seus familiares, até o poder da Igreja Católica pôr cobro a este tipo de intervenções. Mas nunca deixou a esfera dos senhores de Baião, concelho onde sempre se integrou Valadares. Os nobres proviam no cargo de abade homens da sua confiança e proximidade, alguns deles, como João Camelo de Sousa, no século XV, ou os próprios filhos, que aqui auferiam os rendimentos da Igreja.





Deve-se, aliás, àquele ilustre abade o papel de mentor das pinturas murais que até há bem pouco tempo eram consideradas elemento enigmático da arte parietal portuguesa. Estas mostram cenas dispostas segundo um retábulo fingido dividido por vários painéis, onde se dispõem santos e santas e cenas da vida de Cristo: *Santa Catarina de Alexandria*, a *Lamentação sobre Cristo Morto*, a *Virgem com o Menino*, *São Tiago* e *Santa Bárbara*. Na parede norte, um conjunto de animais fantásticos parece querer mostrar-nos o caminho até aos Infernos e, na parede oposta, *São Pedro* e *São Paulo*.

Este belo conjunto de representações pictóricas, atribuído a um mestre de expressão regional, mas com hábil pincel, revela já considerável investimento na ornamentação da Igreja, decerto por parte dos senhores de Baião que detinham o padroado de Valadares.

Com a modernidade, a Igreja de Valadares sofreu várias alterações no seu interior. A espacialidade medieval foi revestida com

retábulos em madeira dourada e policromada. O gosto pelo barroco encheu a pequena Igreja de brilho e cor. O São Tiago, romeiro, foi também revisto à luz da prédica dominicana que devia chegar aqui via Ancede (Baião) (p. 139), de onde os monges pregadores falavam de um Apóstolo “mata-mouros”, combatente das heresias e dos protestantismos que, embora não chegassem a Valadares, soavam lá longe, na Europa. Assim, quer no arco cruzeiro, quer no teto da nave, salta à vista a iconografia algo excêntrica do companheiro de Cristo, diverso, aliás, da escultura barroca (o patrono) que repousa, peregrino vigilante, em nicho do retábulo-mor.

Esta estrutura impõe-se pela valiosa articulação da sua talha de estilo barroco nacional, com a exígua capela-mor, cujo teto, em caixotão, parece prolongar na horizontal todo o trabalho de carpintaria e marcenaria vertical.

Na nave, os dois retábulos colaterais surgem como elementos da expressão devocional da comunidade.

O DIREITO DE PADROADO

O direito de padroado consistia em auferir da possibilidade de designar o pároco da igreja e recolher os rendimentos da mesma. Destes separava-se a paga devida ao clérigo e a destinada à fábrica da capela-mor da igreja, já que a nave estava a cargo dos fregueses. Nem sempre os padroeiros da igreja, quer leigos, quer eclesiásticos, cumpriam o dever de manter a capela-mor devidamente asseada, concertada e ornamentada como devia ao espaço mais nobre da igreja. Mas muitos faziam-no com zelo e, sobretudo, com o intuito de deixar a sua marca ou a da sua linhagem, como forma de promoção e modelo de prestígio ou piedade.

No século XVIII eram dedicados ao Sagrado Nome de Jesus e à Virgem do Rosário, hoje "substituídos" pelos títulos do Sagrado Coração de Jesus e Virgem do Rosário de Fátima. Fazem parte de uma estrutura maior que reveste todo o arco cruzeiro, febrilmente decorado com nichos e sanefas, colunas torsas e estriadas, combinando várias gramáticas e linguagens desde o período do maneirismo ao barroco joanino. Sobre o arco, São Tiago

"mata-mouros" encontra-se ladeado por dois santos maiores da ordem dominicana: São Gonçalo de Amarante (reconhecido pela ponte que o acompanha) (p. 278) e São Vicente Ferrer, guia das almas.

O interior desta Igreja consagrada a São Tiago Maior é, pois, um bom testemunho de como numa igreja românica facilmente se moderniza a sua estética, adequando-a aos novos gostos e às várias liturgias.



A NÃO PERDER

- 17,5 km: Aldeia de Mafómedes (p. 273)
- 8,3 km: Fundação Eça de Queiroz (p. 273)

33.

PONTE DE ESMORIZ



	Caminho da Ponte de Esmoriz, Ancede Baião
	41° 6' 46.46" N 8° 3' 48.14" O
	918 116 488
	×
	×
	Em vias de classificação
	P. 25
	Acesso livre
	×

A meio percurso de uma calçada de grandes lajes gatas situa-se a Ponte de Esmoriz, sobre o rio Ovil, no âmago do antigo couro de Ancede. Do local da sua implantação, ladeada por terras de cultivo, é quase possível abarcar-se no mesmo golpe de vista as casas senhoriais que “vigiam” esta passagem: Esmoriz, na encosta da margem direita, e Penalva, na margem esquerda.

Assim, no centro daquele triângulo de poder eclesiástico e senhorial, a Ponte de Esmoriz inclui-se na categoria de travessias de âmbito local e regional. Ao contrário do que se crê, nem sempre as pontes pétreas assinalavam local de muito trânsito ou percurso nacional, por onde caminhavam peregrinos em demanda dos grandes santuários medievais. Mais prosaica, a realidade local faz-se de necessidades do quotidiano, como assegurar a boa passagem dos gados aos pastos e, por exemplo, no caso de Ancede, fazer chegar os produtos dos cais fluviais de Porto Manso e Pala ao Mosteiro de Ancede (Baião) (p. 139). Sim, aqui a grande estrada é o Douro, canal de circulação de homens e bens em direção ao litoral e no sentido oposto.

Contudo, o trajeto mais rápido da Pala ao Mosteiro era outro, bem conhecido de monges e fregueses, que passavam



sobre outra ponte a jusante da de Esmoriz, que o cura da freguesia assinala, em 1758, junto aos moinhos das “Machoças”.

Pela Ponte de Esmoriz passaria o trânsito animal, tal qual se refere num documento, e o de pessoas, buscando a honra da Lage e a igreja de Santa Leocádia (Baião).

Embora herdeira do modelo medieval de tabuleiro em cavalete sobre arco de volta perfeita, a Ponte de Esmoriz deve ter sido edificada entre os séculos XV e XVII.

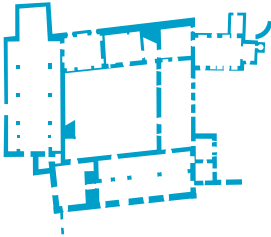
A primeira referência que encontramos na documentação refere-se a 1666, embora em 1400 se refira um carril para o gado que saía de Esmoriz. É provável que naquele intervalo cronológico se tenha edificado uma ponte pética, justificada por razões económicas locais.

De um só arco de volta perfeita, tabuleiro ligeiramente levantado com guardas e sem talha-mares ou contrafortes, a Ponte de Esmoriz apresenta aparelho regular, bem talhado com aduelas estreitas e compridas.



34.

MOSTEIRO DE SANTO ANDRÉ DE ANCEDE



Rua Padre Lima
Ancede
Baião



41° 6' 7.26" N
8° 3' 25.05" O



918 116 488



Dom. 11h



Santo André
30 novembro



Monumento de
Interesse Público, 2013



P. 25



P. 25



Sim

Edificada numa encosta voltada ao Douro, a Igreja dedicada ao apóstolo Santo André, em Ancede, foi cabeça de um extenso património religioso e espiritual, mas também económico. A carta de coutamento, datada de 1141, definiu os limites de uma área considerável de domínio a partir da qual os cónegos regrantes dirigiram um importante trabalho de humanização. Mas a sua área de influência estabeleceu-se muito além da cerca monástica e do próprio couto. Somando a aquisição de património fundiário e de certos direitos ao longo do vale do Douro, desde cedo os monges souberam tirar partido da exploração dos recursos naturais e, sobretudo, do manejaemento de técnicas para criar um importante entreposto comercial baseado na produção e exportação de vinho e na administração das rendas que lhes eram devidas pela posse de um considerável conjunto de propriedades a norte e sul do Douro.

Talvez por isso pareça ainda menos provável a lenda que explica o nome Ancede e a hipotética transferência do núcleo monástico inicialmente instalado em Ermelo. Diz a voz popular que D. Afonso Henriques (r. 1143-1185) autorizou a deslocação dos monges com base na

queixa apresentada pelos mesmos: "havia sede", pois o lugar de Ermelo era escasso em águas. "Pois se hão sede", replicou o monarca, "mudem-se".

Da época medieval são escassos os vestígios. O elemento mais significativo é a rosácea românica, de execução tardia, conservada na parede fundeira da capela-mor da Igreja monástica. Deve juntar-se-lhe os paramentos medievais nos alçados norte e sul da cabeceira, testemunhos do que terá sido a Igreja românica até à chegada dos dominicanos.

Todo o restante corpo eclesial, Mosteiro e dependências monásticas são já fruto das correntes artísticas que marcaram os séculos XVI a XIX. A Igreja medieval foi destruída logo após a chegada dos dominicanos, em 1559, tendo apenas soçobrado a cabeceira. Em 1689, a igreja monástica e a igreja dos fregueses foram transformadas numa só, que atualmente persiste, num amplo edifício com três naves.

Embora, quase desde a sua fundação até à sua extinção, em 1834, o Mosteiro de Ancede tenha constituído uma casa próspera, dois períodos são particularmente notáveis na história do edifício: a viragem da Idade Média para a Época Moderna (séculos XV e XVI) e o século XVIII. No primeiro reflete-se a aproximação dos priores à cidade do Porto, aproveitando o estatuto de vizinhança da cidade para escoar o vinho e outros produtos através de Ancede. Efetivamente, desde cedo os monges souberam deitar mão da sua posição privilegiada, junto ao Douro. Controlando a passagem das embarcações que subiam e desciam o rio, tornaram-se donos de um cobiçado monopólio económico.

Certos cidadãos da cidade, desagradados com esta concorrência, tentaram, por várias vezes, travar o progresso e os negócios do Mosteiro na barra do Douro. Não obstante as inimizades que os priores criaram na sua ascensão, o crescimento de Ancede continuou a marcar o panorama económico regional.





Tal prosperidade não foi travada pela mudança de ordem, muito embora Antecede tenha deixado de ser uma casa autónoma, por ter sido integrada no património do convento de São Domingos de Lisboa, numa ótica de apoio régio a esta casa. A partir de Lisboa, os dominicanos passaram a gerir o vasto património desta casa duriense.

O movimento do cartório, hoje repartido entre os Arquivos Nacionais da Torre do Tombo, em Lisboa, e o Arquivo Distrital do Porto, demonstra que a chegada dos dominicanos lançou uma época de reformas. Num dos vários inventários setecentistas são listadas as inúmeras obras e aquisições de património móvel daquela época. De todas, a mais importante, se quisermos, foi a edificação da capela do Senhor do Bom Despacho, levantada no vasto adro da Igreja, contígua ao muro que sustém a área das adegas e demais edifícios para uso agrícola.

Trata-se de um pequeno templo, de planta octangular, edificado em 1731, e que dá expressão a um programa artístico barroco algo extravagante. Na nave, seis retábulos, construídos ao modo de pequenos palcos, mostram cenas da Vida de Maria e da Infância de Cristo, desde a Anunciação até à Apresentação no Templo. As pequenas figuras, de vulto, em madeira, organizam-se em bocas de cena com cenários, dando expressão a um autêntico teatro sacro. O retábulo maior, também dentro do estilo de barroco nacional, prossegue com cenas da Paixão de Cristo, constituindo com a capela-mor um mostruário dos Mistérios Gloriosos e Dolorosos que culminam com a Assunção e a Coroação da Virgem. Os seis primeiros passos da Paixão são mostrados em reduzidas caixas, semelhantes aos pequenos palcos da nave. De todas as cenas, chamamos a atenção para a deposição de Cristo na caixa central ao nível térreo, valiosa

composição em argila policromada que, não obstante representar Cristo jacente descido da Cruz, permite-nos, pela composição das figuras ao seu redor, um paralelismo com o momento da Última Ceia, em que o Salvador é, ao mesmo tempo, mesa de comunhão e alimento pelo qual se alcança a Salvação.

Voltando à Igreja, devemos destacar o conjunto (incompleto) de pinturas que também evoca os Passos e a Paixão de Cristo, obras da segunda metade do século XVII, assim como o acervo escultórico disperso pela Igreja e sacristia, trabalhos de matriz barroca executados entre meados do século XVI e os finais do século XVIII. Chamamos particularmente a atenção para o móvel e respetivos relicários executados para a sacristia, que representam vários mártires, santos e santas.

São peças do século XVIII. Dentro da categoria de relicários há a destacar a cabeça santa de Ancede. Um invólucro de prata, sem labores, oculta parte de um crânio humano, supostamente pertencente a um antigo cônego regrante de Ermelo que, em vida e depois da sua morte, curava a raiva. Era venerado num dos altares colaterais da Igreja, onde no dia 1 de maio acorriam homens e mulheres da região em busca de cura ou alívio.

Devemos ressaltar, ainda, a importante cruz processional ofertada por um dos abades no século XIV.

O conjunto monástico foi esvaziado em 1834 do seu capital humano, tendo sido adquirido no ano seguinte por José Henriques Soares (1785-1853), mais tarde barão de Ancede, importante negociante e político liberal.

CENTRO INTERPRETATIVO DA VINHA E DO VINHO

No Mosteiro de Ancede, visite também o Centro Interpretativo da Vinha e do Vinho, onde poderá conhecer os espaços recuperados dos antigos celeiros, a adega, os lagares e a quinta. Esta, ainda hoje em pleno funcionamento, produz vinho verde (da casta Avesso), fruta e produtos hortícolas.



35.

CAPELA DA SENHORA DA LIVRAÇÃO DE FANDINHÃES



	Rua da Nossa Senhora da Livração, Paços de Gaiolo, Marco de Canaveses
	41° 6' 22.95" N 8° 7' 45.93" O
	918 116 488
	x
	Senhora da Livração Último dom. de maio
	Monumento de Interesse Público, 2012
	P. 25
	P. 25
	x

Enigmática, a Capela hoje consagrada à Senhora da Livração surge como um caso isolado no seio do românico português. Se ao longo da história da arte se registou uma tendência para ampliar ou substituir capelas-mores nas igrejas românicas, neste caso em particular estamos diante daquilo que pode ser um exemplo oposto, confirmada a hipótese de a nave daquela que foi a igreja paroquial de Fandinhães ter sido demolida, seguramente antes de 1758. Esta igreja, que nos tempos medievos era dedicada a São Martinho, terá tido uma nave única, retangular. As escavações arqueológicas, em 2016, identificaram os alicerces das paredes norte e sul da nave, na continuação do atualmente visível à superfície, bem como a existência de uma necrópole utilizada na época moderna e medieval naquilo que foi o seu espaço interior. Implantada a cerca de 500 metros de altitude, afastada dos canais de circulação paralelos aos cursos de água, São Martinho de Fandinhães foi edificada seguindo a orientação canónica, não se abrindo assim ao espaço humano e agrícola que supostamente deveria proteger. Pelo contrário, o seu percurso foi definitivamente marcado por esta distância e pelo avanço da humanização em direção ao vale.

Já no século XIII se começava a povoar o lugar de Paços de Gaiolo, de "Gayol" ou "Goyol".

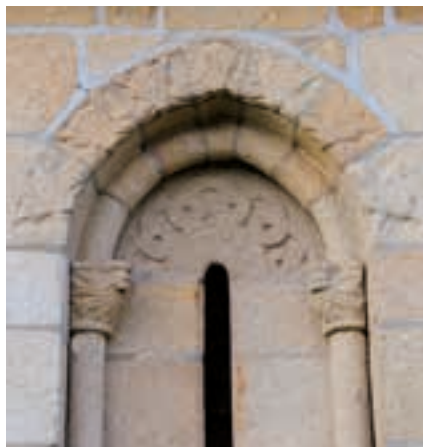
Assim, chegados a este local deparamo-nos com uma Capela, que a determinada altura da sua vivência viu o culto a São Martinho ser suplantado por São Brás e depois pela invocação mariana. Hoje, apenas permanece a capela-mor, sendo que o arco triunfal foi convertido em portal principal. Junto deste ainda vemos pelas ruínas, ao modo do gosto românico, os arranques da nave (que ainda foram começados ou que se deixaram ficar), mais larga e mais alta que a cabeceira, como era de regra.

Este testemunho arquitetónico da época românica é mais uma prova da itinerância de formas e de artistas que tão bem caracterizou este momento da Idade Média.

Seguindo um modelo que encontramos em Travanca (Amarante) (p. 212) e em Abragão (Penafiel) (p. 152), vemos esculpidas, nos capitéis do portal principal, figuras atlantes de aresta que se apoiam em folhas salientes. No atual adro vemos dois silhares que, pelas formas que ainda ostentam, dariam corpo a uma característica cornija sobre arquinhos, motivo muito querido ao românico da bacia do Sousa e que a ela chegou através de Coimbra. A existência de toros diédricos nas frestas fala-nos de uma influência provinda da região do Porto e que a foi buscar à região francesa de Limousin. E, já que falamos de elementos de origem estrangeira disseminados por centros que entre nós os assimilaram, repare-se no tema das *beak-heads*, divulgado a partir de São Pedro de Rates (Póvoa de Varzim), a ornamentar as aduelas da fresta sul.

AS BEAK-HEADS

Motivo de importação anglo-saxónica, foi a partir de São Pedro de Rates (Póvoa de Varzim) que o motivo das *beak-heads* se disseminou amplamente pelo território português. Trata-se da figuração de cabeças de animais que mordem o toro das aduelas. Além da arquivolta interna do portal da torre de Travanca (Amarante) (p. 212), surge este motivo nas aduelas do exterior da fresta fundeira do panteão dos Resendes (Mosteiro de Cárquere, Resende (p. 121)), no arco envolvente da fresta sul da capela-mor de Fandinhães e, caso único em Portugal, no arco triunfal de Tarouquela (Cinfães) (p. 109). Todavia, neste último exemplo, em vez das tradicionais cabeças de pássaro, encontramos figuradas cabeças de tigres ou de lobos. No claustro do Mosteiro de Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90) conserva-se, ainda hoje, uma aduela avulsa com este tema.



Se na maior parte dos cachorros exibem-se motivos de sabor geométrico, no meio destes destacam-se dois com a representação de figuras humanas algo estilizadas e, noutro ainda, o tema do *exibicionista*, figura masculina acorçada, representada nua e com a mão direita sobre os órgãos genitais, enquanto a esquerda se coloca no rosto, esquema que encontramos igualmente em Tarouquela (Cinfães) (p. 109).

Já nos arranques da nave, do lado norte, vemos representada uma ave (um pelicano?), e, do outro lado, vemos uma nova aproximação à temática do *exibicionista*. Um homem afaga com ambas as mãos a sua barba, tratada de forma estilizada, recordando o desenho de uma tipologia comum a vários edifícios românicos espanhóis ou na figura da mísula que, do lado direito, sustenta o tímpano do portal principal de Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90).



A ICONOGRAFIA ROMÂNICA

É comum ao românico europeu a iconografia com temas provocatórios e obscenos, embora sejam muito frequentes temas menos explícitos, mas igualmente alusivos ao pecado da luxúria como as sereias, as mulheres acompanhadas de serpentes ou estas últimas sozinhas e que cremos ver representadas num capitel do atual portal principal, no mesmo lado sul, da Capela de Fandinhães.

No espaço que outrora pertencera ou pertenceria à nave, duas lajes identificam duas sepulturas. A de maiores dimensões tem gravada uma espada, bastante estereotipada: lâmina, guarda reta e punho. Na outra laje, mais pequena, foi desenhada uma simples cruz.

Sobre o portal principal, a fresta foi tapada por um painel azulejar recente, polícromo, representando a Virgem com o Menino.

No interior da Capela, um retábulo em estilo barroco nacional, polícromo, abriga a imagem da padroeira ladeada pelos seus antecessores, São Brás, à esquerda, e São Martinho, à direita. Destaque-se o frontal de altar composto por azulejos de aresta de sabor mudéjar, formando uma composição floral geometrizada.



36.

MEMORIAL DE ALPENDORADA



	Rua do Memorial Alpendorada e Matos Marco de Canaveses
	41° 5' 20.05" N 8° 14' 49.71" O
	918 116 488
	x
	x
	Monumento Nacional 1910
	P. 25
	Acesso livre
	x

Conjugando as ideias de sepulcro e de monumento comemorativo, o Memorial de Alpendorada ergue-se, hoje, junto ao cruzamento das estradas nacionais 210 e 108, sob plataforma, numa área completamente urbanizada. No entanto, não é esta a sua original implantação, tendo a sua trasladação sido feita durante a década de 1970. Ao que sabemos, a sua edificação terá tido seguramente em conta a escolha de um lugar isolado. Datáveis da primeira metade do século XIII, estas sepulturas foram erguidas em terrenos ermos, embora com frequência junto a caminhos importantes, contrariando a tendência da época de localizar as necrópoles em espaço sagrado, na área de igrejas e capelas. Além disso, correspondem geralmente aos “fiéis de Deus” que, de certa forma, tiveram morte accidental ou em duelo, estando assim eclesiasticamente proibidos de se sepultarem em locais sacralizados. Não tem o Memorial de Alpendorada qualquer epígrafe que nos ajude a precisar a natureza da tumulação que nele foi realizada. No entanto, nas pedras superiores do plinto que serve de base ao arco está gravada uma longa espada com punho rematado por um pomo circular e dotado de guarda reta. O desenho da lâmina está de

OS "MARMOIRAIS"

"Há em Portugal, especialmente no Norte, uns pequenos monumentos isolados, junto dos lugares de passagem, cujas notícias, fiéis ou fantasiosas, a tradição mantém. Dá-lhes o povo o nome de 'marmoirais' (corrupção de memoriais) ou apenas de arcos, em vista da forma que quase todos apresentam". É com estas palavras que Pedro Vitorino procurou definir pela primeira vez, em 1942, este tipo de monumentos funerários, ao que se sabe, exclusivamente portugueses e popularmente designados como "arcos, arquinhos, memoriais e marmoirais".

acordo com a tipologia comum aos séculos XI e XII, mostrando gumes paralelos e uma ponta pouco pronunciada, denunciando assim uma função essencialmente cortante. Além disso, a partir da segunda metade do século XII, imperam os pomos com forma discoidal, forma idêntica à aqui gravada.

Este atributo da nobreza encontrava-se igualmente no monumento de Lordelo (Ancede, Baião), demolido no século XIX, e mantém-se ainda no de Sobrado (Castelo

de Paiva) (p. 104). Também na chamada campa dos templários (Marco de Canaveses), laje sepulcral medieval em granito existente em Alpendorada e Matos, perto do mosteiro de Alpendorada, existem relevos nos topos laterais que, apesar da sua difícil perceção, poderiam corresponder a uma espada de cada lado. Ou seja, em Alpendorada, estamos seguramente diante de um monumento funerário e memorativo de um membro da nobreza e, mais especificamente, de um cavaleiro.





O Memorial de Alpendorada foi edificado em granito, mostrando uma estrutura que se aproxima do da Ermida, em Penafiel (p. 96). É constituído por uma base com duas fiadas bem aparelhadas, a que se sobrepõe um arco de volta perfeita, composto por dez aduelas lisas. O conjunto é encimado por uma cornija com dupla moldura horizontal saliente, a todo o comprimento, que suporta por sua vez uma cumeeira de duas águas de acentuado pendente, enquadrada num e noutro lado como que por duas caixas de secção hexagonal. Este arco apoia-se sobre uma base paralelepípedica maciça, com sapata, com dupla cavidade mortuária.



D. SOUSINO ALVARES

A tradição popular tem vindo a associar o Memorial de Alpendorada ao cavaleiro D. Sousino Alvares, figura essa que anda igualmente ligada ao Memorial da Ermida (Irivo, Penafiel) (p. 96). Segundo um documento de 1114, citado por frei António da Soledade no século XVIII, este último seria o seu jazigo. No entanto, tendo em conta o estilo deste monumento, estamos diante de um memorial levantado depois da sua morte, erguido nesse caso para o relembrar.



A NÃO PERDER

• 0,6 km: Museu da Pedra (p. 276)



CENTRO DE
INTERPRETAÇÃO
DA ESCULTURA
Românica

PERCURSO

VALE DO TÂMEGA

- 20 Igreja de São Pedro de Abrugão
- 21 Igreja de São Gens de Boelhe
- 22 Igreja do Salvador de Cabeça Santa
- 37 Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo
- 38 Igreja de Santo André de Vila Boa de Quires
- 39 Igreja de Santo Isidoro de Canaveses
- 40 Igreja de Santa Maria de Sobretâmega
- 41 Igreja de São Nicolau de Canaveses
- 42 Igreja de São Martinho de Soalhães
- 43 Igreja do Salvador de Tabuado
- 44 Ponte do Arco
- 45 Igreja de Santa Maria de Jazente
- 46 Ponte de Fundo de Rua
- 47 Igreja de Santa Maria de Gondar
- 48 Igreja do Salvador de Lufrei
- 49 Igreja do Salvador de Real
- 50 Mosteiro do Salvador de Travanca
- 51 Mosteiro de São Martinho de Mancelos
- 52 Mosteiro do Salvador de Freixo de Baixo
- 53 Igreja de Santo André de Telões
- 54 Igreja de São João Baptista de Gatão
- 55 Castelo de Arnoia
- 56 Igreja de Santa Maria de Veade
- 57 Igreja do Salvador de Ribas
- 58 Igreja do Salvador de Fervença

Memorial de Unidade
PERCURSO
"VALE DO SOUSA"

PERCURSO "VALE DO DOURO"

1978-2003

20.

IGREJA DE SÃO PEDRO DE ABRAGÃO



Largo Dr. Armando Melo
Abragão
Penafiel



41° 9' 26.6" N
8° 13' 20.8" O



918 116 488



Sáb. 16h/17h (inv./ver.)
Dom. 7h e 11h



São Pedro
29 junho



Monumento Nacional
1977



P. 25



P. 25



Sim

A Igreja de São Pedro de Abragão conserva da época Românica unicamente a cabeceira. Contudo, esta cabeceira é um significativo testemunho da arquitetura românica da região. Apresenta, no exterior, um friso composto por motivos geométricos, que recorda o modo de decorar as igrejas das épocas visigótica e moçárabe e cuja revivescência, em obras do século XIII, constitui um dos mais interessantes e peculiares fenómenos da arquitetura românica portuguesa. O dialeto românico dos Vales do Sousa e do Baixo Tâmega patenteia singularmente este fenómeno.

Em 1105 é já referida a existência da Igreja de Abragão, data em que Paio Peres Romeu doa, por testamento, a quarta parte de "Sancto Petro de Auregam" ao Mosteiro de Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90). Não era, no entanto, aquela Igreja o edifício respeitante à cabeceira românica que hoje se conserva, pois esta é datada do segundo quartel do século XIII, correspondendo a uma edificação que a tradição atribui à iniciativa de D. Mafalda (1195-1256), filha do rei D. Sancho I (r. 1185-1211).

A fachada principal, bem como a nave, correspondem a uma reedificação da segunda metade do século XVII.

A cabeceira e o respetivo arco cruzeiro constituem os únicos elementos românicos que restaram da construção original. A cabeceira retangular é formada por dois tramos ritmados e por contrafortes escalonados mostrando uma solução destinada a minorar a infiltração das águas pluviais. No interior, a abóbada de pedra de arco quebrado cobre toda a estrutura da cabeceira, abrigando um retábulo da época barroca. A capela-mor apresenta decoração escultórica de temática vegetalista, incluindo o arco triunfal que é encimado por uma rosácea, em forma de estrela de cinco pontas, e cuja decoração se reporta aos tradicionais temas da suástica flamejante, das rosetas de seis folhas e das palmetas, executadas a bisel. As bases bolbiformes, as colunas adossadas e os capitéis, muito volumosos em relação à pouca altura da cabeceira, apresentam temas decorativos semelhantes

aos do portal principal do Mosteiro de Travanca (Amarante) (p. 212). Os capitéis são um bom testemunho da maneira românica de esculpir. Um deles apresenta atlantes na aresta que se apoiam em folhas e o outro, aves entrelaçadas pelo pescoço. A forma de distribuir a escultura é bem enquadrada no cesto dos capitéis. No capitel da esquerda, as figuras-atlantes, cujas cabeças estão na aresta do cesto, acentuam a função de suporte da coluna e, no capitel da direita, as aves afrontam-se na aresta, sendo a face central do cesto ocupada por uma cabeça de animal que abocanha as caudas das aves. Este modo de esculpir os capitéis, numa relação muito estreita entre a sua forma e o modo de dispor a escultura, é precisamente um dos aspetos que mais caracteriza e particulariza a escultura da época românica.



ACHADOS DA IGREJA DE ABRAGÃO

Em 2006, no decorrer dos trabalhos do arranjo urbanístico do Centro Cívico de Abragão, foi encontrada, no edifício de apoio à Junta de Freguesia, uma significativa série de elementos arquitetónicos da época românica provenientes da Igreja. Na construção das paredes do edifício - utilizado como oficina de ferreiro - foram incluídas várias peças, umas aparelhadas e outras esculpidas, pertencentes à antiga nave da Igreja, reedificada na segunda metade do século XVII.

A cabeceira e o respetivo arco cruzeiro constituíam, até ao presente, os únicos elementos românicos que restavam da construção original. Esta descoberta veio enriquecer o valor patrimonial da Igreja românica. O estudo e a musealização das peças no Centro de Interpretação da Escultura Românica (p. 260), junto à Igreja, contribuem para um melhor conhecimento, não somente da Igreja de Abragão, mas de todo o românico das bacias do Baixo Tâmega e do Vale do Sousa.

Dos elementos encontrados são de destacar capitéis, bases, aduelas e fustes pertencentes a um portal. A sua dimensão e quantidade permitem supor que integravam o portal principal da Igreja. Os capitéis com animais afrontados, as palmetas tratadas a bisel e as aduelas esculpidas com um motivo de círculos secantes, aproximam estas peças da escultura das Igrejas de Boelhe (p. 156) e de Paço de Sousa (p. 90), ambas no concelho de Penafiel.

Mais surpreendente é a dimensão e qualidade escultórica da rosácea que vários elementos testemunham. Este indício é precioso por duas razões. Por um lado, as rosáceas das outras igrejas românicas da região, como as dos Mosteiros de Paço de Sousa e de Pombeiro (Felgueiras) (p. 30), foram alvo de alterações e, por outro, a dimensão que a rosácea de Abragão apresenta permite pensar que a nave da Igreja teria uma escala bem superior à da cabeceira. Tudo indica que a Igreja de Abragão apresentava uma monumentalidade até agora insuspeitada.



A fachada principal e a nave datam do século XVII, como esclarecem as inscrições existentes na obra de pedraria. No ano de 1668 procedeu-se à reedificação da nave, sendo o patrono da obra o abade Ambrósio Vaz Golias. Atendendo ao estado de ruína que apresentava a nave da Igreja, o abade enceta essa campanha reformadora para dignificação do velho templo.

A fachada e a nave da Igreja inserem-se na corrente maneirista, dentro de um gosto austero e depurado. No interior da Igreja há elementos de gosto barroco patentes nas estruturas retabulares dos altares colaterais e do altar-mor bem como na pintura policroma sobre pedra, na parede contígua ao arco triunfal e nas paredes e teto da capela-mor.



Esta Igreja recebeu um restauro em 1845, sendo as obras custeadas por José António de Matos, residente no Brasil e natural desta freguesia, numa atitude que a imprensa da época classificou de piedosa e patriótica. As obras da Igreja, que ameaçava ruína, foram dirigidas por Francisco Monteiro Guedes Meireles de Brito, que conservou na reedificação o mesmo cunho e carácter do edificio primitivo: Igreja veneranda cuja origem pouco cede em antiga à da “monarchia”.

Apesar de não ser possível saber quais os elementos atingidos pelas obras de 1845, é significativo que a elas tenha presidido a ideia de conservar o cunho e carácter originais, tratando-se por isso de um restauro e não de uma obra de conservação ou de modernização, motivado pelo prestígio da tradição que atribui a D. Mafalda (p. 158) a fundação da Igreja.



A NÃO PERDER

- 0,06 km: Centro de Interpretação da Escultura Românica (p. 260)

21.

IGREJA DE SÃO GENS DE BOELHE



Largo da Igreja
Boelhe
Penafiel



41° 8' 5.85" N
8° 14' 33.41" O



918 116 488



x



São Gens
25 agosto



Monumento Nacional
1927



P. 25



P. 25



x

A localização desta Igreja, numa vertente do Tâmega e em lugar de acentuado valor paisagístico, a escala do templo e a singularidade da sua escultura são razões que convidam a uma visita a esta peculiar Igreja, da antiga paróquia de São Gens de Boelhe.

A Igreja de uma só nave e cabeceira retangulares segue a planimetria mais comum da arquitetura românica portuguesa. No entanto, apesar da sua aparente simplicidade, é de realçar a qualidade patente na construção dos muros nos quais é visível uma apreciável quantidade de siglas geométricas e alfabéticas. As siglas de canteiro, presentes nos edifícios românicos desde cedo, tornam-se mais comuns nas igrejas rurais, sobretudo a partir dos inícios do século XIII. Embora pouco se saiba sobre a organização do trabalho nos estaleiros, no caso português elas são também marcas do prestígio do ofício de canteiro, já que correspondem a uma assinatura. As siglas de Boelhe, frequentes e repetidas, sugerem que a Igreja terá sido feita por meia dúzia de canteiros.

O portal principal apresenta semelhanças com os portais das Igrejas de Sousa (p. 38), de Unhão (p. 42) e de Airães (p. 47), todas no concelho de Felgueiras.

É de realçar a originalidade na conceção escultórica dos capitéis deste portal, com palmetas executadas a bisel, típicas do "românico rural" da bacia do Sousa, ornatos grafiticos de cruzeiros dentro de círculos, motivos muito antigos que acusam a revivescência de técnicas decorativas tradicionais empregues nas arquiteturas pré-românicas das épocas visigótica e moçárabe, e que fazem desta Igreja uma das mais conseguidas expressões decorativas do "românico rural".

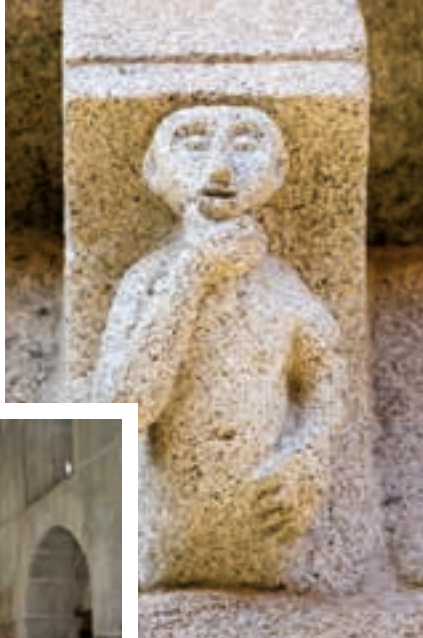
No lado sul da empena da fachada principal resta o arco do campanário ou torre sineira, que abrigava o sino. Na fachada sul, os cachorros mostram-se menos esculpidos, enquanto do lado norte, provavelmente por esta face não ter sido destinada a ser encoberta por construções, a cachorrada apresenta motivos que vão desde cabeças de touro até homens que transportam pedra ou, ainda, elementos geométricos. A exuberância escultórica destes cachorros testemunha dois dos aspetos que mais caracterizam a escultura românica: o gosto pela variedade e a vontade de impressionar.

As molduras das frestas e as do portal principal, juntamente com a grande quantidade de siglas alfabéticas ou geométricas que as suas paredes evidenciam, interna e externamente, sugerem que esta Igreja deve ser datada entre meados e os finais do século XIII.

A Igreja de Boelhe, como hoje se encontra, é também o resultado da campanha de restauro decorrida entre 1929 e 1948, por iniciativa da Direção Geral de Belas-Artes e da Direção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais.

Dos trabalhos de restauro é de salientar a redução da capela-mor, segundo o paradigma românico, a reedificação da fachada sul com o intuito de corrigir as irregularidades, a demolição da torre sineira e do coro e a reedificação do campanário, na frontaria da Igreja. Nestas obras foi desentaidada a porta norte, substituído o altar-mor e retirados os restantes altares da Época Moderna. As ações de restauro foram concluídas com a construção do altar-mor em pedra, a colocação de vitrais, a substituição do sistema de coberturas, o arranjo do adro e a deslocação do cemitério.





BEATA MAFALDA DE PORTUGAL

A tradição atribui a fundação da Igreja de Boelhe ora à filha de D. Sancho I (r. 1185-1211), a Beata Mafalda (1195-1256), ora à sua avó, a rainha D. Mafalda (1125-1157), mulher de D. Afonso Henriques (r. 1143-1185).

A rainha D. Mafalda foi muito celebrizada pela fundação de albergarias e pontes, ação considerada, na Idade Média, como obra de piedade e penitência. Fundou uma albergaria no Marco de Canaveses, onde eram recebidos e tratados os viajantes pobres, referindo a tradição que a ela se devem a ponte sobre o Douro em Barqueiros (Mesão Frio) e uma outra ponte sobre o Tâmega, bem como as barcas de passagem "por Deus" em Moledo (Mesão Frio) e Porto de Rei (Resende). A fundação da Igreja de Abragão (p. 152), igualmente situada no concelho de Penafiel, é também atribuída ora à rainha D. Mafalda, ora à filha de D. Sancho I.

A verdade é que a Beata Mafalda terá sido criada por Urraca Viegas de Ribadouro, patrona do mosteiro de Tuías (Marco de Canaveses), na honra de Louredo, propriedade da sua educadora. Este facto deve ter contribuído para alicerçar a tradição de ter sido a Beata Mafalda a fundadora de Boelhe e Abragão.

O testamento da filha de D. Sancho I distribuiu os seus bens por igrejas e mosteiros, entre os quais constam o padroado da igreja de Louredo e os bens deixados ao Mosteiro de Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90).

22.

IGREJA**DO SALVADOR
DE CABEÇA
SANTA**

Largo P. Carlos P. Soares
Cabeça Santa
Penafiel



41° 7' 55.39" N
8° 16' 48.14" O



918 116 488



Sáb. 18h30
Dom. 8h



Divino Salvador
6 agosto



Monumento Nacional
1927



P. 25



P. 25



x

Uma visita à Igreja do Salvador de Cabeça Santa é um excelente motivo para compreender a arquitetura românica portuguesa. As soluções adotadas acusam as influências da sé do Porto e da igreja de São Martinho de Cedofeita, na mesma cidade, demonstrando como a itinerância das equipas de artistas favoreceu a viagem das formas.

Nas *Inquirições de 1258*, a Igreja é já referida sob a designação “do Salvador da Gândara”, denominação que irá manter até ao século XVII, quando começa a surgir também intitulada de “Cabeça Santa”, em referência a um crânio guardado em relicário de prata e exposto em altar próprio na nave da Igreja.

O arranjo dos portais e a escultura dos capitéis são muito semelhantes aos da igreja de São Martinho de Cedofeita, que, por sua vez, apresenta soluções decorativas muito próximas das que foram utilizadas na construção românica da sé portuense. A escultura arquitetónica de Cabeça Santa resulta, assim, da combinação de modelos de direta influência francesa, de modelos próprios da região do Porto e, ainda, de modelos inspirados e influenciados pela escultura pré-românica.



As influências da sé do Porto e da igreja de Cedofeita indiciam que esta Igreja paroquial deverá datar das primeiras décadas do século XIII.

Os portais laterais, que quase todas as igrejas românicas portuguesas apresentam, tinham um valor de uso muito maior do que o portal principal. É pelos portais laterais que se entra e sai nos serviços quotidianos. O portal principal, mais largo e monumental, onde há uma maior concentração de escultura, era destinado primordialmente à saída e entrada das procissões, momentos de maior raridade e solenidade do calendário litúrgico.

Na construção religiosa da época românica, o portal ocidental era concebido como Porta do Céu ou como Pórtico da Glória. A vontade de proteger as entradas das igrejas, bem como o espaço cemiterial que muitas vezes lhes estava fronteiro, concretizou-se na representação de temas sagrados nos portais, mas também na inclusão de outros elementos, como a escultura de animais assustadores ou pode-

rosos, e de sinais de valor mágico, ou seja, motivos escultóricos como cruzes e rodas solares, capazes de defender as entradas e de proteger a igreja de todos os males.

É com este sentido que, na Igreja de Cabeça Santa, o portal ocidental apresenta um tímpano onde assentam cabeças de bóvidos. Nos capitéis há aves afrontadas, num esquema bem ao sabor românico, que adapta a figuração à peça da arquitetura (capitel). Num dos capitéis figura um personagem deitado e agarrado pela boca de um animal, reportando-se à ideia do homem aprisionado pelo pecado.

Na fachada sul permanecem mísulas e um lacrimal que testemunham a presença de um alpendre com telhado de uma água. Estes alpendres que se encostavam às fachadas laterais das igrejas e, por vezes, à fachada principal, como no caso da Igreja do Mosteiro de Ferreira (Paços de Ferreira) (p. 66), destinavam-se a variadas funções. Constituíam espaços destinados a cemitérios e à celebração de rituais funerários, bem como a locais de reunião e de abrigo.

A RELÍQUIA

Apesar de desconhecida a personagem santa a que pertenceu a relíquia, a verdade é que a sua fama de milagreira, intercessora de várias doenças e das mordidas de cães raivosos, atraiu a devoção e a peregrinação dos fiéis, que a veneravam no dia de São João Baptista, rogando ou agradecendo os milagres.

Jorge Cardoso, no *Agiológio lusitano...*, obra editada em 1666 com a intenção de esclarecer a verdadeira atribuição da relíquia, descreve: "O nome que teve o celestial varão nos escondeo o tempo, mas o demónio o divulgou há bem pouco. Foi o caso que aplicada esta veneranda relíquia a um energúmeno, dizendo-lhe que era do glorioso Baptista, respondeo o inimigo por sua boca: Enganaste que não é sua, mas de outro santo homem, que teve o mesmo nome. E posto que o demónio é pai da mentira, contudo muitas vezes fala verdade em semelhantes casos, por permissão divina".

O mesmo autor regista a existência e a veneração a 37 cabeças santas existentes em Portugal, no século XVII. Na Idade Média, os crânios atribuídos a mártires e santos, supostos ou verdadeiros, constituíam uma das relíquias de maior apreço, fenómeno que perdurou largamente durante a Época Moderna.

Na época românica, a igreja era, habitualmente, o edifício mais nobre de uma paróquia. Para além das funções sacras e litúrgicas, junto à igreja – polo aglutinador da freguesia – desenrolavam-se muitas das atividades quotidianas da população, como reuniões, atos notariais e trocas comerciais, que o espaço dos alpendres albergava.

No adro da Igreja, em afloramento granítico, subsistem três sepulturas escavadas na rocha. Encostados ao muro, a sul da Igreja de Cabeça Santa, encontram-se

ainda três sarcófagos medievais com as respetivas tampas.

O interior da Igreja apresenta-se-nos hoje quase totalmente despojado de cor, de altares, de pinturas, de imagens ou de outro tipo de mobiliário litúrgico e devocional. No arco cruzeiro, os capitéis, também muito semelhantes aos de São Martinho de Cedofeita, constituem o único aspeto decorativo.

O que ressalta, tanto na nave, como na cabeceira, é o aparelho granítico de boa qualidade, como é habitual no românico



português. Contudo, cabe aqui observar que este aspeto de total sobriedade resulta de uma campanha de restauro do século XX.

O nosso tempo é depositário de uma imagem muito afastada da realidade, no que diz respeito à arquitetura românica. Equivocamente, o arquétipo de uma igreja medieval anda sempre associado, na nossa cultura, à sobriedade, à ausência de cor, à estima pela pedra à vista. No entanto, esta ideia é profundamente errada. As igrejas despidas e monocromáticas são, mental e devocionalmente, inconcebíveis na Idade Média.

A atualmente denominada capela de Nossa Senhora do Rosário, cujo acesso se realiza a partir da nave da Igreja, define um espaço autónomo de planta retangular e é um marco distintivo da transformação da estrutura medieval. Segundo documentação datada do ano de 1758, sabe-se que era então denominada capela do Santíssimo Sacramento, uma invocação que em muito explica a sua edificação na nave desta Igreja.

Do ponto de vista decorativo, este espaço apresenta-se bastante equilibrado e requintado no que toca à linguagem adotada: o gosto estético próprio do barroco

português está presente sobretudo na peculiar associação entre a talha dourada, o revestimento azulejar e a madeira em pau-preto com aplicações em metal amarelo das grades torneadas que marcam a separação desta capela relativamente à nave da Igreja.

O projeto inicial, desenvolvido pela Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, previa a remoção da torre sineira adossada ao imóvel, mas a sua demolição colidia com os interesses da população local, o que levou a optar pelo seu desmonte e reconstrução, junto ao limite do adro.

O mesmo projeto visava também a demolição da capela de Nossa Senhora do Rosário, anexa ao corpo da Igreja. Embora esta fosse um elemento datado da Época Moderna, tal como a torre sineira, optou-se pela sua manutenção, uma vez que representava um testemunho do esforço construtivo do povo e um elemento de identidade e de memória locais.

Os trabalhos de restauro da capela incidiram na reparação e douramento da talha, reposição dos elementos de talha em falta, recolocação de azulejos, restauro de peças em pau-preto e construção das pilstras no arco.



37.

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE VILA BOA DO BISPO



Av. P. António da Cunha
Machado, Vila Boa do
Bispo, Marco de Canaveses



41° 7' 49.40" N
8° 13' 13.79" O



918 116 488



Dom. 11h



Santa Maria
15 agosto



MN (Igreja/Túmulos)
IIP (Mosteiro), 1977



P. 25



P. 25



x

Referido na documentação dos séculos XI e XII como Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa, este cenóbio estava já ligado aos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho em meados do século XII. Segundo a tradição, foi este Mosteiro de Vila Boa fundado entre 990 e 1022, por D. Monio Viegas, irmão de D. Sisnando, bispo do Porto entre 1049 e 1085, no local da refrega entre cristãos e muçulmanos que, vitimando D. Sisnando, assim o imortalizou.

Desde as suas origens que este Mosteiro se liga à linhagem dos Gascos de Ribadouro, família nobre que alcançou grande influência na época. Senhores de um grande número de mosteiros estrategicamente posicionados ao longo dos afluentes do Douro, em ambas as margens e nos percursos da Reconquista, estes senhores controlavam assim uma ampla área geográfica a norte e a sul do rio Douro. Apesar da sua localização estratégica, este território apresentava condições favoráveis à vida monástica: acidentado, era pouco frequentado pelos viajantes e fora recentemente arroteado e repovoado por uma população que, nos séculos seguintes, se mostrou bem enraizada. Durante algum tempo identificam-se



membros da estirpe dos Gascois, diretos descendentes deles, na posse de haveres em Vila Boa do Bispo ou no território da atual freguesia.

A sua importância foi tal que, por então, recebeu carta de couto de D. Afonso Henriques (r. 1143-1185), em 1141, e foram-lhe concedidos privilégios especiais pelos pontífices da época: os priores do Mosteiro podiam usar mitra (*Breve* de Lúcio II, 1144) e receberam a distinção do uso do báculo (*Bula* de Anastácio IV, 1153). Nos séculos XIII e XIV era Vila Boa do Bispo um dos mais ricos e poderosos mosteiros da região.

Os vestígios românicos que restam (e que a grande remodelação do século XVII ainda deixou a descoberto) comprovam a riqueza do percurso histórico deste Mosteiro. Tendo em conta a sua localização, cremos mesmo que a obra que transfor-

mou significativamente esta Igreja aproveitou grande parte da fábrica românica. É na frontaria da Igreja que encontramos os elementos mais originais da época românica. Embora incompletas, as duas arcadas cegas que ladeiam o portal principal, totalmente transformado durante a Época Moderna, ostentam em terras do Baixo Tâmega uma solução que se familiarizou no românico desenvolvido em torno do eixo Braga-Rates, mas que também encontramos em Santa Maria de Pombeiro (Felgueiras) (p. 30): sobre as aduelas, animais uniafrontados que, pelo carácter evoluído e tardio do seu desenho, devem ter sido concebidos na transição do século XII para o XIII. Refletindo influências estrangeiras, esta forma de decorar a fachada seria ímpar entre nós, o que faria de Vila Boa do Bispo um *unicum* no seio da arquitetura românica portuguesa.

OS MILAGRES DE D. SISNANDO

Segundo as crónicas, foi a cerca de uma légua do atual Mosteiro que o bispo D. Sisnando, há algum tempo recolhido no Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa, fundado por seu irmão, fora surpreendido numa ermida pelos mouros quando celebrava missa. Assassinado pelos infiéis, teria sido enterrado pelos monges do cenóbio debaixo do altar da capela em moimento de pedra. Conforme nos contam frei Nicolau de Santa Maria e frei Timóteo dos Mártires, o bispo do Porto, D. Pedro Rabaldís (episc. 1138-1145), tendo ouvido falar dos milagres que se operavam junto da sepultura de D. Sisnando, visitou-a em 1142. Mas, perante o estado lastimoso da capela que encontrou, mandara transferir o corpo do bispo martirizado para Vila Boa. No entanto, foi graças às crónicas do século XVII que se começa a usar o epíteto de "do Bispo".

Sob a cornija da capela-mor veem-se ainda os cachorros românicos, um deles mostrando um rosto a ocupar todo o espaço disponível. No lado sul da Igreja, na nave, estreitas frestas de evidente sabor românico, foram postas a descoberto. A partir dos elementos visíveis pode-se afirmar que a primitiva capela-mor seria quadrangular, teria abóbada de pedra (conforme denunciam os contrafortes) e seria, também ela, ornamentada exteriormente por arcadas cegas. Mas o mais significativo elemento é um capitel que ostenta o tema da sereia, de dupla cauda, muito bem conservado. A julgar pelos vestígios de arcos colocados a descoberto no interior da Igreja, somos também levados a supor que também esta seria decorada com arcadas cegas.

A tumulária impera em Vila Boa do Bispo. Além da inscrição funerária de D. Monio Viegas, o Gasco (gravada numa tampa de sarcófago ambientado por um arcossólio, no claustro do Mosteiro), que coloca o seu passamento em 1022, embora este letreiro tenha sido realizado talvez no século XIII, atente-se aos três sarcófagos que nos oferece esta Igreja. Na nave, no lado esquerdo, dois deles estão inscritos em arcossólios, um deles rasgado já em pleno século XX, o outro coevo do túmulo que abriga. O primeiro guarda os restos mortais de D. Nicolau Martins (fal. 25 de novembro de 1348), cujo jacente ostenta a mitra e o báculo, uso que foi permitido por Roma aos priores deste Mosteiro. No segundo repousa D. Júrio Geraldês (fal. 30 de janeiro de

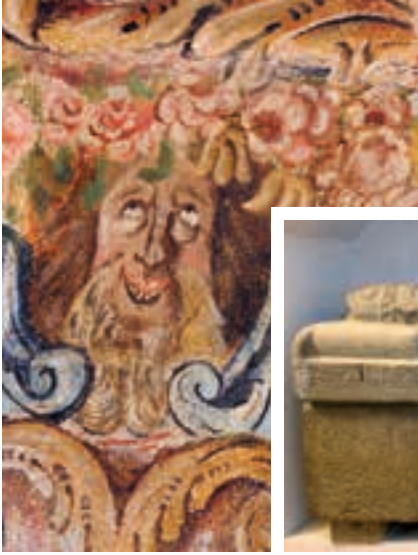


1381), memorado trajando vestes civis (foi corregedor do rei D. Fernando I (r. 1367-1383) no Entre-Douro-e-Minho), segura uma espada embainhada e a seus pés tem um lebréu, símbolo de nobreza que pratica a caça e montaria. Pensa-se que estes dois túmulos com jacente terão sido encomendados pelo corregedor depois de 1362 à oficina do mestre João Garcia de Toledo, arquiteto responsável pela obra gótica do claustro do mosteiro de Alpendorada (Marco de Canaveses). Incluem-se entre o que de melhor se produziu no domínio da estatuária jacente no Entre-Douro-e-Minho e, de uma forma geral, em toda a estatuária de granito de Portugal, revelando uma qualidade invulgar. No adro do Mosteiro, por fim, jaz o túmulo de D. Salvado Pires que, não apresentando qualquer elemento cronológico, a sua feitura não se afastará da cronologia das anteriores. A sua inscrição identifica a linhagem deste prior, os Milhaços e os Peixões, o que a pedra de armas confirma.

No século XVI passou este Mosteiro à gestão dos comendadores e no seguinte as crónicas enalteciam de forma laudatória a importância da lenda que se liga à fundação desta casa monástica. É, pois, neste contexto que a Igreja românica vestiu uma nova roupagem. Conforme indicam as várias cartelas estrategicamente colocadas no interior do edifício, as principais transformações ocorreram entre 1599 e 1686.

Na capela-mor respira-se barroco. O revestimento azulejar, em azul-cobalto sobre branco, nas paredes laterais conjuga a composição de figura avulsa no registo superior com uma elaborada composição de motivos florais em jarrões, ladeadas por figuras femininas híbridas, com cercadura de folhas contorcidas. O retábulo-mor foi composto dentro do gosto do barroco nacional. O artesoado do teto, igualmente de cariz barroco, cedeu lugar a um conjunto de pinturas murais do século XVII, descobertas por baixo deste em 2012.





Na nave impera a pintura de *trompe-l'oeil*, seja com marmoreados (porta da sacristia, púlpito e arco de sustentação do coro) ou com decoração cenográfica. Na capela do Santíssimo Sacramento abundam elementos arquitetónicos fingidos e a comum ornamentação floral com elementos brutescos ao gosto da celebração barroca.

Os retábulos colaterais, em estilo nacional, evocam o Sagrado Coração de Jesus e a Virgem do Rosário e, o lateral, na nave do lado esquerdo, a Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Um extravagante varandim com balaustrada com falsos marmoreados, no lado esquerdo da nave, mostra uma base decorada com *chinoiserie*. É suportado por um atlante sobre uma meia-concha.

AS INTERVENÇÕES DO SÉCULO XXI

Foi numa intervenção realizada em 2006 que se acentuaram os testemunhos românicos, criando um contraste de claro-escuro entre o seu granito e o caiado dos muros internos e externos da Igreja. Não deixa de ser curioso o facto de se ter optado por repor o reboco nesta Igreja de Vila Boa do Bispo, já em pleno século XXI, contrariando a opção que mais imperou no século anterior ao nível da intervenção em igrejas românicas e que passou, precisamente, pela remoção desse mesmo reboco. Note-se, ainda, que como resultado das mais recentes intervenções (2012), é, hoje, possível apreciar a pintura mural seiscentista representando temas hagiográficos que reveste a abóbada e que os caixotões tinham vindo a ocultar.



38.

IGREJA DE SANTO ANDRÉ DE VILA BOA DE QUIRES



Rua de Santo André
Vila Boa de Quires
Marco de Canaveses



41° 12' 29,38" N
8° 12' 5,16" O



918 116 488



Sáb. 16h
Dom. 8h



Santo André
30 novembro



Monumento Nacional
1927



P. 25



P. 25



x

Certamente fundada antes de 1118, data em que se documenta o “monasterium que dicent Villa Bona de Queiriz”, a Igreja que hoje encontramos é seguramente posterior a esta data, erguida no segundo quartel do século XIII. É com base na qualidade plástica dos elementos estilísticos remanescentes e do desenho alfabético das siglas que aqui surgem (destacando-se de forma notória as das aduelas do portal sul) que devemos compreender a arquitetura românica desta Igreja.

Com nave única e capela-mor retangular, a fachada principal de Vila Boa de Quires afirma-se ao nível da composição como uma das mais elaboradas da região do Baixo Tâmega: compõe-se de dois registos, um composto pelo portal e outro pelo janelão que se lhe sobrepõe. Este esquema encontra um paralelo em Barrô (Resende) (p. 130) e deriva da influência que a composição da fachada da sé de Coimbra teve ao seu tempo. A janela mainelada, dotada de tímpano com cruz vazada, é enquadrada por arquivoltas alongadas, assentes sobre colunas com capitéis esculpidos. O portal de Vila Boa de Quires está estilisticamente muito próximo do principal do Mosteiro de Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90): os capitéis ostentam

OS PORTOCARREIROS

Epicentro da influência dos Portocarreiros - linhagem de particular importância no contexto de afirmação senhorial do século XIII -, o couto de Vila Boa de Quires assumiu-se, na Idade Média, como um polo de onde disseminaram interesses familiares e eclesiásticos, conservando-se nesta freguesia testemunhos muito expressivos do poder desta nobreza local *terra-tenente*, de que são obras incontornáveis a torre dos Portocarreiros (de que hoje só resta a memória) e a exuberante fachada da residência palaciana ("obras do fidalgo" ou "casa inacabada de Vila Boa de Quires") (p. 276), cujo mentor se crê ser António José de Vasconcelos de Carvalho e Meneses (1714-1799).

motivos simétricos de sabor vegetalista e estilizado, bem presos ao cesto e talhados a bisel, e as mísulas assumem a forma de cabeças de bovídeos. Integra-se, pois, a Igreja de Vila Boa de Quires dentro da linguagem que tem vindo a ser designada como "românico nacionalizado".

No entanto, a apreciação desta fachada não pode ignorar o facto de que, em 1881, além de se ter edificado a torre sineira, se prolongou a nave da Igreja em cerca de 10 metros, deslocando assim a fachada, que foi conservada dentro da sua linguagem primitiva.





Na fachada sul sobressaem, desde logo, três arcossólios, quebrados, ao nível térreo da nave, mostrando tampas sepulcrais cuja forma não corresponde ao espaço do arco. Imperam pela ausência de motivos decorativos e identificadores de quem neles se fez sepultar. Digno de nota é o portal sul ricamente ornamentado e também estilisticamente ligado ao românico que irradiou de Paço de Sousa: os capitéis talhados a bisel desenham motivos vegetalistas e fitomórficos e dois animais afrontados de influência oriental. Cabeças de animais sustentam o tímpano liso. As impostas são decoradas com motivos vegetalistas comuns ao românico em geral.

Em Vila Boa de Quires, os cachorros são tendencialmente lisos, embora no lado norte se destaque um com a forma de cabeça de bovídeo e um outro com um rosto humano. Este lado da fachada é extremamente simples e o portal resulta de uma intervenção feita durante a Época Moderna. O cuidado posto nos remates dos paramentos posteriores do edifício denuncia a

qualidade do *atelier* (ou *ateliers*) que trabalhou na fábrica românica de Vila Boa de Quires. A empena posterior da nave é pontuada por pérolas e a cruz terminal da capela-mor mostra-se patada. O “Monasterii Ville Bone de Queeriz” ainda está ativo em 1258, sendo que só em inícios do século XIV, antes de 1320, é que esta Igreja foi convertida em paroquial. Foi, portanto, enquanto igreja monástica que Vila Boa de Quires foi erigida, daí se compreendendo melhor a qualidade e o carácter elaborado da sua fábrica.

Ingressemos no interior. A sobriedade e o despojamento da nave contrastam violentamente com a cor da capela-mor. Quebrado e composto por três arquivoltas, o arco triunfal ostenta uns capitéis muito originais, nos quais estão esculpidas palmetas e sereias que entrelaçam as caudas, numa escultura pouco saliente e com uma distribuição pouco adaptada à forma do capitel, revelando uma mão diferente da que concebeu os portais desta Igreja. A policromia deste arco resulta de uma intervenção recente e pouco erudita.

AS ALTERAÇÕES DO SÉCULO XIX

Atente-se à descrição que Pedro Augusto Ferreira, o Abade de Miragaia, continuador de Pinho Leal na redacção do *Portugal antigo e moderno...* nos faculta: "§ Como a igreja fosse muito pequena para a população actual d'esta parochia, ampliaram-n'a recentemente, acrescentando-lhe quasi o dobro em comprimento, prolongando-lhe as paredes lateraes até absorverem a galilé ou alpendrada que tinha na frente, e que era um pouco mais baixa do que a igreja, tapada pelo sul pela parede, – pelo norte e poente firme em columnas de pedra – e pelo nascente presa ao frontispício da igreja, que olhava e olha para poente. § Tambem lhe addicionaram uma torre, pois só tinha um campanario de duas sineiras que rematava a frontaria do templo. § Houve todo o cuidado de respeitar seu estylo architectonico, pelo que a sua frontaria actual é com pequena diferença a mesma que tinha antes da ampliação. Apenas se avançou alguns metros para a frente, conservando o seu elegante portico, hoje mais vistoso e desafrontado, com as suas quatro ordens de columnas e correspondentes arcadas firmes em capiteis muito ornamentados, representando cabeças de boi e outros animais, tudo de granito, e superiormente a fresta do velho templo, no mesmo estylo do portico. §".

Uma apreciação geral da cabeceira de Vila Boa de Quires, de clara estrutura românica (formada por dois tramos, com abobada sustentada por um arco toral apoiado sobre pilastras ornadas com palmetas relevadas nas impostas), dá-nos uma clara ideia daquilo que foi o concei-

to de "horror ao vazio" pós-tridentino, muito embora esteja aqui representado por elementos que vão do século XVII ao XIX. O retábulo-mor neoclássico é o elemento mais tardio, embora integrando na sua composição dados de outras épocas. Santo André e São Pedro ladeiam



A IMPORTÂNCIA DA COR NO ROMÂNICO

Não nos podemos esquecer que o espaço sacro românico raramente se apresentava despido. À policromia dos próprios paramentos juntavam-se têxteis. O aspeto limpo da pedra no interior das igrejas deriva de uma leitura recente, datável das intervenções de restauro do século XX. Apesar do caráter algo *naïf* que apresenta, a policromia do arco triunfal românico desta Igreja pode-nos facultar um bom exercício mental de como se apresentaria, na realidade, a escultura arquitetónica do nosso românico.



uma tela de grandes dimensões, alusiva à Adoração do Santíssimo Sacramento e do Cordeiro Místico por dois anjos. As paredes laterais foram-se de um revestimento azulejar característico da primeira metade do século XVII, no qual se desenha uma composição geométrica tipo “tapete” em tons de azul e amarelo sobre fundo branco. Completa-se o conjunto com as pinturas da abóbada da cabeceira, datáveis do primeiro quartel do século XVIII, que narram, em oito quadros, cenas do Processo e da Paixão de Cristo, cujo percurso iconográfico termina na pintura mural existente sobre o arco triunfal, na nave. Apesar do seu caráter pouco erudito, trata-se seguramente de um curioso e excêntrico registo de pintura de revestimento que transporta para a abóbada pétreo um trabalho geralmente associado ao trabalho de marcenaria, carpintaria e talha, no caso do artesoado. Na nave vemos três altares. Os colaterais reaproveitam elementos estruturais e ornamentais de feição maneirista e barroca.

O do lado esquerdo do observador voltado à capela-mor dedica-se à Virgem das Dores e o do outro lado à Virgem do Rosário de Fátima. Ainda na nave, do lado esquerdo, e perto do púlpito, está embutido na parede um outro retábulo onde a imagem do Sagrado Coração de Jesus esconde uma pintura, de transição do século XVII para o XVIII, com o arcanjo Miguel a pesar as Almas que há-de levar para o Paraíso.

Ao longo das paredes laterais da nave, algumas mísulas comportam imagens que apelam à devoção comunitária local, como São Nuno de Santa Maria, a Imaculada Conceição, Santo António de Lisboa e São José, ambos transportando o Menino Jesus ao colo. Juntam-se-lhes uma Virgem das Graças, um Menino Jesus Salvador do Mundo e, entre outras, uma Santa Teresinha do Menino Jesus e um São Francisco de Assis.



A NÃO PERDER

• 1 km: Obras do Fidalgo (p. 276)

39.

IGREJA DE SANTO ISIDORO DE CANAVESES



Largo Padre Manuel R.
Gomes, Santo Isidoro
Marco de Canaveses



41° 12' 27.49" N
8° 8' 39.07" O



918 116 488



Sáb. 17h



Santo Isidoro
4 abril



Monumento Nacional
2013



P. 25



P. 25



x

Tendo como orago Santo Isidoro, o bispo de Sevilha (Espanha), cujos restos mortais foram trasladados para a cidade andaluza em 1063, esta pequena Igreja românica está hoje bastante bem conservada. Podemos enquadrá-la no modelo mais comum das igrejas românicas portuguesas: composta pela justaposição de dois retângulos (a nave e a capela-mor), ostenta os seus elementos decorativos em torno dos vãos e dos seus cachorros. Apesar de se mostrar contida e fechada sobre si própria (apenas iluminada por estreitas frestas ao bom gosto românico), a Igreja de Santo Isidoro ostenta orgulhosamente um elaborado portal. Os toros das arquivoltas ligam-no ao românico portuense, o jogo criado pelos fustes cilíndricos e prismáticos que as sustentam aproximam-no do românico criado em torno da bacia do Sousa e as palmetas das impostas (que se prolongam pela fachada) recordam-nos o românico de origem beneditina que se desenvolveu no eixo Braga-Rates. Exemplo do casamento de várias influências, reflexo da circulação de artistas e de arquétipos que se sentia de forma evidente na segunda metade do século XIII, época em que foi possivelmente construído este templo, tendo em conta os vestígios românicos remanescentes.

Nas fachadas laterais, a existência de mísulas comprova ter existido em ambos os lados da Igreja uma estrutura alpendrada, seguramente em madeira, que abrigava os portais. Se, na fachada norte, são lisas e quadrangulares, na fachada oposta algumas delas apresentam motivos ornamentais.



OS MOTIVOS DE INSPIRAÇÃO PAGÃ

No alçado sul, na segunda mísula a contar da fachada, quis Fernando Pamplona identificar um motivo fálico, ornato que considera raro e uma "reminiscência do paganismo a persistir em alguns templos medievais, na esteira do culto fálico celebrado nas dionísias gregas em honra de Diónisos e de Príapo e nas bacanais romanas em louvor de Baco e de Vénus". Aludindo às representações do falo solitário na iconografia sexual da escultura da época românica, Jaime Nuño González recorda precisamente o caráter preventivo



que durante tanto tempo teve o órgão sexual masculino na senda da tradição romana. A par das representações dos heróis, a exibição do nu também assumiu no mundo clássico contornos algo insolentes, conforme atestam algumas representações de Baco ou de Sileno. Na época romana, a representação do falo surge com uma profusão inusitada, em cruzamentos de ruas, esquinas de casas ou, mesmo, como pendente. Séculos mais tarde, em plena Idade Média, encontram-se testemunhos iconográficos onde a representação do corpo ainda adota formas essencialmente clássicas. É o que acontece na época românica e é o caso do falo representado em Santo Isidoro.

No interior, aos paramentos lisos, em granito aparente e animados por estreitas frestas, soma-se um simples arco triunfal, ligeiramente quebrado, desprovido de qualquer elemento ornamental. Desapossada do seu conjunto retabular, a Igreja de Santo Isidoro aparece hoje aos olhos do visitante como um espaço despido, resultado de uma profunda intervenção de restauro de que foi alvo em 1977 e da qual resultou a descoberta do conjunto de pintura mural, de elevada qualidade, que se encontra na parede fundeira da capela-mor e nas imediatamente adjacentes.

Estamos diante de um conjunto pictórico que, além de ter sido datado de 1536, foi assinado pelo pintor Moraes, refletindo uma evidente consciência do estatuto individualizado de artista. Pouco ou quase nada se sabendo sobre este artista, é certo que gozou da influência que teve o ambiente renascentista que se vivia no geograficamente próximo meio portuense, ao tempo da ação mecénática do bispo de Viseu, D. Miguel da Silva (1480-1556). Na parede fundeira, a pintura apresenta-se à maneira de um tríptico, dividido por duas colunas amarelas.

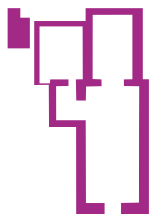
O painel central ostentava, naturalmente, a figura do orago da Igreja, Santo Isidoro, de que apenas se observam hoje, em torno da fresta românica, as extremidades da mitra e do báculo e a parte inferior do respetivo manto. A cabeça do santo encontra-se num fragmento de pedra exposto na capela-mor. O orago era então ladeado por elegantes figuras femininas apresentadas em trajes cortesãos: a *Virgem com o Menino* e *Santa Catarina de Alexandria*, esta última segurando a espada e a roda do seu martírio, tendo aos pés a cabeça decepada do imperador pagão responsável pela sua morte. Falsas arquiteturas criam um sentido cenográfico. Nas paredes adjacentes, do lado do Evangelho, vemos *São Miguel a pesar as almas e a derrotar o dragão* e, do lado oposto, o da Epístola, *São Tiago*, representado como peregrino.

No que toca ao acervo pictórico, devemos destacar ainda duas pinturas a óleo, uma sobre madeira e outra sobre tela. A primeira, do século XVII, representa a cena do *Calvário* e a outra, posterior, do século XIX, com um modelo bem conhecido da *Virgem Imaculada*.



40.

IGREJA DE SANTA MARIA DE SOBRETÂMEGA



Rua da Igreja
Sobretâmega
Marco de Canaveses



41° 11' 41.56" N
8° 9' 42.09" O



918 116 488



Dom. 17h/8h (inv./ver.)



Santa Maria
15 agosto



Imóvel de Interesse
Público, 1971



P. 25



P. 25



x

Implantada no cimo de um outeiro, sobre a margem direita do rio Tâmega, junto à entrada norte da submersa ponte medieval, a história da Igreja de Santa Maria de Sobretâmega tem de ser entendida na relação com o rio, com a ponte e com a Igreja de São Nicolau de Canaveses (Marco de Canaveses) (p. 179), também ela românica, edificada na margem oposta.

A barreira fluvial não impediu que, de cada lado de uma importante via que canalizava o trânsito comercial paralelo ao Douro, na sua margem norte, se formasse um burgo com desenvolvimento unilinear, mas composto por duas freguesias, Canaveses e Sobretâmega, cada uma com seu orago e paroquial, São Nicolau e Santa Maria. Mas, apesar da medievalidade associada ao culto de Santa Maria, a Maior, a verdade é que é possível que esta Igreja, seguramente posterior a 1320, suplantasse uma anterior consagrada a São Pedro e à qual ainda foi tributada uma contribuição destinada às Cruzadas.

Sobretâmega assume-se como um dos exemplos mais acabados daquilo a que se tem chamado de “românico de resistência”. Sóbria e fechada sobre si própria, os paramentos da Igreja são rasgados de quando a quando por estreitas frestas.



A PONTE DE CANAVESSES

A ponte de Canaveses parece ter substituído uma outra, de fábrica romana, que neste ponto do Tâmega assegurava a ligação de Tongobriga (Marco de Canaveses) (p. 275) ao litoral. Todavia, a sua importância foi recuperada e aproveitada, sobretudo ao longo da Idade Média. Sendo uma alternativa à viagem fluvial até ao Porto pelo Douro, a via que ligava o interior duriense à costa do atlântico, atravessava o Tâmega em Canaveses e entroncava em Penafiel na velha estrada de Amarante para o Porto. De um lado e



Ponte de Canaveses (inexistente)

outro da ponte, constituíram-se duas paróquias para assegurar o sustento espiritual dos habitantes do burgo, estabelecido ao longo da estrada entre as margens. Atribuída a sua edificação à Beata Mafalda de Portugal (1195-1256) (p. 158), o certo é que a travessia de Canaveses foi uma obra que se prolongou pelos séculos XII a XIV, tendo beneficiado de legados e dotes de indivíduos que procuravam contribuir piedosamente para este tipo de obras públicas. De dimensões extraordinárias, mesmo para uma ponte medieval (com cinco arcos), foi demolida e substituída por uma outra na década de 1940 e, em 1988, foi esta última submersa no seguimento da construção da barragem do Torrão (Penafiel/Marco de Canaveses).





Os seus portais inscrevem-se na espessura dos muros, não têm colunas nem capitéis aptos ao acolhimento das composições decorativas românicas. No portal principal, o tímpano apoia-se sobre mísulas ornamentadas com pérolas relevadas, único elemento decorativo que se destaca, mostrando nesta Igreja um tema que conheceu uma grande recetividade no românico das bacias do Tâmega e do Douro.

Este portal estaria abrigado por uma estrutura alpendrada, como denunciam as duas mísulas a meia altura da fachada principal. Formado por maciço pétreo, o campanário alça-se isento, a norte da cabeceira.

A sobriedade do exterior prolonga-se no interior do espaço sacralizado. Os paramentos, caiados de branco, são interrompidos pelas molduras dos vãos, em granito. O interior de Sobretâmega não nos fala da época românica, remetendo-nos antes para a Época Moderna. O arranjo do arco triunfal, bastante alto, prova-o através das suas pilastras e almofadas do intradorso. O retábulo-mor, em talha dourada do chamado estilo nacional, anima este espaço. O seu trono eucarístico centraliza o olhar e a espiritualidade do fiel.

De referir, ainda, a imagem em calcário de Santa Maria, dita de Sobretâmega, que representa o culto mariano instituído neste templo desde o século XIV.



41.

IGREJA DE SÃO NICOLAU DE CANAVESES



	Rua de São Nicolau São Nicolau Marco de Canaveses
	41° 11' 33,14" N 8° 9' 41,05" O
	918 116 488
	x
	São Nicolau 6 dezembro
	Imóvel de Interesse Público, 1971
	P. 25
	P. 25
	x

Edificada na margem esquerda do rio Tâmega, junto à ponte medieval que existiu em Canaveses, a implantação da Igreja de São Nicolau não pode ser entendida sem a referência a este elemento viário e ao templo onde, junto do mesmo, foi erguida, na margem oposta, a Igreja de Sobretâmega (Marco de Canaveses) (p. 176). Apenas separadas pelo rio, a passagem da antiga via (hipotético percurso romano e posteriormente estrada medieval) explica, em parte, a localização desta Igreja e da de Sobretâmega.

Na verdade, em torno desta ponte que venceu a barreira fluvial criada pelo Tâmega, e que perdurou enquanto ponto intermédio de atravessamento principal sobre este rio, formou-se o burgo de Canaveses, com desenvolvimento unilinear, muito embora dividido em duas paróquias: Canaveses e Sobretâmega. Por este burgo, logo por esta ponte, formou-se um dos principais locais de penetração que ligava a costa ocidental da península ao seu interior, complementando a acessibilidade no sentido este-oeste do vale duriense.

O burgo, embora dividido em duas paróquias e não obstante a sua minguada população, adquiriu uma importância que ainda no século XIV era suficiente para al-



bergar a presença de uma comitiva régia, fosse por memória dos monarcas anteriores que a honraram com os seus legados, fosse por ser local de passagem entre o Douro e o Minho. O certo é que aqui, no burgo de Canaveses, se assentou a paz entre pai e filho, D. Afonso IV (r. 1325-1357) e D. Pedro I (r. 1357-1367), aos cinco dias do mês de agosto de 1355.

De formação posterior a 1320, a Igreja de São Nicolau mostra bem como o românico criou raízes profundas entre nós. Integrada na família das igrejas identificadas como de “românico de resistência”, mostra-se exteriormente muito idêntica à de Sobretâmega. A cronologia de ambas também é muito próxima.

A PRIMITIVA PONTE DE CANAVESSES

São muitas as estórias que associam a edificação da ponte românica de Canaveses a D. Mafalda, tendo a historiografia procurado identificar se a obra pia se deve a D. Mafalda de Saboia (1125-1157), mulher do primeiro rei de Portugal, ou à sua neta e beata de Arouca (1195-1256). Segundo tradições avidamente veiculadas pelas monografias locais, a primeira delas teria mandado construir a ponte de Canaveses, dotando São Nicolau de um hospital e albergaria para apoio a pobres e viandantes. Porém, nenhum testemunho concreto atesta as narrativas lendárias passadas a forma de letra por memorialistas que pretendiam elogiar a antiguidade e a importância da sua terra e património.



Ponte de Canaveses (inexistente)



O pequeno templo, que tem São Nicolau como orago, compõe-se de nave única e capela-mor retangular. Apesar de se mostrar muito fechada sobre si própria, a Época Moderna deixou-lhe a marca do seu carinho pela luz no interior dos edifícios religiosos, rasgando-lhe janelões retangulares na capela-mor (em ambos os lados) e na nave (lado sul).

Mas, é ao nível do arranjo dos portais principal e norte, inscritos na espessura dos muros, que encontramos os testemunhos mais evidentes da cronologia tardia desta Igreja, conforme comprova a ausência de colunas e de capitéis. Sob o portal norte, uma pedra tumular com inscrição, de difícil leitura. A Igreja dedicada ao bispo São Nicolau de Bari (Itália) prima pela ausência de elementos decorativos esculpidos, o que também se deve ao caráter tardio do seu românico. A frontaria é rematada por uma sineira que, embora não tenha já o seu sino, o seu tanger está memorado no paramento.

No interior da Igreja imperam as paredes de granito. Os elementos que o caracterizam falam-nos de várias campanhas posteriores à Idade Média. O arranjo do arco triunfal e do arco do batistério, pela sua linguagem classicizante, serão certamente da mesma época da abertura dos janelões retangulares.

Digno de destaque é o que resta da pintura mural, descoberta acidentalmente em 1973, por ocasião de uma intervenção com vista à eletrificação da Igreja. Ainda que truncados, persistem significativos painéis: *Santo Antão* e os restos de uma inscrição que nos elucidam quanto ao caráter particular da encomenda (na parede da nave, lado norte); fragmentos de uma *Anunciação* (sobre o arco triunfal, do mesmo lado); *Santa Catarina de Alexandria* e uma legenda que parece indicar que este painel, de caráter devocional, poderá ser fruto da encomenda de Maria Ribeiro e de Gonçalo Madeira (parede da nave, lado sul); um *Santo abade beneditino* (na



área mais próxima ao arco triunfal, lado sul) e vestígios de uma *Anunciação*, em camada sobreposta (no mesmo lado da nave). Além do seu número significativo, o conjunto de pintura mural de São Nicolau prima pelo facto de estilisticamente apresentar evidentes relações, nas suas várias campanhas, com testemunhos de outras Igrejas geograficamente próximas: Valadares (Baião) (p. 133), Gatão (Amarante) (p. 232) e Vila Verde (Felgueiras) (p. 49).

Um grande arco rasgado na parede sul da nave abriga não só um janelão como também uma arca tumular com inscrição seiscentista, onde se fez sepultar, em 1565, Álvaro de Carvalho e seus herdeiros.

O retábulo-mor, o único que prevalece na Igreja, pois os outros foram apeados após a descoberta da pintura mural, para assim a mostrar ao olhar dos fiéis, fez-se em talha de estilo nacional. O seu espaço é centralizado pelo trono eucarístico e nos eixos laterais ainda hoje repousam São Nicolau e São Sebastião.

CANAVESES – ALDEIA DE PORTUGAL

A aldeia de Canaveses é composta por duas porções, separadas pelo Tâmega, mas unidas pela história através da desaparecida ponte de Canaveses. Classificada como Aldeia de Portugal pela Associação do Turismo de Aldeia, são múltiplos os seus motivos de interesse: na margem norte, em Sobretâmega, a Igreja de Santa Maria (p. 176), a rua Direita, a capela de São Sebastião, o parque fluvial e o percurso pedestre "Caminhos de Canaveses" (8 km); na margem sul, em São Nicolau, para além da Igreja, a capela de São Lázaro, o cruzeiro da Boa Passagem e o pelourinho de Canaveses, entre outros.



Pelourinho de Canaveses

DEVOÇÕES E INVOCAÇÕES DE PROTEÇÃO

Junto a pontes ou locais de travessia é habitual a existência de infraestruturas de apoio, como a albergaria de Canaveses, da qual hoje só resta a memória, mas também espaços devocionais com invocações ligadas ao desejo de proteção.

Tanto a capela de São Lázaro como o cruzeiro da Boa Passagem, embora não se encontrem nos locais primitivos, são bons exemplos da ligação de certos cultos ao ato de viajar, que naturalmente acarretava perigos hoje inimagináveis. Lázaro, que a parábola nas Escrituras Sagradas associa a um dos grandes milagres de Cristo e a hagiografia medieval individualizou como bispo de Marselha (França), encontra-se ligado à assistência dos viandantes, nomeadamente aos leprosos que, dada a sua condição patológica, eram obrigados a vaguear. Também a invocação da Boa Passagem, expressa no preservado cruzeiro setecentista, pede viagem sem sobressaltos.

A submersão da ponte que na década de 1940 veio substituir a medieval (mantendo a travessia estado-novista um aspeto idêntico à medieval), construída poucos metros a jusante, obrigou a que, em 1988, se tivesse deslocado estes dois elementos para local o mais próximo possível do original, evitando assim que também estes ficassem submersos por conta da barragem do Torrão (Penafiel/Marco de Canaveses).



Capela de São Lázaro



Cruzeiro da Boa Passagem



A NÃO PERDER

- 1,7 km: Igreja de Santa Maria (p. 275)
- 1,9 km: Museu Municipal Carmen Miranda (p. 274)
- 4,5 km: Cidade Romana de Tongobriga (p. 275)

42.

IGREJA DE SÃO MARTINHO DE SOALHÃES



Avenida da Igreja
Soalhães
Marco de Canaveses



41° 9' 37,94" N
8° 5' 48,39" O



918 116 488



Sáb. 17h30
Dom. 9h15



São Martinho
11 novembro



Monumento Nacional
1977



P. 25



P. 25



x

A atual Igreja de São Martinho de Soalhães ter-se-á fundado sobre uma basílica onde existiriam relíquias martinianas em finais do século IX. Ainda se refere Soalhães como mosteiro no século XII, embora até à data não se tenha ainda chegado a um consenso sobre a ordem monástica que integrava. Em todo o caso, esta Igreja surge num território que foi particularmente cobiçado pela nobreza medieval, sendo que a importância da terra ditou que os seus senhores tomassem o topónimo para seu apelido, como no caso de D. João Martins, chamado de Soalhães, bispo de Lisboa e arcebispo de Braga. Apesar do peso histórico que se cola a esta Igreja de Soalhães, particularmente nos séculos ditos da Idade Média Plena (séculos XII a XIV), são escassos os vestígios que nos falam dessa época, por ter sido a Igreja profundamente transformada no século XVIII, numa busca de atualização do templo dentro de uma estética e liturgia pós-tridentinas.

Da época medieval persistem (visíveis) três elementos que cremos que foram conservados apenas enquanto testemunho de uma antiguidade que se quis reafirmar neste monumento.

OS SENHORES DE SOALHÃES

Os descendentes de D. João Martins de Soalhães, prelado do século XIV, andaram desde então ligados ao destino da terra. Entre os vários direitos que o bispo recebeu e vinculou a um morgadio em 1304 (cuja administração recaiu primeiro no filho, Vasco Anes de Soalhães, e depois nos descendentes deste), contava-se o padroado da apeteável abadia. A sucessão no morgadio parece ter corrido serenamente até D. Joana de Vasconcelos Menezes e Noronha (1625-1653), que casou com o 7.º visconde de Vila Nova de Cerveira.

É possível que tenham sido os seus descendentes, D. Tomás Teles da Silva e D. Maria Xavier de Lima, 12.ª viscondessa de Vila Nova de Cerveira, os responsáveis pela grande campanha de barroquização da Igreja, provavelmente realizada em 1733. A uniformidade entre a gramática decorativa da nave e a da capela de São Miguel poderia então ser explicada pelo mecenatismo dos senhores do padroado, muito embora o arranjo da nave fosse geralmente uma atribuição dos paroquianos.

O portal principal, testemunhando já uma organização protogótica, datará já do século XIV. Sem tímpano, as suas arquivoltas apoiam-se ainda sobre colunas, cujos capitéis mostram esculpido, apesar do desgaste, temas vegetalistas e animalistas (uma ave com asas abertas). O naturalismo é, contudo, evidente. Não nos espanta esta cronologia se tivermos em conta que foi apenas em 1304 que D. João Martins de Soalhães recebeu e vinculou a um morgadio a abadia que aqui existia.

O túmulo abrigado por arcossólio na capela-mor, no lado da Epístola, enquadra-se

nesta cronologia. A localização deste túmulo remete-nos de imediato para alguém de alta estirpe, ligado seguramente ao padroado da Igreja. Embora se desconheça quem de facto nele está sepultado, por se tratar de uma sepultura sem qualquer epígrafe identificativa, a verdade é que se procurou memorar através de uma sucessão de oito escudos quem nele se fez sepultar. Os escudos lisos, enquadrados por microarquiteturas de evidente sabor gótico, mostram ainda vestígios de policromia.

Por fim, no interior do vão de iluminação que encima o portal principal, dando luz





ao interior da nave, de desenho já moderno, vemos ainda uma moldura pontuada por pérolas de indubitável sabor medievico e grandemente disseminadas pela região envolvente. A sua presença confirma-nos que, pelo menos, a estrutura da fachada românica foi mantida aquando das obras do século XVIII.

Tudo o resto que dá corpo a esta Igreja fala-nos já de uma outra época, de uma outra liturgia, de um outro espírito, de uma outra estética e, por fim, de um outro gosto. No exterior, a torre que se adossa a norte à fachada principal, com o seu remate bolbiforme, o óculo com formas curvilíneas que encima o portal principal, os amplos janelões que na fachada principal (e nas laterais) iluminam o interior da Igreja e os pináculos classicizantes que rematam os ângulos dos vários corpos da Igreja falam-nos de uma mesma linguagem de sabor barroco, apesar do regionalismo e de uma certa contenção que lhe está evidentemente associado. Contrariamente, a primeira impressão do visitante, ao entrar na Igreja matriz de Soalhães, é a profusão de cores e materiais. Dir-se-á que, aqui, o barroco, a que se reporta o grosso desta gramática decorativa, fez jus à afirmação axiomática “horror ao vazio”. Nada ficou por decorar. A talha dourada e os painéis de azulejo disso se encarregaram.

Ao nível do corpo, as intervenções poderão corresponder à data de 1733, relevada num medalhão colocado a meio da balaustrada do coro alto. Deste espaço é possível obter uma imagem global do investimento na decoração do corpo da nave – investimento algo excêntrico quando comparado com outras matrizes e se tivermos em conta que cabia aos fregueses a contribuição maior para as obras neste espaço. Contudo, a excentricidade da obra, o valor da ornamentação e a profusão de materiais, técnicas e mesmo gostos podem ser justificados com o estatuto da Igreja.

No corpo da nave, amplos painéis azulejares, característicos do século XVIII. Com o azul-cobalto tão apreciado nesta época, desenharam-se cenas onde a teatralização do gesto criado pelas figuras representadas é por demais evidente. As cenas de *Moisés e a Serpente de Bronze*, *Jesus falando com a Samaritana* e o *Encontro de Melquisedeque e Abraão* (no lado esquerdo), assim como a de *Moisés fazendo brotar água da fonte do deserto* (no lado direito) foram enquadradas por cercaduras monumentais, quais glossários do vocabulário barroco. Também na capela dedicada a São Miguel se recorreu ao revestimento azulejar, onde se representa o arcanjo Miguel como psicopompo, ao mesmo tempo juiz e guia das almas.

Em 2018, no âmbito das obras de conservação e restauro promovidas pela Rota do Românico, o painel de azulejos *Jesus falando aos Discípulos* foi deslocado da nave para a parede norte da capela-mor. Na nave da Igreja, sobre o nível do revestimento azulejar, um registo de painéis em médio relevo, policromados e com *chinoiserie*, cercados por talha ornamentada com motivos vegetalistas e figuras humanas. Identificando-se várias mãos na sua conceção, retratam cenas da Paixão de Cristo: Visão no Horto, Prisão e Escarnecimento do Salvador (lado esquerdo), Coroação de

Espinhos, *Ecce Homo* e Caminho para o Calvário (no lado direito), composição que termina com o Calvário exposto sobre o arco cruzeiro, ante a nave.

É notória uma homogeneidade catequética e espiritual, apelando para o percurso sacrificial e para o mundo caritativo, sobressaindo aqui a representação da Virgem das Dores e os painéis relativos à vida de São Martinho. A ornamentação da talha cria uma unidade que inclui o revestimento do arco cruzeiro (rematado por uma Crucifixão), as guardas dos púlpitos e os dois altares colaterais, de São Pedro e São Paulo, cada um deles representado com os seus atributos. Ainda no lado direito, um retábulo que se insere na transição do estilo nacional para o joanino.

Comparada com a nave, a capela-mor é particularmente despojada de ornamentação, contrariando assim a ideia de que este espaço, mais nobre, a cargo do padroeiro ou do abade, devia ser dotado de investimento superior.

A única marca do prestígio patronal é o túmulo que deve ter recebido o corpo de algum dos primeiros morgados ou seus descendentes entre o século XIII e XIV. À primeira vista, o retábulo-mor, em estilo neoclássico, contrasta com a restante Igreja, onde a festa da cor é mais que evidente. Adotando uma linguagem inspirada na arquitetura clássica, a premência do branco, a que se sobrepõem elegantes apontamentos dourados, abriga imagens de São Martinho de Tours e Santa Luzia. Tanto na nave como na capela-mor, os tetos compõem-se de uma decoração e trabalho de talha. É evidente, no entanto, uma variação cromática e de desenho entre os dois artesoados. Nos painéis centrais da nave identificam-se representações hagiográficas e no restante apainelado exhibe-se decoração vegetalista. Na capela-mor, a sobriedade cromática e de desenho do artesoadado não são comparáveis à que cobre o espaço da nave.

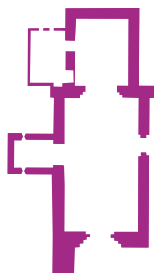


A NÃO PERDER

- 8,3 km: Museu Municipal de Baião (p. 271)
- 8,8 km: Almofrela - Aldeia de Portugal (p. 272)
- 10 km: Conjunto Megalítico da Serra da Aboboreira (p. 272)

43.

IGREJA DO SALVADOR DE TABUADO



Rua da Igreja
Tabuado
Marco de Canaveses



41° 11' 9.51" N
8° 7' 11.54" O



918 116 488



Sáb. 18h45
Dom. 8h



Divino Salvador
6 agosto



Imóvel de Interesse
Público, 1944



P. 25



P. 25



x

Contrariamente ao que sucede com as igrejas do vale do Douro, a Igreja de Tabuado foi construída paralelamente ao seu pendor, cumprindo a orientação canónica que era de regra na Idade Média. Localizada num planalto entre os rios Ovelha, Galinhas e Lardosa, nos contrafortes da serra da Aboboreira, esta Igreja foi erguida num território cuja toponímia “tabuado” pode provir de “tábua”, expressão corrente na Idade Média para designar a madeira destinada à construção. A ela associa-se o nome de diversas famílias locais a quem coube o direito de padroado: Farias, Montenegros, Sousas, Correias, Barros e os senhores da Casa de Novões.

Embora as referências documentais disponíveis atestem a existência de um ou dois templos em Tabuado (um consagrado a Santa Maria e outro ao Salvador), cuja fundação é anterior a 1131, a verdade é que os testemunhos arquitetónicos remanescentes nesta Igreja do Salvador falam-nos de uma cronologia mais recente e que deve ser posicionada já a partir de meados do século XIII, conforme nos indica a rosácea protogótica da fachada principal e os elementos estilísticos que nos mostram um flagrante paralelismo com a estética do Mos-

A IMPLANTAÇÃO DE UMA IGREJA MEDIEVAL

A Igreja de Tabuado enquadra-se num modelo de implantação eclesial muito comum na Idade Média que obedece a lógicas nem sempre compreendidas posteriormente. O estudo da propriedade à época da edificação fornecer-nos-ia elementos importantes para apurar das razões que levaram à edificação de muitas das igrejas no período medieval. Se, no caso de algumas igrejas monásticas, podemos estar perante o testemunho do fenómeno eremítico, depois devidamente formatado às orientações eclesiásticas, no caso dos edifícios eclesiais, cujo padroado permanecerá na mão de leigos (subsistência do modelo de igreja própria ou familiar), podemos estar perante a herança da intervenção individual ou linhagística na paisagem em construção no período pós-Reconquista. Em todo o caso, a sua permanência tornou-se o eixo espiritual, social, económico e cultural que definirá a paisagem e o urbanismo dos séculos seguintes.

teiro de Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90), integrando-se assim na família das igrejas onde o chamado “românico nacionalizado” se afirmou com maior expressão e de que a geograficamente próxima Igreja de Vila Boa de Quires (Marco de Canaveses) (p. 168) também é exemplo.

O portal principal destaca-se pela qualidade da sua conceção: ao tímpano apoiado sobre mísulas em forma de cabeças de bovídeos, ao talhe a bisel dos seus capitéis, ao desenho do seu arco envolvente (formando rede de losangos), elementos que o aproximam seguramente do portal



O "ROMÂNICO NACIONALIZADO"

Integram o chamado "românico nacionalizado" um conjunto de edifícios que, erguidos em torno da estética que primeiramente se afirmou em Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90), apresentam uma série de características comuns: cronologia tardia (século XIII), a composição dos portais, o uso das arcaturas como suporte das cornijas, a quase nula intervenção da figura humana ao nível da representação escultórica e o caráter erudito da plasticidade dos ornamentos esculpidos, primando pelo talhe a bisel.

O "românico nacionalizado" resulta da conjugação de diversas influências (provindas das regiões de Coimbra e do Porto), algumas delas de origem estrangeira, com as preexistências locais, o que permitiu criar uma linguagem plástica muito peculiar e muito circunscrita à bacia do Sousa, não obstante o facto de se estender a outras áreas geográficas próximas.

principal do Mosteiro de Paço de Sousa, acrescentam-se as pérolas (motivo recorrente no românico das bacias do Tâmega e Sousa) que ornaram as suas arquivoltas toreadas, já quebradas. No portal sul vemos repetir-se o talhe a bisel nos motivos vegetalistas dos capitéis e a modenatura toreada nas arquivoltas.

Impõe-se, desde logo, ao olhar o campanário que com a fachada principal cria um eixo perpendicular. Composto por maciço bloco de granito, encimado por campanário para abrigo de dois sinos, a partir de norte apresenta-se-nos com o aspeto quase de uma torre defensiva, forte e maciça, na sua grossa silharia.



No corpo da nave e ao nível do arco cruzeiro persistem dois contrafortes. Cremos que a sua existência se justifica tendo em conta o caráter maciço da massa murária que o envolve e que ao longo das naves apenas foi quebrada por estreitas frestas para iluminação do interior. O diâmetro do arco, relativamente à amplitude da nave, resguarda o espaço da capela-mor, que na época românica se queria intimista e reservado ao olhar dos fiéis.

Também o interior do edifício acusa o mesmo caráter simples da arquitetura e a mesma severidade da ornamentação exterior. O granito aparente da nave apenas é animado por um embasamento, em cantaria, e por uma cornija de tríplice moldura, numa posição elevada. Da época românica, o que mais se destaca é o arco triunfal, cujo arranjo é muito original, apresentando-se ao modo de portal: duas arquivoltas de arco quebrado são envolvidas por um friso onde se desenha uma

dos e denticulados. As arquivoltas assentam sobre duas colunas, sendo as impostas ornadas com dentes de serra e círculos encadeados. Do lado do Evangelho, os capitéis compõem-se um com aves que entrelaçam os pescoços e um outro com a figuração de um homem preso ao cesto do capitel por uma corda, enquanto, do lado da Epístola, vemos a tão comum temática dos quadrúpedes afrontados e unicéfalos e uma ave de grandes dimensões.

Deve-se recordar que o aspeto purista do interior da Igreja deriva de uma profunda intervenção de restauro realizada ao longo da década de 1960 e que, na vontade de devolver a esta Igreja uma pretensa pureza medieval, retirou-lhe significativos testemunhos artísticos e litúrgicos que lhe foram sendo apostos ao longo da história. Destes destacam-se os retábulos que foram eliminados. Só as fontes documentais e registos fotográficos antigos nos dão uma ideia de como era o interior da Igreja em tempos anteriores ao restauro.

AS INTERVENÇÕES DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Numa crónica assinada pelo padre Afonso Ribeiro Moreira, datada de 1964 e publicada num jornal de grande divulgação, foram revelados dois aspetos surpreendentes da fábrica atual de Tabuado e que desde logo nos levam a ponderar até que ponto o românico que conhecemos deriva das intervenções de restauro realizadas nos séculos XIX e XX. Assim sendo, as três cruzes terminais "floridas, que coroam as empenas foram feitas pelo canteiro de São Martinho de Aliviada [Marco de Canaveses], Jerónimo Marinho, e foram desenhadas pelo próprio pároco, num cartão, escolhendo entre os vários modelos de cruzes que «A Arte Românica» de Marques Abreu [1918] trazia o que mais lhe agradaram pela simplicidade". Já os capitéis do arco cruzeiro e o estribo que segue até ao canto, ou seja, o prolongamento da imposta sob a forma de friso, "foram compostos em cimento pelo exímio artista Miguel de Sousa". Este trabalho de restauro, terminado a 17 de janeiro de 1925, foi feito em apenas 11 dias.

Quando a Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais começou a intervenção de restauro e conservação da Igreja de Tabuado, cerca de 25 anos mais tarde, os retábulos estavam já encostados às paredes laterais da nave. Estes testemunhos são fundamentais para a legibilidade desta Igreja românica, mas atestam, acima de tudo, a importância que o estudo do restauro e da conservação do património edificado tem para a compreensão do nosso património românico, dele indissociável.

Mas foi durante esta profunda intervenção que se descobriu a única pintura mural remanescente nesta Igreja, na parede fundeira da abside, ainda muito bem conservada. Na área central, sob um abobadamento de nervuras, surge a imagem de *Cristo Salvador*, entronizado numa cadeira de espaldar com dossel franjado, a figura do *Pantocrator*. Esta representação do Cristo-Juiz é ladeada, ao modo de *Sacra Conversazione*, por *São João Baptista*, o Precursor, que aponta na direção do Salvador com a mão direita, e por *São Tiago*, representado como peregrino, ostentan-

do no chapéu uma vieira e segurando na mão esquerda o bastão de caminhante. Tendo como fundo um registo vermelho pontuado por flores-de-lis e rosas, estas três imagens surgem enquadradas por um abobadamento de nervuras. As zonas laterais são ocupadas por um padrão decorativo de caráter geométrico, uma espécie de grinalda de losangos. Realizada nos inícios do século XVI, a pintura mural de Tabuado é um exemplar único, pois não se conhece qualquer outra obra realizada pela mesma oficina que a concebeu.



44.

PONTE DO ARCO



Rua do Arco
Folhada
Marco de Canaveses



41° 13' 19.72" N
8° 5' 17.22" O



918 116 488



×



×



Imóvel de Interesse
Público, 1982



P. 25



Acesso livre



×

Situada em local de exuberante paisagem, onde abundam carvalhos, a Ponte do Arco liga as margens de duas paróquias, Folhada e Várzea da Ovelha e Aliviada, no atual município do Marco de Canaveses. Até ao século XIX encontrava-se no âmbito do concelho de Gouveia. Alçada sobre o rio Ovelha faz jus ao nome, constituindo-se como Ponte de um único arco, de grandes dimensões, sobre o qual se sustenta um tabuleiro em cavalete, com as suas guardas. O facto de aproveitar afloramentos de cada margem confere-lhe uma delicadeza e verticalidade só quebrada pelo desfasamento dos silhares de arranque, na margem direita, cuja posição foi interrompida para colocação do cimbre (a estrutura em madeira que serve para molde do arco). Porém, apesar desta discordância, o arco não deixa de constituir-se como uma expressão de arquitetura, devida a mestres canteiros com experiência. Apesar do pároco de Folhada a considerar, já em 1758, muito antiga, devemos situar a sua construção no período moderno, durante o qual se continuaram a reproduzir modelos que provinham da Idade Média. Apesar de a sua estrutura se apresentar em forma de cavalete, o facto de não se associar a esta forma o arco quebrado – modelo



comum nas travessias góticas – colocamos perante uma cronologia mais tardia. Ainda que esteja fora do leito de cheia, foi adossado à Ponte um talha-mar, encostado à face este da estrutura, e junto do qual foi aberto um vão de formato sensivelmente retangular, que permite o escoamento de água em cheias excêntricas ou a condução de certo rego (para abastecimento de moinho ou lima de terras).

Juntamente com a ponte de Aliviada, a jusante, a Ponte do Arco faria parte de uma rede municipal ou inter-paroquial de caminhos que ligavam povoações relativamente próximas. As estradas regionais passavam a norte (Amarante-Lamego) ou a sul (Penafiel-Douro), respetivamente sobre as pontes de Amarante-Padronelo e Canaveses, hoje inexistente (p. 177 e 180).

A IMPORTÂNCIA SOCIAL DAS PONTES

Ao contrário do que se possa pensar, viajar na Idade Média e durante a Época Moderna era perigoso e dispendioso. Será, por isso, errado considerar todas as pontes como infraestruturas de carácter regional, nacional ou mesmo internacional, destinadas a assegurar a circulação deromeiros ou peregrinos a grandes santuários, como Roma (Itália) ou Santiago de Compostela (Espanha). É, sobretudo, na modernidade que as peregrinações se fazem mais regularmente: nos finais da medievalidade ocorre um ciclo climático que propicia as deslocações, multiplicam-se os santuários com invocações marianas e com apelo à terapêutica de vários santos patronos.

Na região de Amarante visitava-se o corpo de São Gonçalo (p. 278), desde a Idade Média buscava-se Santa Senhorinha, em terras de [Cabeceiras de] Basto, e a partir do século XVI passava-se o Douro para procurar auxílio junto da Virgem da Lapa (Sernancelhe), nas serranias da Nave. Os grandes - reis, rainhas e bispos - iam a Santiago de Compostela e a Roma. Mas, mais frequentemente, o camponês dispunha de um considerável número de ermidas que, nas proximidades de sua casa e da sua paróquia, o poderiam auxiliar, a si e à sua família, aos seus animais e às culturas, em caso de fervorosa invocação.

45.

IGREJA DE SANTA MARIA DE JAZENTE



Rua da Igreja
Jazente
Amarante



41° 14' 37,93" N
8° 3' 28,72" O



918 116 488



Sáb. 17h30/19h (inv./
ver.); dom. 9h30 ou 11h



Santa Maria
15 agosto



Imóvel de Interesse
Público, 1977



P. 25



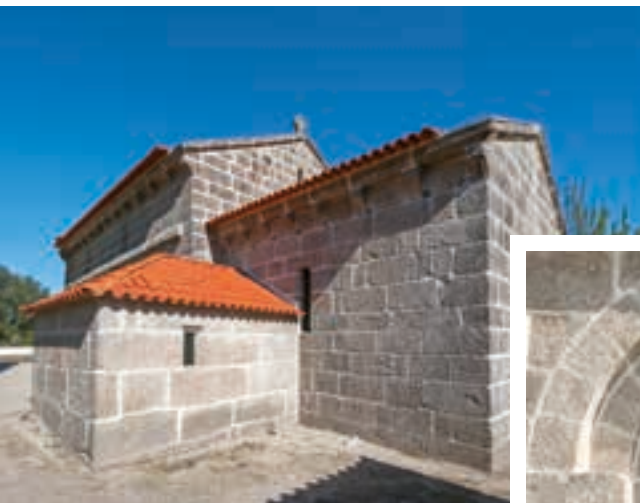
P. 25



x

Como grande parte das igrejas medievais da região, Santa Maria de Jazente, edificada nos antigos limites da diocese do Porto, busca a sua origem numa instituição monástica, cujas monjas e abadessas são ainda documentadas no século XIV. O orago Santa Maria denuncia a medievalidade, hagiotopónimo que permaneceu como sinal de invocação associado a certas ordens, propugnadoras da invocação mariana, que, em alguns casos, foi substituída na modernidade por vocativos mais adequados à condição da Mãe do Deus feito homem.

A passagem a igreja paroquial não deve ter ocorrido muito depois da edificação desta modesta Igreja, na transição da centúria de duzentos para a de trezentos. Dada a sua cronologia tardia e as implicações que esta teve na estrutura da Igreja que hoje apreciamos, insere-se assim Santa Maria na família das igrejas do “românico de resistência”. A sua fábrica, muito pouco transformada ao longo dos séculos, prima pela homogeneidade. Criando uma característica diferenciação volumétrica, a nave única e a capela-mor retangular foram, no entanto, erguidas com o recurso a um aparelho composto por silhares de diferentes dimensões, mas cujas fiadas são regulares.



Os paramentos murários são rasgados por estreitas frestas que, ao gosto românico, iluminam o interior e, no lado sul, a presença de mísulas e lacrimal a meia-altura da fachada informa-nos que existiu uma estrutura alpendrada. Os cachorros que sustentam a cornija são maioritariamente lisos e de perfil quadrangular, indício de cronologia avançada.

A fachada principal desta Igreja é dominada pelo portal, um dos elementos que melhor denuncia a edificação tardia deste edifício. Composto por duas arquivoltas ligeiramente quebradas e que se apoiam diretamente sobre os pés-direitos do muro, é no seu tímpano que reside a sua maior originalidade, onde uma cruz

patada vazada se sobrepõe a uma forma idêntica, incisa no lintel que o sustenta. A composição dos tímpanos é, em Jazente, um sinal de que esta pequena Igreja foi construída já na parte final do românico, altura em que se verifica uma tendência para furar o tímpano, não só com vazamento de cruces, mas também com outros orifícios. No portal sul vemos, pois, cinco aberturas circulares posicionadas em cruz e envoltas por um duplo círculo inciso no granito. No lado oposto, o portal é mais recente, de verga reta, correspondendo no interior a um nicho onde se expõe a imagem da Virgem do Rosário de Fátima.



No interior de Jazente impera a simplicidade. O granito dos paramentos é apenas interrompido pelas estreitas frestas que, dentro do gosto românico, o iluminam tenuemente. A diferenciação de volumes entre a capela-mor e a nave é aqui corroborada pela abertura do arco triunfal. Embora quebrado, mais parece um arco abatido. Atente-se, no entanto, à existência de duas pilastras com capitéis toscanos, uma de cada lado, no intradorso do arco, e que nos levam a crer que, a determinada altura da Época Moderna, algures entre os

séculos XVII e XVIII, se teve a intenção de transformar este arco, nobilitando-o e aumentando a abertura do seu vão. A obra foi, no entanto, interrompida. O olhar do crente dirige-se à fresta fundeira voltada a oriente, antecedida por mesa de altar cujo frontal é constituído por uma composição de azulejos mudéjares que repetem um motivo floral estilizado. Os retábulos colaterais são de feitura recente e oferecem à veneração as imagens de Santa Maria, Santa Ana, Menino Jesus Salvador do Mundo e Sagrado Coração de Jesus.



A VIRGEM COM O MENINO

A imagem da Virgem com o Menino, que remonta à segunda metade do século XV, é digna de nota. Escultura produzida segundo modelos góticos, em pedra calcária, policromada, ainda presa a uma inexpressividade de que as faces de Mãe e Filho são testemunhos, quis o autor (certamente próximo ou influenciado por oficina de calibre com artífices estrangeiros) libertá-la de formalismos medievais, tratando mais livremente o pregueado das vestes e acentuando o movimento do corpo através de contraponto.

De resto, o humanismo e, de certa forma, o realismo sentimental é expressado ante o fiel não pela riqueza da ornamentação e pelo fraco naturalismo no tratamento das faces e membros, mas pelo ato carinhoso que o Menino tem com a sua Mãe ao tocar-lhe o rosto, demonstrando carinho e amor filial. Com a mão direita,

Maria segura uma rosa, símbolo da sua pureza e virgindade que a devoção mariana, crescente a partir do século XIV em toda a Europa, pretendeu acentuar.



PAULINO CABRAL, O ABADE DE JAZENTE

Fica sobretudo na história desta Igreja a sua ligação a Paulino Cabral (1719-1789), conhecido pelo nome literário de Abade de Jazente, lugar que ocupou entre 1752 e 1784. Pertenceu, embora algo distante em corpo e espírito (era presença constante em festas e tertúlias do Porto), ao movimento da Arcádia, que fazia da crítica e da sátira os elementos fundamentais da poesia, modelada segundo preceitos clássicos. Mas as suas ausências eram transitórias e o gosto pelo remanso da sua abadia rural deixou-o entrever várias vezes na sua poesia, de que nos deixou o seguinte poema, publicado em 1786:

“Eu, que junto à Cabana, em que vivia, / Tive uma rica Ermida: e afortunado / Ovelhas tantas tive, que o montado / Com elas branquejar alegre via: / Eu, que tive prazer, tive alegria, / Tive nome entre os mais; eu desgraçado, / De quanto tive agora despojado, / Não tenho nada mais, que a noite, e dia: / Eu mesmo deixei tudo: e unicamente, / A saudade nos cofres da memória / Com desvelo guardei, mas imprudente; / Pois lendo nela a minha triste história, / Me fazem ser mais duro o mal presente / Doces lembranças da passada glória.”

46.

PONTE DE FUNDO DE RUA



Rua de Ovelha e Honra
do Marão, Aboadela
Amarante



41° 16' 38,36" N
7° 59' 43,82" O



918 116 488



x



x



Em vias de classificação



P. 25



Acesso livre



x

Edificada à entrada da antiga beetria de Ovelha do Marão, hoje Aboadela, a Ponte de Fundo de Rua evoca percursos antigos sobre o rio Ovelha. Encontrava-se num dos dois trajetos que enfrentavam o Marão, por onde o viandante seguia para Vila Real. O outro era a estrada que de Amarante a Lamego procurava o Douro. Obra do período moderno (talvez a data de 1630, epigrafada na base do cruzeiro na margem esquerda, assinala o ano da construção), sucede certamente a uma travessia medieval, essencial numa área onde o rio, sujeito a fortes caudais no inverno, apresenta uma largura considerável. Aqui foi, pois, edificada, talvez durante o reinado de Filipe III (r. 1621-1640), uma ponte pétrea, sustentada por quatro arcos de volta perfeita com dimensões desiguais, sobre os quais assenta um tabuleiro ligeiramente levantado acima do arco maior. Os pilares são protegidos, a montante, por talha-mares aguçados e, a jusante, por contrafortes. À entrada, na povoação, um cruzeiro e o pelourinho recordam medos e perigos. O primeiro assegura a proteção do viajante e o segundo, local onde se executavam as penas e os castigos infligidos pelas autoridades judiciais, lembra a qualidade autónoma de Ovelha do Marão, uma

OS TALHA-MARES

Os talha-mares serviam para "talhar" a corrente, isto é, quebrá-la, impedindo que fortes correntes ou detritos embatessem diretamente contra os pilares da ponte. Na face oposta, virada a jusante, os contrafortes ajudavam a sustentar a pressão que a travessia continuamente sofre com o caudal regular ou caudais superiores.



das poucas beatrias do reino. Por beatria entendia-se a forma de governo local que permitia aos moradores a escolha do seu senhor. Não sendo uma forma democrática de governo, no sentido que atualmente lhe atribuímos, constituía um modelo algo extravagante de municipalismo, em que parte dos habitantes de certa povoação ou conjunto de povoações decidia entregar o poder nas mãos de certo senhor. A beatria de Ovelha do Marão sofreu as vicissitudes de senhores pouco afeitos às

preocupações dos homens da terra e mais ao poder e ao prestígio. Depois de alguns senhores que negociaram o domínio da beatria, os moradores foram buscar a proteção aos duques de Bragança, tendo esta sido extinta, pouco tempo depois, por D. João II (r. 1481-1495). Ao filho deste foram os habitantes de Ovelha do Marão pedir o governo da sua terra, mas sendo morto em idade tenra, ficou vago o lugar que passaria ao seu meio-irmão. Com a reabilitação da Casa de Bragança, houve



contenda sobre a posse da beetria, requerida pelo duque D. Teodósio. A questão arrastou-se até à extinção das beetrias e à incorporação de Ovelha do Marão no património régio.

Talvez este percurso explique a construção da Ponte de Fundo de Rua do ponto de vista político e económico: situada numa das principais linhas de penetração entre o litoral atlântico e o interior ibérico, era do interesse regional e nacional a sua constru-

ção. Sê-lo-ia, talvez, com recurso a impostos regionais, como no caso da ponte de Meimoa (Penamacor), que lhe é contemporânea e similar em termos construtivos. Ovelha do Marão foi, para o bem e para o mal, lugar de muito trânsito. Sofreu as consequências das invasões francesas, em 1809, mas ficou imortalizada nos romances de Camilo Castelo Branco (1825-1890), cuja geografia literária se refere a esta região com alguma frequência.



LUGAR DA RUA – ALDEIA DE PORTUGAL

Aproveite a visita à Ponte para conhecer o Lugar da Rua, classificado como Aldeia de Portugal pela Associação do Turismo de Aldeia. A sua simplicidade surpreende e encanta ao primeiro olhar. Visite o Centro Interpretativo e Cultural do Marão e, a partir da aldeia, explore a pé as belezas naturais da serra através da Rota de São Bento (12 km).



47.

IGREJA DE SANTA MARIA DE GONDAR



Calçada Armando T.
Mota e Costa, Gondar
Amarante



41° 15' 48,73" N
8° 1' 53,19" O



918 116 488



x



Santa Maria
15 agosto



Imóvel de Interesse
Público, 1978



P. 25



P. 25



x

Implantada a meia encosta, a pequena Igreja de Gondar, dedicada à Virgem Maria, é o símbolo de um longo e complexo percurso histórico em que se enquadra a maioria dos templos paroquiais da medievalidade. À sua fundação associa-se a linhagem dos de “Gundar”. Esta linhagem, que controlou um significativo perímetro geográfico e social na região envolvente, fez da abadia mariana o local para acolhimento das suas filhas, convertendo-a em panteão familiar. Durante vários séculos o apelido desta linhagem significava sinal de domínio e de poder. Mas, não obstante esta ligação, foi na viragem para a Época Moderna, em 1455, que esta abadia feminina foi extinta por intervenção do bispo do Porto, D. Fernando da Guerra (episc. 1416-1418), quando este quis dar expressão à moralização e reabilitação de mosteiros decadentes. Entregue ao secular, foi seu primeiro pároco Pedro Afonso. A este se deve a oferta, em 1470, da escultura que se tornou num elemento totémico da comunidade: a Virgem sentada que amamenta o seu Filho (e que hoje se encontra na nova igreja da freguesia). Esta imagem é localmente conhecida como Nossa Senhora da Cadeira.

SANTA MARIA DE GONDAR

Expressão da escultura gótica nacional, a imagem da Virgem Maria sentada a amamentar o seu Filho nos braços "integra o reduzido número das imagens quatrocentistas portuguesas que são portadoras de inscrições que identificam o doador", conforme estudo de Mário Barroca. No lado direito da cadeira onde se senta a Virgem encontra-se gravada uma inscrição que refere: Pero Afonso mandou fazer [na Era de M] CCCC LXX Anos. A importância da inscrição é dupla: por um lado, permite identificar o doador (Pedro Afonso) e, por outro, associa à peça uma cronologia de execução ("Era de 1470"). A imagem de Santa Maria de Gondar assinala a transição entre a extinção do espaço monástico e a passagem a igreja secular, mas também, em termos artísticos, o cruzamento de vários sentidos estéticos, sentimentos e sensibilidades: os das Virgens românicas, sedentas, hieráticas (em posição de majestade), com a Mãe, em pé, que aleita o seu Filho, expressão naturalista do gótico.



Seguramente edificada no século XIII, se não já na centúria seguinte, a Igreja românica de Gondar denuncia ainda na sua fábrica o seu carácter originariamente monástico: as mísulas que pontuam os seus paramentos exteriores atestam a existência de estruturas anexas à Igreja, de ambos os lados. De qualquer forma, tendo em conta a escala da Igreja que hoje conhecemos é certo que o complexo monástico de Gondar era de reduzidas dimensões. Estamos, pois, diante de uma Igreja composta por nave única e capela-mor retangular. A traça românica conservou-se na sua quase totalidade, apesar das transformações que sofreu durante a Época Moderna.

Orientada canonicamente (cabeceira a este e frontaria a oeste), a fachada principal é extremamente simples. O portal acusa o carácter tardio da construção: não tem colunas, as arquivoltas apoiam-se so-

bre os pés-direitos e o tímpano é liso. O único elemento decorado deste portal é precisamente a arquivolta externa onde se aprecia o motivo do enxaquetado, tema tão caro ao românico português. O portal é encimado por um pequeno óculo com uma grelha composta por cinco círculos colocados segundo os braços de uma cruz. Ambos os elementos falamos, pois, de uma cronologia tardia, já mais próxima do gótico que virá, do que do românico na sua plenitude, pelo que devemos entender esta Igreja de Gondar no seio daqueles edifícios que têm vindo a ser identificados pelas designações periféricas de "românico de resistência", de "gótico rural" ou mesmo de "protogótico".

A estrutura dos portais laterais, idênticos entre si, confirma esta cronologia. Em ambos os alçados, além das duas estreitas frestas que rasgam o paramento, permitindo a iluminação do interior do espaço



sacro, vê-se ainda a cachorrada bastante bem conservada a sustentar uma cornija de dois volumes. Os cachorros, de perfil tendencialmente quadrangular, ou são lisos ou, então, ostentam uma simples ornamentação onde se destacam os rolos e proliferam as esferas.

Sobre a extremidade do alçado sul, junto à fachada ocidental, o campanário segue o modelo das sineiras românicas: dois arcos de volta perfeita abrigam os sinos. Como elementos decorativos ostenta apenas as impostas, formadas por um simples toro, que

se prolongam em torno de toda a estrutura, e os pináculos terminais que, ao modo de pirâmide, rematam os seus ângulos.

Embora tenhamos informação de que durante a Época Moderna existiam no interior deste espaço vários retábulos e conjuntos de pintura mural, a verdade é que hoje impera o granito nos paramentos e no pavimento. Nele cheira-se simplicidade. Tal deve-se ao facto de esta Igreja ter ficado isenta de culto após a edificação da nova igreja paroquial, logo nos inícios do século XX, o que levou ao seu progressivo abandono, apenas travado por uma profunda intervenção de restauro na segunda metade da década de 1980, que procurou devolver à Igreja de Gondar a sua integridade arquitetónica e a sua legibilidade, enquanto monumento e espaço sacro.

Dos retábulos apenas conhecemos aquele que foi o maior e que hoje se encontra na nova igreja paroquial. Trata-se de uma máquina enquadrada dentro do chamado estilo nacional da talha portuguesa.





Da pintura mural apenas sobreviveu a que orna o intradorso do nicho da parede fundeira da abside, no corpo que lhe foi acrescentado para abrigar o tardo do retábulo-mor. Aqui ainda podemos apreciar restos de pinturas, onde se identificam grotescos a envolverem cartelas. O arco triunfal poderá ter sido fruto da mesma campanha setecentista, tendo em conta as suas pilastras toscanas, assim como o janelão retangular com grade de ferro, rasgado no alçado sul da cabeceira. O púlpito, de que apenas restam as escadas de acesso e a consola classicizante que sustenta a sua base, seria

ainda completado com uma guarda em madeira. Hoje, este púlpito acolhe uma escultura de São Francisco de Assis. Na nave, à esquerda, a pia batismal, cuja taça em granito é sustentada por uma base, ambas poligonais. Várias peças em granito estão aqui depositadas: fragmentos de pedras tumulares, uma pia de água benta, com taça ornada em gomos, talvez já da época barroca. Do lado da Epístola, junto do portal, um nicho de arco de volta perfeita rasga o paramento. Deveria albergar um retábulo. Hoje, exhibe uma cópia em granito da escultura de Santa Maria de Gondar.

OVELHINHA – ALDEIA DE PORTUGAL

Em Gondar, a pouco mais de dois quilómetros da Igreja românica, descubra a Ovelhinha, classificada como Aldeia de Portugal pela Associação do Turismo de Aldeia. Durante as invasões francesas, esta aldeia foi incendiada, conservando ainda hoje as ruínas de algumas casas então destruídas. Na Ovelhinha, na margem do rio Fornelo, destacam-se as casas em pedra granítica, os solares e a capela de Santo Amaro.



48.

IGREJA DO SALVADOR DE LUFREI



Rua da Igreja
Lufrei
Amarante



41° 16' 25,04" N
8° 3' 15,84" O



918 116 488



x



Divino Salvador
6 agosto



Imóvel de Interesse
Público, 1971



P. 25



P. 25



x

A velha Igreja de Lufrei situa-se num fértil vale junto à confluência de dois pequenos cursos de água, contrapondo-se, assim, à implantação de um número considerável de paroquiais edificadas em outeiros ou cumes mais ou menos elevados. A sua origem monástica poderá explicar esta localização, tomada como ideal por Cluny e pelos beneditinos e definitivamente adotada por Cister como local-modelo para a implantação das suas casas. De facto, atribui-se a Lufrei o estatuto de convento destinado a monjas beneditinas (talvez fundado pela família de Gonçalo João da Pedreira) que, como tantos outros casos na região (nomeadamente Gondar (Amarante) (p. 202)), resultou em abandono (meados do século XV) e consequente conversão em igreja paroquial (1455). De modestas dimensões, a Igreja de Lufrei serviu desde então de paroquial, sendo nessa função suplantada por uma nova igreja em 2001. Estamos diante de mais um edifício enquadrado no “românico de resistência”, tardio, bom testemunho da vernaculidade e da popularidade que o *modus aedificandi* românico assumiu entre nós. Daí que a arquitetura da época românica deva ser cada vez mais entendida na sua diacronia.

D. MEM DE GUNDAR

Uma tradição imputava a D. Mem de Gundar a fundação dos três cenóbios de bentas da região: em Amarante, Lufrei e Gondar (p. 202) e, em Baião, Gestaçõ. Embora não fundada documentalmente, a memória da ligação deste mosteiro de Lufrei a Gondar, que integra estas duas casas monásticas no movimento de criação de comunidades beneditinas femininas a partir do século XII, permaneceu na submissão de Lufrei àquela igreja por via do padroado. Cabia ao reitor de Gondar a apresentação do vigário de Lufrei.

Apesar da homogeneidade que se confirma ao nível da altura das fiadas de silhares, o aparelho que dá corpo a este pequeno templo prima pela irregularidade. Isenta de detalhes decorativos esculpídos, a Igreja de Lufrei é apenas iluminada por estreitíssimas frestas de sabor românico posicionadas em pontos-chave do edifício: sobre o portal principal e sobre o arco cruzeiro e apenas uma em cada alçado da nave. Os cachorros, de perfil mais quadrangular que retangular, são

lisos, testemunho do seu caráter tardio. O arranjo dos portais, que se inscrevem na espessura dos muros, sem colunas ou tímpano, corrobora-o. A empena da fachada principal é interrompida por uma dupla sineira, erguida ao modo românico. No interior são parcos os vestígios românicos visíveis. Apenas sentimos o espírito românico desta Igreja pelas frestas que a iluminam de forma ténue ou pela dimensão do vão do arco triunfal que fecha à intimidade a capela-mor.

Retábulo-mor antes das intervenções da Rota do Românico (2013)



Os paramentos interiores encontravam-se, todos eles, rebocados a branco até ao final de 2013, altura em que a Igreja foi submetida a uma ação de conservação e restauro das suas pinturas murais. A caiação manteve, contudo, a sua preponderância, já que a intervenção centrou-se em três áreas distintas da Igreja: a capela-mor (atrás do retábulo-mor), a parede do arco triunfal e as áreas contíguas (atrás dos retábulos colaterais).

Na capela-mor, veio a confirmar-se a existência de camadas cromáticas fortes, já denunciadas pelas “janelas” abertas mecanicamente aquando da realização das sondagens. No topo da parede do arco triunfal, identificaram-se duas campanhas de pintura mural, mas de composição semelhante, na representação



do *Calvário*. Na parede norte da nave, merece destaque a figuração a fresco de um *Santo André*, acompanhada de uma inscrição datada de 1608.

Tanto o retábulo-mor como os colaterais da nave, que também foram alvo de conservação e restauro, inscrevem-se no período maneirista, conforme atesta a integração de painéis pictóricos na sua estrutura.

A TUMULÁRIA

No adro envolvente persistem três túmulos, com as respetivas tampas. São sarcófagos monolíticos, de contorno trapezoidal, talvez antropomórficos, com tampas igualmente de uma só pedra, de secção pentagonal e volume em duas águas. Estas três arcas foram referidas nas *Memórias Paroquiais* de 1758 relativas a esta freguesia, como indício da existência de homens insígnis na freguesia de Lufrei, da seguinte forma: “três túmulos de pedra inteira, que no adro desta igreja se conservam, levantados da terra, com cobertas de pedra, também inteira, lavradas em forma aguda, por todo seu comprimento. Os quais se não acham por alguma outra desta vizinhanças. Em dous deste túmulos se devizam alguns vestígios de nome que se lhe abriu ao cizel, mais por que o tempo corrompeo as letras, não se pode já averiguar o que era, nem na memoria dos homens há tradição, de quem fossem os sujeitos, que nelles se sepultaram”.



A NÃO PERDER

- 2,5 km: Termas de Amarante (p. 280)
- 2,8 km: Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso (p. 277)
- 2,8 km: Igreja e Convento de São Gonçalo (p. 278)
- 2,8 km: Igreja de São Domingos - Museu de Arte Sacra (p. 279)

49.

IGREJA DO SALVADOR DE REAL



Rua da Igreja Velha
Real
Amarante



41° 15' 22.52" N
8° 9' 42.23" O



918 116 488



x



Divino Salvador
6 agosto



Em vias de classificação



P. 25



P. 25



x

Edificada numa zona de encosta sobranceira às agramas que ladeiam a linha de água, a Igreja do Salvador de Real encontra-se isolada e sobrelevada relativamente ao caminho que até ela nos conduz. A edificação da nova igreja paroquial, em 1938, levou ao abandono daquela, cuja fábrica ainda ostenta significativos trechos românicos, particularmente ao nível da fachada principal e do alçado sul, não obstante a grande transformação a que foi sujeita entre 1750 e 1760. No início do século XVIII, esta Igreja pertencia ao padroado do Mosteiro de Travanca (Amarante) (p. 212).

No que toca aos tempos medievos, pouco sabemos sobre esta Igreja. No entanto, tendo em conta os vestígios remanescentes, propomos o primeiro quartel do século XIV para a sua edificação. Já integrado num românico muito tardio, num momento em que se anuncia o gótico, o portal principal de Real é disso testemunho: não tem tímpano, as colunas esbeltas são encabeçadas por capitéis com escultura pouco volumosa e presa ao cesto e as duas arquivoltas que lhe dão corpo, além de serem quebradas, são toreadas. Uma adaptação de uma influência do românico português que terá chegado possivelmente através de Travanca.



Inscrito na fachada sul, persiste ainda um arcossólio com sarcófago, cuja tampa ostenta uma espada gravada, o que denuncia o estatuto social de quem aí se fez enterrar. Próximo deste, um maciço pétreo perpendicular ao cunhal sudeste da cabeceira, mas a ele adossado, ostenta uma sineira de claro sabor românico.

Já no interior, assentando diretamente sobre os pés-direitos do muro, o arco triunfal forma-se de duas arquivoltas quebradas. O caráter despojado desta Igreja é acentuado pelo revestimento a estuque que a cobre na sua totalidade, fazendo sobressair, ao modo de jogo de claro-escuro, as cruzes de sacração, românicas, patadas e inscritas em círculo.





O PATRIMÓNIO DA IGREJA VELHA

A edificação da igreja nova de Real levou à transferência do retábulo-mor que presidia, até à década de 1930, à velha Igreja. A sua monumentalidade contrasta claramente com o simples retábulo que agora se presta a culto na capela-mor da igreja românica. O que aí se encontrava e que hoje se pode apreciar na igreja nova de Real, além de se organizar em torno de um volumoso trono eucarístico, encimado por uma representação alusiva ao Santíssimo, ostenta uma sanefa em que se apoiam querubins de corpo inteiro. A sua policromia, definindo marmoreados, casa aqui com motivos nitidamente *rocaille*.



Igreja nova de Real. Retábulo-mor

O ambão e a guarda de púlpito que o envolve, no lado do Evangelho da capela-mor da velha igreja, faz conjunto com o retábulo que acabamos de descrever, atribuindo-se seguramente a sua feitura a uma mesma oficina. Com estes dois elementos, ricamente elaborados, contrasta o retábulo-mor que veio substituir o que fora transferido. Sem grandes volumetrias, com forte tónica dada à estrutura arquitetónica, apenas se relaciona com os restantes elementos da capela-mor pelo recurso a uma mesma policromia.

O século XVIII deixou marcas profundas em Real, identificáveis na abertura de grandes vãos de iluminação na nave e na capela-mor, no desenho das três cruzeiras que se alinham nas empenas e nos fogaréis terminais dos cunhais da nave. As variações ao nível do aparelho denunciam ainda que este edifício foi bastante mexido ao longo da sua história. Foi por esta ocasião que se integrou, na paroquial de Real, o púlpito e um coro (embora o atual seja seguramente posterior). Completavam o recheio três retábulos, o mor e dois colaterais.

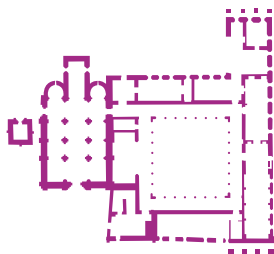


A NÃO PERDER

- 11 km: Parque Aquático de Amarante (p. 280)

50.

MOSTEIRO DO SALVADOR DE TRAVANCA



Rua do Mosteiro
Travanca
Amarante



41° 16' 40.43" N
8° 11' 35.21" O



918 116 488



Sáb. 19h
Dom. 8h15



Divino Salvador
6 agosto



Monumento Nacional
1916



P. 25



P. 25



x

Apesar das incongruências ao nível das datas e dos Anomes, tem-se vindo a atribuir a fundação do Mosteiro do Salvador de Travanca a Garcia Moniz (1008-1066), filho de Monio Viegas, *o Gasco*, este último apontado como fundador do Mosteiro de Vila Boa do Bispo (Marco de Canaveses) (p. 163). Deste modo, a história destes dois Mosteiros surge ligada à linhagem dos Gascos, cuja presença está documentada até bastante tarde, quer nos direitos decorrentes do padroado, quer na ligação simbólica e real ao espaço eclesial e monástico: aqui ingressavam e se sepultavam os descendentes do instituidor, providenciando o controlo em vida e depois da morte através, por exemplo, das missas e lembranças por aniversário do óbito.

Ao longo da Idade Média, este cenóbio foi mostrando uma influência cada vez maior no controlo económico, político e religioso da região, fosse por doações, fosse por uma zelosa administração dos seus bens. O instituto integrava então a terra de Sousa, tendo permanecido na esfera do termo do concelho de Ribatâmega, apesar de ter sido coutado, crê-se, ainda em tempo de D. Henrique (1066-1112) e D. Teresa (1080-1130).

Efetivamente, só uma sólida capacidade financeira poderia garantir a construção que ainda subsiste. O conjunto monumental medieval (Igreja e Torre), pela sua implantação e aparato, expressa bem a economia agrícola que o desenvolveu e as sucessivas pretensões dos homens a ele ligados ao longo da história.

De facto, a Igreja deste Mosteiro, a par com as dos geograficamente próximos de Santa Maria de Pombeiro (Felgueiras) (p. 30) e do Salvador de Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90), insere-se na reduzida família de igrejas de três naves que durante a época românica foram erguidas em Portugal.

UMA IGREJA DE TRÊS NAVES

Segundo Manuel Real, o Mosteiro de Travanca constitui o exemplo mais acabado do "plano beneditino português" para igrejas de três naves", aqui definidas por quatro tramos e cobertura de madeira assente sobre arcos-diafragma. Apresenta uma cabeceira composta por dois absidiolos abobadados de planta semicircular que ladeiam uma capela-mor hoje profunda e retangular, fruto de uma ampliação realizada durante a época barroca. Composta por dois andares, a abside românica seria circular e mais alta que os dois absidiolos. Para este autor, "o "plano beneditino português" para igrejas de três naves, dotado de um sentido programático específico, corresponde a uma maneira muito própria de conceber a arquitetura, interpretada regra geral com grandiosidade e com emulação".





No exterior da Igreja é bem perceptível que as naves laterais são bastante mais baixas do que a central, quer se observe o monumento a partir dos alçados laterais, quer através de uma análise da sua fachada principal. De um modo geral, o arranjo desta última aproxima-se do que foi dado à fachada de Paço de Sousa, integrando assim esta igreja amarantina no chamado “românico nacionalizado”. O portal, ricamente ornamentado, rasga-se em corpo saliente encimado por cornija sobre mísulas retangulares (estas últimas fruto do restauro realizado na década de 1930). Mísulas em forma de cabeças de bovídeo sustentam o tímpano liso.

As suas arquivoltas são animadas por toros diédricos, o que denuncia uma influência portuense. Mas, aquilo que mais distingue este portal é precisamente a escultura dos seus capitéis, bastante saliente, pequena e muito delicada, considerada por isso a melhor da região. Alguns dos temas aqui representados repetem-se

no portal norte e no interior da Igreja: aves com pescoços enlaçados, uma figura humana concebida ao modo de atlante na esquina do capitel, serpentes enlaçadas e a composição de origem bracarense onde aparecem monstros em ato de tragar figuras nuas, que lhes pendem da boca, penduradas pelas pernas. Este tema surge em diversos monumentos românicos das bacias do Douro e do Tâmega.

Fechada sobre si própria, a Igreja é interiormente iluminada por estreitas frestas de sabor românico. As que iluminam a nave central mostram um vão maior e são mais ornamentadas: ostentam colunas que, com os seus capitéis, sustentam toros diédricos, uma vez mais testemunhando a influência portuense. O portal norte compõe-se de três arquivoltas com arestas vivas, ligeiramente apontadas e os seus capitéis mostram composições simétricas: a serpente entrelaçada, a sereia e as aves com os pescoços entrecruzados.

A fachada posterior de Travanca merece uma visita, não só para se poder apreender como num mesmo edifício se conjugam estruturas tão antagonónicas (o corpo e absidiolos românicos com a capela-mor barroca), mas também para apreciar a variedade temática da escultura dos capitéis e cachorros (com motivos antropomórficos) dos absidiolos circulares. A estes aspetos juntamos uma apreciação do óculo quadrilobado que se rasga sobre o arco cruzeiro, ricamente ornamentado no seu interior com um motivo cordiforme, formando "ee".

A torre, isenta, é uma das mais elevadas torres medievais em território português. Coroada com merlões que circundam um balcão apoiado por matacães, trata-se de uma estrutura que tem de ser entendida enquanto elemento de afirmação senhorial. O seu aspeto militarizado é puramente retórico. Virado a nascente, confrontante com o portal norte da Igreja, o portal desta torre encontra-se entre

os mais falados do românico português. À sua estrutura evoluída, considerada já gótica (inscrita na espessura do muro, não tem colunas nem capitéis e as suas arquivoltas assentam sobre as impostas), junta-se o elementarismo do grafismo da sua decoração, concentrada nas arquivoltas, reflexo da resistência e do prestígio da arte românica. Aduelas com animais afrontados na sua aresta tentam imitar um modelo caracteristicamente bracaraense, reflexo do seu prestígio. Na arquivolta interna, o tema das *beak-heads* que encontramos igualmente em Cárquere (Resende) (p. 121), Fandinhães (Marco de Canaveses) (p. 143) e Tarouquela (Cinfães) (p. 109). No tímpano vemos uma representação muito original do *Agnus Dei*, o místico Cordeiro de Deus, semi-fletido e erguendo ao alto uma cruz patada. Associado à crença na interdição da passagem, constitui um dos mais vulgares temas dos nossos tímpanos, salvaguardadas as variantes com que se apresenta.



Entremos, pois, na Igreja. À primeira vista é por demais notória a afirmação do granito nos paramentos e nos pilares, aspeto este que o século XX lhe restituiu. Os pilares são cruciformes e servem de suporte aos arcos diafragmas e aos arcos formeiros que se apoiam sobre as suas colunas. Estamos diante de um dos mais ritmados espaços da arquitetura românica portuguesa, o que não invalida que este revele diversas irregularidades no seu traçado, diferentes soluções ao nível das arcadas (umas de volta perfeita, outras quebradas e outras quase ultrapassadas), assim como diversidades técnico-estilísticas ao nível das impostas, dos capitéis e das bases das colunas.

É em meados do século XIII que encontramos uma data média para a edificação desta Igreja monástica, que também se afirma pela variedade temática dos capitéis que povoam o seu interior, sendo

que alguns deles são historiados, aspeto significativo no contexto do românico português, onde a figuração humana não é muito frequente.

Da Época Moderna prevalece ainda a sacristia, embora as grandes obras de fundo do período moderno tenham sido os edifícios adjacentes, nomeadamente o claustro, os dormitórios e demais dependências. Foi para esta dependência eclesial que foi transferido o remanescente da escultura e da pintura que se distribuía ao longo dos retábulos laterais e colaterais da Igreja, acervo heterogêneo que espelha a transição entre os cânones maneiristas e a introdução das fórmulas barrocas. Nesta apenas se salvou um modesto retábulo, em estilo nacional, que estando no absidiolo norte foi considerado, durante a grande campanha do século XX, como o único aproveitável e, por isso, colocado na capela-mor.



UMA INTERVENÇÃO PROFUNDA

Entre os séculos XVI e XX, reflexo de uma administração particularmente florescente, foi a Igreja de Travanca alvo de intervenções na sua estrutura (de que o exemplo máximo é a capela-mor barroca) e no acréscimo de património integrado, adaptando-se assim a espacialidade medieval às necessidades crescentes das comunidades monástica e laica e às orientações normativas decorrentes do Concílio de Trento (1545-1563). Completamente despojada da maior parte destes elementos, ao visitante é hoje possibilitada a incursão no interior de um templo muito diferente daquele que religiosos e leigos vivenciaram ao longo dos séculos XVI a XIX: apearam-lhe os retábulos e o púlpito, desmantelaram o coro alto, removeram todo o revestimento em estuque das abóbadas (que encenava mármore branco) e arrancaram-lhe todo o reboco de argamassa das paredes interiores e exteriores, substituíram as três janelas da fachada principal por frestas, acentuaram o carácter militarizado da torre que deixou de ser sineira... tudo em prol de uma pretendida "correção" e "harmonização" estética que se sobrepuseram a uma necessidade de assegurar a perduração do monumento. Assim, a imagem que hoje temos da Igreja românica de Travanca é, pois, devedora desta intervenção profunda que a década de 1930 nos legou e constitui um significativo exemplo da importância que a história dos restauros realizados tem para a compreensão de um qualquer edifício.

A SACRISTIA

No intradorso da porta que dá acesso ao vestíbulo (ou ante sacristia), a data de 1585 assinala, presumivelmente, uma primeira fase de ampliação da área da sacristia, reformada depois ao gosto barroco, entre finais do século XVII e o século XVIII. Construída segundo um plano retangular adossado à parede sul da Igreja, esta estrutura alberga dois arcazes, implantados lateralmente ao correr das paredes do nascente e poente, um contador e uma mesa para os cálices. Impera a nobreza dos materiais utilizados. No topo tem uma capela onde se abriga um retábulo em estilo nacional. Atente-se ao notável trabalho de marcenaria e pintura que, formando o artesoadado, expressa o gosto pelos motivos clássicos portadores de ligações diretas ou simbólicas à semântica religiosa veiculada pelas Sagradas Escrituras.



51.

MOSTEIRO DE SÃO MARTINHO DE MANCELOS



Rua Central
Mancelos
Amarante



41° 16' 29,61" N
8° 9' 26,08" O



918 116 488



Sáb. 20h30 (ver.)
Dom. 7h (inv./ver.)
e 9h45 (inv.)



São Martinho
11 novembro



Imóvel de Interesse
Público, 1934



P. 25



P. 25



x

O Mosteiro de Mancelos ergue-se nas proximidades de Amarante e nos limites da diocese do Porto, num lugar onde ainda hoje prevalece a agricultura como principal atividade. Desde sempre, e particularmente na Idade Média, que os mosteiros se mostraram muito atraídos pelos férteis terrenos agrícolas, daí advindo a sua principal subsistência. E estes, tanto melhores se mostravam se permitiam ainda a prática da pastorícia e se, nas suas proximidades, possuíam bosques para o fornecimento da tão fundamental madeira.

Conforme dados da *Bula* de Calisto II (p. 1119-1124), este cenóbio já existia, pelo menos, em 1120, pelo que a sua fundação é, com certeza, anterior, coincidindo com o período de vida de Garcia Afonso e Elvira Mendes, primeiros da linhagem dos Portocarreiros. Foi aos descendentes destes, nomeadamente aos FONSECAS, que Mancelos passou como padroado e espaço eclesial familiar, verdadeiro paradigma das igrejas próprias. Efetivamente, no século XIV, são em número impressionante os familiares deste Mosteiro que nele reclamavam direitos e réditos. Mancelos é um bom testemunho das estratégias privadas de fundação de estruturas monásticas, mais



D. FRANCISCO DA GUERRA

No século XIV, o Mosteiro foi várias vezes pouso para o arcebispo de Braga, D. Francisco da Guerra (?-1467) e seu séquito. De Mancelos, o arcebispo, ao mesmo tempo comendador do instituto monástico, lidou com a questão da regência após o falecimento do monarca D. Duarte I (r. 1433-1438). Regista-se a sua presença neste Mosteiro em 1433, 1439, 1449 e 1460, sendo, portanto, local privilegiado para os percursos e visitas do ativo prelado e talvez dos seguintes.

preocupadas com o domínio territorial do que com a criação de polos difusores de evangelização, daí que a cronística dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho desconheça em quase absoluto a história da fundação desta casa monástica.

Em 1540, D. João III (r. 1521-1557) doou Mancelos aos religiosos de São Gonçalo de Amarante (p. 278), o que o papa Paulo III (p. 1534-1549) confirmou dois anos mais tarde. Mancelos tornar-se-á a partir de então um polo da ação administrativa e evangelizadora dos

Pregadores amarantinos, tornando-se um dos complexos monásticos mais importantes daquela ordem em Portugal.

Hoje, Mancelos destaca-se pela variedade de estruturas que lhe dão corpo. A Igreja é antecedida por galilé ladeada por torre isenta e, na área do antigo claustro, ainda dele vemos memória na parede da sacristia. Embora tenha sofrido diversas transformações ao longo dos séculos, esta Igreja conserva significativas parcelas da época românica. A existência de uma inscrição gravada num silhar avulso, que



O PORTAL PRINCIPAL

O portal principal de Mancelos é, seguramente, um dos elementos que melhor nos permite aferir uma cronologia para a fábrica deste edifício. Ligeiramente quebradas, as suas quatro arquivoltas repousam sobre elegantes capitéis onde a escultura, de fino desenho, se prende já bastante ao cesto, aspeto denunciador do gótico que se aproxima. Partindo do modelo criado pelas volutas dos capitéis coríntios, motivos vegetalistas pouco relevados criam uma certa homogeneidade ao conjunto, apesar das diferenças compositivas existentes entre os vários capitéis.

Conjugando-se com motivos fitomórficos que desenham enrolamentos, identificamos aqui várias tipologias de folhas estilizadas e abertas ao modo de flor-de-lis e que lembram alguns exemplares da colegiada de Guimarães. Elaboradas impostas, formadas por elementos boleados que se sobrepõem, confirmam o caráter tardio do conjunto, cuja monumentalidade é reforçada pelos toros diédricos das arquivoltas, elemento de clara origem portuense e que encontramos noutros monumentos como Travanca (p. 212) ou Freixo de Baixo (p. 224), também em Amarante. O arco envolvente mostra-nos uma modinatura decorada com motivos geométricos encadeados. O tímpano liso é sustentado por duas mísulas onde foram esculpidas duas figuras, ao modo de atlantes, uma feminina, outra masculina.



ainda hoje se conserva no espaço onde outrora se erguia o claustro, junto da sacristia, remete-nos para o ano de 1166 (Era 1204). Apesar de esta inscrição nada nos indicar sobre a natureza do evento comemorado, além de que se encontra descontextualizada, a verdade é que a sua qualidade epigráfica leva a crer que reporte a um qualquer momento importante

da história de Mancelos, talvez a sagração ou a dedicação da obra românica. Não nos podemos esquecer que o Mosteiro já estava datado em 1120.

No entanto, os vestígios arquitetónicos remanescentes conduzem-nos para o século seguinte, pelo que é possível que a determinada altura se tenha realizado uma profunda obra de reconstrução em



Mancelos ou, então, que a sua edificação se tenha arrastado por um longo período. É no portal que o caráter tardio desta fábrica se torna mais evidente. Está ainda hoje abrigado pela galilé, o que explica o seu bom estado de conservação.

A galilé dá um espírito muito particular à fachada principal da Igreja de Mancelos. A par da diferenciação de volumes e do ritmo criado pelas ameias que mais lembram os modilhões de proa góticos, destacamos a monumentalização do espaço que antecede a entrada na Casa de Deus. A seu lado, a torre afirma-se na paisagem envolvente pela verticalidade que cria. A dupla sineira que a remata, voltada ao adro, denuncia no seu arranjo uma intervenção moderna, realizada no século XVII ou XVIII. Nos outros alçados persiste um conjunto de merlões de perfil piramidal.

Os alçados laterais da Igreja denunciam as transformações por que esta foi passando ao longo dos tempos: cicatrizes e vários tipos de aparelho falam-nos de acrescentos e de demolições; janelões retangulares remetem-nos para uma época em que se procurava dar outra luminosidade ao interior do espaço sacro. No entanto, ainda são visíveis várias siglas ao longo dos silhares.

No lado sul, onde em tempos existiu o claustro, um arcossólio rasgado na nave ao nível do pavimento guarda uma arca sepulcral. Na face frontal do túmulo vemos relevados um medalhão decorativo, uma cruz e dois ginetes. Nas proximidades, a curiosa fachada da sacristia: três arcos quebrados entaipados acolheram no seu interior, na Época Moderna, portas de lintel reto encimadas por óculos e uma vigia quadrilobada. Pensa-se que este espaço fosse a anterior sala capitular e que a Época Moderna converteu em sacristia.

No interior, apenas o arco triunfal permanece como elemento remanescente da época românica, apesar de os seus capitéis se mostrarem hoje picados, pois a Época Moderna sobrepôs-lhes elementos entalhados que as intervenções de restauro do século XX removeram. As arquivoltas não têm qualquer decoração e a imposta é idêntica à do portal principal.

Da campanha barroca resta apenas o retábulo-mor joanino e que ocupa toda a parede fundeira da abside. Aqui, uma modesta tribuna de quatro degraus e trono, sobrepujada por sanefa e ladeada por quatro colunas torsas, marca a centralidade da estrutura, para onde se dirige a atenção do fiel, quer durante a liturgia quando o sacerdote retira do sacrário o

INTERVENÇÕES DOS SÉCULOS XIX E XX

Durante a Época Moderna, além das transformações arquitetónicas, foram atualizadas a estética e o mobiliário litúrgico da Igreja monástica de Mancelos. No entanto, as grandes alterações contemporâneas influíram de forma determinante na organização do espaço eclesial, determinando a remoção de elementos decorativos e mesmo de património móvel e integrado.

Neste campo foram particularmente marcantes as datas de 1834 (extinção das ordens religiosas) e de 1911 (Lei da Separação do Estado da Igreja). Acrescentam-se, ainda, as intervenções de restauro tendencialmente puristas encetadas pela Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais ao longo do século XX e que procuraram em grande medida recuperar aquilo que se entendia ser a forma primitiva do monumento.

As próprias imagens, dentro da qualidade de património mobiliário, estão sujeitas a constantes mudanças, fruto de gostos coletivos e transferências dos afetos devocionais. Na ausência de inventários ou, quando estes existem, da deficiente pormenorização dos objetos, o investigador pode ser tentado a integrar, no percurso histórico do edifício, elementos que não se enquadram (ou fazem-no tardiamente) no contínuo cronológico da estrutura. Como tal, é com particular prudência que devemos assumir a inclusão do património atualmente afeto ao monumento.

alimento sagrado, quer ainda durante a exposição do Santíssimo Sacramento sobre o trono. Entre as colunas, em quatro mísulas, alçam-se as imagens do padroeiro (São Martinho de Tours), São Francisco de Assis e os santos dominicanos: São Domingos de Gusmão e São Gonçalo de Amarante. São esculturas cujo arco cronológico se reparte entre a segunda metade do século XVII e a segunda metade do século XVIII.

Na nave, dois altares colaterais e um lateral albergam devoções contemporâneas, representadas por modernas imagens: Virgem do Rosário de Fátima, Sagrado Coração de Jesus e Virgem das Dores. Salientamos, ainda, pelo seu valor patrimonial (escultura do século XVI) a imagem da Virgem do Rosário, junto ao púlpito.



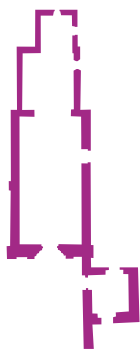


A pintura assume um importante papel em Mancelos devido ao grande acervo disperso pelo espaço eclesial. Das cinco pinturas sobre madeira de castanho destacamos: o mártir *São Sebastião*, desnudo e sagitado; a *Virgem do Rosário* envolta numa orla amendoada formada por rosas, com o Menino ao colo; *São Martinho* em cátedra e a representação de *frei Bartolomeu dos Mártires*, cuja biografia nos informa ter estado particularmente ligado à edificação do convento de São Gonçalo, para o qual contribuíram os réditos de Mancelos. Há, ainda, uma em tela de li-

nho e que parece retratar a cena do milagre vulgarmente designado como *São Domingos é servido à mesa por anjos*, adotando como modelo para a composição a cena da Última Ceia, acentuando o papel que Domingos procurou assumir ao longo da sua vida como imitador de Cristo. De destacar ainda a figura de Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918) (p. 277), figura maior do Modernismo português, nascido em Manhufe (lugar de Mancelos) e que se encontra sepultado no cemitério junto ao Mosteiro de Mancelos.

52.

MOSTEIRO DO SALVADOR DE FREIXO DE BAIXO



Rua do Mosteiro
Freixo de Baixo
Amarante



41° 17' 57,01" N
8° 7' 20,18" O



918 116 488



Qua. 19h
Dom. 9h30



Divino Salvador
6 agosto



Monumento Nacional
1935



P. 25



P. 25



x

Em Amarante, implantado num vale, onde se dividiam os concelhos de Santa Cruz de Ribatâmega e de Basto e por onde, ainda no século XVIII, circulava uma grande parte do trânsito entre o Minho e Trás-os-Montes, situa-se o Mosteiro do Salvador de Freixo de Baixo.

A fundação deste Mosteiro, muito ligada aos habituais patrocínios familiares da nobreza regional, coloca-se em data anterior a 1120. À sua cronologia inicial estiveram ligados os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho. Embora profundamente alterado durante a Época Moderna e alvo de uma significativa intervenção de restauro centrada em torno da década de 1940, o conjunto monástico remanescente em Freixo de Baixo é, ainda hoje, extremamente significativo no quadro do românico do vale do Tâmega. A persistência dos alicerces da primitiva galilé e de vestígios do primitivo claustro, juntamente com uma possante torre sineira, dão a este conjunto uma monumentalidade e uma legibilidade pouco comuns no panorama da arquitetura românica portuguesa.

A Igreja destaca-se pela diferenciação de volumes dos seus corpos, mas da época românica pouco mais resta do que a fachada principal e os alicerces do lado sul da

galilé fronteira que define um átrio quadrangular. Na Época Moderna foi-lhe modificada a nave e refeita a capela-mor. A fachada é o elemento da primitiva Igreja românica que melhor se conservou. Reforçada por dois cunhais, é animada por um robusto portal composto por três arquivoltas, timidamente quebradas e decoradas com toros diédricos no seu chanfro, motivo de origem portuense que encontrou um bom acolhimento por parte dos fazedores do românico nos vales do Sousa e do Tâmega. Além disso, este portal destaca-se pela variedade dos seus motivos decorativos: círculos encaixados no arco envolvente e em parte das impostas, motivos florais e a hera estilizada nestas últimas. Os capitéis foram finamente esculpidos, ostentando animais afrontados que emergem do relevo, motivos fitomórficos e vegetalistas presos ao cesto, assim como encanastrados que

lembrem as Igrejas dos Mosteiros de Ferreira (Paços de Ferreira) (p. 66) e de Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90).

No lado direito da fachada ergue-se uma possante torre sineira. Maciça, com proporções imponentes, é animada na parte superior por um par de arcos de volta perfeita onde se abrigam os sinos. Junto ao portal da torre que abre para a área do primitivo claustro vemos dois silhares esculpidos que nos indicam um reaproveitamento: com um desenvolvimento horizontal, um silhar que termina na parte inferior com um denticulado e, sobre este, uma mísula (?) reaproveitada, ornada com um motivo floral estilizado. É para este mesmo espaço, na Igreja, à direita do portal que vemos gravada a inscrição funerária do prior D. Afonso, datada de 1379 (Era 1417). Em inícios do século XVIII ainda era possível observar o primitivo claustro.



O CLAUSTRO

Segundo nos informa Francisco Craesbeeck, o claustro tinha "da banda do sul, cem palmos em quadra e quatorze em largo, no passeio; e da banda do nascente, cinco arcos muito antigos; e do sul casas de residência; e junto à igreja, huma torre de 50 palmos de alto e 24 em quadra; e ao pé, hum arco com huma sepultura dentro d'elle".

Interiormente, estamos diante de um edifício onde impera a sobriedade. Nos paramentos, lisos e despojados, sobressai o granito em toda a sua pujança. A linguagem classicizante do arco triunfal denuncia, desde logo, a intervenção que na Época Moderna renovou a capela-mor e parte da nave.

Digna de destaque é a pintura a fresco que, embora hoje destacada e colocada sobre suporte móvel, se pode apreciar na parede norte da nave. Trata-se de uma cena da *Epifania do Senhor* (Mt 2, 1-12), atribuída à oficina liderada pelo *Mestre de 1510*, também responsável por pinturas em São Mamede de Vila Verde (Felgueiras) (p. 49)

e em São Nicolau de Canaveses (Marco de Canaveses) (p. 179).

Embora, ao longo do século XVIII, tenha havido uma série de intervenções efetuadas na Igreja com vista à sua conservação e atualização estética, delas apenas resta hoje parte do retábulo-mor, em talha do estilo barroco nacional, com que se casaram um trono, predela e frontal de altar mais recentes. O caráter despojado do interior desta Igreja deriva dos preceitos puristas da intervenção de restauro aqui realizada entre 1941 e 1958 e que procurou devolver a Freixo de Baixo aquilo que se considerava ser o seu "estilo primitivo".



A EPIFANIA

Numa composição de formato retangular, vemos na pintura da *Epifania*, à esquerda do observador, a Virgem sentada com o Menino ao colo, atrás da qual se encontra São José seguido por uma vaca e um burro. Do lado oposto, Melchior, o rei Mago mais idoso, está ajoelhado em adoração ao Menino, enquanto os seus dois companheiros, Gaspar e Baltasar, se encontram em pé, aguardando a sua vez de prestar homenagem ao Rei dos Reis. Como se pode apreciar, os Magos estão representados de acordo com a diferenciação etária (as três idades da vida: juventude, idade madura e velhice) e os três continentes conhecidos na Idade Média (Europa, Ásia e África). Sobre esta cena desenha-se uma abóbada celeste onde se destaca a presença da estrela que guiou os Magos até Belém, podendo-se adivinhar uma figuração do arco-íris, símbolo da aliança entre Deus, os Homens e todas as criaturas vivas sobre a Terra (Gn 9, 13-17).



53.

IGREJA DE SANTO ANDRÉ DE TELÕES



Largo do Mosteiro
Telões
Amarante



41° 18' 36,54" N
8° 6' 28,73" O



918 116 488



Dom. 8h



Santo André
30 novembro



Imóvel de Interesse
Público, 1977



P. 25



P. 25



x

Nas proximidades de Amarante, no trajeto da estrada que ligava o Porto a Trás-os-Montes, ergue-se Santo André de Telões, que se integra no grande conjunto de igrejas ou mosteiros familiares instituídos no Entre-Douro-e-Minho ao longo do século XI.

No século XIV, Telões surge já como igreja paroquial. A sua importância na região não foi por isso reduzida, continuando a afirmar-se como importante polo religioso e cultural. Embora dois séculos mais tarde ainda fosse referida como “mosteiro”, a verdade é que por então já nada existia do espaço monástico e estava bem consolidada a sua condição secular de igreja paroquial. Desde o segundo quartel do século XV, cabia ao cabido da colegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães o direito de apresentação de Telões, nessa altura reitoria no arcebispado de Braga.

Profundamente transformada, é na cabeceira que se conservam os principais vestígios da época românica. Com planta retangular, a abside foi certamente concebida para ser abobadada, conforme denunciam os contrafortes exteriores, terminados bastante abaixo da cornija, dispostos nos seus paramentos laterais e na parede fundeira.

JOSÉ SARAMAGO NA IGREJA DE TELÕES

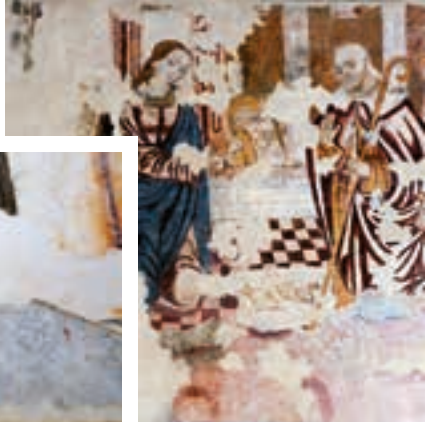
"Há aqui um mosteiro com uma airosa galilé, ainda que restaurada. Quando o viajante sai das estradas principais cobra sempre grandes compensações. O vale onde foi construído Telões é aberto, amplo, passa aqui um ribeirito qualquer, e quando o viajante vai entrar na igreja são horas de bater o relógio". Foi com estas palavras que o Nobel da literatura, José Saramago (1922-2010), nos descreveu a sua chegada à Igreja de Telões.

Uma análise dos testemunhos românicos que restam permite-nos concluir da cronologia tardia da fábrica de Telões. No arco triunfal, as bases bolbiformes são evoluídas, as impostas têm um aspeto tardio e os robustos capitéis mostram temas vegetalistas já bastante presos ao cesto. No portal principal, as arquivoltas sem qualquer decoração apoiam-se sobre os pés-direitos e o seu tímpano liso é sustentado por mísulas estriadas. Os cachorros, da abside e da nave, são maioritariamente lisos e, por fim, o desenho flordelizado do óculo rasgado na fachada principal con-

corre para colocar a edificação da fábrica românica na transição do século XII para o XIII. Se, em meados de duzentos, um cónego da sé do Porto, de nome Domingos Pais, deixou em testamento ao "mosteiro" de Telões certas lâmpadas, para iluminação e ornamentação dos altares de São Lourenço e Santa Maria Madalena, a Igreja teria de ser ou obra acabada ou quase concluída.

A Igreja românica de Telões foi alvo de várias transformações ao longo dos séculos, conforme denunciam as cicatrizes nos paramentos da nave, a edificação da





galilé e da sacristia ou a abertura de janelões retangulares nas paredes laterais do corpo e da abside durante a Época Moderna. Também por então se montou o coro alto e respetivo acesso (a que curiosamente se juntou num momento posterior um segundo coro), entretanto apeado nas intervenções de restauro da década de 1980.

Mas, foi no século XVI que se operou uma das mais significativas transformações nesta Igreja, dela resultando uma ampla campanha de pintura mural, embora hoje apenas se possa apreciar a que se encontra visível na parede testeira da nave, recentemente posta à nossa apreciação, e que representa uma cena da *Natividade*, sobreposta a uma camada anterior. A pintura alusiva ao nascimento de Cristo tem sido atribuída à oficina do Mestre Delirante de Guimarães, devido às torsões de cabeça e a gestualidade que aqui enfatizam o movimento, apresentando evidentes afinidades com a pintura que se encontra em exposição no Museu

de Alberto Sampaio (Guimarães), proveniente da sala capitular da colegiada vimaranense, alusiva à *Degolação de São João Baptista*. Não nos podemos esquecer que, no século XVI, Telões era do padroado desta colegiada e que, como se sabe, cabia a quem detinha esse direito a responsabilidade da decoração da capela-mor, estendendo-se por vezes à própria nave, sobrepondo-se assim ao patrocínio dos fregueses na sua manutenção e decoração. Na Época Moderna já não há notícia dos altares a que o cónego do Porto oferecera certas lâmpadas em 1269. Mas, nos séculos XVII e XVIII, foi esta Igreja dotada de novos altares com seus retábulos, reflexo das novas invocações que se impunham e que em parte ainda hoje persistem: o retábulo-mor (que articula a gramática barroquizante com elementos colhidos na estrutura anterior), os dois colaterais (de cronologia anterior, maneiristas) e os dois laterais, embutidos em arcos abertos no paramento (o do lado norte em estilo nacional e o outro já joanino).

A PINTURA MURAL

As restantes pinturas de Telões, dispostas ao longo da parede fundeira da nave e suas adjacentes, estão ocultas pelo retábulo-mor neoclássico. O programa pictórico devia desenvolver-se ao longo de toda a parede fundeira da nave, onde se identificou já a figura do orago, *Santo André*, encimado por anjos, e a presença de diversos elementos decorativos que ligam esta campanha à oficina que produziu a pintura alusiva à *Adoração dos Reis Magos* do Mosteiro de Freixo de Baixo (Amarante) (p. 224), ou as do absidiolo do Mosteiro de Pombeiro (Felgueiras) (p. 30), datadas de 1530.

A CRUZ PROCESSIONAL



Ainda da Idade Média é a cruz processional que hoje se liga a Telões, embora seja difícil estabelecer o percurso histórico desta peça relacionando-o com o do edifício. Trata-se de uma cruz românica, patada, cuja data de execução se poderá fixar no século XII. Ornamentada com motivos de entrelaçado, elementos bebidos em modelos bizantinos, a ausência do Crucificado impede uma leitura cronológica e estilística mais rigorosa da peça que, no entanto, se deve comparar à cruz processional do Museu Nacional de Arte Antiga (Lisboa), proveniente do legado de Barros e Sá, cuja anatomia de Cristo revela as características inerentes aos crucifixos bizantinos.

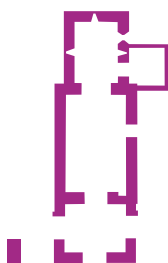
A ÚLTIMA CEIA

Na parede sul da Igreja expõe-se, hoje, um interessante baixo-relevo que retrata a *Última Ceia*, trabalho de artífice ou artífices do século XVIII. Embora nada se saiba sobre a sua ligação à história da Igreja de Telões, é digna de destaque, pois nesta composição vê-se a influência da *Última Ceia* (1542), de Jacopo Bassano (1510-1592). Tal é possível devido ao intenso mercado de gravuras executado sobre pinturas dos grandes centros artísticos europeus, o que fornecia às oficinas mais periféricas uma série de temas e iconografias necessárias às encomendas institucionais.



54.

IGREJA DE SÃO JOÃO BAPTISTA DE GATÃO



Largo da Igreja
Gatão
Amarante



41° 17' 48.95" N
8° 3' 47.28" O



918 116 488



Sex. 19h; sáb. 16h
Dom. 8h30



São João Baptista
24 junho



Monumento Nacional
1940



P. 25



P. 25



x

Isolada na paisagem, que até há poucos anos era cortada pela romântica via-férrea da Livração (Marco de Canaveses) a Arco de Baúlhe (Cabeceiras de Basto) (hoje convertida em ecopista), a Igreja de Gatão é um exemplo da integração das igrejas medievais no entorno rural.

Ainda que marcada por um hibridismo estilístico, que estende a sua cronologia de edificação pelos séculos XIII-XIV, esta Igreja conserva na cabeceira alguns elementos românicos que transportam o visitante até aos primeiros séculos desta comunidade, construída quase nos limites diocesanos do Porto e Braga. Além da estreita fresta rasgada na parede fundeira, destacamos em ambos os alçados uma banda lombarda.

O arco cruzado, que permite a passagem (outrora vedada à maioria) entre o espaço menor e intimista da capela-mor e a nave, constitui outro testemunho da fábrica românica, tendo sido considerado como a sua “nota mais flagrante de anciania”, segundo o historiador Aarão de Lacerda. Composto por duas arquivoltas quebradas, mas facetadas e lisas, é envolvido por um friso enxaquetado. A arquivolta interior apoia-se sobre duas colunas, cujo fuste baixo e grosso ostenta dois imponentes



A CORNIJA SOBRE ARQUINHOS

Caracteristicamente românica, a cornija sobre arquinhos surge em diversos monumentos da época românica edificados ao longo dos vales do Sousa, do Tâmega e do Douro: o Mosteiro de Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90), o Mosteiro de Ferreira (Paços de Ferreira) (p. 66), a Igreja de Sousa (p. 38) e a Igreja de Airães (Felgueiras) (p. 47) ou a Igreja de São Martinho de Mouros (Resende) (p. 126) são alguns exemplos. Foi a partir da fachada principal da sé de Coimbra que este motivo se disseminou um pouco por todo o românico português, assumindo um lugar peculiar no seio daquilo que Manuel Monteiro denominou como "românico nacionalizado": assentando em cachorros lisos, a cornija sobre arquinhos afirma-se no seio desta família do românico português ao nível do remate superior dos alçados laterais.



tes capitéis lavrados, numa composição formada por motivos vegetalistas e enroscamentos, embora, porque diferentes, o do lado da Epístola revele um tratamento mais cuidado no talhe da pedra. Estes capitéis são originais, mas muito tardios e comparáveis aos do claustro da colegiada de Guimarães.

No período moderno, esta Igreja sofreu alterações que, sobretudo no interior,

criaram a imagem que dela podemos obter nos dias de hoje: edifício marcado pelo granito que exhibe a sua textura fora e dentro, contrariando outros tempos quando se encontrava rebocada e caiada no exterior e, no interior, revestida com pinturas murais, de que apenas restam alguns vestígios.

AS CAMPANHAS ARTÍSTICAS

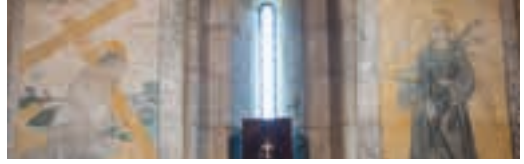
De facto, quer as igrejas de fábrica medieval, quer as que sofreram alterações no período posterior ao Concílio de Trento (1545-1563), são marcadas por campanhas artísticas nem sempre compreendidas à luz de um certo minimalismo arquitetónico atual. Desde as decorações com pinturas a fresco durante a Idade Média, até à combinação de vários materiais e técnicas durante a Época Moderna, cujo auge foi atingido durante o barroco, os templos católicos foram sempre lugares onde a arte significava um meio de caminhar para Deus.

As pinturas murais de Gatão, que resistiram às intervenções contemporâneas do século XX, revelam ainda, na sua iconografia, cores e adaptação à estrutura da Igreja, a sensibilidade espiritual e religiosa de quem as mandou executar, concebeu e se prostrava ante elas. Na capela-mor subsistem duas representações em bom estado: no lado do Evangelho, *Cristo transporta a cruz* com visível esforço e sacrifício. Por baixo, uma legenda, HV-MILIAVIT SEMETPM VSQUE AD MORTEM. A expressão, embora incompleta, remete para o versículo da epístola de São Paulo aos Filipenses: "Humiliavit semetipsum, factus obediens usque ad mortem, mortem autem crucis" [Humi-

lhou-se a si mesmo, feito obediente até à morte, e morte de cruz] (Fl 2, 8). Do lado oposto, da Epístola, *Santo António de Lisboa* exhibe ante os fiéis os seus atributos mais comuns: o livro e sobre ele o Menino Jesus, em pé, e ainda uma flor-de-lis, símbolo de realeza e pureza.

Sobre a fresta que hoje se encontra aberta e permite a entrada de luz através da cabeceira, encontrava-se uma representação de São João Baptista, o orago da Igreja, apeada nas remodelações efetuadas na década de 30 do século XX. Vestia a tradicional indumentária de eremita e fazia acompanhar-se pelo cordeiro e pela cruz-estandarte que ele, como arauto da Boa Nova, exhibe enquanto anúncio e símbolo de Vida na Morte.





Na nave persistem três fragmentos do programa que cobriria toda a parede exterior do arco cruzeiro: uma pintura representando o *Calvário* (sobre o topo do arco triunfal), outra a *Coroação da Virgem* (do lado esquerdo), outra deixando entrever o momento do *Martírio de São Sebastião pela sagitação* (do lado direito), acompanhado por *Santa Catarina de Alexandria* e por *Santa Luzia*, representadas com os respectivos atributos iconográficos.

As pinturas da capela-mor são atribuídas a artífice ou artífices desconhecidos do século XV e as da nave ao século XVI. Além das pinturas murais particularmente atrativas, não podemos deixar de destacar a escultura, dita da *Virgem do Rosário*, que se venera na capela-mor. É uma imagem dos finais do século XVII, evidenciando já a linguagem barroca presente na indumentária de drapeados adamascados, posicionando-se, porém, segundo modelos anteriores em que a Virgem exibe uma rosa, uma romã ou outro fruto, símbolos de pureza e fecundidade.

À nave, que ainda hoje nos mostra uma estrutura medieva, denunciada pelas estreitas frestas e pela composição do portal sul, a Época Moderna acrescentou-lhe a galilé e a sineira onde são por demais evidentes os elementos caracterizadores de uma estética classicizante.

TEIXEIRA DE PASCOAES

A Gatão liga-se o nome de Teixeira de Pascoaes, um dos mais importantes poetas, escritores e ensaístas de Portugal na viragem do século XIX para o século XX. Na sua escrita debate-se com a ideia da existência humana, da figura de Deus, da espiritualidade saída do combate entre o positivismo e a sua radicalidade e o nacionalismo emergente dos primeiros decénios do século XX. Foi monárquico e deixou um legado muito particular sobre a região onde nasceu (1877) e viveu, à sombra do Marão e à vista do Tâmega. Faleceu em 1952 e foi sepultado no cemitério em frente à Igreja de Gatão. A cerca de dois quilómetros, ainda em Gatão, aproveite para visitar a Casa de Pascoaes, um solar do século XVI-XVII, para onde toda a família de Teixeira de Pascoaes foi viver quando o poeta tinha apenas dois anos. Uma "casa para a poesia", como lhe chamou Eugénio de Andrade (1923-2005).

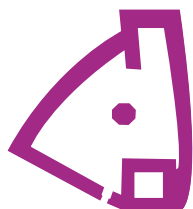


A NÃO PERDER

• 0,04 km: Ecopista do Tâmega (p. 279)

55.

CASTELO DE ARNOIA



Castelo
Arnoia
Celorico de Basto



41° 21' 48.73" N
8° 3' 7.19" O



255 322 355



×



×



Monumento Nacional
1946



P. 25



Acesso livre



Sim

Modelo do castelo românico em terras de entre Sousa e Tâmega, o Castelo de Arnoia merece uma visita, não só para apreciação da sua própria estrutura, como também para se obter uma excelente panorâmica do território em que se insere e que em tempos se denominou de terra de Basto. Integrado numa faixa de transição entre o noroeste atlântico e o noroeste transmontano, o seu território é marcado pela altiva e única Senhora da Graça e compreende hoje os concelhos de Celorico de Basto, Cabeceiras de Basto, Mondim de Basto e Ribeira de Pena.

Construído no alto de um cabeço montanhoso que usufruiu da existência de batólitos graníticos, este Castelo é assim um bom testemunho da importância que era concedida às condições de defesa local (preferência pelas encostas íngremes) e da resposta dada à necessidade de um campo de visão alargado. Embora de origem roqueira, esta estrutura militar deve ser integrada no movimento de "encastelamento" que, durante os séculos X, XI e XII, se sentiu por toda a Europa ocidental. Se a primeira notícia sobre este Castelo surge na época da tomada definitiva da cidade de Coimbra, em meados do século XI,

A TERRA DE BASTO

Encaixada entre as serras do Marão e Alvão (a nascente) e as serras da Cabreira e Lameira (a norte e poente), a terra de Basto apresenta características de área montanhosa, com densas florestas e inúmeros vales que enquadram uma extensa rede de cursos de água, aspeto muito favorável à prática da agricultura tradicional de subsistência. O monte Farinha, conhecido na região como Senhora da Graça, tem uma altitude de 1000 metros e ostenta no topo a ermida da Senhora da Graça. Situado no concelho de Mondim de Basto, o monte Farinha, com a sua forma cónica, não é mais do que a proa de uma curiosa cordilheira granítica (do Alvão), que de oriente para ocidente vem em linha reta do vizinho campo do Seixo (numa extensão aproximada de cinco quilómetros).

pelas tropas de Fernando Magno (1016-1065), a verdade é que a estrutura castelar edificada em Arnoia é-lhe bem posterior. Quatro elementos concorrem para enquadrar este Castelo na arquitetura militar da época românica: a torre de menagem (trazida pela ordem do Templo para o nosso território em meados do século XII); o torreão quadrangular (erguido no

ângulo criado pelos panos da muralha norte e este); a existência de uma única porta (a multiplicação de aberturas tornava a defesa do Castelo mais vulnerável); e, por fim, a cisterna subterrânea no pátio amuralhado (conservar as águas pluviais era elemento fundamental para a guerra de cerco). O largo adarve, que define uma planta triangular, completa o conjunto.





Foram identificados arqueologicamente testemunhos de ocupação no interior do Castelo, relativos ao período que medeia entre os séculos XIV e XVI, altura em que terá existido um edifício de habitação e uma oficina de fundição. Mas, foi a partir deste período que começou uma fase de abandono do Castelo e que se prolongou até meados do século XX, muito embora não tenham faltado os apelos à proteção e salvaguarda deste testemunho de arquitetura militar medieva. Assim, no início da década de 1960, foi a torre de menagem totalmente reconstruída ao

nível do seu último piso e agraciada com coroamento de ameias, acentuando-se, como era costume à época, o seu caráter militarizado e a sua medievalidade. Ergue-se, portanto, o Castelo de Arnoia numa área estratégica, não tanto em termos de defesa territorial (embora possa ter completado, juntamente com Guimarães e Vila Real, uma das linhas de defesa do Porto), mas mais enquanto marco de uma geografia em reorganização. Encabeçando a terra de Basto, viu gerar-se a seus pés uma povoação que a história deixou como testemunho de tempos

AS "TERRAS"

Falar de "terras" é falar de uma organização dos territórios ocupados que ocorreu, sensivelmente, ao longo da segunda metade do século XI. Estruturando a defesa em áreas restritas, o governo das "terras" era bastante personalizado, uma vez que era entregue a membros da pequena nobreza e que, a partir de então, se tornam "milites". Estando à frente das terras um tenente e sendo estas identificadas na paisagem por um castelo (que adota também ele o nome da terra a que preside), estas unidades territoriais correspondem ao crescimento e afirmação de uma nobreza de raiz local, a dos infanções, afirmando-se como um modelo essencialmente senhorial.

Durante a Idade Média, a alcaidaria deste Castelo de Arnoia andou nas mãos dos Baiões e Motas de Gundar, dando assim expressão à tradição que afirma que o seu fundador ou o seu "primeiro" alcaide terá sido Arnaldo de Baião.

idos, a em tempos denominada "Villa de Basto" e hoje conhecida como Castelo, classificada como Aldeia de Portugal pela Associação do Turismo de Aldeia.

Cabeça de concelho até 1717, Arnoia está incluída nas terras que o foral dado por D. Manuel I (r. 1495-1521) a Celorico de Basto, a 29 de março de 1520, menciona. Na origem desta povoação erguida aos pés do Castelo está o ramal de ligação entre as estradas da Lixa (Felgueiras),

Amarante e Arco de Baúlhe (Cabeceiras de Basto). Com um desenvolvimento disposto de forma unilinear ao longo do caminho, esta povoação chegou a ter casa das audiências, pelourinho e botica. Mas, o seu isolamento e a limitação de espaço que impedia a sua expansão poderão estar na origem da transferência da sede concelhia para a freguesia de Britelo, em 1717, e que veio a ser mais tarde denominada de Celorico de Basto.

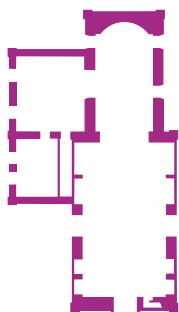
CENTRO INTERPRETATIVO DO CASTELO DE ARNOIA

O Centro Interpretativo do Castelo de Arnoia, também Centro de Informação da Rota do Românico, instalado numa antiga escola primária devidamente recuperada para o efeito, na aldeia do Castelo, completa a visita.



56.

IGREJA DE SANTA MARIA DE VEADE



Rua da Igreja
Veade
Celorico de Basto



41° 24' 52.80" N
7° 58' 41.73" O



918 116 488



Dom. 8h



Santa Maria
15 agosto



Em vias de classificação



P. 25



P. 25



x

A Igreja paroquial de Veade conserva significativos Atrechos de arquitetura românica que nos remetem de imediato para a existência de um edifício de grande aparato durante esta época, devedor do trabalho de uma oficina de caráter regional, a qual, embora tenha aqui interpretado a seu gosto formas mais eruditas, não deixa, contudo, de constituir um dos melhores trabalhos dos nossos artífices românicos.

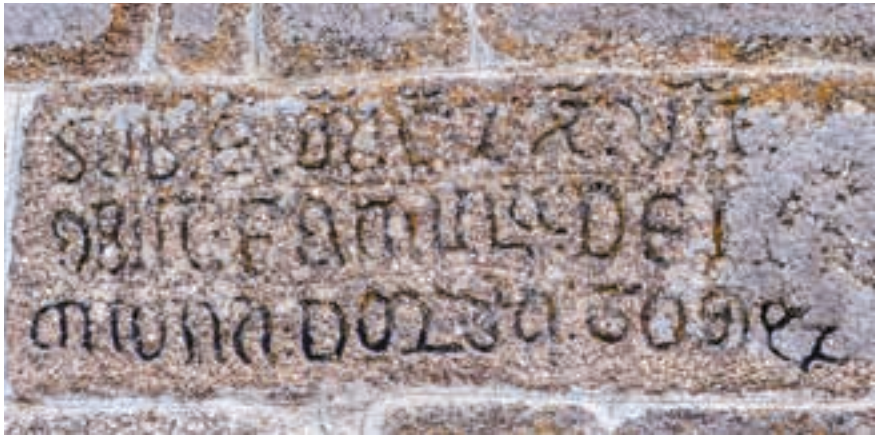
Na origem desta Igreja estará um pequeno eremitério, fundado em propriedade particular que, no século XIII, se vinculou à estirpe dos Guedeões. Antes de 1258, o cónego Gomes Alvites vendeu a Igreja de Veade e todos os seus casais à ordem do Hospital.

Com base nos vestígios existentes, podemos colocar a edificação da Igreja românica na primeira metade do século XIII. Desta época apreciamos os portais laterais, apesar de terem sido mexidos durante a reconstrução da Igreja, em 1732, pelo comendador frei Álvaro Pinto, da Casa de Calvilhe (Lamego), conforme testemunha a inscrição que encima o portal principal, barroco. É importante ter em linha de conta que esta reconstrução obrigou à reorientação da Igreja, tendo-se acrescentado uma

INSCRIÇÃO

Digna de nota é a inscrição que, gravada num silhar de granito, foi embutida na parede lateral norte da nave da Igreja, junto ao portal, do seu lado esquerdo: SUB : Era : M^a : C^o2 : X^o : VII^a / OBIIT : FAMULA : DEI / MIONA : DOLDIA : GOMEZ.

Trata-se da inscrição funerária de D. Dórdia Gomes que, por ser aqui referida como Miona, seria pessoa de alto posicionamento social. Conforme nos explica Mário Barroca, as designações "Miona", "Miana" ou "Meana", derivam da expressão "mea domina" ou "mea domna" e que foram usadas, apenas, num muito restrito grupo de mulheres ricas-donas do século XII ou XIII. Ao alto estatuto social juntava-se a piedade por terem estado muitas vezes envolvidas na fundação de casas monásticas. Tendo, pois, falecido em 1159, é possível que D. Dórdia estivesse de alguma forma relacionada com as origens da instituição monástica que as *Inquirições de 1220* designam como "monasterium de Bialdi", embora a Igreja de Veade fosse já ao tempo uma igreja paroquial.



nova cabeceira, agora colocada a oeste, e de dimensões maiores do que as que seriam possíveis na área da primitiva capela-mor românica. Está, pois, edificada ao contrário do que é regra na arquitetura românica: a atual fachada de Veade voltada a nascente, confronta diretamente com as Casas da Comenda, edificadas em 1641, pelo maltês Diogo de Melo Pereira. Criou-se aqui, ao bom modo barroco, salvaguardada a escala regional, um espaço público monumentalizado.

A fachada principal de sabor barroco, embora contido, contrasta com a linguagem dos alçados laterais da nave onde se

mantiveram significativos trechos murários românicos e onde se rasgam, de ambos os lados, os portais laterais. Segundo a única descrição que temos da Igreja medieval, datada do primeiro quartel do século XVIII, a fábrica românica era de grande qualidade, destacando-se o seu arco triunfal e portal principal, assim como os portais laterais. Aos primeiros poderão pertencer as várias peças avulsas que se guardam nas dependências anexas da própria Igreja e no Núcleo Museológico de Arqueologia (espaço contíguo à Biblioteca Municipal de Celorico de Basto).

Os dois portais que se encontram *in situ* estão profusamente decorados, mostrando temática decorativa consonante com estas pedras avulsas. Além das arquivoltas ornadas em ambas as faces (com escócias separadas por toros e pontuadas por pérolas e motivos vegetalistas e fitomórficos relevados na face interna), idênticas às da arquivolta externa do portal norte, encontram-se trechos de frisos enxaquetados e capitéis onde se identifica o tema comum às bacias do Tâmega e do Douro, de clara influência bracarense, interpretado como alusivo à cena de *Daniel na cova dos leões* (Da 6, 1-28). A atual posição do portal, agora norte, não deixa de ser curiosa, estando hoje quase a meio da fachada e desprovido da sua função primeira, fruto do rebaixamento do pavimento por ocasião da abertura da estrada que lhe fica contígua. Mais bem conservado, no portal sul destaca-se o par de sereias de dupla cauda que ornaram as primeiras aduelas de cada uma das suas arquivoltas, algo ultrapassadas.



Os capitéis, onde impera a temática vegetalista, deixam-nos adivinhar a qualidade que teria o portal principal românico. Interiormente, porém, pouco resta da organização medieval. Todo o espaço foi alterado para receber a fundação dos vários altares laterais e colaterais, que conservam a sua posição original. A sua linguagem indica-nos que uns, maneiristas, poderão ser anteriores à reedificação de 1732, enquanto outros, de que é exemplo máximo o aparatoso e cenográfico retábulo-mor, foram já traçados incorporando motivos do barroco dito nacional ou joanino.



Aqui, o trono eucarístico foi sobrepujado pela abóboda semicircular e por uma sa-nefa de onde pendem cortinados que dois anjos seguram. O uso exagerado de *putti* (pequenos anjos, por vezes representados sem asas), aves, motivos florais, colunas torsas e outros elementos acentuam a sua monumentalidade e cenografia. Desta mesma época é, seguramente, o rodapé azulejar que orna os alçados laterais da capela-mor. Usando o azul-cobalto sobre fundo branco, conforme era uso comum

na época, jarrões ornados com flores são enquadrados por cercaduras que se enquadram entre os motivos mais comuns usados no século XVIII.

Além das muitas peças de imaginária, reflexo das devoções dos encomendadores, das épocas e do lugar, destacamos a existência de duas pinturas, uma dedicada ao *Calvário* (no retábulo da Crucifixão) e outra que apresenta, frente a frente, os bispos *São Brás* e *São Frutuoso* (no retábulo de Santo António).



A NÃO PERDER

- 1,5 km: Ecopista do Tâmega (p. 282)
- 3,9 km: Quinta do Prado - Jardim Público (p. 283)
- 4,1 km: Parque Urbano do Freixieiro (p. 282)

57.

IGREJA DO SALVADOR DE RIBAS



Avenida do Centro Social
Ribas
Celorico de Basto



41° 27' 17.26" N
8° 1' 2.44" O



918 116 488



x



Divino Salvador
6 agosto



Em vias de classificação



P. 25



P. 25



x

Muito embora as Inquirições do século XIII não façam qualquer referência à existência de um mosteiro de Cónegos Rerantes de Santo Agostinho em Ribas, a verdade é que a tradição e algumas crónicas associaram à fundação desta Igreja certa narrativa com tópicos comuns a outras fundações: o bispo que busca o local miraculoso, o eremita escolhido para mostrar os sinais, etc. O primeiro seria D. João Peculiar, arcebispo de Braga e primaz das Espanhas entre 1138 e 1175; o segundo, o prior “Veneravel Padre Dom Mendo, religioso de grande virtude, que morreo no anno de 1170, & foy sepultado na claustra do Mosteiro (...)”.

A Igreja de Ribas ostenta ainda a sua fábrica arquitetónica medieva bastante bem conservada ao nível do seu exterior, muito embora lhe tenha sido acrescentada uma torre campanário na segunda metade do século XVIII. Uma vez mais estamos diante de um exemplar arquitetónico que, partindo de um gosto e de um *saber fazer* seguramente românico, mostra como as formas perduraram ao longo dos séculos, casando-se com elementos “novos” e anunciadores de um outro estilo, o gótico. Com estes aspetos estilísticos que encontramos em Ribas concorda

D. MENDO

Conta-se que, em meados do século XII, o prior D. Mendo terá tomado posse do velho eremitério ou, até, o terá reformado. Aquando da sua morte foi sepultado no mosteiro de Ribas. Por meados do século XVI terá sido aberta a sua sepultura, sendo que a parte inferior das pernas e dos pés se conservavam intactos, calçando até sapatos. Defendiam as crónicas agostinhas que D. Mendo tinha apenas caminhado ao serviço de Deus (daí serem os seus pés incorruptíveis). A fama de tão grande maravilha correu a região e não tardou que gente acudiu a "ver & venerar aquelles pés sagrados". Esta "descoberta" deve ser incluída num conjunto de invenções ou "inventia" de corpos sagrados, oportunidade para que a antiga casa-mãe de Santa Cruz pudesse arrogar-se ao direito de tomar ou retomar para si o padroado de Ribas que fora, no século XVI, entregue à comenda de Cristo. Apesar da descoberta, o culto foi desaparecendo ao longo dos tempos e, no século XVIII, refere-se apenas a existência de um dente do presumível beato, protetor contra a mordedura de cães danados, muito embora, em meados do século XVIII, a documentação seja omissa quanto ao beato e quanto às ruínas do mosteiro.

a primeira referência documental (1240) sobre a sua Igreja, muito embora pudesse ainda ser relativa a um templo anterior. Concluída em 1269, a fábrica de Ribas distingue-se pela sua homogeneidade, mais parecendo ter sido construída de um fôlego: os seus paramentos não ostentam marcas que nos indiquem interrupções ou alterações do projeto primitivo e há uma grande coerência ao nível da decoração. Repare-se que nesta Igreja prevalece um motivo ornamental muito querido ao românico e que aqui teve uma das suas

maiores expressões em território português: a pérola relevada. Surge nas duas arquivoltas do portal principal e a decorar a larga fresta que o encima, nas cornijas da empena da fachada principal, na do arco triunfal e na da parede fundeira da cabeceira, assim como ao longo das cornijas laterais da nave e abside. São poucos os cachorros ornamentados desta Igreja, tendencialmente lisos. Mas, os que o foram escolheram também a pérola. Este motivo surge também no arco triunfal, nas arquivoltas e na imposta do lado do Evangelho.



INSCRIÇÃO

Existe em Ribas uma inscrição que foi reaproveitada na torre da Igreja e adaptada a peso para o sistema de relógio, embora hoje se encontre avulsa. Apesar de truncada, a informação que nos faculta é muito importante para podermos datar aproximadamente a edificação desta Igreja: [... era:] M^a : C^a : C^a : C^a : [VII^a:] / [...]

T : ISTE : FECIT : / [...m^a : clitis : mlvii :].

Assim sendo, sabemos seguramente que se pretendeu memorar em Ribas ou a conclusão da Igreja ou de alguma das suas fases construtivas na "Era de 1307", ou seja, em 1269. Tal como as expressões "Fundavit", "Fundata", "Fundatus", "Fundare" ou as suas variantes "Cepit Edificare", "Incepit Edificare", "Lecit Fundamenta", a expressão "Fecit" é geralmente utilizada a propósito da fundação de templos.



Há um outro aspeto muito interessante em Ribas: o portal principal e o arco triunfal quase que repetem o mesmo esquema ao nível dos seus capitéis. A estes agarra-se uma folhagem relevada, sem grande volumetria, que se casa com uma composição feita por pequenas pérolas alinhadas no conjunto do exterior da Igreja.

A composição das cruces terminais das empenas, a presença de estreitas frestas, o arranjo dado ao portal sul, as mísulas que indicam ter existido uma estrutura alpendrada a abrigá-lo, tudo nos remete para a medievalidade desta Igreja construída em meados do século XIII.



O mesmo já não podemos dizer do seu interior onde prevalece um outro espírito, já pós-tridentino, na exuberância da talha, nos retábulos e na grande sanefa que coroa o arco triunfal românico, polícroma e recriando até marmoreados, como também no rico e variado conjunto de esculturas que a povoa: destacamos o Santíssimo Salvador, a Virgem do Vale e a Virgem do Rosário. Merece ainda referência o trabalho do artesoadado do teto

da nave, assim como a balaustrada do coro, constituída por balaústres de planta circular, dispostos em três conjuntos de oito, intervalados por quatro balaústres de planta quadrada com ornamentação vegetalista. Na parede fundeira da abside, por detrás do retábulo-mor, foi identificada uma importante campanha de pintura mural onde se faz representar o orago da Igreja.

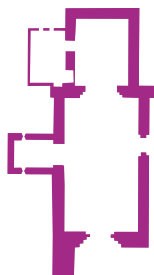


A NÃO PERDER

- 9,5 km: Núcleo Museológico e Circuito Turístico dos Moinhos de Argontim (p. 283)

58.

IGREJA DO SALVADOR DE FERVENÇA



Rua de Fervença
Fervença
Celorico de Basto



41° 21' 27.73" N
8° 5' 17.65" O



918 116 488



Sáb. 16h15/18h (inv./
ver.); dom. 8h



Divino Salvador
6 agosto



Em vias de classificação



P. 25



P. 25



x

Situada numa encosta do vale do ribeiro de Esporão, em Celorico de Basto, a Igreja de Fervença foi, na época românica, um edifício com uma qualidade plástica fora do comum para a região, conforme nos faz prever a capela-mor que, certamente edificada no segundo quartel do século XIII, ainda subsiste. Do pouco que se sabe da história da freguesia e da sua Igreja paroquial, ressalta desde logo o facto de por terras de Fervença se ter vivido um período de instabilidade na Idade Média, marcado por contendas entre nobres e clérigos e que obrigaram mesmo à intervenção régia. Para esta situação em parte terá contribuído o património considerável que a Igreja paroquial de Fervença encabeçava, conforme nos noticiam as Inquirições régias do século XIII. No século seguinte, a Igreja de Fervença encontrava-se já anexa ao mosteiro das clarissas de Vila do Conde, tendo permanecido no seu padroado pelo menos até finais do século XVIII. Embora a nave da Igreja de Fervença resulte de uma intervenção contemporânea, realizada na década de 1970, pode ser estabelecido um paralelismo com a Igreja de Abragão (Penafiel) (p. 152), pelo facto de em ambas apenas se conservar, da época românica, a cabeceira.

Em Fervença sentimos logo um grande contraste criado pela linguagem contemporânea da nave - particularmente afirmada, no exterior, ao nível da fachada principal do templo e, no interior, pela sua linguagem minimalista - e a cabeceira românica onde sobressaem ornatos de túrgida plasticidade. Nesta abside casaram-se várias influências, umas provindas da escultura praticada nos edifícios construídos nesta época ao longo da margem esquerda do rio Minho, devedores do estaleiro da sé de Tui (Espanha), outras oriundas do românico afirmado no eixo Braga-Rates, estas últimas mais comuns nos testemunhos românicos das bacias do Tâmega e do Douro. Atente-se, então, aos capitéis do arco triunfal, compostos por motivos vegetalistas e fitomórficos

que, além de se aproximarem dos capitéis do mesmo arco da Igreja do Mosteiro de Ferreira (Paços de Ferreira) (p. 66), denunciam a influência de Tui pelo tratamento túrgido de que foram alvo. Nas suas impostas, as palmetas ditas braca-renses completam o conjunto.

No exterior, os contrafortes laterais denunciam a sua própria função: o reforço e o escoramento dos muros laterais que sustentam a carga da abóbada de berço, já quebrada, da cabeceira. Nos seus alçados laterais, as cornijas são sustentadas por cachorros esculpturados, cuja decoração tem uma acentuada tônica geométrica e entre os quais destacamos um pipo, o motivo dos rolos ou uma composição feita com volutas.



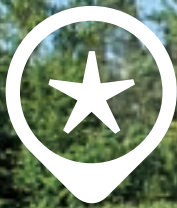


É possível que a reconstrução da nave, na passagem do terceiro para o último quartel do século XX, tenha aproveitado parte da estrutura do primitivo corpo românico. Mas o avivamento das juntas no exterior e o revestimento do interior com estuque branco e painéis azulejares, não nos permitem confirmar esta hipótese.

Destes últimos, destacamos a recriação de uma tipologia característica do século XVII, o azulejo tipo tapete que forma rodapé em toda a nave, e a grande composição relativa à *Ascensão de Cristo* colocada sobre o arco triunfal, uma clara alusão ao orago desta igreja paroquial.







FELGUEIRAS

Pêro Coelho (fal. em 1361), um dos assassinos de Inês de Castro (c. 1325-1355), era natural de Felgueiras, da Casa de Sergude (Sendim), e que, segundo a lenda, a bela Inês todos os anos, no dia 7 de janeiro, vagueia pelos jardins da casa onde habitou este seu carrasco?

Sabia
que...

FÁBRICA DO PÃO DE LÓ DE MARGARIDE



Praça da República, 304
Felgueiras



255 312 121



www.paodelodemargaride.com



Prove o famoso pão de ló de Margaride (p. 337), confeccionado com a arte e sabedoria de receitas passadas de geração em geração. Nesta casa, uma das mais típicas do País, encontra ainda os grandes fornos de lenha construídos em 1730 aquando da sua fundação.

Esta iguaria ficou célebre quando a sua fabricante, Leonor Rosa da Silva, foi agraciada, em 1888, com o título de “Fornecedora da Casa Real”, por ter presenteado a rainha D. Amélia com este bolo por ocasião do nascimento do seu filho, Luís Filipe, o príncipe da Beira.

SANTUÁRIO DE SANTA QUITÉRIA



Monte Columbino
Felgueiras



255 922 531



www.cm-felgueiras.pt



A crença em Santa Quitéria (c. 120-135) como santa martirizada no monte Columbino faz deste santuário um dos locais de maior peregrinação da região. O acesso ao monte e ao santuário é trilhado em ziguezague, com capelas que evocam os oito passos da vida da santa.

Em maio, grupos de pessoas sobem o monte num harmonioso concerto de novenas com doces cantares à santa.

E, a 29 de junho, dia de São Pedro e feriado municipal, é dedicado a esta santa um colorido cortejo de flores (p. 308).

No topo do monte vai encontrar o santuário, construído em 1725 e ampliado no século XIX. No interior salienta-se o conjunto de estatuária e a talha dourada. Neste espaço pode, ainda, desfrutar do parque da cidade de Felgueiras.

VILLA ROMANA DE SENDIM



Rua da Villa Romana
Sendim



255 312 636



www.cm-felgueiras.pt



Construída em meados do século I e habitada até ao século VI, nesta *villa* pode observar as ruínas de uma casa senhorial da época romana e umas termas, acrescentadas em finais do século III.

Descoberta em 1992, os trabalhos arqueológicos iniciaram-se em 1997. Algum do espólio exumado (potes, pratos, vasos, taças...) pode ser apreciado no centro de interpretação, que apoia as visitas às ruínas.



LOJA INTERATIVA DE TURISMO

Casa das Torres, Av. Dr. Magalhães Lemos, 23, Margaride
255 925 468



LOUSADA

A autarquia de Lousada promove, durante todo o ano, as denominadas Rotas Gourmet, num percurso pela tentadora gastronomia e pelo valioso património histórico local, com diversas degustações e visitas a monumentos, casas senhoriais, quintas e adegas?

Sabia
que...

CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DO ROMÂNICO



Praça das Pocinhas, 107
Lousada



255 810 706



www.rotadoromano.com



Em plena vila de Lousada, o Centro de Interpretação do Românico distingue-se pelo arrojo da sua arquitetura contemporânea, mas igualmente pelas múltiplas experiências interativas proporcionadas pelos seus conteúdos museográficos (p. 26). Aberto ao público no dia 27 de setembro de 2018, o Centro de Interpretação do

Românico é constituído por uma superfície expositiva de cerca de 650 metros quadrados, distribuídos por um amplo átrio central e por seis salas temáticas: Território e Formação de Portugal; Sociedade Medieval; O Românico; Os Construtores; Simbolismo e Cor; Os Monumentos ao longo dos Tempos.

CASA MUSEU DE VILAR – A IMAGEM EM MOVIMENTO



Casa de Vilar, Rua Rui Feijó, 921
Vilar do Torno e Alentém



936 275 674



www.casamuseudevilar.org



Um museu dedicado ao cinema que nos transporta para a magia da imagem animada.

A área expositiva divide-se em três salas: uma dedicada ao pré-cinema, outra à obra

de Abi Feijó e de Regina Pessoa e outra ao cinema de animação internacional. O museu dispõe, ainda, de uma biblioteca e sala polivalente, destinadas à realização de atividades pedagógicas e culturais.

SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA APARECIDA



Aparecida
Torno



255 911 106



www.cm-lousada.pt

Este templo é o centro da grande romaria à Senhora Aparecida, que todos os anos, em agosto, desde 1823, traz milhares de pessoas a esta terra, numa das mais autênticas e concorridas romarias da região.

O “Andor Grande” da procissão, organizada no dia 14, é um dos maiores do mundo, sendo transportado por cerca de 80 homens. Tem 22,52 metros de altura e pesa cerca de 1300 quilos.

Na entrada da ermida, conheça a lenda de Nossa Senhora Aparecida.



LOJA INTERATIVA DE TURISMO

Praça D. António Meireles, 18, Lousada
255 820 580



PAÇOS DE FERREIRA

A Feira dos Capões, em Freamunde, embora tenha sido oficializada por D. João V (r. 1706-1750), a 3 de outubro de 1719, já se realiza pelo menos desde o século XV?

Sabia
que...

MUSEU MUNICIPAL – MUSEU DO MÓVEL



Praça Doutor Luís
Paços de Ferreira



255 860 706



www.cm-pacosdeferreira.pt



Um museu inteiramente dedicado à atividade económica mais importante e emblemática de Paços de Ferreira: a indústria do mobiliário.

Neste espaço, reviva o processo de fabrico de móveis ao longo dos tempos, desde a transformação da matéria-prima – a madeira –, passando por alguns dos seus possíveis destinos, como a construção e, em particular, o mobiliário.



CITÂNIA DE SANFINS



Rua da Citânia, 144
Sanfins de Ferreira



255 963 643



www.cm-pacosdeferreira.pt



A citânia de Sanfins (séculos I a.C. - I d.C.) é uma das mais importantes estações arqueológicas da cultura castreja do noroeste peninsular.

Povoado fortificado da Idade do Ferro, romanizado, com reocupações medievais e modernas, a sua localização estratégica confere-lhe um notável valor paisagístico.

Com uma área superior a 15 hectares, cercada por várias linhas de muralhas, a sua malha interna mostra uma organização com mais de 150 construções, agrupadas em cerca de 40 núcleos de arquitetura doméstica. Poderá obter mais informações no centro interpretativo da citânia de Sanfins (p. 294), localizado na proximidade.

MUSEU ARQUEOLÓGICO DA CITÂNIA DE SANFINS



Solar dos Brandões
Sanfins de Ferreira



255 963 643



www.cm-pacosdeferreira.pt



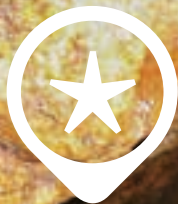
Complemente a sua visita à citânia de Sanfins passando pelo seu museu arqueológico. Conheça o espólio das escavações efetuadas na citânia e o acervo arqueológico recolhido no concelho de Paços

de Ferreira, vestígios das comunidades implantadas na região desde o neolítico. Merece destaque uma notável escultura de um guerreiro, imagem protetora da comunidade castreja.



LOJA INTERATIVA DE TURISMO

Praça Doutor Luís, Paços de Ferreira
255 868 890



PAREDES

A regueifa, pão de romaria, tem neste concelho um significado especial, resultante da tradição dos romeiros, nas suas deslocações, pararem na cidade para comprar a famosa regueifa de Paredes?

Sabia
que...

PARQUE DA SENHORA DO SALTO



Neste local, em Aguiar de Sousa, vai encontrar a denominada “Boca do Inferno”, sítio de características geológicas únicas e envolto em grande misticismo.

A Senhora do Salto proporciona momentos de tranquilidade e frescura, mas as suas escarpas são também um excelente local para a prática de *rappel* e escalada.

LENDA DA SENHORA DO SALTO

Um cavaleiro, numa certa manhã de nevoeiro, perseguia uma lebre no “Alto do Inferno do Sousa”. A lebre – mas, há quem diga que era o Diabo – fugia na direção do abismo, tentando enganá-lo. O seu cavalo assustou-se e quando o cavaleiro deu por ela já estavam no precipício do “Inferno do Sousa”. O cavaleiro não teve tempo de parar e disse: - Nossa Senhora do Salto, salve-me!

E assim foi. O cavalo parou do outro lado. Nossa Senhora salvou-lhe a vida como pediu o cavaleiro. O chão tinha ficado mole como cera, resultando daí cinco marcas impressas próximas umas das outras, ainda hoje visíveis nas rochas junto ao rio Sousa.

Em homenagem e reconhecimento à Nossa Senhora, o cavaleiro agradeceu o milagre mandando erguer uma capela com uma pequena imagem da Senhora do Salto.



CIRCUITO DE ARTE PÚBLICA DE PAREDES



Cidade de Paredes



255 788 952



www.cm-paredes.pt



Um conjunto de obras que ilustra a diversidade de linguagens da arte contemporânea e as diferentes possibilidades de intervenção no espaço público.

Neste circuito encontram-se representados artistas nacionais e estrangeiros e

projetos experimentais de caráter permanente e temporário.

Para mais informações, visite o respetivo centro de interpretação, instalado na Loja Interativa de Turismo da cidade de Paredes.

MINAS DE OURO DE CASTROMIL



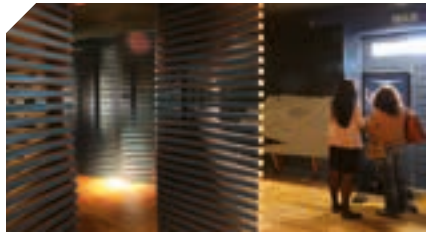
Castromil
Sobreira



255 788 973



www.cm-paredes.pt



Localizadas em Castromil, povoado inserido na rede das Aldeias de Portugal, estas minas oferecem-lhe a oportunidade de visitar um vasto património, fruto da atividade mineira iniciada na época romana. Mas, se quer sentir-se um verdadeiro mineiro, antes de partir para as explorações subterrâneas passe pelo centro de interpretação das minas de ouro de Castromil

e Banjas. Aqui ficará a saber um pouco mais sobre geologia, arqueologia mineira, mineração e como foi a ocupação romana deste território.

Estas minas integram o Roteiro das Minas e Pontos de Interesse Mineiro e Geológico de Portugal. A visita deverá ser precedida de marcação.



LOJA INTERATIVA DE TURISMO

Largo da Estação, 277, Paredes
255 788 952



PENAFIEL

Penafiel já foi diocese, entre 1770 e 1778, sendo que uma das razões para a sua criação ficou a dever-se ao anseio do Marquês de Pombal (1699-1782) de afrontar o então bispo do Porto, com o qual não se entendia, retirando-lhe assim uma parte substancial da sua diocese e os seus respectivos rendimentos?

Sabia
que...

CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DA ESCULTURA ROMÂNICA



Largo Dr. Armando Melo
Abração



255 810 706



www.rotadoromnico.com



A inesperada descoberta arqueológica, em 2006, de cerca de 70 elementos pétreos com decoração românica, nas imediações da Igreja de São Pedro de Abração (p. 154), Penafiel, esteve na génese da criação do Centro de Interpretação da Escultura Românica, sob iniciativa da Rota do Românico.

A reconstituição parcial e hipotética do portal e da rosácea da fachada principal da citada Igreja, com base nos elementos pétreos referidos, afirma-se como o motivo impulsionador de todo o projeto museográfico deste centro de interpretação, que conta com um percurso expositivo superior a 300 metros quadrados.



QUINTA DA AVELEDA



Rua da Aveleda, 2
Penafiel



255 718 200



www.aveleda.com

Visite a quinta da Aveleda e passeie por um dos mais belos jardins de conceção romântica da região. Encontre recantos de pura meditação, enquanto observa árvores seculares. Detenha-se na janela manuelina do século XVI, onde, segundo a tradição, D. João IV (r. 1640-1656) terá sido aclamado rei de Portugal, no Porto, e que foi, mais tarde, transportada para os jardins desta quinta.

A tudo isto acrescente um bom vinho verde, o cheiro dos velhos cascos de carvalho que escondem segredos de gerações e um fantástico queijo...



HONRA DE BARBOSA



Rua da Honra de Barbosa
Rans



968 065 472




ma.bettencourt@gmail.com





A Honra de Barbosa é uma residência senhorial, fundada, no século XII, por Mem Moniz de Ribadouro (c. 1075-1154), irmão de Egas Moniz (1080-1146), o Aio. Possui, ao centro, uma torre ameada, reconstruída entre os séculos XV e XVI, dividida em dois pisos e rematada por merlões manuelinos.

No perímetro da Honra, existe ainda a capela do Menino Deus, do século XVII, a antiga câmara, a cadeia e o pelourinho. A visita à Honra de Barbosa deverá ser precedida de marcação.

MUSEU MUNICIPAL DE PENAFIEL

 Rua do Paço
Penafiel

 255 712 760


 www.museudepenafiel.com


Projetado pelo arquiteto Fernando Távora (1923-2005) e, posteriormente, desenhado pelo seu filho, José Bernardo Távora, o museu de Penafiel é hoje uma referência incontornável da museologia nacional. Galardoado com o prémio de Melhor Museu Português 2009, pela Associação Portuguesa de Museologia, ao seu projeto arquitetónico alia-se um valioso espólio, dividido em três grandes temáticas: arqueologia, história local e etnografia.



CASTRO DE MONTE MOZINHO

 Lugar de Vilar
Galegos


 255 712 760

 www.museudepenafiel.com

O Mozinho é um povoado fortificado com três linhas de muralhas, erguido na coroa do monte, que ocupa uma área superior a 200.000 metros quadrados. Um urbanismo onde se cruza a tradição castreja com a romanidade, patente nas casas-pátio com construções circulares e vestíbulos e no traçado regular dos arruamentos. Este povoado teve uma ocupação bastante longa, que se prolongou desde o século I até depois do século V.



QUINTANDONA – ALDEIA DE PORTUGAL

 Lugar de Quintandona
Lagares

 255 752 382

 www.aldeiasportugal.pt



Visitar esta aldeia, com ruas típicas muito estreitas, significa recuar a antigas histórias e vivências ainda preservadas no tempo. A aldeia, já referida em 1258, é composta por habitações construídas em xisto, granito amarelo e ardósia, que a tornam muito particular.

Em meados de setembro, não perca a já famosa Festa do Caldo de Quintandona,

que conta com a participação do grupo de teatro local, os comoDEantes.

Em Penafiel, a Associação do Turismo de Aldeia atribuiu também o título de Aldeia de Portugal a duas outras povoações, localizadas a pouca distância de Quintandona: Figueira e Cabroelo, esta última na freguesia de Capela.

MAGIKLAND

 Rua de Santo André
Marecos

 255 712 357

 www.magikland.pt



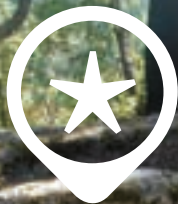
Neste parque de diversões descubra um mundo encantado para miúdos e graúdos. Aqui, a palavra de ordem é brincadeira! Entre no bosque encantado, na aldeia medieval, suba à roda gigante e admire as vistas sobre o parque da cidade de Penafiel. Entre abril e setembro, a magia acontece na Magikland!

 **LOJA INTERATIVA
DE TURISMO**

Largo do Padre Américo, Penafiel
255 712 561

**LOJA DO TURISMO
E DO CIDADÃO**

Al. D. Rosa B. Archer, Termas de São Vicente
255 613 194



CASTELO DE PAIVA

O Paiva foi considerado, em 2006, o rio mais limpo do continente europeu e que é o melhor curso de água em Portugal e um dos melhores da Europa para a prática de *rafting*?

Sabia
que...

ILHA DO CASTELO



Igualmente conhecida por ilha dos Amores ou do Outeiro, é o ex-líbris de Castelo de Paiva.

Plantada na confluência do rio Paiva com o Douro, esta ilha é um magnífico local para praticar desportos náuticos, observar as ruínas de uma ermida do século

XV ou, simplesmente, deleitar-se com a beleza da paisagem.

Perto da ilha, a antiquíssima povoação do Castelo, em Fornos, com a sua praia fluvial, também merece uma visita demorada.

Certamente que não irá esquecer estes momentos inigualáveis de partilha com a natureza...



MIRADOURO DE SÃO DOMINGOS



Castelo de Paiva reserva-lhe excecionais miradouros e o de São Domingos, na Raiva, proporciona-lhe vistas deslumbrantes sobre o vale do rio Douro e a foz do rio Arda.

Junto ao miradouro, no santuário de São Domingos da Serra, existem mesas e bancos para piqueniques e convívios, bem como espaços verdes com muita sombra. O local ideal para momentos de relaxamento e confraternização.

PERCURSO "VIVER O DOURO"

Este percurso pedestre linear (10,7 km) liga a praia do Choupal das Concas (Pedorido) e o centro de Santa Maria de Sardoura, ao longo da margem sul do rio Douro, num trajeto que inclui passadiços de madeira, trilhos de terra batida e pontes. Antigos moinhos, as aldeias de xisto de Gondarém e Midões, e miradouros com a forma de barcos rabelos constituem apenas alguns dos motivos de interesse...



LOJA INTERATIVA DE TURISMO

Largo do Conde, Castelo de Paiva
255 689 500



CINFÃES

Daqui saiu Egas Moniz (1080-1146), senhor de Ribadouro, e por estas terras passou D. Afonso Henriques (r. 1143-1185), que repartiu a infância entre as redondezas?

Sabia
que...

MUSEU SERPA PINTO



Rua Dr. Flávio Resende, 34
Cinfães



255 560 571



www.cm-cinfaes.pt



Localizado num edifício que já acolheu os serviços da Câmara Municipal, a cadeia e o posto da GNR, este museu apresenta-se como espaço cultural de inegável visita. Aprecie algum do espólio que pertenceu a Serpa Pinto (1846-1900), o famoso explorador das terras africanas, enquanto

descobre o rico acervo arqueológico resultante das escavações realizadas no concelho e que revelam vestígios da época da expansão do Império Romano. A estes junta-se, ainda, o legado oriental cedido por um casal cinfanense.



SERRA DE MONTEMURO



Gralheira

A beleza infundável da serra de Montemuro merece, por si só, uma visita. Mas outros motivos existem para não recusar o convite para um passeio à “mais desconhecida serra de Portugal” (Amorim Girão, 1895-1960): os vales encantados do Paiva, Ardena, Sampaio, Bestança e Cabrum; o fascinante castro das Coroas; as misteriosas

ruínas das muralhas das portas de Montemuro e as diversas povoações serranas – Aveloso, Alhões, Boassas, Bustelo, Gralheira, Vale de Papas, etc. – que mantêm a ruralidade de tempos longínquos e que, no inverno, são frequentemente visitadas pela neve...

BOASSAS – ALDEIA DE PORTUGAL



Boassas
Oliveira do Douro



255 561 051



www.aldeiasportugal.pt

Em Boassas, passeie pelas estreitas ruas do casario antigo, que testemunham um passado carregado de lendas, mitos e tradições. A visita à Ermida de Nossa Senhora da Estrela, fundada no século XVI e reedificada em 1710, é obrigatória.

Sobranceira ao rio Bestança e com vistas privilegiadas sobre o Douro, Boassas foi classificada como Aldeia de Portugal pela Associação do Turismo de Aldeia.



Ermida de N.ª S.ª da Estrela

VALE DE PAPAS – ALDEIA DE PORTUGAL



Vale de Papas
Ramires



255 561 051



www.aldeiasportugal.pt

Vale de Papas, a outra povoação cinfanense classificada pela Associação do Turismo de Aldeia como Aldeia de Portugal, situa-se no coração da serra de Montemuro, a mais de mil metros de altitude.

Nela se destacam as casas em granito amarelo, algumas ainda com cobertura em colmo, a capela, os canastos e a eira comunitária.



MIRADOURO DE TEIXEIRÔ



Teixeirô afirma-se como um dos mais impressionantes miradouros do território da Rota do Românico.

Sobranceiro ao rio Douro, na foz do Besrança, este miradouro permite contemplar diversos motivos de interesse dos concelhos de Baião e Cinfães: a albufeira da Pala, resultante da construção da barragem

de Carrapateiro (p. 293); as Aldeias de Portugal de Porto Manso e Boassas (p. 267); o Mosteiro de Ancede (p. 139); a linha ferroviária do Douro; a ponte de Mosteirô, concebida pelo famoso engenheiro Edgar Cardoso (1913-2000), e o cais de Porto Antigo.



LOJA INTERATIVA DE TURISMO

Rua Capitão Salgueiro Maia, Cinfães
255 561 051



RESENDE

Sabia
que...

A cereja, verdadeira imagem de marca de Resende, é um dos frutos com menos calorias, sendo rico em nutrientes, vitaminas, minerais e um poderoso antioxidante?

MUSEU MUNICIPAL DE RESENDE



Rua Dr. Amadeu Sargaço
Resende



254 877 200



www.cm-resende.pt



Situado na antiga cadeia concelhia, construída na década de 30 do século XX, este museu é constituído por dois núcleos expositivos principais: o etnográfico, que caracteriza os usos e costumes da região, e o arqueológico, composto por um conjunto de achados desde a pré-história aos nossos dias.

Não deixe de visitar a exposição permanente dedicada a Edgar Cardoso (1913-2000), o ilustre engenheiro de pontes que criou laços afetivos com Resende e com o Douro. Entre as suas obras mais conhecidas, contam-se as pontes da Arrábida e de São João, entre o Porto e Gaia, e a ponte de Mosteirô, entre Baião e Cinfães.

TERMAS DAS CALDAS DE AREGOS



Balneário Rainha D. Mafalda
Caldas de Aregos



254 875 259



www.termas-caldasdearegos.com



As Caldas de Aregos são um dos espaços termais mais reconhecidos no norte do País. Existem desde o século XII, quando a rainha D. Mafalda (1125-1157) terá ali mandado construir uma albergaria.

O atual balneário rainha D. Mafalda oferece-lhe diversos programas de relaxamento, de recuperação física ou de emagrecimento.

Aproveite a sua passagem por Aregos e desfrute de um passeio a bordo da afamada “Barca d’Aregos” (p. 314), memória das seculares “barcas de por Deus”, criadas para permitir a ligação, de forma gratuita, entre as duas margens do rio Douro.

ROTEIRO PATRIMONIAL



Capela de São Cristóvão

As encostas da serra de Montemuro, a presença do Douro e os cerejais em flor constituem retratos marcantes de Resende.

Descubra o vasto património cultural e paisagístico deste concelho, percorrendo alguns dos circuitos temáticos promovidos pela autarquia local, como o das paisagens serranas, com passagem pelas

aldeias de Granja de Ovadas, Panchorra, Panchorrinha e São Cristóvão; ou o circuito inspirado na obra de Eça de Queiroz (1845-1900) (p. 273), com visitas ao Mosteiro de Cárquere (p. 121), penedo de São João, torre da Lagariça e à aldeia de Feirão. Obtenha todas as informações em www.cm-resende.pt.

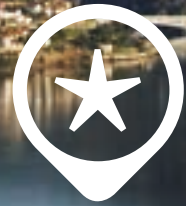


LOJA INTERATIVA DE TURISMO

Rua José Pereira Monteiro, Resende
254 871 031

POSTO DE TURISMO DE AREGOS

Caldas de Aregos
254 875 450



BAIÃO

Sabia
que...

Eça de Queiroz (1845-1900) para fazer o romance *A cidade e as serras* se inspirou nas gentes e paisagens de Baião e que está sepultado no cemitério de Santa Cruz do Douro?

MUSEU MUNICIPAL DE BAIÃO



Rua Eça de Queiroz
Baião



255 540 550



www.cm-baiao.pt



Visite a exposição permanente “Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira” e faça uma retrospectiva da ocupação desta região da Pré-história à Idade Média.

Detenha-se em especial na maquete com 120 figurinhas humanas, que ilustra as diferentes fases de construção de uma anta e da respetiva mamoa.

CONJUNTO MEGALÍTICO DA SERRA DA ABOBOREIRA



Campelo, Ovil e Loivos do Monte



255 540 550



www.cm-baiiao.pt

Espaço ímpar de conservação da biodiversidade do Douro Litoral, a serra da Aboboreira oferece-lhe vistas magníficas sobre este território, enquanto desvenda os vestígios das primeiras ocupações humanas, nomeadamente através do dólmen de Chá de Parada, classificado como monumento nacional desde 1910. Prepare a sua visita, recolhendo informação no museu municipal de Baião (p. 271).



ALMOFRELA – ALDEIA DE PORTUGAL



Campelo



255 540 562



www.aldeiasportugal.pt

Na serra da Aboboreira, por entre um belo mosaico de prados, vai encontrar a povoação de Almofrela, classificada como Aldeia de Portugal pela Associação do Turismo de Aldeia. Aqui, vai encantar-se com as casas tradicionais, as eiras, os espigueiros, a capela de São Brás e com a tasquinha local, ponto de paragem obrigatória... Em Ribadouro, poderá encontrar também outra Aldeia de Portugal: Porto Manso.





ALDEIA DE MAFÓMEDES



Teixeira



255 540 562



www.cm-baiao.pt

No sopé da serra do Marão, na Teixeira, ergue-se aquela que é considerada por muitos como a aldeia mais remota do distrito do Porto: Mafómedes.

A simples visão panorâmica desta povoação merece, por si só, uma visita, mas aproveite e descubra os seus recantos... No final, recupere as energias com o viçante biscoito da Teixeira (p. 333).



FUNDAÇÃO EÇA DE QUEIROZ



Caminho de Jacinto, 3110, Quinta de Tormes, Santa Cruz do Douro



254 882 120



www.feq.pt

Quando, na obra *A cidade e as serras*, Jacinto, homem parisiense, inicia o caminho de descoberta desta terra na estação ferroviária de Aregos, subindo a serra até ao velho solar de Tormes, mal sabia o que o esperava.

Vista a pele de Jacinto nesta visita à Fundação Eça de Queiroz e entre na estória.



Conheça a vida e obra deste escritor (1845-1900) através dos seus objetos pessoais, da sua mobília, quadros, fotografias, presentes de amigos e da peça mais emblemática de todo o seu espólio: a sua escritaninha.



LOJA INTERATIVA DE TURISMO

Rua de Camões, Baião
255 540 562

A.D.R. – OS CAMINHOS DE JACINTO

Estação de Aregos, Santa Cruz do Douro
254 883 105



MARCO DE CANAVESES

Maria do Carmo Miranda da Cunha (1909-1955), de seu nome artístico "Carmen Miranda", com uma carreira brilhante no Brasil, na Broadway e em Hollywood (E.U.A.), manteve até morrer a nacionalidade portuguesa?

Sabia
que...

MUSEU MUNICIPAL CARMEN MIRANDA



Alameda Dr. Miranda da Rocha
Marco de Canaveses



255 583 800



www.cm-marco-canaveses.pt



Carmen Miranda (1909-1955), cantora e atriz internacional, natural da localidade de Várzea da Ovelha e Aliviada, é a patrona do museu municipal do Marco de Canaveses.

Para além da exposição dedicada à famosa artista, este espaço museológico apresenta

uma coleção de pintura, escultura, cerâmica, etnografia e arte sacra.

Em outubro de 2018, iniciaram-se os trabalhos de remodelação deste museu, cujo projeto arquitetónico prevê a criação de um polo cultural, abrangendo os antigos edifícios do museu e biblioteca municipais.



IGREJA DE SANTA MARIA



Avenida Gago Coutinho
Marco de Canaveses



255 522 995



www.igrejasantamaria.pt



Da autoria do prestigiado arquiteto Álvaro Siza Vieira (n. 1933), prémio Pritzker em 1992, a igreja de Santa Maria, dedicada em 1996, é considerada um paradigma da arquitetura religiosa do século XX.

De aspeto simples e obedecendo a princípios de pureza espacial e de abstração geométrica, os seus traços contemporâneos fundem-se com a paisagem, criando um templo singular para visitar ou rezar.

CIDADE ROMANA DE TONGOBRIGA



Estação Arqueológica do Freixo
Rua António Correia de Vasconcelos, Freixo



255 531 090



www.culturante.gov.pt





A estrutura castrejo-romana criada em Tongobriga pelo imperador Augusto (63 a.C.-14 d.C.) amadureceu política, administrativa e economicamente, resultando daí a instalação de uma cidade.


Com uma área classificada de 50 hectares, aqui pode visitar o fórum, as termas e outros edifícios públicos, que fizeram desta *civitas* um dos centros de decisão mais importantes durante a época romana.

Percorra depois o lugar de Tongobriga (Aldeia de Portugal), e aprecie as casas de granito, a igreja matriz, o museu e, se tiver ainda forças, aventure-se no trilho “Caminhos de Tongobriga” (8 km). No final, prove as deliciosas fatias do Freixo (p. 336).

OBRAS DO FIDALGO

 Lugar de Pombal
Vila Boa de Quires

 255 538 800

 www.cm-marco-canaveses.pt

As obras do fidalgo, também conhecidas como casa inacabada de Vila Boa de Quires, são constituídas quase apenas pela fachada principal de um edifício do século XVIII.



Em ruínas, com grande profusão de detalhes decorativos, é considerada uma das mais extensas e imponentes fachadas barrocas da arquitetura portuguesa.

Os motivos para a não conclusão deste edifício permanecem ainda envoltos em mistério...

MUSEU DA PEDRA

 Avenida de São João, 900
Alpendorada e Matos

 255 616 150

 www.jf-alpendorada.pt

A pedra, enquanto instrumento de arte e de riqueza local, é uma das imagens ancestrais do Marco de Canaveses.

Por isso, uma visita a este concelho terá de incluir, certamente, uma passagem por este museu, que se divide em três núcleos fun-



damentais: o Homem e a pedra, a pedra nas artes e a pedra e o desenvolvimento.

Entre as peças da coleção, vai descobrir alguns elementos decorativos românicos, extraídos do mosteiro de Alpendorada...

LOJA INTERATIVA DE TURISMO

Largo Sacadura Cabral, Marco de Canaveses
255 538 800

POSTO DE TURISMO E CASA DE PRODUTOS TRADICIONAIS DE BITETOS

Largo Eng. Mário Fernandes, Várzea do Douro
927 407 188



AMARANTE

Sabia
que...

Amarante é o maior concelho do distrito do Porto e que integra, desde outubro de 2017, a rede de cidades criativas da UNESCO, como Cidade da Música?

MUSEU MUNICIPAL AMADEO DE SOUZA-CARDOSO



Alameda Teixeira de Pascoaes
Amarante



255 420 272



www.amadeosouza-cardoso.pt



Figura maior do modernismo português, Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918) constitui a principal referência deste museu, instalado no segundo claustro do antigo convento dominicano de São Gonçalo (p. 278). Mas neste espaço reúne-se também o sepulcro ligado à história local

e à memória de outros grandes vultos das artes e letras de Amarante, como Paulino Cabral (1719-1789) (p. 198), António Carneiro (1872-1930), Teixeira de Pascoaes (1877-1952) (p. 235), Acácio Lino (1878-1956), Agustina Bessa-Luís (n. 1922), entre outros.

IGREJA E CONVENTO DE SÃO GONÇALO



Praça da República, Alameda Teixeira de Pascoaes, Amarante



255 422 050



www.cm-amarante.pt

A igreja de São Gonçalo e o claustro são o que resta do antigo convento dominicano, fundado em 1540.

Nestes espaços conjugam-se diversos elementos arquitetónicos, que representam o que de melhor se fazia ao nível do gosto artístico da época.

Destaque para a “Varanda dos Reis”, que apresenta as estátuas de D. João III (r. 1521-1557), D. Sebastião (r. 1557-1578), D. Henrique (r. 1578-1580) e D. Filipe I (r. 1581-1598), patrocinadores da construção deste convento.



LENDA DA EDIFICAÇÃO DO CONVENTO

São Gonçalo subiu a um monte do lado de Felgueiras para escolher o local para o convento de Amarante. Atirou com o bordão: onde caiu não achou bom sítio; depois tornou a atirar e caiu no sítio próprio, ao pé da ponte. Precisou, porém, de bois para o transporte da pedra e pediu a D. Loba que lhos emprestasse. Disse ela que eram bravos, mas que os fosse buscar ao Marão. São Gonçalo prendeu-os com o fio da roca em que ela estava a fiar e trouxe-os.





IGREJA DE SÃO DOMINGOS – MUSEU DE ARTE SACRA



Rua Frei José
Amarante



255 422 050



www.cm-amarante.pt



No centro histórico de Amarante, descubra também a igreja de São Domingos (ou de Nosso Senhor dos Aflitos).

Um edifício do século XVIII, ricamente decorado com talha dourada.

Aproveite, ainda, para visitar o museu paroquial de arte sacra Dr. Luís Coutinho e conhecer o seu vasto espólio de paramentos, alfaias litúrgicas, artes decorativas, pintura e imaginária.

ECOPISTA DO TÂMEGA




Igreja de Gatão

Esta ecopista percorre uma das mais belas e antigas linhas ferroviárias do País.


Liga as estações de Amarante e Arco de Baulhe (Cabeceiras de Basto), passando por Celorico de Basto, ao longo de quase 40 km.

A pé, de patins ou de bicicleta, oferece-lhe vistas privilegiadas sobre o vale do rio Tâmega, as suas pontes, aldeias e outros valores patrimoniais, como a Igreja de Gatão (p. 232), a poucos metros da ecopista. Mais informações em www.ciclovia.pt.

PARQUE AQUÁTICO DE AMARANTE

 Rua do Tâmega, 2245
Fregim

 255 410 040


 www.parqueaquaticoamarante.com


Com uma vista privilegiada para o rio Tâmega, este é o mais antigo parque aquático do Norte de Portugal.

Em família ou com amigos, o parque aquático de Amarante é o local ideal para se divertir e refrescar nos dias quentes de verão.

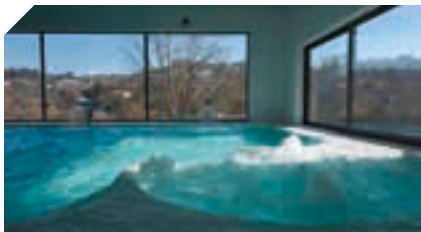


TERMAS DE AMARANTE

 Rua Tenente Laranjeira, 224
Amarante


 914 371 333

 www.termasdeamarante.pt



As Termas de Amarante abrem as suas portas ao público no dia 19 de janeiro de 2019, na margem direita do rio Tâmega, a poucas centenas de metros do centro da cidade. Dotado com as mais recentes soluções técnicas, este novo complexo termal disponibiliza diversos tipos de banhos,

duches e hidromassagens, bem como tratamentos específicos para as doenças respiratórias e musculoesqueléticas. Mas não só... aqui, poderá usufruir também de excelentes condições para inestimáveis momentos de descanso e relaxamento, sozinho ou em boa companhia...

 **ESPAÇO DOURO & TÂMEGA**
Av. General Silveira, 59, Amarante
255 100 025

LOJA INTERATIVA DE TURISMO

Largo Conselheiro António Cândido, Amarante
255 420 246



CELORICO DE BASTO

Sabia
que...

O célebre Magriço, um dos "Doze de Inglaterra", eternizado por Luís de Camões (c. 1524-1580) no canto VI, d'*Os Lusíadas*, passou os últimos anos de vida na Casa da Lage, na localidade de Gémeos?



PARQUE URBANO DO FREIXIEIRO



Cruzado pelo rio Freixieiro, aqui encontra a conjugação cuidada entre a natureza e a modernidade. Um local perfeito para dar longos passeios, enquanto desfruta das margens do rio, das suas cascatas e dos antigos moinhos recuperados.

Nos meses de verão aproveite para se refrescar na área sazonal de banho, junto ao parque de campismo.

O parque do Freixieiro localiza-se no centro da vila de Celorico de Basto.

ECOPISTA DO TÂMEGA



A pé, de patins ou de bicicleta? É você que escolhe como prefere desfrutar da ecopista do Tâmega. Instalada no espaço canal da linha ferroviária, cujo serviço comercial foi desativado no dia 1 de janeiro de 1990, a ecopista do Tâmega apresenta um percurso suave e acessível para todos, com um declive muito pouco acentuado.

A partir da estação central de Celorico de Basto, quer escolha seguir para norte, até ao Arco de Baúlhe (17,2 km), em Cabeceiras de Basto, quer escolha ir para sul, até Amarante (21,9 km), terá sempre a companhia da extraordinária vista sobre o vale do Tâmega. Mais informações em www.ciclovia.pt.



NÚCLEO MUSEOLÓGICO E CIRCUITO TURÍSTICO DOS MOINHOS DE ARGONTIM



Argontim
Rego



255 323 100



www.mun-celoricodebasto.pt

As margens do rio Bugio guardam memórias de outrora.

Moinhos de água, habilmente recuperados, desvendam tempos em que o rio fazia girar a mó que esmagava os cereais com os quais se cozia o pão que alimentava as populações. Enquanto percorre este circuito, entre no núcleo museológico e descubra uma serração de madeira movida a água, uma azenha e um alambique.



QUINTA DO PRADO – JARDIM PÚBLICO

Construída no século XVIII e remodelada no século seguinte, a quinta do Prado, no centro da vila de Celorico de Basto, proporciona-lhe um agradável passeio pelos seus lindíssimos jardins, de um verde exuberante. E, em cada recanto, desenham-se verdadeiras obras de artes! Propriedade inicial da família Pinto Dá Mesquita, foi adquirida pela autarquia local para fins públicos, nomeadamente para a realização, em março, da Festa Internacional das Camélias, verdadeira imagem de marca de Celorico de Basto.



LOJA INTERATIVA DE TURISMO

Pr. Card. D. António Ribeiro, Cel. Basto
255 323 100

CENTRO INT. CASTELO DE ARNOIA

Castelo, Arnoia
255 322 355



PRINCIPAIS MIRADOUROS



FELGUEIRAS

Sant'Ana	41° 19' 44.08" N	8° 14' 49.81" O	Lugar do Monte, Rande
Santa Quitéria (p. 253)	41° 22' 36.55" N	8° 11' 52.51" O	Monte Columbino, Felgueiras
Senhor dos Perdidos	41° 21' 50.28" N	8° 14' 53.87" O	Penacova

LOUSADA

Senhora Aparecida (p. 255)	41° 17' 26.07" N	8° 12' 35.45" O	Aparecida, Torno
Senhora do Amparo	41° 17' 25.71" N	8° 19' 14.90" O	Covas

PAÇOS DE FERREIRA

Alto da Senhora do Socorro	41° 19' 57.90" N	8° 21' 20.54" O	Codessos
Serra do Pilar	41° 17' 23.94" N	8° 25' 35.66" O	Penamaior

PAREDES

Cruzeiro	41° 11' 50.84" N	8° 23' 31.98" O	Baltar
Senhora do Salto (p. 258)	41° 7' 45.48" N	8° 25' 54.44" O	Aguiar de Sousa

PENAFIEL

Entre-os-Rios	41° 5' 18.87" N	8° 17' 26.39" O	Entre-os-Rios, Eja
Sameiro	41° 12' 31.79" N	8° 16' 30.32" O	Centro da cidade
Senhor dos Remédios	41° 6' 36.69" N	8° 15' 48.78" O	Rio de Moinhos

CASTELO DE PAIVA

Catapeixe	41° 3' 34.06" N	8° 16' 16.91" O	EN 224, Sobrado
Santo Adrião	40° 59' 0.55" N	8° 15' 20.63" O	Real
São Domingos (p. 265)	41° 1' 37.33" N	8° 21' 2.33" O	Monte de S. Domingos, Raiva
São Gens	41° 2' 43.99" N	8° 17' 54.83" O	Santa Maria de Sardoura

CINFÃES

Alto da Senhora do Castelo	41° 2' 12.36" N	8° 8' 39.21" O	Castelo, Nespereira
Capela de Santa Bárbara	41° 2' 44.68" N	8° 0' 22.88" O	Ramires
Portas de Montemuro	40° 57' 58.17" N	8° 0' 34.30" O	EN 321, Alhões
Teixeirô (p. 268)	41° 5' 16.20" N	8° 5' 8.86" O	Teixeirô, Cinfães

RESENDE

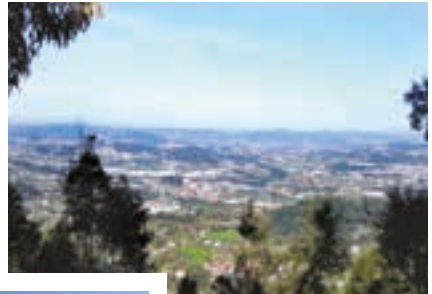
Penedo de São João	41° 4' 39.18" N	8° 0' 53.42" O	Freigil
São Cristóvão (p. 270)	41° 03' 5.7" N	7° 55' 44" O	Felgueiras

Da serra da Lameira à de Montemuro, passando pela Aboboreira e pelo Marão, o território da Rota do Românico permite-lhe contemplar a natureza em todo o seu esplendor. Uma parte desse território, a sul do Douro, está incluído nas Montanhas Mágicas® (www.montanhasmagicas.pt) e na Rota da Água e da Pedra.

Sinta-se esmagado pelas visões proporcionadas pelos idílicos miradouros. Desfrute das encantadoras praias que o rio Douro e os seus afluentes lhe oferecem generosamente. Ou então, abrace o tempo de romance e vagueie pelos tranquilos parques e jardins da região. Enfim, locais paradisíacos onde apetece ficar para sempre!



Miradouro da S.ª Aparecida | Lousada



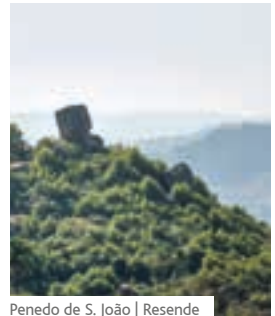
Mirad. da S.ª do Socorro | P. Ferreira



Rio Douro | C. Paiva, Mir. de Catapeixe



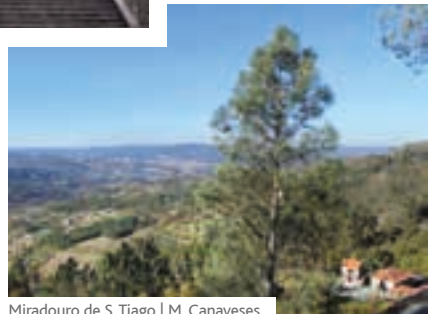
"Sameiro" | Penafiel



Penedo de S. João | Resende



Capela das Portas de Montemuro | Cinfães



Miradouro de S. Tiago | M. Canaveses

**BAIÃO**

Frende	41° 7' 23.92" N	7° 56' 19.60" O	EN 108, Frende
Portela do Góve	41° 7' 28.65" N	8° 2' 11.69" O	EN 108, Góve
Senhora da Guia	41° 11' 37.40" N	8° 1' 39.56" O	Estradão da S. ^a da Guia, Ovil
Senhora da Serra	41° 14' 53.97" N	7° 53' 11.42" O	Capela da S. ^a da Serra, Teixeira

MARCO DE CANAVESES

Alto de Santiago	41° 5' 53.04" N	8° 13' 38.52" O	Ladário, Alpendorada e Matos
Capela de São Tiago	41° 10' 49.38" N	8° 4' 55.86" O	S. Tiago, Soalhães
Senhora do Castelinho	41° 9' 25.50" N	8° 10' 16.05" O	Castelinho, Avesadas

AMARANTE

Pena Suar	41° 16' 41.15" N	7° 59' 14.51" O	Aboadela
São Domingos	41° 16' 8.77" N	8° 4' 44.68" O	Centro da cidade
Senhora da Graça	41° 14' 27.86" N	8° 8' 14.87" O	Capela da S. ^a da Graça, Vila Caiz

CELORICO DE BASTO

Calvelo	41° 22' 14.16" N	8° 3' 43.76" O	Capela do Calvelo, Fervença
Castelo de Arnoia (p. 236)	41° 21' 48.73" N	8° 3' 7.19" O	Castelo, Arnoia
Ladário	41° 27' 43.92" N	7° 59' 31.16" O	Serra do Ladário, Ribas
Viso	41° 24' 42.98" N	8° 3' 45.76" O	Ermida do Viso, Caçarilhe

PRINCIPAIS PARQUES E PRAIAS FLUVIAIS

**PENAFIEL**

Parque de Boelhe	Tâmega	41° 7' 14.38" N	8° 14' 21.91" O	Boelhe
Praia de Luzim	Tâmega	41° 8' 41.36" N	8° 13' 54.80" O	Luzim

CASTELO DE PAIVA

Praia da Várzea	Paiva	41° 1' 37.64" N	8° 14' 22.95" O	Bairros
Praia do Castelo (p. 264)	Douro	41° 3' 53.84" N	8° 15' 45.44" O	Fornos
Praia do Choupal das Concas	Douro	41° 2' 55.65" N	8° 22' 32.45" O	Pedorido

CINFÃES

Parque da Granja	Douro	41° 5' 19.67" N	8° 10' 45.13" O	Espanadero
Praia da Ponte da Balsa	Ardena	40° 59' 48.05" N	8° 9' 51.73" O	Nespereira

RESENDE

Parque da Lagariça	Cabrum	41° 3' 49.18" N	8° 0' 30.41" O	Freigl
Parque da Panchorra (p. 119)	Cabrum	41° 0' 50.33" N	7° 58' 30.27" O	Panchorra
Parque de Porto de Rei	Douro	41° 7' 6.44" N	7° 54' 47.52" O	S. João de Fontoura

BAIÃO

Parque da Fraga do Rio	Ovil	41° 9' 57.09" N	8° 1' 25.55" O	Campeio
------------------------	------	-----------------	----------------	---------



Capela de N.ª S.ª da Guia | Baião



Miradouro do Castelo de Arnoia | Cel. Basto



Rio Tâmega | Penafiel. Praia de Luzim



Rio Douro | C. Paiva. Praia do Choupal das Concas



Rio Douro | Resende. Parque de Porto de Rei

**MARCO DE CANAVESES**

Parque do Tâmega	Tâmega	41° 11' 49.85" N	8° 9' 34.54" O	Sobretâmega/S. Nicolau
Praia da Pontinha	Ovelha	41° 11' 49.58" N	8° 7' 56.05" O	Fornos
Praia de Bitetos	Douro	41° 4' 18.87" N	8° 15' 33.98" O	Várzea do Douro
Praia de Lavadouro	Douro	41° 5' 24.67" N	8° 7' 23.24" O	Paços de Gaiolo
Praia de Rib.ª e Merejeiro	Tâmega	41° 8' 32.47" N	8° 13' 40.57" O	Vila Boa do Bispo

AMARANTE

Praia da Aboadela	Ovelha	41° 16' 39.22" N	7° 59' 45.44" O	Lugar da Rua
Praia da Aurora	Tâmega	41° 16' 28.76" N	8° 4' 20.29" O	São Gonçalo
Praia de Canadelo	Ôlo	41° 19' 37.52" N	7° 58' 40.10" O	Canadelo
Praia de Larim	Carneiro	41° 15' 3.57" N	8° 2' 3.22" O	Gondar

CELORICO DE BASTO

Praia da Vila	Freixieiro	41° 23' 27.62" N	8° 0' 21.54" O	Centro da vila
Praia de Fermil	Veade	41° 25' 38.65" N	7° 59' 6.12" O	Fermil de Basto
Praia do Rego	Bugio	41° 25' 31.74" N	8° 5' 49.56" O	Vila Boa, Rego

PRINCIPAIS PARQUES E JARDINS

**FELGUEIRAS**

Jardim da Praça da República	41° 21' 54.17" N	8° 11' 55.05" O	Centro da cidade
Parque da Cidade de Felgueiras	41° 22' 33.43" N	8° 11' 46.31" O	Monte Columbino, Margaride

LOUSADA

Jardim do Monte do Sr. dos Aflitos	41° 16' 39.18" N	8° 17' 1.70" O	Centro da vila
Mata de Vilar	41° 17' 8.01" N	8° 13' 10.36" O	Vilar do Torno e Alentém
Parque da Torre de Vilar (p. 53)	41° 17' 14.19" N	8° 12' 37.30" O	Vilar do Torno e Alentém
Parque de Lazer e Merendas de Casais	41° 16' 23.18" N	8° 18' 26.63" O	Casais
Parque de Lazer e Temático de Sousela	41° 17' 54.30" N	8° 18' 37.01" O	Sousela
Parque Urbano Dr. Mário Fonseca	41° 16' 35.81" N	8° 16' 37.45" O	Centro da vila

PAÇOS DE FERREIRA

Parque de Lazer da Seroa	41° 15' 59.44" N	8° 25' 39.99" O	Seroa
Parque de Lazer de Meixomil	41° 17' 23.85" N	8° 23' 26.92" O	Meixomil
Parque Urbano de Freamunde	41° 16' 58.09" N	8° 20' 21.28" O	Freamunde
Parque Urbano de Paços de Ferreira	41° 16' 30.16" N	8° 22' 37.56" O	Centro da cidade

PAREDES

Parque da Cidade de Paredes	41° 12' 38.32" N	8° 19' 25.29" O	Centro da cidade
Parque do Rio Ferreira	41° 14' 0.45" N	8° 24' 42.99" O	Lordelo/Rebordosa
Parque José Guilherme	41° 12' 27.78" N	8° 19' 59.27" O	Centro da cidade



Rio Douro | M. Canaveses. Praia de Bitetos



Rio Ovil | Baião. Parque da Fraga do Rio



Rio Paiva | Cinfães. Parque do Km 10



Rio Freixeiro | Cel. Basto. Praia da Vila



Praça da República | Felgueiras



Monte do Sr. dos Aflitos | Lousada



Rio Ferreira | P. Ferreira. Parque Urbano de Freamunde



Parque do Rio Ferreira | Paredes

**PENAFIEL**

Jardim do Calvário	41° 12' 11.33" N	8° 17' 15.90" O	Centro da cidade
Parque da Cidade de Penafiel	41° 11' 36.81" N	8° 17' 20.25" O	Marecos/Milhundos
Parque de Lazer de Capela	41° 6' 36.33" N	8° 21' 27.44" O	Capela
Parque do Sameiro	41° 12' 32.03" N	8° 16' 28.93" O	Centro da cidade
Quinta da Aveleda (p. 261)	41° 12' 29.60" N	8° 18' 20.11" O	Rua da Aveleda, 2, Penafiel

CASTELO DE PAIVA

Jardim do Largo do Conde	41° 2' 27.29" N	8° 16' 16.92" O	Centro da vila
Parque de Lazer de São Martinho	41° 3' 12.14" N	8° 17' 24.12" O	São Martinho de Sardoura
Parque Urbano da Quinta do Pinheiro	41° 2' 28.29" N	8° 16' 28.92" O	Centro da vila

CINFÃES

Jardim Serpa Pinto	41° 4' 18.95" N	8° 5' 23.49" O	Centro da vila
Parque da Nossa S. ^ª de Lurdes	41° 0' 8.54" N	8° 9' 46.73" O	S. ^ª Marinha, Nespereira
Parque de Lazer de Barrondes	41° 0' 16.95" N	8° 3' 24.55" O	EN 321, Tendais
Parque de Lazer do Ladário	41° 3' 39.38" N	8° 5' 36.37" O	Cinfães
Parque de Sampaio e Mourilhe	41° 5' 4.85" N	8° 7' 11.22" O	S. Cristóvão de Nogueira

RESENDE

Jardim 25 de Abril	41° 6' 21.95" N	7° 57' 56.62" O	Centro da vila
Parque de Merendas de Porto de Rei	41° 7' 5.30" N	7° 54' 49.10" O	São João de Fontoura
Parque do Penedo de São João	41° 4' 58.11" N	8° 0' 15.62" O	Freigil

BAIÃO

Carvalho de Reixela	41° 10' 46.36" N	8° 0' 26.96" O	Ovil
Jardim das Tílias	41° 9' 42.26" N	8° 2' 5.75" O	Centro da vila
Jardim de São Bartolomeu	41° 9' 42.83" N	8° 2' 7.38" O	Centro da vila
Parque da Fraga do Rio	41° 9' 57.09" N	8° 1' 25.55" O	Campelo

MARCO DE CANAVESES

Parque de Lazer da Cidade	41° 11' 1.78" N	8° 9' 19.77" O	Centro da cidade
Parque de Lazer de Alpendorada	41° 5' 47.85" N	8° 15' 24.14" O	Alpendorada e Matos
Parque de Lazer de Montedeiras	41° 7' 42.64" N	8° 8' 55.75" O	Sande
Parque de Merendas do Castelhino	41° 9' 10.27" N	8° 10' 16.99" O	Avessadas

AMARANTE

Lagoa e Parque de Lazer de Freixo	41° 17' 22.92" N	8° 6' 42.71" O	Freixo de Baixo
Parque de Lazer da Lameira	41° 16' 37.53" N	7° 56' 50.75" O	Ansiães
Parque de Lazer do Odres	41° 14' 38.22" N	8° 10' 56.28" O	Vila Meã
Parque Florestal de Amarante	41° 15' 59.90" N	8° 4' 56.15" O	Centro da cidade

CELORICO DE BASTO

Parque de Lazer de Fiães de Cima	41° 20' 8.67" N	8° 2' 7.33" O	Codessoso
Parque de Merendas do Viso	41° 25' 31.96" N	8° 2' 37.06" O	Caçarilhe
Parque Urbano do Freixeiro (p. 282)	41° 23' 23.71" N	8° 0' 0.77" O	Centro da vila
Quinta do Prado – Jardim Público (p. 283)	41° 23' 30.98" N	7° 59' 54.57" O	Centro da vila



Rio Sousa | Paredes. Senhora do Salto



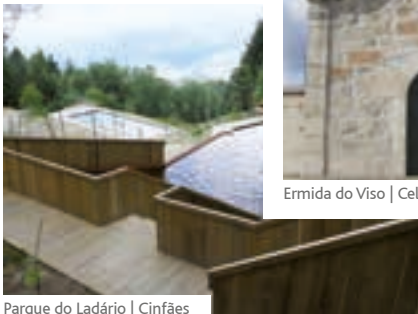
Ribeira de Baltar | Paredes. Covão



Parque da Cidade | Penafiel



Largo do Conde | C. Paiva



Parque do Ladário | Cinfães



Ermida do Viso | Cel. Basto



Jardim 25 de Abril | Resende



Parque Florestal | Amarante



Rio Tâmega | M. Canaveses. Parque da Cidade



Rio Sousa | Penafiel. Moinho da Ponte de Novelas



Ribeiro de Sampaio | Cinfães



Carvalho de Reixela | Baião



Serrinha | Baião



Murgido | Amarante



Rio Bestança | Cinfães.



Rio Douro | M. Canaveses/Cinfães. Barragem de Carrapatelo



Ribeira de S.^{ta} Natália | Cel. Basto



Rio Cabrum | Resende. Ponte da Panchorra



Parque de Pias



Rio Douro | Baião. Pala



museu

MUSEOLOGIA



FELGUEIRAS

Casa da Cultura Leonardo Coimbra	255 318 922
Casa do Risco	255 488 812
Fábrica do Pão de Ló de Margaride (p. 252)	255 312 121
Museu Casa do Assento	255 922 271
Villa Romana de Sendim - Centro de Interpretação (p. 253)	255 312 636

LOUSADA

Casa Museu de Vilar - A Imagem em Movimento (p. 255)	936 275 674
Centro de Interpretação do Românico (p. 254)	255 810 706
Museu Senhora Aparecida (p. 255)	255 911 106

PAÇOS DE FERREIRA

Centro Interpretativo da Citânia de Sanfins (p. 257)	255 963 643
Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins (p. 257)	255 963 643
Museu Municipal - Museu do Móvel (p. 256)	255 860 706

PAREDES

Centro de Interpretação Ambiental de Vila Cova de Carros	255 777 014
Centro de Interpretação da Senhora do Salto (p. 258)	255 788 952
Centro de Interpretação das Minas de Ouro de Castromil e Banjas (p. 259)	255 780 447
Centro de Interpretação do Circuito de Arte Pública de Paredes (p. 259)	255 788 952
Museu A LORD	224 447 357

PENAFIEL

Castro de Monte Mozinho (p. 262)	255 712 760
Centro de Interpretação da Escultura Românica (p. 260)	255 810 706
Centro Interpretativo da Aldeia de Quintandona (p. 263)	255 712 760
Engenho de Sebolido	255 712 760
Igreja da Misericórdia - Museu de Arte Sacra	965 823 025
Moinho da Ponte de Novelas	255 712 760
Mosteiro de Bustelo - Museu	933 233 736
Museu da Broa	255 615 363
Museu Municipal de Penafiel (p. 262)	255 712 760

CASTELO DE PAIVA

Centro de Interpretação da Cultura Local	255 689 500
Museu Etnográfico Casa dos Engenhos Espaço Primeiras Artes	255 689 486

O território da Rota do Românico oferece-lhe a possibilidade de descobrir uma vasta rede de unidades museológicas. Dos museus municipais (já destacados no capítulo A Não Perder (p. 251)) aos centros de interpretação, são múltiplos os espaços que contribuem para a divulgação do patri-

mónio paisagístico, material e intangível dos 12 concelhos da Rota do Românico. Consulte a listagem seguinte e, caso de-seje conhecer alguma das unidades, contacte-a para obter informações sobre o horário de funcionamento e para agendar a sua visita.



Avenida Dr. Leonardo Coimbra, Lixa

Rua da Liberdade, 2085, Airões

Praça da República, 304, Felgueiras

Rua do Assento, Friande

Rua da Villa Romana, Sendim

Casa de Vilar, Rua Rui Feijó, 921, Vilar do Torno e Alentém

Praça das Pocinhas, 107, Lousada

Aparecida, Torno

Rua da Citânia, 144, Sanfins de Ferreira

Solar dos Brandões, Sanfins de Ferreira

Praça Dr. Luís, Paços de Ferreira

Campo de Golfe do Aqueduto, Vila Cova de Carros

Senhora do Salto, Aguiar de Sousa

Castromil, Sobreira

Loja Interativa de Turismo, Largo da Estação, 277, Paredes

Rua Ribeiro da Silva, Lordelo

Lugar de Vilar, Galegos

Largo Dr. Armando Melo, Abragão

Quintandona, Lagares

Avenida da Igreja, Sebolido

Largo da Misericórdia, Penafiel

Travessa do Moinho, Novelas

Rua do Mosteiro, Bustelo

Rua São Tiago, Capela

Rua do Paço, Penafiel

Largo do Conde de Castelo de Paiva, Sobrado

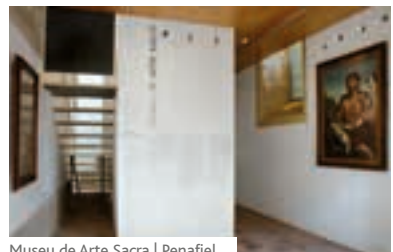
Parque das Tílias, Sobrado



Casa do Risco | Felgueiras. Bordado da Terra de Sousa



Centro Interp. da Citânia de Sanfins | P. Ferreira



Museu de Arte Sacra | Penafiel



Quinta da Granja | Cinfães

**CINFÃES**

Barragem de Carrapatelo (centro produtor)	254 323 786
Centro de Interpretação Ambiental do Vale do Bestança	255 561 051
Centro Interpretativo da Gralheira	255 571 466
Escola Museu de Vilar do Peso	255 560 560
Museu Serpa Pinto (p. 266)	255 560 571
Quinta da Granja - Museu Etnográfico	256 955 394

RESENDE

Casa de Colmo	254 877 200
Centro Interpretativo da Cerâmica	254 877 200
Centro Interpretativo da Cereja	254 877 200
Centro Interpretativo do Montemuro	254 877 200
Museu Municipal de Resende (p. 269)	254 877 200

BAIÃO

Casa das Bengalas	254 888 015
Casa de Chavães - Núcleo Etnográfico	255 540 550
Casa do Lavrador - Museu Rural e Etnográfico	254 885 143
Centro Interpretativo da Vinha e do Vinho (p. 142)	255 540 550
Fundação Eça de Queiroz (p. 273)	254 882 120
Museu Municipal de Baião (p. 271)	255 540 550

MARCO DE CANAVESES

Centro Interpretativo de Tongobriga (p. 275)	255 531 090
Engenho do Linho	255 619 189
Museu da Pedra (p. 276)	255 616 150
Museu do Linho e do Vinho	229 517 219
Museu Municipal Carmen Miranda (p. 274)	255 583 800

AMARANTE

Casa de Pascoaes (p. 235)	255 422 595
Casa Museu Acácio Lino	963 053 343
Centro Interpretativo de Memórias da Misericórdia de Amarante	255 420 175
Centro Interpretativo do Vinho Verde	255 432 250
Centro Interpretativo e Cultural do Marão	255 425 009
Igreja de São Domingos - Museu de Arte Sacra (p. 279)	255 422 050
Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso (p. 277)	255 420 272
Museu Rural do Marão	255 441 055

CELORICO DE BASTO

Biblioteca Municipal - Núcleos Museológicos de Arqueologia e de Imprensa	255 320 360
Centro Interpretativo do Castelo de Arnoia (p. 239)	255 322 355
Núcleo Interpretativo da Linha do Tâmega (p. 282)	255 323 100
Núcleo Museológico e Circuito Turístico dos Moinhos de Argontim (p. 283)	255 323 100



Mourilhe, São Cristóvão de Nogueira
 Rua do Outeiro, Pias, Cinfães
 Casa do Ribeirinho, Largo da Eira do Adro, Gralheira
 Rua da Escola, Vilar do Peso, São Cristóvão de Nogueira
 Rua Dr. Flávio Resende, 34, Cinfães
 Rua da Granja, Nespereira

Rua das Flores, Panchorra
 Calçada dos Cesteiros, 80, São João de Fontoura
 Rua Via de Cova, 102, São Martinho de Mouros
 Avenida da Liberdade, Feirão
 Rua Dr. Amadeu Sargaço, Resende

Lugar de Carvalhais, Gestaçõ
 Lugar de Chavães, Ovil
 Estrada N.º S.ª do Martírio, 667, Santa Cruz do Douro
 Mosteiro de Santo André, Ancede
 Caminho de Jacinto, 3110, Quinta de Tormes, S.ª Cruz do Douro
 Rua Eça de Queiroz, Baião

Rua António Correia de Vasconcelos, 51, Freixo
 Granja, Alpendorada e Matos
 Avenida S. João, 900, Alpendorada e Matos
 Casa da Cultura Popular, Rua da Igreja, Maureles
 Alameda Dr. Miranda da Rocha, Marco de Canaveses

Rua da Capelinha, Gatão
 Casa das Figueiras, Rua do Pintor Acácio Lino, Travanca
 Rua Dr. Miguel Pinto Martins, Amarante
 Rua do Dr. Falcão, Gatão
 Rua de Ovelha e Honra do Marão, 92, Lugar da Rua, Aboadela
 Rua Frei José, Amarante
 Alameda Teixeira de Pascoaes, Amarante
 Rua do Rio, 503, Gondar

Quinta de S. Silvestre, Celorico de Basto
 Castelo, Arnoia
 Rua Dr. João Lemos, Celorico de Basto
 Argontim, Rego



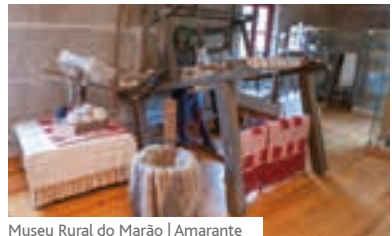
Centro Interp. da Cereja | Resende



Bengalas de Gestaçõ | Baião



Casa do Lavrador | Baião



Museu Rural do Marão | Amarante



Núcleo Museol. de Imprensa | Cel. Basto



PRINCIPAIS EVENTOS



JANEIRO

Festa do Sarrabulho Doce	Lousada	Caíde de Rei
Auto dos Reis Magos	Penafiel	Figueira
Janeiras - Encontro Concelhio	Baião	Mosteiro de Ancede
Feira dos Rojões	Amarante	Fridão

FEVEREIRO

Feira do Fumeiro, Vinho Verde e Produtos Regionais	Felgueiras	Mercado Municipal
Papas na Sobreira	Paredes	Sobreira
Festival da Lampreia	Penafiel	Entre-os-Rios, Eja
Festival das Painças e Papas de Milho do Montemuro	Cinfães	Tendais
Festa de São Brás	Resende	São Brás, Cimo de Resende
Feira das Papas de Ólo	Amarante	Ólo
Feira do Fumeiro de Carvalho de Rei	Amarante	Carvalho de Rei

MARÇO

Festival Internacional de Camélias	Lousada	Centro da vila
Primavera Festival da Flor	Paredes	Casa da Cultura
Feira do Vinho de Real	Castelo de Paiva	Real
Festival da Lampreia e do Sável	Castelo de Paiva	Boure, Sardoura
Festa da Cerejeira em Flor	Resende	Paus
Festa das Cavacas	Resende	Centro da vila
Feira do Fumeiro e do Cozido à Portuguesa	Baião	Centro da vila
Feira do Queijo	Baião	Tresouras
Mostra de Peixe do Rio	Baião	Estação de Aregos, S. ^{ta} Cruz do Douro
Festival das Sopas	Amarante	Fregim
Festa Internacional das Camélias	Celorico de Basto	Centro da vila

Esta região é palco, ao longo do ano, de diversos eventos de cariz cultural, religioso ou económico. Os meses de verão são especialmente agitados com inúmeras festas populares e concertos ao ar livre, que, em muitos casos, fazem concentrar milhares de peregrinos, romeiros ou simples festeiros, em verdadeiras demonstrações

de fé, de usos e costumes, de tradições. À noite, as ruas estão iluminadas, cheias de gente impregnadas de folia, os céus enchem-se de cor e luz ao som estonteante do fogo de artifício. Venha partilhar desta alegria, sinta as nossas raízes culturais mais profundas e genuínas!



Último fim de semana

1º fim de semana após o dia de Reis

Último sábado

Último fim de semana

Em fevereiro ou março

Em fevereiro ou março

Dia 2

Em fevereiro ou março, no fim de semana antes do Carnaval

Em março ou abril

Em março ou abril

Em março ou abril



Festa das Camélias | Cel. Basto



Capital do Móvel | P. Ferreira

**ABRIL**

Festival do Pão de Ló	Felgueiras	Centro da cidade
Folia - Festival Internacional de Artes do Espetáculo	Lousada	Auditório Municipal
Capital do Móvel - Feira de Mobiliário e Decoração	Paços de Ferreira	Parque de Exposições
Festival Walk & Dance	Paços de Ferreira	Freamunde
Endoenças	M. Canaveses/Penafiel	Torrão/Entre-os-Rios
Noite dos Carrapatos	Amarante	Centro da cidade

MAIO

Feira do Maio	Felgueiras	Centro da cidade
Festa de Santa Quitéria	Felgueiras	Santuário de Santa Quitéria
Sabores IN - Gastronomia e Vinhos	Felgueiras	Restaurantes aderentes
Festa da Senhora do Salto	Paredes	Aguiar de Sousa
Rally de Portugal	Amarante/Lousada/Paredes	Aboboreira/Marão/Lousada/Baltar
Porto Extreme XL Lagares	Penafiel/Paredes	Lagares/Sobreira
Festa das Flores e Sabores	Penafiel	Centro da cidade
MaiôAbrir	Penafiel	Abraço
Festival do Peixe e do Vinho	Cinfães	Mourilhe, S. Cristóvão de Nogueira
Romaria a Santa Maria de Cárquere	Resende	Mosteiro de Cárquere
Festa de Nossa Senhora do Martírio	Baião	Santa Cruz do Douro
Festival de Percursos Pedestres	Marco de Canaveses	Diversos
Sendas do Almoceve	Marco de Canaveses	Tabuado
Feira dos Doces Conventuais	Amarante	Convento de São Gonçalo
Festival do Verde	Amarante	Sanche

JUNHO

Festas de São Pedro - Festas do Concelho	Felgueiras	Centro da cidade
Festival Vila	Lousada	Centro da vila
Mercado Histórico	Lousada	Centro da vila
Festa do Corpo de Deus e da Cidade	Paços de Ferreira	Centro da cidade
Park Festival	Paços de Ferreira	Parque Urbano
Gin Wall Festival	Paredes	Biblioteca Municipal
Corpo de Deus - Festas da Cidade e do Concelho	Penafiel	Centro da cidade
Couto Mineiro em Festa	Castelo de Paiva	Monte de São Domingos, Raiva
Festas de São João - Festas do Concelho	Castelo de Paiva	Centro da vila
Feira das Tradições e dos Sabores	Cinfães	Travanca
Festa de São Pedro do Campo	Cinfães	Tendais
Festa dos Doces Tradicionais de Cinfães	Cinfães	Moimenta
Festas de São João - Festas do Concelho	Cinfães	Centro da vila
Festival da Cereja	Resende	Centro da vila
Festas de São João	Marco de Canaveses	Alpendorada e Matos



Fim de semana anterior à Páscoa

Entre abril e maio

Quinta-feira anterior à Páscoa

Dia 30

1º fim de semana

Dia 22 ou no domingo seguinte

4 fins de semana, entre maio e junho

1º fim de semana

Último fim de semana

Quarto fim de semana

40 dias após a Páscoa

3º domingo

2º fim de semana

1º ou 2º fim de semana

Cortejo das Flores no dia 29

Semana do Corpo de Deus

1º fim de semana

Semana do Corpo de Deus

Semana do dia 24

1º fim de semana

Dia 29

Semana do dia 24

1º fim de semana

Semana do dia 24



Procissão da S.ª do Salto | Paredes



Mercado Histórico | Lousada



Corpo de Deus | Penafiel. Cavalhada



Procissão de S. Pedro do Campo | Cinfães

**JUNHO**

Feira à Moda Antiga	Amarante	Centro da cidade
Festas do Junho - Romaria a São Gonçalo	Amarante	Centro da cidade
UVVA - Universo do Vinho Verde Amarante	Amarante	Convento de São Gonçalo
Feira Medieval da Villa de Basto	Celorico de Basto	Castelo, Arnoia

JULHO

Descalço - Gala Anual de Estilismo de Calçado	Felgueiras	Centro da cidade
Há Festa na Aldeia	Felgueiras	Burgo, Vila Fria/Pombeiro
Noite Branca	Felgueiras	Lixa
Feira do Século XIX	Lousada	Nespereira
Festa Grande do Concelho de Lousada - Senhor dos Aflitos	Lousada	Centro da vila
Festival Tradicional de Lousada	Lousada	Centro da vila
Feira Medieval	Paços de Ferreira	Centro da cidade
Festas Sebastianas	Paços de Ferreira	Freamunde
Festas de São Miguel - Festas da Cidade	Paredes	Rebordosa
Festas do Divino Salvador - Festas da Cidade e do Concelho	Paredes	Centro da cidade
Festas do Divino Salvador - Festas da Cidade	Paredes	Lordelo
Rebordosa Youth Festival	Paredes	Parque Rio Ferreira, Rebordosa
Dia dos Avós	Penafiel	Parque da Cidade
Feira Medieval de Guilhufe	Penafiel	Guilhufe
Festival da Moura Encantada	Penafiel	Monte Mozinho, Galegos
Festival do Caldo Verde	Penafiel	Írivo
Noite Branca	Penafiel	Centro da cidade
Bienal da Cultura	Castelo de Paiva	Centro da vila
Feira do Vinho Verde, Gastronomia e Artesanato	Castelo de Paiva	Centro da vila
Feira do Vinho, Gastronomia e Atividades	Castelo de Paiva	Santa Maria de Sardoura
ExpoMontemuro - Feira Regional	Cinfães	Centro da vila
FESTemVale	Cinfães	Parq. N.º 5.º Lurdes, Nespereira
Feira de São Cristóvão	Resende	São Cristóvão, Felgueiras
Festa de Santa Marinha	Baião	Santa Marinha do Zézere
Festival do Anho Assado e do Arroz do Forno	Baião	Centro da vila
Festas do Marco	Marco de Canaveses	Centro da cidade
Festival Romano	Marco de Canaveses	Tongobriga, Freixo

UVVA - Universo do Vinho Verde | Amarante



Festival Romano | M. Canaveses





1º fim de semana

Último fim de semana

2º fim de semana

1º fim de semana

3º fim de semana

4º fim de semana

Dia 26

2019, 2021

1º fim de semana

Dia 25

Último fim de semana

Semana do dia 18

Bienal



Feira à Moda Antiga | Amarante



Feira Medieval da Villa de Basto | Cel. Basto



ExpoMontemuro | Cinfães



**JULHO**

Festa Amarantina	Amarante	Centro da cidade
Festa das Papas de Bucho	Amarante	São Veríssimo
Festival Internacional de Guitarra de Amarante	Amarante	Centro da cidade
Mimo Festival	Amarante	Centro da cidade
T' Amaranto - Festival de Teatro de Amarante	Amarante	Centro da cidade
Festas de São Tiago - Festas do Concelho	Celorico de Basto	Centro da vila

AGOSTO

ExpoLixa - Feira de Artesanato e Gastronomia	Felgueiras	Lixa
Festa do Emigrante	Lousada	Parque da Torre de Vilar
Festa do Rio	Lousada	Pias
Festas de Santo Ovídio	Lousada	Aveleda
Romaria da Senhora Aparecida	Lousada	Aparecida, Torno
Capital do Móvel - Feira de Mobiliário e Decoração	Paços de Ferreira	Paços de Ferreira
Citânia Summer Fest	Paços de Ferreira	Ferrara Plaza, Carvalhosa
Festa do Tremoço	Paredes	Centro da cidade
Festas da Cidade de Gandra	Paredes	Gandra
Feira Medieval de Vilela	Paredes	Mosteiro de Vilela
Agrival - Feira Agrícola do Vale do Sousa	Penafiel	Pavilhão de Feiras e Exposições
Feira de São Bartolomeu	Penafiel	Centro da cidade
Noite Vermelha	Penafiel	Centro da cidade
Croka's Rock	Castelo de Paiva	Oliveira do Arda, Raiva
Festival Gerações	Castelo de Paiva	Centro da vila
Romaria de São Domingos da Serra	Castelo de Paiva	Raiva
Douro Green Fest	Cinfães	Mourilhe, S. Cristóvão de Nogueira
Feira dos Produtos Locais e Tradições	Cinfães	Largo do Couto, Souselo
Fim de Semana Radical	Cinfães	Gralheira
Kulverão	Cinfães	Ponte da Balsa, Nespereira
Byonritmos - Festival da Diversidade	Baião	Casa de Chavães, Ovil
Festas de São Bartolomeu - Festas do Concelho	Baião	Centro da vila
Festa da Cerveja, da Francesinha e dos Bons Petiscos	Marco de Canaveses	Centro da cidade
Band'Arte	Amarante	Centro da cidade
Há Fest!	Amarante	Amarante e Vila Meã
Feira de Artesanato e Gastronomia	Celorico de Basto	Centro da vila
Festa de São Bartolomeu do Rego	Celorico de Basto	Rego
Gandarela's Fest	Celorico de Basto	Gandarela de Basto

SETEMBRO

Feira das Tradições	Felgueiras	Centro da cidade
Festas de Nossa Senhora das Vitórias	Felgueiras	Lixa



Último fim de semana

1º domingo

Dia 9

Dias 13, 14 (Procissão) e 15

1º fim de semana

1º fim de semana

1º fim de semana

10 dias, incluindo os dois últimos fins de semana

Dia 24

1º sábado

Dia 4

Último fim de semana

3º fim de semana

Semana anterior ao dia 24

2º fim de semana

Dia 24

2º domingo



Mimo Festival | Amarante



Agrival | Penafiel



Byonritmos | Baião

**SETEMBRO**

Mercado Medieval de Freamunde	Paços de Ferreira	Freamunde
Noite Branca	Paços de Ferreira	Centro da cidade
Indie Music Fest	Paredes	Bosque do Choupal, Baltar
Festa da Papuda	Penafiel	Entre-os-Rios, Eja
Festa do Caldo de Quintandona	Penafiel	Quintandona, Lagares
Festival River Stone	Penafiel	Rio de Moinhos
Termas: Ontem e Hoje	Penafiel	Termas de S. Vicente
Arda d'Ouro - Festival dos Rios e Gastronomia	Castelo de Paiva	Choupal, Pedorido
Romaria de Santa Eufémia	Castelo de Paiva	Paraíso
Festa da Labareda - Festa do Concelho	Resende	Centro da vila
Festival do Peixe do Rio	Resende	Mirão, Resende
Feira do Vinho Verde e das Tasquinhas	Baião	Santa Marinha do Zêzere
Festa da Nossa S. ^{ta} da Natividade do Castelhinho	Marco de Canaveses	Avessadas
Festival do Verde	Marco de Canaveses	Casa do Povo de Soalhões
Mercado Medieval de São Nicolau	Marco de Canaveses	São Nicolau
Festa das Colheitas	Amarante	Vila Chã do Marão
Feira do Mel	Amarante	Rua, Aboadela
Feira Sabores da Terra	Amarante	Candemil
Festa de Nossa Senhora do Viso	Celorico de Basto	Caçarilhe

OUTUBRO

Há Festa na Aldeia	Paredes	Castromil, Sobreira
Escritaria	Penafiel	Centro da cidade
Festa da Nossa S. ^{ta} do Rosário - Festa da Sopa Seca	Penafiel	Duas Igrejas
Festa de São Simão	Penafiel	Urrô
Feira do Século XIX	Castelo de Paiva	Parque das Tílias, Sobrado
Bienal da Pedra	Marco de Canaveses	Alpendorada e Matos
Festa da Castanha	Amarante	Canadelo

NOVEMBRO

Feira de São Martinho	Penafiel	Centro da cidade
Feira da Castanha e Produtos do S. Miguel	Cinfães	Tendais
Festa do Caldo das Coibes	Amarante	Rebordelo
Feira Anual de Santa Catarina	Celorico de Basto	Centro da vila

DEZEMBRO

Feira das Oitavas	Lousada	Recinto da feira
Feira de Chocolate, Aromas e Paladares	Paços de Ferreira	Centro da cidade
Romaria de Santa Luzia	Paços de Ferreira	Freamunde
Semana Gastronómica do Capão à Freamunde	Paços de Ferreira	Restaurantes aderentes
Gralheira - Aldeia do Pai Natal	Cinfães	Gralheira



1º fim de semana

1º fim de semana

3º fim de semana

1º fim de semana

Dias 14, 15 e 16

Semana anterior ao dia 29

1º fim de semana

Dia 8

1º fim de semana

Fim de semana após o dia 8

1º fim de semana

Dia 28

2º domingo

2020, 2022

Último domingo

Entre os dias 10 e 20

2º fim de semana

1º ou 2º fim de semana

Dia 25

Dia 26

Dia 13

Entre os dias 1 e 13

2 últimos fins de semana



Procissão de S.^{ta} Eufémia | C. Paiva



Gralheira - Aldeia do Pai Natal | Cinfães



Endoenças | M. Canaveses/Penafiel



Festival de Camélias | Lousada



Feira do Séc. XIX | C. Paiva



Folia | Lousada



Festas de S. Pedro | Felgueiras. Cortejo das Flores



Indie Music Fest | Paredes



Mercado Medieval de



Festas do Junho | Amarante



Feira de S. Martinho | Penafiel



Festival da Cereja | Resende



S. Nicolau | M. Canaveses



Sebastianas | P. Ferreira.



EXPERIÊNCIAS

Que
tal...

Uma visita guiada à Rota do Românico e à História de Portugal? Uma caminhada, um trail ou um percurso de BTT em plena natureza? Um cruzeiro no fascinante rio Douro? Uma radical descida de *rafting*? Aulas de iniciação à arte equestre ou ao golfe? Um passeio de comboio na centenária Linha do Douro? Uma rejuvenescedora sessão termal ou de *spa*? Estas são apenas algumas das muitas atividades que o território da Rota do Românico tem para lhe oferecer. Não acredita? Venha connosco...

Rio Ovelha | M. Canaveses. Ponte do Arco





Rota do Românico



O contacto com o património cultural e paisagístico proporciona descobertas surpreendentes e inesquecíveis. Para tornar essas experiências ainda mais enriquecedoras, os serviços técnicos da Rota do Românico poderão oferecer-lhe, a si e a toda a sua família e amigos, visitas orientadas aos centros de interpretação e monumentos do projeto, bem como estimulantes oficinas de carácter lúdico-pedagógico e percursos pedestres temáticos.

Para estadias mais prolongadas, sugerimos a consulta do nosso sítio da internet, em www.rotadoromânico.com, para ficar a conhecer os diversos programas turísticos que preparamos especialmente para si.

Não se esqueça também que, ao longo do ano, a Rota do Românico dinamiza vários eventos culturais (música, teatro, dança, exposições...) nos seus elementos patrimoniais e noutros locais do território dos seus 12 municípios. Enfim, razões de sobra para visitar a Rota do Românico! Contacte-nos (p. 25)!



Igreja de Cabeça Santa | Penafiel



Igreja de Ribas | Cel. Basto

Passeios na Linha do Douro

Os primeiros troços da linha ferroviária do Douro, a partir da cidade do Porto, foram inaugurados no já longínquo ano de 1875. Contudo, tal como no século XIX, este caminho de ferro continua a apresentar-se como um dos meios de deslocação mais interessantes para (re)descobrir o vale encantado do rio Douro até ao Pocinho (V. N. Foz Côa), sobretudo para todos aqueles viajantes que o preferem fazer, hoje, de uma forma mais descontraída e ambientalmente mais sustentável, sem o recurso ao transporte rodoviário.

A Linha do Douro cruza o território da Rota do Românico, passando pelos municípios de Paredes, Penafiel, Lousada, Amarante, Marco de Canaveses e Baião. Não poderíamos ficar indiferentes a este privilégio, pelo que, no quadro da próxima página, sugerimos os monumentos da Rota do Românico e outras atrações do “A Não Perder” (p. 251) deste Guia que se localizam a menos de 3 km de alguma estação daquela Linha. Saia, por exemplo, em Cête, e visite o Mosteiro de Paço de Sousa (p. 90), que se situa a 1,4 km da estação, ou então, percorra os 3 km que separam



Estação de Aregos | Baião

a estação de Aregos da Casa de Tormes (Fundação Eça de Queiroz) (p. 273), tal como Jacinto no romance queirosiano *A cidade e as serras*.

Consulte os horários disponíveis no sítio da internet da CP – Comboios de Portugal (www.cp.pt), relativos à Linha do Douro (Porto-Marco ou Porto-Réguas/Pocinho), agende a sua viagem e, depois, a pé ou de táxi, aceda aos destinos propostos. Para mais informações, bem como para garantir a abertura dos monumentos e o eventual acompanhamento técnico da sua visita, contacte os serviços da Rota do Românico (p. 25).

Rio Douro | Linha ferroviária





LINHA DO DOURO: ESTAÇÕES E LOCAIS DE INTERESSE



(até 3 km)

Recarei-Sobreira (Paredes)	Minas de Ouro de Castromil (p. 259), a 1,7 km; Quintandona - Aldeia de Portugal (p. 263), a 3 km
Cête (Paredes)	Ermida do Vale (p. 87), a 0,7 km; Mosteiro de Paço de Sousa (p. 90), a 1,4 km; Mosteiro de Cête (p. 78), a 2,0 km; Memorial da Ermida (p. 96), a 2,5 km
Paredes	Circuito de Arte Pública de Paredes (p. 259), a 0,07 km
Penafiel	Museu Municipal de Penafiel (p. 262), a 2,3 km; Quinta da Aveleda (p. 261), a 2,5 km
Meinedo (Lousada)	Igreja de Meinedo (p. 60), a 0,1 km; Ponte de Espindo (p. 64), a 1,6 km; Ponte de Vilela (p. 58), a 3 km
Caíde (Lousada)	Rotas Gourmet (Casa de Vila Verde) (p. 254), a 1,3 km
Vila Meã (Amarante)	Igreja de Real (p. 209), a 3 km
Livração (Marco de Canaveses)	Igreja de Santo Isidoro (p. 173), a 1,6 km
Marco de Canaveses	Igreja de Santa Maria (p. 275), a 1,4 km; Museu Municipal Carmen Miranda (p. 274), a 1,5 km; Igreja de Tabuado (p. 188), a 2,6 km; Igrejas de São Nicolau e Sobretãmega (p. 176), a 3 km
Mosteirô (Baião)	Porto Manso - Aldeia de Portugal, a 0,9 km; Boassas - Aldeia de Portugal (p. 267), a 2,7 km; Mosteiro de Ancede (p. 139), a 3 km
Aregos (Baião)	Fundação Eça de Queiroz (p. 273), a 3 km

Cruzeiros no Douro

O vale do rio Douro apresenta uma beleza singular, mundialmente reconhecida. Partir à descoberta desse majestoso cenário a bordo de uma embarcação fluvial, constituirá, seguramente, uma experiência diferente e memorável. Os municípios de Penafiel, Marco de Canaveses e de Baião, na margem norte, e os de Castelo de Paiva, Cinfães e de Resende, na margem sul, que fazem parte da área abrangida pela Rota do Românico, são delimitados pelo Douro e detêm miradouros privilegiados sobre o mesmo. Uma das maiores eclusas da Europa, com um desnível de 35 metros, pertence à barragem de Carrapatelo (p. 293), que une, ao km 64,50, os municípios de Marco de Canaveses e Cinfães. Foi inaugurada em 1972.

Por outro lado, poderá ser uma oportunidade para aceder e visitar, de uma forma alternativa, alguns dos monumentos da Rota do Românico, designadamente os que fazem parte do denominado percurso “Vale do Douro” (p. 98), a partir das principais marinas deste território, como Entre-os-Rios, Bitetos, Porto Antigo e Caldas de Aregos. O Mosteiro de Cárquere (p. 121), por exemplo, tem vindo a receber, de forma regular, a partir do cais de Caldas de Aregos, visitantes provenientes do Porto com destino à Régua e a Barca d’Alva (Figueira de Castelo Rodrigo). As propostas turísticas das empresas que operam no Douro são diversificadas, quer na duração e itinerários das viagens, quer no preço e serviços disponibilizados.



Rio Douro | Resende, Caldas de Aregos

Numa boa parte dos programas, um dos itinerários é efetuado através de comboio, tornando a experiência ainda mais completa e apaixonante. Consulte as ofertas dos operadores e escolha um programa à sua medida. Os cerca de 200 km do rio Douro, em território nacional, aguardam a sua visita...

Uma opção mais simples, mas não menos recomendável, passa por um simpático passeio a bordo da “Barca d’Aregos”, memória das seculares “barcas de por Deus”. Com partida de Caldas de Aregos, tem capacidade para 12 passageiros. Boa viagem!

RIO DOURO: MARINAS (no território da Rota do Românico)



Pedorido	38,5 - ME	Castelo de Paiva	41° 02' 47.77" N	8° 22' 32.87" O
Rio Mau	38,6 - MD	Penafiel	41° 03' 06.36" N	8° 22' 33.34" O
Douro41	41,0 - ME	Castelo de Paiva	41° 02' 18.98" N	8° 21' 05.74" O
Sebolido	43,5 - MD	Penafiel	41° 03' 14.33" N	8° 20' 04.86" O
Midões	43,5 - ME	Castelo de Paiva	41° 03' 13.04" N	8° 19' 51.16" O
Entre-os-Rios	48,5 - MD	Penafiel	41° 04' 58.28" N	8° 17' 35.85" O
Torrão	48,6 - MD	Marco de Canaveses	41° 04' 52.56" N	8° 17' 26.31" O
Castelo	52,3 - ME	Castelo de Paiva	41° 03' 53.52" N	8° 15' 49.48" O
Bitetos	52,6 - MD	Marco de Canaveses	41° 04' 16.50" N	8° 15' 33.10" O
Escamarão	52,6 - ME	Cinfães	41° 04' 08.78" N	8° 15' 36.40" O
Pala	69,5 - MD	Baião	41° 06' 09.75" N	8° 05' 30.16" O
Porto Antigo	71,3 - ME	Cinfães	41° 05' 20.84" N	8° 04' 47.89" O
Caldas de Aregos	77,4 - ME	Resende	41° 06' 06.20" N	8° 00' 44.74" O
Ermida	83,6 - MD	Baião	41° 07' 26.94" N	7° 57' 00.64" O
Mogueira	83,6 - ME	Resende	41° 07' 20.09" N	7° 56' 56.63" O
Porto de Rei	87,0 - ME	Resende	41° 07' 08.35" N	7° 54' 43.86" O



CRUZEIROS NO DOURO: OPERADORES TURÍSTICOS



AmDouro	Largo Miguel Bombarda, 16, 1º F, V. N. Gaia	223 740 110	www.amdouro.com
Ânima Durius	Quinta dos Poços, Valdigem, Lamego	222 437 928	www.animadurius.pt
Barca d'Aregos	Caldas de Aregos, Resende	913 058 031	www.cm-resende.pt
Barcadouro	Av. Ramos Pinto, Lj. 240, V. N. Gaia	223 722 415	www.barcadouro.pt
Douro à Vela	Lugar da Curvaceira, Penajoia, Lamego	918 793 792	www.douro-a-vela.pt
Douro Acima	Rua dos Canasteiros, 40, Porto	222 006 418	www.douroacima.pt
Douro Azul	Rua de Miragaia, 103, Porto	223 402 500	www.douroazul.pt
Douro Verde	Av. da Galiza, Ed. Douralto, 6º Fr., P. Régua	254 322 858	www.douoverde.com
Douro Vou	Porto Antigo, Cinfães	938 014 068	loja.douro.biz
Feeldouro	Rua da Praia, V. N. Gaia	220 990 922	www.feeldouro.com
Manos do Douro	Av. Diogo Leite, 408, V. N. Gaia	223 754 376	www.manosdodouro.net
Pipadouro	Rua Azevedo Magalhães, 314, V. N. Gaia	226 179 622	www.pipadouro.pt
Rentdouro	Rua Santa Luzia, 243, S. Pedro da Cova	224 646 352	www.rentdouro.com
Rota do Douro	Av. Diogo Leite, 438, V. N. Gaia	223 759 042	www.rotadodouro.pt
Tomaz do Douro	Praça da Ribeira, 5, Porto	222 081 935	www.tomazdodouro.pt

Rio Douro | Cruzeiro



Pedestrianismo

São múltiplas as razões que tornam irresistíveis as caminhadas no território da Rota do Românico: a simpatia e o saber das populações locais; os centros urbanos plenos de história e arquitetura; as inconfundíveis aldeias de montanha e de Portugal; os verdejantes vales (dos rios Bestança, Cabrum, Douro, Ovelha, Ovil,

Paiva, Sousa, Tâmega, Vizela...); as excecionais paisagens serranas da Aboboreira, da Lameira, do Marão, de Montedeiras e de Montemuro; a deslumbrante ecopista na antiga linha ferroviária do Tâmega. E por que não aliar o pedestrianismo convencional às novas emoções proporcionadas pelo *geocaching*?...



FELGUEIRAS

Caminhos Medievais - PR1	C	6,2	41° 23' 34.84" N	8° 13' 45.92" O
Caminhos Verdes - PR2	C	3,7	41° 23' 34.84" N	8° 13' 45.92" O

LOUSADA

Caminho do Românico - CR1	C	20,1	41° 16' 35.81" N	8° 16' 37.45" O
Caminho do Românico - CR2	C	17,2	41° 16' 35.81" N	8° 16' 37.45" O
Ecopista - Circuito Pedonal de Lousada	C	4,1	41° 16' 53.08" N	8° 16' 46.39" O
Percurso de Santa Águeda a Requeixos	L	8,2	41° 18' 39.24" N	8° 18' 45.30" O
Percurso do Rio Sousa	C	5,1	41° 16' 0.61" N	8° 14' 46.61" O

PAREDES

Caminhos de Sobrosa	L	6,0	41° 14' 54.58" N	8° 21' 4.73" O
Trilho da Peregrinação	L	2,1	41° 07' 42.49" N	8° 26' 0.74" O
Trilho de Alvre	C	3,5	41° 07' 42.49" N	8° 26' 0.74" O

PENAFIEL

Caminho dos Moinhos - PR1	C	3,0	41° 6' 36.50" N	8° 21' 27.56" O
Caminhos do Rio Mau - PR2	C	7,6	41° 3' 12.87" N	8° 22' 10.62" O
Itinerário Arqueológico do Vale do Tâmega	L	3,5	41° 09' 5.91" N	8° 14' 45.33" O
Rota das Igrejas da Cidade de Penafiel	C	3,0	41° 12' 23.95" N	8° 17' 0.98" O

CASTELO DE PAIVA

Ilha dos Amores - PR1	C	7,2	41° 03' 53.84" N	8° 15' 45.44" O
Percurso Viver o Douro	L	10,7	41° 2' 55.65" N	8° 22' 32.45" O
Rota Pedestre das Origens de Santo António	L	5,9	41° 2' 42.16" N	8° 16' 24.35" O

CINFÃES

Caminho do Prado - PR1	C	6,7	41° 02' 33.08" N	8° 03' 40.26" O
Rota do Vale - PR2	L	18,8	41° 02' 33.08" N	8° 03' 40.26" O

T (Tipo): C - Circular; L - Linear.



Serra de Montedeiras | M. Canaveses



Rio Bestança | Cinfães. Ponte de Covelas



Parque de Campismo, Rua da Raposeira, Vila Fria

Mosteiro de Pombeiro (p. 30); Núcleo Rural do Burgo (p. 36)

Parque de Campismo, Rua da Raposeira, Vila Fria

Núcleo Rural do Burgo (p. 36)

Parque Urbano Dr. Mário Fonseca, Lousada

Ig. Aveleda; Ponte Veiga; S.^{ra} Aparecida; T. Vilar; Ponte Vilela

Parque Urbano Dr. Mário Fonseca, Lousada

Ig. Aveleda; Ponte de Vilela; Ig. Meinedo; Ponte de Espindo

Centro da vila, Lousada

Centro de Interpretação do Românico (p. 26 e 254)

Capela de S.^{ta} Águeda, Sousela / Requeixos, Lustosa

Capela de S. Bartolomeu, Vilela, Aveleda

Jardim de Soverosa, Sobrosa

Senhora do Salto / Igreja de Senande, Aguiar de Sousa

Parque da Senhora do Salto (p. 258)

Senhora do Salto, Aguiar de Sousa

Parque da Senhora do Salto (p. 258)

Parque de Merendas, Capela

Parque de Lazer, Rio Mau

Menir / Gravuras Rupestres de Lomar, Luzim

Largo da Misericórdia, Penafiel

Museu Municipal de Penafiel (p. 262)

Cais do Castelo, Fornos

Ilha do Castelo (p. 264)

Praia do Choupal, Pedorido / S.^{ta} Maria de Sardoura

Percurso Viver o Douro (p. 265)

Parque das Tílias / Marmoiral, Sobrado

Marmoiral de Sobrado (p. 104)

Largo da Nogueira, Vila de Muros, Tendais

L. Nog., V. de Muros, Tendais / Portas Montemuro, Alhões

**CINFÃES**

Vale de Aveloso - PR3	C	10,7	41° 02' 49.02" N	8° 3' 0.66" O
Encostas da Serra - PR4	C	8,1	40° 59' 57.43" N	8° 0' 57.51" O
Caminho das Portas - PR5	C	5,4	40° 59' 24.32" N	8° 0' 46.95" O
Caminho da Vila - PR6	L	2,7	41° 4' 25.39" N	8° 5' 25.53" O
Caminho do Colmo - PR7	C	15,5	41° 00' 03.1" N	8° 00' 48.0" O
Caminho do Paço - PR8	C	20,1	41° 4' 54.29" N	8° 4' 15.85" O
Caminho do Castelo - PR9	C	20,7	41° 0' 6.45" N	8° 9' 45.94" O
Grande Rota de Montemuro (CNF-RSD) - GR47	L	57,0	41° 0' 3.97" N	8° 10' 39.11" O
Grande Rota de Montemuro (Variante) - GR47-2	L	9,1	41° 04' 19.6" N	8° 05' 21.4" O

RESENDE

Vale do Cabrum Superior - PR1	C	8,9	41° 03' 02.6" N	7° 58' 39.2" O
Encostas da Terra Fértil - PR2	C	6,1	41° 03' 54.3" N	7° 55' 56.9" O
Lagoa de D. João - PR3	C	15,6	41° 01' 58.8" N	7° 55' 25.3" O
Grande Rota de Montemuro (Variante) - GR47-1	L	13,9	41° 06' 23.5" N	7° 57' 50.0" O
A Rota dos Cerejais	C	5,7	41° 07' 07.1" N	7° 54' 52.5" O
No Lenteiro do Olho Marinho	L	2,6	41° 00' 50.5" N	7° 58' 10.8" O

BAIÃO

Trilho das Florestas Naturais - PR1	C	11,7	41° 10' 54.06" N	8° 00' 52.28" O
Rio Ovil - Suas Levadas e Moinhos - PR3	C	0,7	41° 06' 28.90" N	8° 03' 49.30" O
Trilho dos Dólmens - PR4 (BAO-MCN-AMT)	C	11,2	41° 09' 33.03" N	8° 02' 16.90" O
Caminho de Jacinto	L	3,0	41° 06' 23.34" N	8° 00' 26.55" O
Cam. Santiago - Caminho de Torres (BAO-AMT-FLG)	L	55,0	41° 10' 26.59" N	7° 53' 54.98" O
Todos os Caminhos Levam a Roma	L	3,0	41° 06' 7.26" N	8° 03' 25.05" O

MARCO DE CANAVESES

Pedras, Moinhos e Aromas de Santiago - PR1	C	15,0	41° 09' 37.94" N	8° 05' 48.39" O
Dois Rios, Dois Mosteiros - PR2	L	12,0	41° 07' 49.40" N	8° 13' 13.79" O
Caminho do Rio: do Douro à Serra - PR3	L	9,5	41° 07' 41.92" N	8° 08' 57.18" O
Caminhos de Canaveses - PR5	C	8,0	41° 11' 48.83" N	8° 09' 35.86" O
Caminhos de Tongobriga - PR6	C	8,0	41° 09' 30.04" N	8° 08' 48.85" O
Aldeias e Margens do Rio Ovelha - PR7 (MCN-AMT)	C	13,7	41° 12' 13.53" N	8° 06' 47.90" O

AMARANTE

Rota do Marancinho - PR1	C	6,0	41° 15' 48.73" N	8° 01' 53.19" O
Rota de São Bento - PR2	C	12,0	41° 16' 38.36" N	7° 59' 43.82" O
Covelo do Monte - PR3	C	7,0	41° 18' 0.17" N	7° 57' 6.17" O
Trilho dos Caminhos de Água - PR5 (AMT-BAO)	C	10,4	41° 13' 27.83" N	8° 01' 6.33" O
Rio Marão - PR6	C	14,3	41° 14' 55.5" N	7° 57' 14.7" O
Ecopista do Tâmega (AMT-CB)	L	39,2	41° 16' 23.17" N	8° 05' 1.24" O

CELORICO DE BASTO

À volta do Castelo e "Villa de Basto" - PR1	C	11,0	41° 21' 49.67" N	8° 03' 16.30" O
---	---	------	------------------	-----------------



Junta de Freguesia de Tendais	
Eira da Laje, Bustelo	
Parque de Lazer, Alhões	
Loja Turismo, Cinfães / CI Vale do Bestança, Pias	
Bustelo	Vale de Papas (p. 268); P. Panchorra (p. 119); Gralheira (p. 267)
Largo do Pelourinho, Boassas	Boassas - Aldeia de Portugal (p. 267)
Parque da Nossa S. ^{ra} de Lurdes, Nespereira	
Lg. Feira, Nespereira, Cinfães /Porto de Rei, Resende	Gralheira (p. 267); Igreja de São Martinho de Mouros (p. 126)
Vila de Cinfães / Casais, Tendais	Museu Serpa Pinto (p. 266)
Estrada M554, perto da Ponte de Ovadas	
Junta de Freguesia de Felgueiras	
Centro Interpretativo do Montemuro, Feirão	Ponte da Panchorra (p. 119)
Vila de Resende / Feirão	Museu Mun. Resende (p. 269); Mosteiro de Cárquere (p. 121)
Parque Fluvial de Porto de Rei, S. João de Fontoura	
Capela do Bom Sucesso, Panchorra	Ponte da Panchorra (p. 119)
Igreja de São João, Rua da Igreja, Ovil	
Lugar da Ponte Nova, Penalva de Baixo, Ancede	
Centro de Interpretação, Almofrela, Campelo	Almofrela (p. 272); Conj. Megalítico S. da Aboboreira (p. 272)
Est. de Aregos / Fund. Eça de Queiroz, S. ^{ra} Cruz Douro	
Teixeiró, Baião / Vila Fria, Felgueiras	Amarante/Ecopista; I. Telões; Pão de Ló Margaride; M. Pombeiro
Mosteiro de Ancede / Porto Manso, Ribadouro	Most. de Ancede (p. 139); Centro Int. Vinha e do Vinho (p. 142)
Igreja de São Martinho, Soalhães	Igreja de Soalhães (p. 184); Almofrela (p. 272)
Mosteiro de V. B. do Bispo / Mosteiro de Alpendorada	Mosteiro de Vila Boa do Bispo (p. 163)
Parque de Montedeiras / Vimieiro, Sande	
Parque Fluvial do Tâmega, Sobretâmega	Igreja de Sobretâmega (p. 176); Canaveses (p. 182)
Rua da Associação Recreativa do Freixo, Freixo	Cidade Romana de Tongobriga (p. 275)
Igreja de Várzea da Ovelha	Ponte do Arco (p. 193)
Lugar do Mosteiro, Gondar	Igreja de Gondar (p. 202)
Praia Fluvial de Rua, Aboadela	Ponte de Fundo de Rua (p. 199); Lugar da Rua (p. 201)
Covelo do Monte, Aboadela	
Carvalho de Rei	
Ansiães	
Amarante / Celorico de Basto / Arco de Baúlhe	Ecopista do Tâmega (p. 279, 282); Igreja de Gatão (p. 232)
Centro Interpretativo do Castelo de Arnoia	Castelo de Arnoia (p. 236); Centro Int. Castelo Arnoia (p. 239)

Trail Running

Correr e caminhar por trilhos num ambiente natural, em terrenos montanhosos, e com desníveis bastante acentuados, são os desafios mais comuns associados ao *trail running*, um desporto cujo número de competições e atletas tem crescido exponencialmente em Portugal e no resto do mundo. O território da Rota do Românico não tem escapado a esta tendência, sendo já cerca de três dezenas

as provas aqui realizadas, com diferentes distâncias e níveis de dificuldade...

Estas provas incluem, quase sempre, também uma caminhada, pelo que não terá argumentos para recusar este convite para a fruição da natureza, em alegre convívio. Confira, infra, o calendário dos principais eventos de *trail running* desta região e aventure-se!



JANEIRO

Trail do Capitão	Paredes	Rebordosa
------------------	---------	-----------

FEVEREIRO

Travessia Integral Serra de Montemuro	Cinfães	Centro da vila
Douro River Trail	Marco de Canaveses	Sandé

MARÇO

Trail dos Bombeiros Voluntários de Cête	Paredes	Cête
Ultra Trail do Marão	Amarante	Centro da cidade

ABRIL

Trail Lagares	Penafiel	Lagares
Trail Rota das Capelas	Marco de Canaveses	Soalhães
Marão Vertical Race	Amarante	Ansiães

MAIO

Trail Santa Marta	Paredes	Álvre, Aguiar de Sousa
Trail Bem Viver	Marco de Canaveses	Magrelos
Trail Villa de Basto	Celorico de Basto	Centro da vila

JUNHO

Trail Monte do Seixoso	Felgueiras	Lixa
Trail Foge Foge Capão	Paços de Ferreira	Freamunde
Trail S. Pedro	Paredes	Sobreira
Trail Terras do Conde	Castelo de Paiva	Oliveira do Arda, Raiva
Marão Trail Adventure	Baião	Teixeira
Trilhos da Aboboreira	Amarante	Gondar

**JULHO**

Poço Negro Trail	Penafiel	Rio Mau
Ultra Trail Douro Paiva	Cinfães	Centro da vila

SETEMBRO

Trail S.º do Salto	Paredes	Recarei
Free Trail da Festa das Colheitas	Amarante	Vila Chã do Marão
Marão Sky Up	Amarante	Ansiães

OUTUBRO

Trail Amigos do Aliança	Paredes	Gandra
Trail do Monte Meda	Paredes	Lordelo
Trail d'Egas	Penafiel	Paço de Sousa
Trail Tongobriga	Marco de Canaveses	Freixo
Sem Limites Trail - Aldeias do Vale do Ôlo	Amarante	Fridão

NOVEMBRO

Por Trilhos de Lousada	Lousada	Centro da vila
Trail Boneca D'Ouro	Penafiel	Sebolido
Trail Clube Trilheiros & Amigos	Paços de Ferreira	Ferreira
Trail do Rio Paiva	Cinfães	Souselo
Free Trail da Festa do Caldo das Coibes	Amarante	Rebordelo

DEZEMBRO

Trail da Raposa	Paredes	Centro da cidade
Amarante Christmas Trail	Amarante	Aboadela

BTT



Rio Sousa | Paredes. Acesso à Torre de Aguiar de Sousa

A morfologia acidentada do território da Rota do Românico oferece as condições ideais para a prática do ciclismo em bicicleta de todo o terreno (BTT) ou de montanha. Os percursos existentes, plenos de obstáculos e dificuldades, garantem experiências de total diversão e adrenalina, combinadas com visões arrebatadoras do vasto património natural, paisagístico e cultural que caracteriza a Rota do Românico.

Entre os diversos projetos e clubes de BTT da região, o **Rota do Românico em BTT** merece uma referência especial. Criado e dinamizado pelo grupo penafidense

BTT Kunalama, este projeto tem vindo a definir e a apresentar um conjunto de percursos, por trilhos e caminhos rurais, unindo vários monumentos da Rota do Românico. Mais informações em www.rotadoromânicoembtt.pt.

Destacamos, igualmente, o projeto **Trilhos Verdes BTT** que tem como cenário as verdejantes paisagens de Castelo de Paiva, desfrutando dos seus caminhos



Trilhos Verdes BTT | C. Paiva



municipais, rurais e florestais. Estão já operacionais dois percursos circulares, o Trilho das Vinhas (12,7 km) e o Trilho do Mineiro (31 km). Mais informações em www.cm-castelo-paiva.pt.

Para calcorrear a serra de Montemuro - a oitava maior elevação de Portugal Continental - e os seus principais vales (Paiva, Bestança e Cabrum), conte com o auxílio dos **Centros de BTT do Montemuro**, localizados na Gralheira (Cinfães) e em Feirão (Resende), bem como do Centro de Apoio ao Turismo Ativo de Felgueiras (Resende). Para mais informações, consulte os sítios da internet daqueles municípios.

O **Centro BTT de Baião**, localizado no Centro Hípico Municipal, é o ponto de partida de quatro trilhos sinalizados em direção às serras da Aboboreira, do Castelo de Matos e do Marão, num total de 123 km. Todas as informações em www.cm-baiiao.pt.

Por outro lado, desde 2013 que a rede nacional do projeto **Bikotel**[®] conta com unidades de alojamento do território da

Rota do Românico. O Bikotel é uma unidade de alojamento com boas práticas no acolhimento de ciclistas, que traduz um conjunto de serviços especialmente criado a pensar nas necessidades daqueles para quem andar de bicicleta (de estrada ou montanha) é a coisa mais importante do mundo. Estas unidades garantem, entre outros serviços: parque de estacionamento exterior de bicicletas, garagem para bicicletas, condições para a lavagem da roupa do ciclista e das bicicletas, ementas adequadas a ciclistas (com pratos ricos em hidratos de carbono e reforço de vegetais e frutas a todas as refeições), pequena oficina com ferramentas básicas e enchimento de ar para pneus, percursos de BTT e/ou cicloturismo disponíveis (mapas, dados técnicos e *tracks* GPS). Para obter todas as informações do projeto Bikotel, visite o sítio www.bikotels.com, e, para conhecer as unidades de alojamento desta região que dele fazem parte, consulte o capítulo Onde Dormir (p. 362) deste Guia.



Turismo Equestre



Centro Hípico Assinatura de Mestre | Felgueiras



Na Rota do Românico poderá encontrar também um conjunto de centros hípicos que lhe proporcionarão, seguramente, uma experiência diferente e cativante. Quer seja já um mestre na arte de “bem cavalgar toda a sela” ou um mero curioso que deseja iniciar-se na atividade

equestre, os diversos centros hípicos deste território possuem todos os serviços para as suas necessidades e anseios. Passeios a cavalo, aulas de equitação, sessões de hipoterapia, espetáculos e provas equestres estão à sua espera...

CENTROS HÍPICOS



Centro Hípico Assinatura de Mestre	Quinta dos Gansos Souto, Semande, Felgueiras	912 173 895	www.assinaturademestre.pt
Centro Hípico da Quinta da Granja	Quinta da Granja Várzea, Felgueiras	963 053 665	www.quinta-da-granja.com
Centro Hípico e Turístico Vale do Sousa	Rua Coração de Jesus 620, Covas, Lousada	965 540 856	www.chtvaledosousa.pt
Centro Equestre da Quinta do Rochão	Rua de Vilar S. Martinho de Recesinhos, Penafiel	911 840 214	
Centro Hípico da Casa de Gatão	Rua de Gatão, 59 S. Martinho de Recesinhos, Penafiel	255 732 781	www.quintadegatiao.com
Centro Hípico de Penafiel	Lugar de Pala Santa Marta, Penafiel	961 720 867	
Centro Hípico de Baião	Lugar do Fulgueirão Campelo, Baião	939 994 092	www.chbaiao.blogspot.pt
Centro Hípico EPAMAC	Escola Prof. de Agricultura e Desenv. Rural, Rua da Igreja, 78, Rosém Marco de Canaveses	255 534 049	www.epamac.com



Golfe

O golfe constitui uma atividade com um número crescente de adeptos, aliando o exercício físico, o lazer e muita descontração. Para os mais experientes ou para aqueles que se querem iniciar na modalidade, o território da Rota do Românico apresenta-lhe três campos de golfe preparados para o receber e tratar como merece. O Golfe de Amarante, junto ao rio Tâmega, foi inaugurado em 1997. Para além de ser o campo mais antigo da região, é também o que apresenta as maiores dimensões, com os seus 18 buracos. O Aviz Golf, em Paços de Ferreira, e o Campo do Aqueduto, em Paredes, oferecem-lhe nove buracos, envolvidos



por uma paisagem rural onde reinam a tranquilidade e o ar puro. Em qualquer uma das opções, poderá ainda usufruir dos serviços de bar e restauração, ou, simplesmente, tomar um banho de sol nas esplanadas...

CAMPOS DE GOLFE



Aviz Golf Club	Hotel Q. ^{ta} do Pinheiro, Rua de Miraldo 262, Freamunde, Paços de Ferreira	255 878 524	www.avizgolfclub.com
Paredes Golfe Clube	Campo de Golfe do Aqueduto Vila Cova de Carros, Paredes	925 981 278	www.paredesgolfeclube.pt
Golfe de Amarante	Quinta da Deveza Fregim, Amarante	255 446 060	www.golfedeamarante.com



Paredes Golfe Clube | Paredes

Termas e spas



Termas de Entre-os-Rios | Penafiel

Para recuperar forças do extenuante quotidiano, sugerimos-lhe, na Rota do Românico, um programa que inclui uma rejuvenescedora sessão de *spa* numa das modernas unidades hoteleiras (p. 362) ou um tratamento termal numa das estâncias da região, famosas pela qualidade das suas águas: Amarante (p. 280), Caldas de Aregos (p. 270), Entre-os-Rios e São Vicente.

Tratamentos de *jacuzzi*, cascatas, banhos de aromaterapia, massagens com pedras quentes e vinoterapia, constituem apenas alguns dos múltiplos serviços prestados, numa combinação perfeita de saúde e lazer. Sozinho ou acompanhado, numa estadia curta ou prolongada, esta será uma dádiva que o seu corpo e alma lhe agradecerão eternamente...

TERMAS



Entre-os-Rios	INATEL EN 106, km 39, Eja, Penafiel	255 616 059	www.inatel.pt
São Vicente	Termas de São Vicente Penafiel	255 617 080	www.termasdesaovicente.pt
Caldas de Aregos (p. 270)	Balneário Rainha D. Mafalda Caldas de Aregos, Resende	254 875 259	www.termas-caldasdearegos.com
Amarante (p. 280)	Rua Tenente Laranjeira, 224 Amarante	914 371 333	www.termasdeamarante.pt

Termas de São Vicente | Penafiel





Trial 4x4



Rio Sousa | Paredes. Canoagem



Extreme XL Lagares | Penafiel



Rio Paiva | Rafting



Rali



Karting



Rio Ardena | Cinfães. Canyoning



Rio Douro | Motonáutica



Eurocircuito da Costilha | Lousada



Passeios TT



Rio Tâmega | Penafiel. Ponte Duarte Pacheco





Entregue-se aos pequenos prazeres da vida. Prove os tentadores paladares regionais ou delicie-se com os sabores *gourmet* da requintada cozinha de autor. Não se esqueça de acompanhar sempre com o divinal Vinho Verde da região.

Para além da afamada doçaria, não deixe de provar também algumas das frutas que marcam o território da Rota do Românico, como as cerejas de Resende, as laranjas da Pala (Baião) e os melões casca de carvalho do Vale do Sousa.

GASTRONOMIA

ANHO ASSADO COM ARROZ DE FORNO

Embora o anho, também conhecido como borrego, carneiro ou cordeiro, seja um prato conhecido em diversas regiões, este tem um sabor especial. Porquê? Por ser confeccionado em alguidares de barro em fornos de lenha, com muita dedicação e saber...



ARROZ DE CABIDELA DE FRANGO "PICA NO CHÃO"

A arte da cozinheira está no perfeito equilíbrio entre a gordura, o vinagre, o sangue e o arroz solto e bem cozido. O frango quer-se caseiro, merecedor do epíteto de pica no chão. Rijo de carnes e encorpado no tamanho.

ARROZ DE ABA (DE CARNE AROUQUESA)

Cozinhada com lume tradicional e, de preferência, com um condimento rico em nutrientes vegetais, esta maravilha provoca uma infinidade de sensações em cada toque. E os vários molhos completam, em sintonia, uma experiência certamente inesquecível.

ARROZ DE FAVAS COM FRANGO ALOURADO

“(…) e pousou sobre a mesa uma travessa a transbordar de arroz com favas. Que desconsolo! Jacinto, em Paris, sempre abominara favas!... Tentou todavia uma garfada tímida – e de novo aqueles seus olhos, que o pessimismo enevoara, luziram, procurando os meus. Outra larga garfada, concentrada, com uma lentidão de frade que se regala. Depois um brado: - Ótimo!... Ah, destas favas, sim! Oh que fava! Que delícia! (...)”. É desta forma que Eça de Queiroz (p. 273), no romance *A cidade e as serras*, descreve o célebre arroz de favas de Tormes, em Baião. Precisa de mais algum incentivo?



BACALHAU ASSADO

Existem inúmeras formas de cozinhar o bacalhau. Uma das mais simples, mas também das mais saborosas, é assado na brasa, acompanhado de batatas cozidas, cebola às rodelas, tudo bem regado com azeite de qualidade. Outra especialidade é coberto com broa gratinada no forno, conhecido por bacalhau com migas. Poderá também ser apresentado com puré de batata. Difícil é escolher...



CABRITO ASSADO

Este muito apreciado prato adquire um particular sabor nas áreas mais montanhosas do território da Rota do Românico, nomeadamente na serra de Montemuro, em Cinfães e Resende.



ROJÕES

Este prato é muito apreciado em toda a região abrangida pela Rota do Românico. Simples, com castanhas ou com arroz de sarrabulho, quem por aqui passar, dificilmente resistirá a esta carne de porco.



CAPÃO À FREAMUNDE

Um típico prato da cozinha de Freamunde, em Paços de Ferreira. Ainda jovens, estes frangos machos são cuidadosamente castrados, numa operação simples, fazendo com que deixem de cantar e se desenvolvam mais do que o normal, apresentando uma carne mais macia e apaladada. Diz-se que este tipo de tratamento teve a sua origem na Roma Antiga, quando um senador mandou castrar os galos que pela madrugada, com o seu cantar, não o deixavam dormir. Assado no forno com recheio, acompanhado de batata assada e arroz de forno, é um prato fabuloso ao qual não deverá resistir.



COZIDO À PORTUGUESA

É um prato tradicional português de origem transmontana. Composto por uma grande variedade de legumes, carnes e enchidos cozidos, esta popular iguaria poderá ser apreciada em muitos dos restaurantes desta região.



LAMPREIA

Típica de Castelo de Paiva, Penafiel e Marco de Canaveses, a lampreia com arroz ou à bordalesa deverá ser acompanhada com um bom vinho Verde tinto da região. Em fevereiro/março, não perca os Festivais da Lampreia, que decorrem anualmente junto ao Douro, em Entre-os-Rios (Penafiel) e Sardoura (C. Paiva).



POSTA AROUQUESA

Os animais de raça arouquesa, cuja carne tem denominação de origem protegida e certificada, são criados e alimentados em liberdade nas encostas serranas. Este facto confere à sua carne, deliciosamente tenra, um paladar distinto.



VERDE OU BAZULAQUE

Segundo a tradição, é um prato que se preparava nos dias de casamento para ganhar energias nas longas deslocações entre a casa, a igreja e o local do banquete. Típico dos concelhos de Amarante, Baião e Marco de Canaveses, é preparado com vísceras de anho (borrego/carneiro/cordeiro), pulmão, coração e fígado, que marinados numa vinha de alhos, se cozinham com batatas e pão. Noutros concelhos, como Lousada, é utilizada também carne de galinha caseira, presunto e salpicão.



VITELA ASSADA

O assado de vitela, confeccionado em forno a lenha, é um prato muito característico desta região. Qualquer que seja o restaurante escolhido, a qualidade está garantida.



BROA DE MILHO

Muito comum no território do Vale do Sousa, apresenta uma forma circular, ligeiramente achatada. O milho regional utilizado na sua confeção confere-lhe um sabor original e autêntico.



REGUEIFA DE PAREDES

A regueifa é um afamado pão de romaria, com a forma de rosca. Para a cidade de Paredes tem um significado muito especial, uma vez que as pessoas tinham o ritual de parar neste local para a comprar.

PÃO DE PADRONELO

Também conhecido como pão de quatro cantos, o inconfundível pão de Padronelo (Amarante) é elaborado com farinha de trigo (85%) e de centeio (15%). Algumas padarias da região ainda o produzem em forno de barro, aquecido a lenha, pelo que não deixe de o provar.

DOÇARIA

BISCOITO DA TEIXEIRA

O biscoito da Teixeira ou doce da Teixeira, localidade do concelho de Baião, é um doce de cor escura, com a forma retangular, confeccionado em forno a lenha. Tem um sabor intenso e viciante!



BOLINHOS DE AMOR

Os bolinhos de amor, originários de Casais Novos, em Recesinhos, Penafiel, são uns pequenos mas deliciosos doces, cobertos de açúcar. Em algumas localidades, estes populares doces são conhecidos como beijinhos ou docinhos de amor.



BOLO DE SÃO GONÇALO

A forma fálica do bolo de São Gonçalo desperta a curiosidade e o sorriso entre os visitantes que não conhecem este doce popular de Amarante. Proibido durante a ditadura, este bolo representa as preces e rituais das mulheres solteiras para arranjar um noivo. Segundo a lenda, a solteira tem que tocar com qualquer parte do corpo no túmulo de São Gonçalo (p. 278) para conseguir arranjar um noivo, no período de um ano...



BOLACHAS E BISCOITOS DA FÁBRICA DURIENSE

Em Soalhães, no Marco de Canaveses, muito perto da Igreja de São Martinho (p. 184), localiza-se a Fábrica Duriense, especializada na produção de bolachas e biscoitos muito apreciados na região.

BRISAS DO PILAR

As brisas do Pilar e as rochas da Citânia afirmam-se como os doces mais conhecidos de Paços de Ferreira. A sua degustação? Francamente recomendável.

CAVACAS DE RESENDE

Sobre a origem deste precioso doce não há registos. No entanto, segundo a lenda, na Idade Média, uma senhora que residia em Vinhós preparava a boda de casamento da sua filha, confeccionando o bolo da noiva. Entretanto, o casamento teve de ser adiado, devido a uma peste que assolou o concelho. Dadas as parcas possibilidades económicas, a senhora viu-se obrigada a conservar o bolo até à data do casamento. Retirou-lhe a parte superior e regou o restante com uma calda de açúcar, que lhe restituiu a frescura e fez as delícias de todos os convidados. Anualmente, em março ou abril, o Município de Resende promove a Festa das Cavacas.



CAVACAS

Entre a doçaria do território da Rota do Românico, as cavacas, também conhecidas como doces ou bolos de gema, afirmam-se pelo seu reconhecimento junto do público. Se ainda não as provou, não perca mais tempo...



CREME DE ÁGUA QUEIMADO

É uma sobremesa típica de Baião, semelhante ao leite creme e também servido com canela ou açúcar queimado, mas com algumas diferenças na confeção, na conservação e no sabor...

DOCES CONVENTUAIS

"S. Gonçalo de Amarante, tantos milagres fazeis, que são mais milagres vossos, estes doces e pastéis". Criados e difundidos pelas monjas de Santa Clara, os doces conventuais continuam a deliciar quem visita a cidade de Amarante. Cumprindo o segredo conventual, saboreie as trouxas de ovo, as lérias, os foguetes, os papos de anjo, os São Gonçalos e as brisas do Tâmega. Em maio, o claustro do convento de São Gonçalo (p. 278) acolhe a Feira dos Doces Conventuais.

CAVACO

A designação de "cavaco" pretende aludir aos desperdícios de madeira da indústria do mobiliário, adquirindo a forma de um paralelepípedo, mais ou menos irregular, de cor castanha clara. Da autoria de Teresa Ruão, do restaurante "Cozinha da Terra" (p. 354), de Louredo, Paredes, o "cavaco" é feito com uma massa espessa, tipo pão doce, que é enrolada e recheada com creme de ovos, açúcar, canela e castanhas moídas com um travo a limão.



FORMIGOS

Os formigos são um doce típico da época natalícia, compostos basicamente por pão, amêndoas, uvas passas, ovos, canela e Vinho do Porto.



DOCES DE MANTEIGA – MATULOS

Nas margens do Douro, esqueça por momentos as calorias e aprecie um dos mais singulares e deliciosos testemunhos da doçaria típica de Cinfães.



LÉRIAS

Em Felgueiras, as lérias apresentam-se como um dos doces mais apreciados e procurados, nomeadamente pelo seu característico e forte sabor a amêndoa.



FATIAS DO FREIXO

Doces regionais com verdadeira tradição histórica. Pensa-se que tiveram origem no século XVII, sendo fabricados, à data, num convento de freiras. Aparecem referenciados no ano de 1819, data de construção da Casa dos Lenteirões, no Freixo, Marco de Canaveses. O rei D. Luís (r. 1861-1889) exigia a sua presença nos banquetes. A arte da sua fabricação tem passado de geração em geração. Para além das fatias, prove os biscoitos de manteiga, os bolos de arroz e os restantes doces do Freixo.



MELINDRES

Uma iguaria, particularmente conhecida em Castelo de Paiva, confeccionada com farinha, açúcar, ovos e canela.



FALACHAS

As falachas são elaboradas com farinha de castanha, que depois é amassada e embrulhada nas folhas da própria árvore. Pode apresentar-se em forma de pequenos bolos ou em massa estendida, de forma circular. O sabor é agradável e adocicado.



PÃO DE LÓ DE MARGARIDE

O pão de ló de Margaride, em Felgueiras, é cozido em forno de lenha, em formas de barro não vidrado. Esta especialidade tem tradição desde 1730, continuando a ser fabricado hoje pelos sucessores de Leonor Rosa da Silva (p. 252), fornecedora da antiga Casa Real. Anualmente, no fim de semana anterior à Páscoa, realiza-se, no centro da cidade felgueirense, o Festival do Pão de Ló, no qual o de Margaride é rei e senhor.



PÃO DE LÓ DOURADO

Em Castelo de Paiva, nas localidades de Serradelo e Sardoura, esconde-se um pequeno tesouro gastronómico com mais de cem anos de tradição. Uma receita simples, mas com muito carinho na sua confeção.

PÃO DE LÓ COM DOCE DE CAMÉLIA

Saboreie o melhor que o pão de ló minhoto tem para lhe oferecer nesta receita única, ruborizada por um leque de cores de camélias centenárias de Celorico de Basto.

PÃO PODRE

Estes pães doces são uma presença muito popular nos receituários do Norte do País. Apesar de ser um bolo típico da Páscoa, poderá apreciá-lo durante todo o ano, acabado de fazer e com um aroma irrecusável a canela.

PERAS BÊBADAS

Deliciosa sobremesa que adquire particular sabor em terras de Baião. O segredo? A qualidade do vinho, talvez...

ROCHAS DA CITÂNIA

Doces originários de Paços de Ferreira. Preparam-se com farinha, margarina, sal, açúcar, ovos, coco, noz e amêndoa.



ROSQUILHOS

Uma doçaria muito típica da região preparada com farinha de trigo, água, manteiga, açafrão, fermento, sal e açúcar. Moldados pelas doceiras, depois de irem ao forno com a porta aberta para alourar, são cobertos com açúcar refinado.



SARRABULHO DOCE

Esta sobremesa é feita a partir de sangue de porco cozido, ao qual se junta água, canela, limão, pedaços de pão de trigo, mel e açúcar.



RABANADAS

Comum em toda a região, especialmente na época natalícia, são fatias de pão de trigo fritas, envolvidas em calda de açúcar em ponto, podendo também acrescentar-se mel, vinho do Porto e canela. Uma das mais conhecidas são as rabanadas à moda de Paiva.

SOPA SECA

Não se deixe iludir pelo nome. São fatias de pão embebidas em calda fervida de água com açúcar (ou mel), canela e Vinho do Porto. Tudo disposto num alguídar, com folhas de hortelã e polvilhado com açúcar e canela. Depois é só gratinar no forno. Em outubro, em Duas Igrejas, Penafiel, decorre uma festa dedicada a esta iguaria.



ROSQUILHOS DE CELORICO DE BASTO

Receita típica de Celorico de Basto, é produzida com broa moída e cozida na região e um bom presunto curado pelo crepitar das achas que aquecem os rigorosos invernos locais.

TORRADAS DO BARREIRO

Originárias da aldeia de Felgueiras, em Resende, são confeccionadas com uma massa especial, cozida no forno em tabuleiros. Ideais para acompanhar um chá.

PÃO DE DEUS

O pão de deus é uma presença obrigatória em todas as feiras e romarias do território da Rota do Românico. Qualquer que seja o seu tamanho, este doce apresenta sempre um traço comum: uma irresistível cobertura de coco.

TORTAS DE SÃO MARTINHO

Em novembro, a visita à Feira de São Martinho, em Penafiel, é obrigatória. Para além da prova do vinho novo e das castanhas assadas, é também o momento ideal para se deliciar com as típicas tortas de São Martinho. É uma iguaria de gosto agrídoce, fabricada em massa fina, recheada com picado de carne, polvilhada com açúcar e canela.



VELHOTES

Este popular doce de feira, que se distingue pela sua forma alongada, inclui na sua receita: farinha, açúcar, ovos, canela e limão, entre outros ingredientes, mais ou menos secretos. Se ainda não provou, não perca mais tempo...



Onde Comprar



FELGUEIRAS

Fábrica do Pão de Ló de Margaride (p. 252)	x	Praça da República, 304, Felgueiras
Pão de Ló - Agostinho de Sousa	x	Largo Alexandre Herculano, Felgueiras
Pão de Ló - António Lopes	x	Rua São Martinho, Caramos
Pão de Ló - Mário Ribeiro	x	Rua Francisco Sarmento Pimentel, Felgueiras
Rosa Sousa - Doçaria e Sobremesas Tradicionais	x	Praceta do Foral, 84, Felgueiras

LOUSADA

Apícola Povo da Mata	x	Lustosa
Casa de Juste	x	Av. do Rio, 14, Torno
Casa Oliveira		Trovoada, Vilar do Torno e Alentém
Confeitaria Mendes		Av. Estrada Real, 633, Caíde de Rei
Estrada Real	x	Av. Estrada Real, 414, Aparecida, Torno
Quinta da Magantinha	x	Estrada da Magantinha, 519, S. Miguel
Quinta da Tapada		Casais
Quinta dos Ingleses		Rua Quinta dos Ingleses, Caíde de Rei

PAÇOS DE FERREIRA

Paladares Paroquiais	x	Rua de São Pedro, 86, Arreigada
Pastelaria 1º de Dezembro		Av. 1º de Dezembro, 113, Paços de Ferreira
Pastelaria do Calvário		Rua do Calvário, 87, Frazão

PAREDES

Cozinha da Terra	x	Largo da Herdade, 8, Louredo
------------------	---	------------------------------

PENAFIEL

Alvorada Cakes		Praça Municipal, 61, Penafiel
Casa dos Bolinhos de Amor		Casais Novos, S. Martinho de Recesinhos
Sabores do Mozinho		Rua de Vermoim, 457, Galegos





255 312 121	Pão de Ló Cavacas
255 312 533	Pão de Ló Cavacas Lérias
255 491 176	Pão de Ló Cavacas Lérias
255 924 616	Pão de Ló Cavacas Lérias
255 346 620	Pão de Ló Cavaquinhas da Serra Pudim Abade de Priscos

934 547 097	Geleia Mel Pólen
255 821 626	Doces Compotas Bolachas <i>Chutneys</i> Produtos locais
255 911 281	Pão de Ló Bolo Rei Bolinhos de Amor Doces Regionais
255 911 379	Pão de Ló Bolo Rei Bolinhos de Amor Doces Regionais
255 733 154	Pão de Ló Cavacas Bolinhos de Amor
255 815 841	Doces Compotas Produtos locais
255 820 920	Queijo Vinho
255 820 350	Queijo Compotas Geleias Vinho

255 880 890	Doces Tradicionais Compotas Queijos Biscoitos
255 963 042	Rochas da Citânia Brisas do Pilar
255 865 116	Rochas da Citânia Brisas do Pilar

255 780 900	Cavaco
-------------	--------

255 213 648	Tortas de São Martinho Bolinhos de Amor
255 720 761	Bolinhos de Amor
916 080 738	Produtos Regionais



Produtos comercializados

**CASTELO DE PAIVA**

Casa do Pão de Ló do Vale de S. Domingos	Folgosos, Raiva
Doçaria Paivense	Serradelo, Raiva
Doçaria Santa Maria	Mogos, Santa Maria de Sardoura

CINFÃES

Pastelaria O Rabelo	Rua Capitão Salgueiro Maia, Cinfães
Serranitas da Gralheira	Largo da Eira do Adro, Gralheira

RESENDE

Cavacas da Adozinda	x	Jardim 25 de Abril, Resende
Licopotas Resende	x	Urbanização da Granja, Lote 6, Cárquere
Pastelaria Vista Alegre		Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, 24, Resende

BAIÃO

Biscoito Regional da Teixeira - Sónia Pereira		Lugar da Ordem, Teixeira
Casa de Penalva	x	Ancede
Dolmen - Centro Promoção Produtos Locais		Rua de Camões, Baião
Míguas	x	Cam. da Fonte, Míguas, S. ^{ta} Marinha Zêzere

MARCO DE CANAVESES

Bolozeima		Rua da Portela, 186, Marco de Canaveses
Casa do Monte		Rua das Lapas, 16, Favões
Doces do Freixo - Casa dos Lenteirões	x	Av. do Futebol Clube do Porto, Freixo
Dolmen - Centro Promoção Produtos Locais		Alam. Dr. Miranda Rocha, 266, M. Canaveses
Fábrica Duriense		Rua de Eiró, 503, Soalhães

AMARANTE

Brisa Doce	x	Av. 1.º de Maio, Lote 17-A, Amarante
Casa Lemos	x	Rua Central de Travanca, 2456, Travanca
Confeitaria da Ponte	x	Rua 31 de Janeiro, 186, Amarante
Confeitaria Lailai	x	Rua 31 de Janeiro, 104, Amarante
Confeitaria Tinoca		Rua 31 de Janeiro, 62, Amarante

CELORICO DE BASTO

Casa do Agricultor		Rua Dr. António Rodrigues Salgado, Cel. Basto
Pastelaria Os Grilos		Av. da República, Celorico de Basto



255 766 060	Pão de Ló Dourado
255 762 137	Pão de Ló Dourado
255 689 685	Pão de Ló Dourado
255 563 553	Doces de Manteiga - Matulos
963 617 542	Produtos Regionais
933 417 715	Cavacas de Resende
254 877 499	Licores Compotas
254 871 310	Cavacas de Resende
254 891 473	Biscoito da Teixeira
911 965 017	Compotas Ervas Aromáticas Infusões Tisanas
255 542 154	Doces Tradicionais Compotas Vinhos Licores Mel Artesanato
962 218 981	Compotas Biscoitos
255 534 099	<i>Croissants</i>
965 436 777	Compotas Biscoitos Licores
255 522 180	Fatias do Freixo Biscoitos de Manteiga Bolos de Arroz Pão de Ló
255 521 004	Doces Tradicionais Compotas Vinhos Licores Mel Artesanato
255 531 187	Bolachas e Biscoitos
255 449 776	Doçaria Conventual e Regional
255 734 021	Pão de Ló Bolo Rei Bolinhos de Amor Doces Regionais
255 432 034	Doçaria Conventual e Regional
255 440 061	Doçaria Conventual e Regional
255 432 907	Doçaria Conventual e Regional
255 323 055	Compotas
255 323 318	Cavacas Pão de Ló



VINHOS



(...) Mas nada o entusiasmava como o vinho de Torres, caindo de alto, da bojuda infusa verde – um vinho fresco, esperto, seivoso, e tendo mais alma, entrando mais na alma, que muito poema ou livro santo.”

Eça de Queiroz, In *A cidade e as serras*

Os Vinhos Verdes, apelativamente leves, frescos e frutados, refletem as singulares características naturais do território do noroeste de Portugal, baseando as suas práticas vitícolas e enológicas na produção de lotes de várias castas autóctones, entre as quais o alvarinho e o loureiro. Estas qualidades dão corpo ao Vinho Verde, único no mundo!

O seu espírito inimitável é apreciado como aperitivo devido ao seu baixo teor alcoólico e acidez moderada. Mas existem também Vinhos Verdes para acompanhamento de refeições leves e equilibradas, como sala-

das, peixes, mariscos, carnes brancas, tapas, *sushi* ou outros pratos internacionais. A localização geográfica, o solo e o clima, aliados às excelentes castas autóctones e à sabedoria das gentes desta região, permitem a produção de excelentes vinhos brancos e, mais recentemente, à descoberta de vinhos rosés e espumantes! Para exprimir todo o seu potencial qualitativo, o Vinho Verde deve beber-se fresco. A temperatura ideal de consumo dos brancos situa-se entre 8 e 10° C, dos rosados entre 10 e 12° C e dos tintos entre 12 e 15° C.

Na **sub-região do Paiva**, as castas tintas amareladas, sobretudo, vinhão, atingem estados ótimos de maturação e produzem alguns dos Vinhos Verdes tintos mais prestigiados de toda a região. Os vinhos brancos são obtidos a partir das castas arinto e loureiro, adaptadas a climas temperados e, por isso, comuns a quase toda a região dos Vinhos Verdes, mas aqui com uma aliada que é o avesso, casta mais característica das sub-regiões interiores.

Na **sub-região do Sousa**, considerada como de transição, as castas principais são as típicas dos locais mais amenos: arinto, loureiro e trajadura, às quais se juntam o azal e o avesso, que têm uma maturação mais exigente. Nos Vinhos Verdes tintos vinificam-se as castas borraçal, vinhão, amarelado e espadeiro.

Na **sub-região de Baião**, localizada na fronteira com a região do Douro, o amadurecimento correto das castas de maturação mais tardia, como o azal e o avesso (brancas) e o amarelado (tintas), apresenta

maiores exigências de calor no final do ciclo. Em Baião, Cinfães e Resende, a produção de vinhos brancos a partir da casta avesso tem vindo a ganhar uma grande notoriedade.

A localização interior da **sub-região de Amarante** favorece o desenvolvimento de algumas castas de maturação mais tardia: azal e avesso (brancas), amarelado e espadeiro (tintas). Os vinhos brancos apresentam aromas frutados e um título alcoométrico superior à média da região. Mas é dos tintos que vem a fama da sub-região de Amarante, sobretudo da casta vinhão.

A **sub-região de Basto**, sendo a mais interior da região dos Vinhos Verdes, apresenta castas de maturação mais tardia como o azal (branca), o espadeiro e o rabo-de-anho (tintas). É nesta sub-região que a casta azal atinge o seu máximo potencial, proporcionando vinhos muito particulares, com aroma a limão e maçã verde, muito frescos. Mais informações em www.vinhoverde.pt.



Onde Comprar



FELGUEIRAS

Quinta da Lixa	x	Lugar do Monte, Lixa
Quinta da Palmirinha	x	Bouça Chã, Lixa
Quinta de Maderne	x	Maderne, Várzea
Terras de Felgueiras - Caves Felgueiras	x	Rua Ten. Cor. António Peixoto, 1258, Felgueiras

LOUSADA

Casa de Vila Verde		Caíde de Rei
Quinta da Longra		Santo Estêvão de Barrosas
Quinta de Lourosa	x	Estrada de S. ^{ta} Maria de Sousela, 1913, Sousela

PAREDES

Quinta D'Além		Rua d'Além, 108, Bitarães
Quinta da Bela Vista		Parada de Todeia

PENAFIEL

Forais de Penafiel		Miravale, Luzim
Loja Da Nossa Terra		Museu Municipal, Rua do Paço, Penafiel
Quinta da Aveleda (p. 261)	x	Rua da Aveleda, 2, Penafiel

CASTELO DE PAIVA

Casa de Algar		Santa Maria de Sardoura
Quinta da Corga da Chã		Gondra, Paraíso
Quinta de Religiões		Bairros
Quinta do Outeiro		Bairros

CINFÃES

Quinta das Almas		Fornelos
Quinta do Fijó		Souselo
Quinta do Palheiro		Velude, São Cristóvão de Nogueira





255 490 590 www.quintadalixa.pt

962 785 717

917 230 885 www.quintademaderne.com

255 312 666 www.coopfelgueiras.pt

255 821 450 www.casadevilaverde.pt

253 583 570 www.quintadalongra.com

255 815 312 www.quintadelourosa.com

255 777 637 www.quintadealem.com

224 331 732

255 728 304 www.foraisdepenafiel.pt

255 712 760

255 718 200 www.aveledaportugal.pt

255 614 468 casadealgar.blogs.sapo.pt

918 684 725 www.corgadacha.com

255 698 870 www.quintadereligaes.com

912 697 633 www.quintadoouteirobairros.pt

255 811 487 www.quintadasalmas.com

255 696 481

964 004 590



**RESENDE**

Quinta da Massôrra	x	São João de Fontoura
Quinta do Formigal		Barrô

BAIÃO

Assoc. Des. Regional - Os Caminhos de Jacinto		Estação de Aregos, Santa Cruz do Douro
Centro Int. da Vinha e do Vinho (p. 142)		Mosteiro de Santo André, Ancede
Dolmen - Centro Promoção Produtos Locais		Rua de Camões, Baião
Fundação Eça de Queiroz (p. 273)		Quinta de Vila Nova, Tormes, S. ^{ta} Cruz do Douro
Quinta de Covela		São Tomé de Covelas
Quinta do Ferro	x	Lugar da Igreja, 271, Gestaçô

MARCO DE CANAVESES

Casa de Vila Boa		Vila Boa de Quires
Casa de Vilacetinho	x	Rua da Vista Alegre, 502, Alpendorada e Matos
Dolmen - Centro Promoção Produtos Locais		Alameda Dr. Miranda Rocha, 266, M. Canaveses
Pecado Capital	x	Rua de Pombal, 772, Vila Boa de Quires
Quinta da Torre		Rua da Torre, 581, Banho e Carvalhosa

AMARANTE

Casa de Oleiros		Rua do Mosteiro, Travanca
Espaço Douro & Tâmega (p. 27)		Av. General Silveira, 59, Amarante
Proviverde		Rua Miguel Bombarda, 34, Amarante
Quinta da Calçada		Lugar de Trás do Outeiro, Amarante
Quinta do Outeiro de Baixo		Rua do Outeiro de Baixo, 15, Amarante
Quintas da Baseira e Freixo		Rua do Casal, Cepelos

CELORICO DE BASTO

Quinta da Cerca - Adega Molaes		Molaes
Quinta da Raza		Lugar de Peneireiros, Veade
Quinta das Escomoeiras	x	Lourido, Arnoia
Quinta de Santa Cristina	x	Rua de Santa Cristina, 80, Veade



254 871 578	www.quintadamassorra.com
-------------	--

938 577 456	www.betula.pt
-------------	--

254 883 105	www.oscaminhosdejacinto.pt
-------------	--

255 540 550	www.cm-baiao.pt
-------------	--

255 542 154	www.dolmen.co.pt
-------------	--

254 882 120	www.casadashortas.pt
-------------	--

254 886 298	www.covela.pt
-------------	--

254 881 975	www.quintadoferro.pt
-------------	--

255 535 714	www.casavilaboia.com
-------------	--

255 619 744	www.casadevilacetinho.pt
-------------	--

255 521 004	www.dolmen.co.pt
-------------	--

255 539 500	www.pecadocapital.pt
-------------	--

919 391 781	www.quintadatorre.eu
-------------	--

969 044 223	www.casaoleiros.com
-------------	--

255 100 025	www.dolmen.co.pt
-------------	--

917 889 071	www.proviverde.pt
-------------	--

255 420 010	www.calcadawines.com
-------------	--

255 010 092	
-------------	--

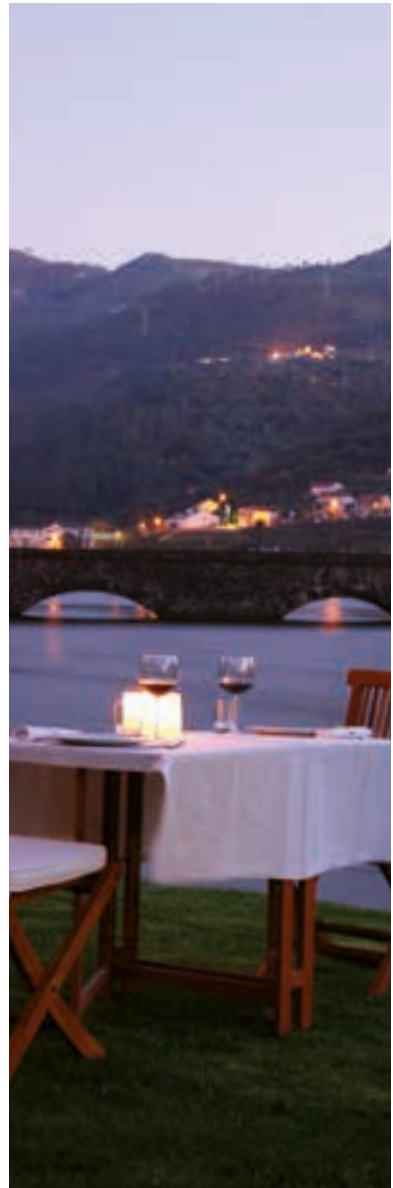
255 433 583	www.tintobom.com
-------------	--

919 601 500	www.adegamolares.pt
-------------	--

255 368 159	www.quintadaraza.pt
-------------	--

255 322 785	www.quintadasescmoeiras.com
-------------	--

229 571 700	www.garantiadasquintas.com
-------------	--





ONDE COMER



FELGUEIRAS

3 Jorges		255 488 000	R. da Devesa, Airães	Dom. (jant.)/2º F
Adega do Vasco		255 922 483	R. do Entroncamento, Pinheiro	
Adega do Zeca		912 778 685	R. do Caleirão, 351, Aião	
Adega Sousa		255 341 286	R. Cimo de Vila, 647, Rande	
Adega Tascareca		912 314 932	Lugar da Lage, Rande	
Albano		255 922 012	Hotel Albano, R. 25 de Abril, 38, Felgueiras	
Belém		255 923 042	Largo Manuel Baltazar, 88, Felgueiras	
Bica		255 922 240	Praça Vasco da Gama, 18, Felgueiras	
Brasão		255 336 118	R. da Liberdade, 4082, Refontoura	
Caffé Caffé	x	255 921 455	R. da Liberdade, 4213, Refontoura	2º F (jant.)
Cangalho		255 924 416	R. Nicolau Coelho, Felgueiras	Dom./2º F (jant.)
Cantinho Rústico		255 346 560	R. Nicolau Coelho, 2882, Sendim	2º F
Carvalhinhos		255 923 119	Praça dos Carvalhinhos, 448, Felgueiras	Dom.
Churrasqueira Central		255 923 825	R. Rebelo de Carvalho, Felgueiras	2º F
Churrasqueira Santa Ovaia		255 925 519	Av. Agostinho Ribeiro, 191, Felgueiras	
Cimo de Vila		255 336 285	Av. da Liberdade, 308, Sernande	
Columbinos	x	255 925 534	R. Padre António Correia dos Reis, 210, Friande	
Cova Tropical		255 311 063	R. A. Garibaldi, Ed. Palmeira, Loja 4, Felgueiras	Dom.
Espiuca		918 563 176	R. da Espiuca, Vila Cova da Lixa	
Estádio		255 494 946	Largo Sr. do Amparo, 44, Vila Cova da Lixa	
Feijoeira		255 921 150	R. 1º de Maio, 1700, Pedreira	
Hede		255 346 193	Praceta Aniceto Pinto Ferreira, 20, Felgueiras	2º F (jant.)
João da Reta		255 311 828	Av. Dr. Ribeiro de Magalhães, 794, Felgueiras	
Mares e Marés		255 314 116	R. da Estrada, 108, Felgueiras	
McDonald's		255 313 736	Av. Dr. Leonardo Coimbra, Felgueiras	
Mikas	x	255 165 198	Centro Hípico, R. 25 de Abril, Sernande	
Monte Belo (Breca dos Leitões)		255 314 148	R. de Guilhomil, 102, Lagares	
O Primo Basílio		253 482 364	R. da Vinha, 21, Revinhade	



Selo de Qualidade "Rota do Românico"

 Encerrado

No território da Rota do Românico, as unidades de restauração distinguem-se pela oferta de um menu de reconhecido valor e diversidade, enriquecido pelo sempre presente e distinto Vinho Verde da região.

Entre as famosas tasquinhas regionais e os modernos restaurantes internacionalmente premiados, o difícil é mesmo escolher... Não resista aos saberes e sabores da Rota do Românico!



FELGUEIRAS

O Veleiro		255 313 919	R. Indústria do Calçado, 620, Lagares	2ª F
Pizzaria Bela Cidade		255 314 734	R. do Outeiro, Felgueiras	
Pizzaria Pinóquio		255 313 804	Av. Dr. Magalhães Lemos, Felgueiras	
Pizzaria Ricardo		255 924 299	R. D. Gomes Aciegas, Felgueiras	
Querido, o Jantar Está Pronto	x	910 614 226	R. 25 de Abril, 2326, Gondim, Jugeiros	Dom. (jant)
Quinta da Laranjeira	x	255 483 638	R. do Cídral, 1161, Borba de Godim, Lixa	2ª F/3ª F
Quinta da Rapadiça		910 588 814	R. da Castanheira, 275, Revinhade	2ª F/3ª F (jant.)
Sampaio (Tomate)		255 346 196	Praça Vasco da Gama, 102, Felgueiras	Dom. (jant.)
Santa Quitéria		255 313 712	Alam. Santa Quitéria, Felgueiras	Dom. (jant.)
São José		255 923 394	Av. Gen. Sarmento Pimentel, 420, Felgueiras	
São Pedro		255 923 346	Av. Ten. C. António E. M. Peixoto, Felgueiras	
Taberna da Mouraria		255 073 169	R. Dr. Leonardo Coimbra, 210, B. Godim, Lixa	
Taberna Minhota		914 067 569	Praça das Comunidades Lusíadas, Felgueiras	
Tapas & Wine Bar		915 915 733	Av. Dr. Leonardo Coimbra, 332, Felgueiras	
Zona Verde		255 924 125	R. D. Afonso Henriques, Felgueiras	

LOUSADA

Aldeia Nova		914 600 202	R. Central do Jogo da Bola, 422, Aveleda	
Alpha Lounge	x	914 993 754	Parq. Torre de Vilar, Vilar do Torno e Alentém	
Brazão	x	255 811 532	R. de Santo António, 651, Lousada	Dom./4ª F (jant.)
Casa de Sedoura	x	919 171 214	R. 1º de Maio, 459, Boim	
Casa Ernesto		255 813 256	R. da Vila, 112, Santa Margarida	3ª F (jant.)
Estrada Real	x	255 733 154	Av. Estrada Real, 414, Aparecida, Torno	
Foral Tapas & Winebar		916 248 416	R. Dr. Pinto Mesquita, 3, Lousada	
Galdouro		255 811 305	Av. Gen. Humberto Delgado, 2, Lousada	3ª F
Lousada Country Hotel	x	255 005 110	Variante de Vila Meã, 531, Lousada	
Meet You		255 815 631	Compl. Desp., R. Mata das Panelas, 8, Ordem	
Natura Caffé		255 829 250	Praça das Pocinhas, 37, Lousada	Dom. (jant.)
O Caçador - Troca a Nota		255 814 264	R. da Igreja, 2, Nogueira	2ª F

**LOUSADA**

O Matias	255 821 287	R. da Trovoada, 238, Vilar do Torno e Alentém	Dom./5ª F
O Pimenta	255 814 990	R. Guerra Junqueiro, 85, Boim	Dom.
Os Três Irmãos	914 970 933	Av. S. Gonçalo, 589, Macieira	2ª F (jant.)
Parabéns	255 815 631	Av. Combat. da Grande Guerra, 799, Lousada	Dom. (jant.)
Passion Flower	255 912 032	Av. João Oliveira Peixoto, 14, Boim	Dom. (jant.)
Pedro & Inês	913 051 522	R. Santa Isabel, 835, Lodares	
Petisqueira Moura	255 815 736	Av. Cidade de Tulle, 20, Lousada	
Pitarisca	255 821 222	Av. da Igreja, 25, Aparecida, Torno	Dom.
Pizzaria Ricardo	255 912 077	Av. Cidade de Tulle, 126, Lousada	
Pronto Assar	255 815 261	R. Jogo da Bola, 11, Nogueira	
Querida Perfeição	255 912 880	Quinta Pontezinhas, R. da Escola, 23, Aveleda	
Quinta de Cedovezas	x 255 811 513	R. de Cedovezas, 102, Pias	Dom./2ª F (jant.)
Recantos de Harmonia	255 813 301	Largo da Esperança, 13, Lousada	
Retinha	255 813 439	Estrada Carreira Areia, 1215, Nogueira	
Santo António	961 173 077	R. Santo António, 230, Lousada	
Vale do Sousa	255 829 061	R. da Boucinha, 332, Meinedo	Sáb.
Visconde	x 255 815 008	R. Visconde de Alentém, 416, Lousada	Dom./2ª-4ª F (jant.)

PAÇOS DE FERREIRA

A Presa	255 870 872	R. de Além do Rio, 15, Freamunde	2ª F (jant.)
A.rei.a	223 257 349	R. Antero de Figueiredo, 2, Paços de Ferreira	3ª F
Adega Quim Cancela	255 401 590	R. do Recanto, 33, Freamunde	2ª F (jant.)
Água Mole	255 866 411	R. da Ribeirinha, 79, Paços de Ferreira	Jantar
Aidé - Paços Ferrara Hotel	x 255 962 548	Av. 1º de Dezembro, 137, P. Ferreira	Dom.
Al'Capão	255 165 079	Rampa do Cortinhol, 13, Freamunde	
Bico d'Obra	255 864 902	Av. Ten. Leonardo Meireles, 149, P. Ferreira	Dom./Sáb.
Calvário	255 863 713	R. do Calvário, 91, Frazão	2ª F
Casa Aninho	919 334 556	R. de Novais, 157, Arreigada	
Casa da Eira	919 701 503	Av. dos Templários, 368, Paços de Ferreira	
Casa de São Francisco	910 180 836	Largo de S. Francisco, 48, Freamunde	
Casa do Campo	255 879 641	R. de S. Tiago de Figueiró, 148, Figueiró	Dom./Sáb.
Caseirinho dos Leitões	255 873 031	R. Adolfo Bentes, 11, Frazão	2ª F
Charrua	255 573 133	R. Dr. Queirós Ribeiro, 112, Paços de Ferreira	2ª F
Churrascaria Pacense	255 963 851	R. Dr. Leão Meireles, 41, Paços de Ferreira	
Estádio	255 870 553	R. Sport Clube Freamunde, 176, Freamunde	
Hotel Quinta do Pinheiro	x 255 870 097	R. de Miraldo, 262, Freamunde	
Lago dos Cisnes	255 864 776	R. da Talheirinha, 165, Sanfins de Ferreira	
Lareu's	255 395 120	R. Sport Clube Freamunde, 159, Freamunde	
McDonald's	255 892 577	Centro Comercial Ferrara Plaza, Carvalhosa	
Montanha	255 963 857	R. de Vila Verde, 143, Eiriz	

**PAÇOS DE FERREIRA**

O Gusto	255 870 166	R. Martinho Caetano, Freamunde	
O Marceneiro	255 865 583	R. D. João I, 15, Paços de Ferreira	3ª F
O Mário	255 873 389	R. Casal de Rei, 92, Paços de Ferreira	
O Tarasco	255 881 794	Av. da Liberdade, 62, Figueiró	
O Telheiro	913 552 631	R. Nova de Ferreiró, 227, Ferreira	3ª F/Sáb. (alm.)
Os Manos	255 963 157	R. Eng. Alexandre Aranha, 372, P. Ferreira	
Os Tringalhos	255 865 560	Largo do Cô, 36, Penamaior	2ª F (jant.)
Parrilhada	255 401 449	R. da Plaina, 348, Freamunde	3ª F (jant.)
Penta 2	255 963 861	R. 6 de Novembro, 57, Paços de Ferreira	2ª F
Pinheiral	255 862 052	R. do Infante D. Henrique, 178, Seroa	
Pizza Hut	939 098 282	Centro Comercial Ferrara Plaza, Carvalhosa	
Pizzaria Traviatta	255 865 749	R. Tenente Leonardo Meireles, 146, P. Ferreira	
Quinta da Pedreira	255 864 769	R. da Costa, Eiriz	
Quinta de Paredes	255 879 471	R. de Paredes, 150, Codessos	
São Domingos	255 962 933	Av. de São Domingos, 295, Carvalhosa	
Solar de Ferreira	255 865 506	Trav. do Samonde, 106, Ferreira	2ª F
Tapper Fine Food	x 255 119 126	R. Jaime Leão Pinto, 132, Paços de Ferreira	3ª F
Tasquinha d'Aldeia Melo	255 866 453	Trav. Central de Bairros, 8, Lamoso	2ª F/3.ª F (jant.)
Tatana	255 962 971	R. Rampa da Escola, 54, Carvalhosa	Dom.
Tons de Caffé	255 866 501	Av. D. Sílvia Cardoso, 164, Paços de Ferreira	4ª F

PAREDES

A Gruta	255 776 162	Av. da República, 112, Paredes	
Adega do Pacheco	911 037 587	Travessa de S. José, 71, Paredes	
Adega Poeira	224 160 005	R. Vilarinho de Cima, 56, Gandra	2ª F
Adega Verde	224 155 550	R. S. Sebastião, 312, Gandra	
Ardósia	223 190 629	R. Prof. José Meireles da Cunha, 110, Baltar	
Arte & Tradição	223 189 862	Av. Central de Gandra, 1229, Gandra	
Broa D'Ávó	255 755 778	Av. Senhora do Vale, 68, Cête	4ª F (jant.)
Bolota	255 785 248	R. Central de Mouriz, 614, Mouriz	
Casa de Pasto Avenida	914 446 636	Av. da República, 206, Paredes	
Casa do Baixinho	255 785 808	R. do Baixinho, 579, Paredes	
Casa dos Frangos	224 025 913	Av. da República, 133, Baltar	
Central da Saudade	255 783 206	R. Dr. José Leite Vasconcelos, 63, Paredes	
Central de Paredes	255 785 363	R. Dr. José Leite Vasconcelos, 259, Paredes	
Chalé	224 160 207	R. Central de Vandoma, 564, Vandoma	2ª F (jant.)
Churrasqueira Arraúl	224 114 706	Av. Dr. Faustino Moreira Santos, 497, Gandra	
Churrasqueira do Vasco	255 783 214	R. de Timor, 45, Paredes	
Conversas & Travessas	912 772 941	Largo da Feira, 71, Paredes	2ª F (alm.)
Cortiço	224 151 164	R. do Dólmén, 2, Baltar	

**PAREDES**

Cozinha da Terra	x	255 780 900	Largo da Herdade, 8, Louredo	2ª F/3ª F
Cozinha do Frade		224 152 096	R. Sobre o Vale, 54, Rebordosa	2ª F
Cuba		937 280 080	R. Velha de S. Martinho, 4, Rebordosa	
D'Avental		912 595 860	R. Maiata, 58, Lordelo	Dom.
Ementa do Frade		255 776 145	R. Central de Mouriz, 1378, Mouriz	4ª F (jant.)
Flor de Lis	x	255 781 521	Paredes D. Hotel, R. Central, 1595, Mouriz	
Garça Real		255 782 442	R. Trigais, 10, Paredes	
Invictus		255 777 420	Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, 151, Paredes	2ª F
Irmãos Faria		255 783 346	R. Nossa Senhora da Guia, 96, Paredes	3ª F
Latrattoria Di Paolo		255 281 258	R. do Carreiro da Lama, 28, Paredes	
Mar na Boca		255 776 010	Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, Paredes	2ª F
Moreira's		255 784 377	R. Central de Mouriz, 550, Mouriz	
Napoleão		224 330 115	R. Ernesto Silva, 1525, Sobreira	
O Brouas		255 395 356	R. da Cepeda, 614, Paredes	Dom. (jant.)/3ª F
O Rei		255 781 798	R. Central de Mouriz, 680, Mouriz	
O Requite		255 866 338	Av. do Visalto, 313, Sobrosa	2ª F/3ª F (jant.)
O Tradicional		255 780 490	Paredes Hotel Ap., R. Alm. Garrett, 73, Paredes	
Os Andrés		224 330 069	R. do Rochão, 103, Recarei	
Os Frades		255 864 518	R. Rainha Santa Teresa, 61, Vilela	2ª F (jant.)
Pizzaria Netos		224 150 982	R. Central de Gandra, 1240, Gandra	
Pizzaria Ricardo		224 446 083	R. Francisco Sá Carneiro, Lj. 400, Lordelo	
Sabores da Grelha		224 035 095	Av. da República, 74, Paredes	Dom.(jant.)/2ª F
Solar da Brita		255 776 370	R. da Forca, 86, Louredo	2ª F
Taberna do Careca		223 291 861	R. Engenho Velho, 252, Cête	
Varandas d'À Quatro		224 152 115	Ed. Panorâmico, Lj. 13, Parada de Todeia	Dom. (jant.)/2ª F
Xarcutão		255 782 143	R. de Timor, 51, Paredes	Dom.
Zangão		224 152 978	Av. Bombeiros Voluntários, 1181, Baltar	2ª F (jant.)
Zé d'Adélia		224 444 564	R. da Candeeira, 50, Rebordosa	Dom. (jant.)

Cozinha da Terra | Paredes



**PENAFIEL**

3 Miguéis		255 612 465	R. Padre Lopes Coelho, 644, Oldrões	
A Merendeira		255 712 440	R. Dr. Joaquim Cotta, 35, Penafiel	Dom.
A Popular		255 213 927	Av. Egas Moniz, 38, Penafiel	
Adega 33		255 213 533	R. Abílio Miranda, 252, Penafiel	Dom.
Albufeira & Sky Lounge		255 723 277	R. da Zona Industrial II, Penafiel	
Aliança		255 617 050	Av. Central das Termas, 2, Termas S. Vicente	
Ao Forno		255 404 267	R. do Paço, 21, 1º, Penafiel	
Arrifana		255 213 180	Av. Sacadura Cabral, 66, Penafiel	Sáb.
Aventuras no Prato	x	255 614 410	Largo do Cruzeiro, 14, Figueira	2ª F/6ª F
Bolinhos de Amor		255 711 298	Casais Novos, S. Martinho de Recesinhos	
Bons Hábitos		255 723 038	R. D. António Ferreira Gomes, 156, Penafiel	Dom. (jant.)
Burger King		255 998 852	R. Fonte da Cruz, 24B, Penafiel	
Campodouro		255 720 087	R. Campo do Ouro, 301, Santa Marta	
Capela		255 024 620	São Lourenço, Paço de Sousa	
Casa da Viúva - Winebar		912 245 910	R. de Quintandona, Lagares	2ª F
Casa das Lampreias		255 612 403	R. da Torre, 403, Entre-os-Rios, Eja	
Casa d'Azenha - Wine Bar		255 735 070	R. do Barreiro, 334, Castelões	
Casa de Pasto Parisiense		255 712 244	R. O Penafidelenso, 17, Penafiel	
Casa do Feitor		255 753 603	R. de Louredo, Penafiel	2ª F
Casa Ramirinho		255 725 314	R. de Vila Verde, 26, Marecos	2ª F
Casa Sapo		255 752 326	R. da Estrada, 24, Irivo	2ª F
Casarão		255 720 674	Av. Zeferino de Oliveira, 1066, Croca	
Churrasq. Central da Calçada		255 615 534	Av. Central de Oldrões, Oldrões	
Churrasq. Portug. da Avenida		255 723 451	Av. Sacadura Cabral, 167, Penafiel	2ª F
Cidade à Vista		913 927 296	R. da Anta, 229, Milhundos	2ª F
Conforto S. Vicente		255 617 080	Palace Hotel & Spa, Termas de S. Vicente	
D. António Ferreira Gomes	x	255 710 100	Penafiel P. Hotel, R. Prov. Pontevedra, Penafiel	
D'Aurora		255 735 167	R. Montes Novos, 34, Croca	
Doce Bijou		255 212 442	R. Dr. Joaquim Cotta, 25, Penafiel	
Estádio		255 215 581	R. Abílio Miranda, 153, Penafiel	
Jangada		255 711 961	Ponte Nova, Rans	
Latitude Café & Lounge	x	255 723 312	Av. Egas Moniz, 105, Penafiel	
McDonald's		255 214 145	R. do Tapadinho, Penafiel	
Melinha		927 508 900	R. Dr. Joaquim Cotta, 35, Penafiel	Dom.
Milho Rei		255 615 243	Av. Central de Oldrões, 1728, Oldrões	
Miradouro		255 613 422	EN 108, 578, Entre-os-Rios, Eja	2ª F
Mirante do Douro		255 677 923	Av. Marginal, 1975, Rio Mau	2ª F
Mozinho	x	255 726 504	R. do Barreiro, 20, Galegos	
O Camponês		255 720 951	Av. Zeferino de Oliveira, Croca	Dom. (jant.)/2ª F

**PENAFIEL**

O Casanova		255 402 484	Av. Zeferino de Oliveira, 85, Penafiel	
O Cedro		255 213 551	R. do Cedro, 79, Penafiel	3ª F
O Engaço	x	255 724 209	Av. de Recesinhos, 4667, S. Mam. Recesinhos	Dom. (jant.)/2ª F
O Escondidinho - Pára Pai		255 214 569	R. Alfredo Pereira, Penafiel	Sáb.
O Farela	x	255 212 196	R. de Santa Luzia, Penafiel	Dom.
O Moinho do Moleiro		255 752 131	R. dos Castanheiros, Paço de Sousa	4ª F
O Paladar		255 942 154	R. do Calvário, Boelhe	
O Penafidelense		255 213 406	R. do Paço, Penafiel	
O Sossego		255 724 015	Av. de S. Mamede, 1142, S. Mam. Recesinhos	3ª F
O Sousa		255 713 099	R. Central de Marecos, Marecos	3ª F
O Viveiro do Lavrador		255 725 626	R. da Enxamia, 630, Rans	
Pátio do Sameiro		255 723 632	Av. Zeferino de Oliveira, 105, Penafiel	Dom. (jant.)
Penafidélis		255 212 055	R. do Parque, 75, Penafiel	Dom./2ª F (jant.)
Pinheiral dos Leitões		255 724 318	R. Central Senhora do Monte, Guilhufe	Dom./3ª F (jant.)
Pizzaria Ricardo		255 212 454	R. das Lajes, 126, Penafiel	
Plaza Grill		255 711 227	Av. José Júlio, 1, Penafiel	2ª F
Recezinhos		255 733 900	Av. de Recesinhos, 2178, S. Mam. Recesinhos	2ª F (jant.)
Relógio do Sol		255 212 099	R. Engenheiro Matos, 67, Penafiel	
Restaurante do Paço		255 610 163	R. do Paço, 23, Rio de Moinhos	
Rocha	x	255 942 455	R. Central de Ribaçais, 629, Abragão	2ª F (jant.)
Solar do Souto	x	255 941 001	R. Central de Ribaçais, 240, Abragão	
Solar dos Sobreiros		255 720 218	Av. Zeferino de Oliveira, 1779, Croca	
Taberna Fininha		255 612 306	R. Principal, 1090, Entre-os-Rios, Eja	
Taberna Julinha		915 654 795	Av. Araújo Silva, 21, Penafiel	Dom./Sáb.
Tudo na Brasa		255 615 424	Av. S. Miguel, 411, Termas de S. Vicente	
Vai de Roda		255 212 211	R. Direita, 55, Penafiel	
Vila do Paço		255 754 343	Ed. Vila do Paço, Cadeade, Paço de Sousa	Jantar
Vila Só		255 724 813	Ed. Vila Só, 512, Rans	Dom. (jant.)/2ª F
Zona Verde		255 735 009	Barrocos, Castelões	

CASTELO DE PAIVA

A Casa do Zé		255 689 929	Av. Gen. Humberto Delgado, 59, C. Paiva	
A Ramadinha		255 762 046	R. das Concas, Pedorido	
Adega Sporting		255 689 411	R. da Boavista, 7, Castelo de Paiva	Sáb.
Bar do Rio		934 374 846	Castelo, Fornos	
Bela Vista		255 698 868	R. José Estêvão, Fr. 5, Castelo de Paiva	3ª F (jant.)
Casa de São Pedro	x	255 689 468	Quinta de São Pedro, Castelo de Paiva	2ª F
Churrasqueira Ideal		255 699 345	R. da Boavista, 33, Castelo de Paiva	
Da Villa		255 074 952	Praça da Independência, 59, C. Paiva	2ª F
Dona Amélia		255 698 773	Quinta do Casal, Bairros	Dom. (jant.)/2ª F

**CASTELO DE PAIVA**

Esplan. Jardim do Arda	255 762 618	Além da Ponte, Pedrido	
Iguarias e Vitaminas	255 134 507	R. Dr. Ribeiro de Chaves, 20, Castelo de Paiva	2ª F
O Alambique	916 923 548	R. Visconde José de Paiva, Castelo de Paiva	
O Cantinho	255 762 196	Lugar do Cantinho, Oliveira do Arda, Raiva	
O Geraldo	255 689 518	R. Direita, Ed. Boavista, Castelo de Paiva	3ª F (jant.)
O Malhadoura	255 166 369	Malhadoura, Real	
O Palheiro	255 762 646	Portela, Raiva	Sáb.
O Pinhal	255 688 306	R. da Fontela, Santa Maria de Sardoura	
O Ramadas	255 689 481	Cruz da Carreira, Santa Maria de Sardoura	
Pensão Central	255 689 452	R. Emídio Navarro, 18, Castelo de Paiva	Sáb.
Pizzaria Espaço Z	255 689 222	Edifício Sopé de São Pedro, Castelo de Paiva	
Raiva	x 255 690 160	Douro41 Hotel, EN 222, km 41, Raiva	
Toca da Raposa	918 898 396	Greire, Santa Maria de Sardoura	2ª F

CINFÃES

A Carvalha	255 689 232	Carvalha, Travanca	
Cabaz do Sabor	255 561 019	Urbanização São Sebastião, 2, Cinfães	Dom (jant.)/2ª F
Encosta do Moinho	255 571 159	R. Costa dos Moinhos, Gralheira	4ª F
Faria	255 561 236	R. José Soares, 199, Vila Chã, Nespereira	5ª F
Kibom	255 561 710	R. Major Monteiro Leite, 52, Cinfães	
Mira Serra	255 571 106	Urgal, Meridãos, Tendais	2ª F (jant.)
O Pinhal	255 640 504	CM 556, Moimenta	
O Rabelo	918 432 650	R. Capitão Salgueiro Maia, Cinfães	Dom (jant.)
Penedo de Santa Bárbara	255 563 988	R. de Santa Bárbara, Cinfães	
Recanto dos Carvalhos	x 255 571 566	Largo dos Carvalhos, 12, Gralheira	3ª F
Sabores do Montemuro	255 563 930	R. Capitão Salgueiro Maia, Cinfães	
Serpa Pinto	x 255 560 150	Douro Hotel Porto Antigo, R. Cais, Ol. Douro	
Solar do Montemuro	255 571 715	Lugar de Azevedo, 9815, Tendais	Dom. (jant.)/2ª F
Tendais	255 571 117	Fermentãos, Tendais	
Treze	256 958 097	R. José Soares, 90, Vila Chã, Nespereira	2ª F (jant.)
Varanda de Cinfães	255 561 236	R. Gen. Humberto Delgado, 22, Cinfães	

RESENDE

4 Filhos Fonte Luminosa	968 830 153	R. Prof. Dr. Edgar Cardoso, 44, Resende	
A Barraca	254 939 220	Barraca, Porto de Rei, S. João de Fontoura	
Bengalas	254 877 427	R. Dr. Correia Pinto, 210, Resende	
Catefica	254 098 173	R. José Pereira Monteiro, 111, Resende	Dom.
Douro à Vista	254 877 900	Quintela, 901, Cimo de Resende, Resende	2ª F
Douro Marina Hotel	x 254 870 700	Av. Dr. Correia Pinto, Caldas de Aregos	
Emigrante	254 871 163	Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, 744, Resende	
Gentleman	254 871 113	R. Egas Moniz, 7, Resende	Dom.

**RESENDE**

O Desgraçadinho	912 169 192	R. Humberto Coelho, 104, Portela, Resende	Dom. (jant.)
O Limoeiro	912 136 783	Largo do Mercado, Resende	
O Pitas	254 096 927	R. Prof. Dr. Edgar Cardoso, Resende	
O Túnel	254 875 131	R. de Anreade, 2756, Anreade	
Paga'Tu	254 878 178	Largo da Feira, 5, Resende	Dom./2ª F (jant.)
Restaurante das Caldas	254 403 279	Av. Dr. Correia Pinto, 221, Caldas de Aregos	
Tasquinha do Zé	912 325 243	R. Prof. Doutor Edgar Cardoso, Resende	Dom.
Tentação do Douro	254 094 421	R. de Rendufe, 474, Resende	
Varanda do Douro	914 999 705	R. José Pereira Monteiro, Resende	

BAIÃO

A Casa do Almoceve	x	255 551 226	R. Central da Portela, Portela do Gôve, Gôve	Dom. (jant.)
Assador da Vila		255 541 305	R. de Camões, 212, Baião	
Brasão		255 551 261	R. do Padrão, 426, Ancede	
Casa do Lavrador	x	254 885 143	Estrada Nª Srª do Martírio, 667, S.ª C. Douro	
Churrasqueira da Azenha		255 551 931	EN 221, Porto Manso, Ribadouro	
Eça	x	254 880 000	Douro Palace Hotel, Carrapatelo, S.ª C. Douro	
Escondidinho do Zêzere		254 886 064	R. 1º de Maio, 87, Santa Marinha do Zêzere	3ª F
Flor de Baião		255 542 424	R. de Camões, Baião	
Fonte Nova	x	255 541 257	Praça da Fonte Nova, Lj. 2, Baião	
Ideal		254 888 059	Rampa do Cantinho, 43, S.ª Marinha do Zêzere	
Novo Sol		254 882 469	R. de Arrufe, 1407, Loivos da Ribeira	
O Alpendre		255 551 207	Lugar de Quintela, Gôve	
O Famoso		255 552 776	R. da Associação, 50, Ancede	
O Naco		254 877 423	Rampa do Cantinho, S.ª Marinha do Zêzere	
O Vasconcelos		919 315 427	R. do Sol, 23, Portela do Gôve, Gôve	
O Zezerense		254 882 017	R. 21 de Junho, 39, Santa Marinha do Zêzere	
Palato D'Ouro	x	255 070 900	Douro Royal Hotel, Pala, Ribadouro	
Pé na Curva		255 551 249	R. do Sol, 33, Gôve	
Pensão Borges	x	255 541 322	R. de Camões, 308, Baião	
Primavera		255 542 895	R. Abel Ribeiro, 8, Baião	

Restaurante de Tormes | Baião



**BAIÃO**

Refúgio do Estudante		255 541 287	R. Eng. Adelino Amaro da Costa, Baião	
Restaurante de Tormes	x	933 184 546	Cam. Jacinto, Q. ¹ a Tormes, S. ¹ a Cruz do Douro	
Retiro das Noveleiras		255 441 616	Quinta das Noveleiras, Loivos do Monte	
Solar do Douro		914 825 022	Estr. Carrapatelo, 1273, S. ¹ a Cruz do Douro	
Tapada		255 551 930	R. da Tapada, 60, Portela do Gôve, Gôve	2 ^a F/4 ^a F (jant.)
Tasca do Dîno		912 828 252	R. de Camões, Baião	
Tasca do Valado		254 897 044	R. Caminho de Maf., Mafómedes, Teixeira	
Tasquinha do Fumo		965 814 339	R. Almofrela, 1109, Campelo	
Tasquinha D'Otilia		255 511 495	R. Central de Bruzende, Viariz	

MARCO DE CANAVESES

A Ver o Douro		255 589 673	R. do Barreiro, 617, Paços de Gaiolo	
Albufeira	x	255 534 420	R. Rainha D. Mafalda, 709, S. Nicolau	
Arquinhos de Canaveses		255 397 111	Av. Dr. Franc. Sá Carneiro, 480, M. Canaveses	
Brabbu		255 391 451	R. Antónia Pamplona, 631, Livração	
Cancela Velha	x	255 523 630	Pr. Mov. Forças Armadas, 36, M. Canaveses	Dom./2 ^a F (jant.)
Castelinho		917 834 721	R. N. ^a Senhora do Castelinho, 5, Avesadas	Semana
Dona Mafalda		255 522 104	R. Rainha D. Mafalda, 653, S. Nicolau	
Eiró		255 511 495	R. de Eiró, 423, Soalhões	
Faraó	x	255 405 320	Av. Gago Coutinho, 468, M. Canaveses	
Hamüu Sushi		255 398 617	R. João Bap. Teixeira Mota, 16, M. Canaveses	Dom.
Nantilde		255 522 507	Av. Manuel Pereira Soares, 267, M. Canaveses	
O Plátano		255 523 137	L. António Q. Montenegro, 57, M. Canaveses	
Penhadouro		255 582 994	R. do Ladário, 14, Penha Longa	
Pensão Magalhães		255 522 134	L. António Q. Montenegro, 31, M. Canaveses	
Ponte de Pedra		255 614 990	R. Eng. Duarte Pacheco, 1025, Torrão	
Quinta do Beiral		911 537 555	R. 29 de Agosto, 415, Folhada	
Sampaio		255 534 540	Av. Jorge N. Pinto da Costa, 862, M. Canaveses	
Silva		255 535 079	R. de Sobretâmega, 127, Sobretâmega	
Tâmega à Vista		255 614 384	R. da Barragem, 155, Torrão	
Tasca do Dîno		255 522 101	R. de S. Lourenço, 195, Várzea da Ovelha	
Teixeira		255 611 689	R. do Memorial, 261, Alpendorada e Matos	
Tongobriga		255 536 216	R. António Correia Vasconcelos, 365, Freixo	2 ^a F/5 ^a F
Zé Ligeiro		255 025 671	Largo das Capelas, 51, Tabuado	

AMARANTE

100 Sabores		255 446 078	R. Cândido dos Reis, 251, Amarante	
A Eira	x	255 095 490	R. da Vinha, Lote 19, 354, Telões	Dom./2 ^a F/5 ^a F (jant.)
A Grelha		255 431 272	Av. 25 de Abril, 8, Murtas, Amarante	
A Quelha		918 121 791	R. Olivença, 20, Amarante	
A Taberna		255 449 177	R. 31 de Janeiro, 22, Amarante	

**AMARANTE**

Amaranto		255 422 006	R. Acácio Lino, 351, Madalena	Dom./3ª F (jant.)
Avião		255 432 992	R. 31 de Janeiro, 21, Amarante	
Bar dos Pauzinhos		255 446 699	R. dos Pauzinhos, Amarante	
Campismo (Velho)		255 432 454	R. Capitães de Abril, Amarante	2ª F
Casa Silva		25 544 184	R. de Larim, 177, Gondar	
Casa Ventura		255 482 211	R. do Castanheiro Redondo, 1228, Telões	2ª F
Cavalinho		255 441 670	R. do Cavalinho, 5, Gondar	
Coimbra		255 432 870	R. Santo André, 1659, Padronelo	
DNA Regional		255 424 581	R. António Carneiro, 57, Amarante	Dom. (jant.)
Estoril		255 431 291	R. 31 de Janeiro, 152, Amarante	
Filhos de Moura		255 440 492	R. de S. Pedro, 575, Aboim	Dom./2ª F (jant.)
Kilowatt		255 433 159	R. 31 de Janeiro, 107, Amarante	2ª F
Largo do Paço [🌟]	x	255 410 830	Hotel Casa da Calçada, 6, Amarante	Janeiro
Lusitana		255 426 720	R. 31 de Janeiro, 65, Amarante	3ª F (jant.)
Machado		255 424 173	Av. Joaquim L. de Carvalho, 30, Amarante	
Mateus		255 441 680	EN 101, 80, Reboreda, Bustelo	
Monverde	x	255 143 100	Monverde Wine Hotel, Cast. Redondo, Telões	
O Cais		919 445 087	R. 5 de Outubro, Vila Meã	
O Golfe	x	255 446 060	Golfe de Amarante, Q.ª da Devezza, Fregim	2ª F
O Pereira		255 426 186	Largo do Rego, 56, Santa Luzia, Amarante	Dom.
O Pescador		255 422 004	Av. General Silveira, 257, Amarante	2ª F
O Sobreiro		255 423 500	R. Doutor Mário Cal Brandão, Amarante	2ª F
O Varejão		255 449 284	R. Agostinho G. Abreu, 78, Vendinhas, Telões	
Paisagens de Amarante		255 437 484	R. Dr. Luís Van Zeller Macedo, Amarante	Dom. (jant.)/2ª F
Pena		913 434 898	Quinta da Pena, R. da Pena, 342, Vila Caiz	Dom. (jant.)/2ª/3ª F
Pizzaria Al Forno		255 431 912	R. Escrit. Manuel Sequeira, L. 4, Amarante	3ª F
Pizzaria Cimo de Vila		255 424 127	R. Cimo de Vila, Bloco C, Amarante	Dom. (alm.)/2ª F (jant.)
Pizzaria Geraldes		255 424 326	R. da Quintã, 5, Geraldes, Amarante	
Pobre Tolo	x	255 422 088	Av. General Silveira, 169, Amarante	3ª F
Pousada do Marão		255 460 030	Curva do Lancete, Ansiães	

Largo do Paço [Estrela Michelin 🌟] | Amarante



**AMARANTE**

Quinta da Lama	255 733 548	Caminho da Rua, Vila Meã	Dom. (jant.)/2ª F
Quinta do Outeiro	255 010 092	R. do Outeiro de Baixo, 15, São Gonçalo	
Raposeira	255 431 109	Largo Cons. António Cândido, 160, Amarante	
Rita	255 483 416	Via da Nora, 714, Figueiró Santiago	3ª F
Sabores na Brasa	255 440 460	R. da Estradinha, 243, Telões	
Sampaio	255 449 250	R. Nossa Senhora Fátima, 16, Telões	
São Gonçalo - Café [S] x	255 432 707	Praça da República, 8, Amarante	
Senta-te Comigo	255 437 241	R. da Rampa Alta, Amarante	
Solar de São Gens	255 386 188	Trav. São Gens de Baixo, 72, Freixo de Cima	2ª F/3ª F (jant.)
Taberna d'Azenha	255 431 620	Outeiro, Vila Caiz, Lufrei	2ª F/3ª F
Taberna de Larim	255 425 439	R. Mem Gondar, 436, Larim, Gondar	
Taberna do Coelho	255 422 664	R. da Boavista, 393, Cepelos	2ª F/5ª F
Taberna Don Rodrigo	919 318 042	R. 31 de Janeiro, 39, Amarante	
Taberna Xandoca	255 731 077	R. 5 de Outubro, Vila Meã	Dom.
Tasca das Alminhas	936 340 006	R. Francisco Sá Carneiro, 456, Amarante	
Tasca do Adérito	933 057 578	R. 31 de Janeiro, 24, Amarante	3ª F
Tasca do João	255 424 703	R. Santo André, 1185, Padronelo	2ª F/Dom. (alm.)
Tasquinha da Estação	912 385 295	R. de João P. Ribeiro, 93, Amarante	Dom.
Tasquinha da Ponte	255 433 715	R. 31 de Janeiro, 193, Amarante	2ª F
Ti'Ana	255 731 577	R. da Trovoada, 416, Travanca	
Tranqueira	255 441 065	R. Dr. Mário Monterroso, 167, Amarante	
Zé da Calçada x	255 321 118	R. 31 de Janeiro, 81, Amarante	Dom.

CELORICO DE BASTO

A Forca	255 489 197	R. do Castelo, 886, Arnoia	
Adelina	255 321 344	R. Serpa Pinto, Celorico de Basto	
Churrasqueira da Mota	255 489 647	R. de Fervença, 56, Mota, Fervença	
Costa Verde	253 655 944	R. do Monte Velho, 40, Cerdeira, Ribas	
Da Alzira	255 323 659	Av. João Pinto Ribeiro, 134, Cel. Basto	Jantar
Nova Vila	255 322 494	R. Rodrigo Sousa e Castro, 278, Cel. Basto	
O Bilhó	255 551 249	Trav. de Salmães, 114, Vilar, Arnoia	2ª F
O Cantinho	254 882 017	R. Rodrigues de Freitas, 28, Cel. Basto	2ª F
O Grilo	255 322 085	R. Dr. Daniel Salgado, Celorico de Basto	
Os Galegos	255 489 265	R. de Fervença, 1932, Assento, Fervença	4ª F
Pizzaria Hudi	255 323 060	R. Cap. Rodrigo Sousa e Castro, Cel. Basto	
Quinta da Fontinha	255 489 197	R. da Fontinha, Barrega, Borba da Montanha	
Quinta do Forno	255 322 255	R. da Venda Nova, Celorico de Basto	2ª F
Sabores da Quinta	965 041 113	Quinta do Campo, Molares	6ª F/Sáb. (alm.)
São Tiago	255 323 290	R. Serpa Pinto, Celorico de Basto	
Varanda das Camélias x	255 322 214	Celor. P. Hotel, R. Combat. Ultramar, Cel. Basto	



ONDE DORMIR



FELGUEIRAS

4615 Hotel	x	H****	www.4615hotel.pt	255 078 612
Hotel Albano		H**	www.hotelalbano.pt	255 922 012
Casa do Cotto		TH		289 587 000
Paço de Pombeiro	x	TH	www.pacodepombeiro.pt	255 926 523
Casa do Arcebispo	x	CC		933 472 919
Quinta do Mosteiro		CC	www.quintamosteiro.com	255 336 028
Horus Apartamentos		AT	www.horus.pt	255 312 400
● Stone Farm Hostel		Host.	http://stonefarmhostel.com	222 001 530
Casa Rosa Sousa	x	AL		961 403 574
Parque de Campismo de Vila Fria		PC	www.felgueirascamping.pt	255 346 403

LOUSADA

Lousada Country Hotel	x	H****	www.lousadacountryhotel.pt	255 812 105
Hotel Estrada Real	x	H**	www.estradaareal.pt	255 733 154
Casa de Juste	x	TH	www.casadejuste.com	255 821 626
Casa de Marlães	x	CC	www.casademarlaes.com	255 815 171
Quinta da Longra		CC	www.quintadalongra.com	253 583 570
● Quinta de Lourosa	x	CC	www.quintadelourosa.com	255 815 312
Aveleda Village	x	AL	www.aveledavillage.com	255 171 536

PAÇOS DE FERREIRA

Hotel Quinta do Pinheiro	x	H****	www.hotelquintadopinheiro.com	255 870 097
Paços Ferrara Hotel	x	H***	www.pacosferrarahotel.com	255 962 548
Hotel Quinta da Vista Alegre		HR	www.quintavistalegre.com	255 880 150
Casa de Rosende		CC	www.casaderosende.com	255 879 082
Quinta do Alves		CC	http://quintadoalves.com	255 873 093
Quinta do Passal		CC	www.quintadopassal.com	255 870 420



Longe da agitação citadina, aproveite para restabelecer as forças numa unidade de alojamento do vasto território da Rota do Românico. Das inúmeras casas de turismo no espaço rural aos modernos estabelecimentos hoteleiros, passando pelas revigorantes estâncias termais, são diversas as opções de escolha, mas com um denominador comum: a qualidade das instalações e dos serviços prestados.

Para os adeptos do BTT e do cicloturismo, a região dispõe de um conjunto de unidades especialmente vocacionadas para o acolhimento de ciclistas, a rede Bikotel®. Estas unidades oferecem condições para a lavagem das bicicletas e da roupa dos ciclistas, garagem, ementas adequadas, percursos definidos, entre outros serviços. Mais informações em www.biketels.com.



Praça Dr. Eduardo Freitas, 54, Lixa	16
Rua 25 de Abril, 38, Felgueiras	11
Lugar do Cotto, Varziela	8
Rua do Burgo, 590, Pombeiro de Ribavizela	10
Rua do Arcebispado, S. Donato, Sousa	3
Mosteiro, Pombeiro de Ribavizela	4
Av. Dr. Leonardo Coimbra, 576, Felgueiras	12 (Apt)
Rua de Santa Maria, 1499, Airães	36
Praceta do Foral, 84, Felgueiras	8
Rua da Raposeira, Vila Fria	90 (camp.)

Variante de Vila Meã, 531, Silvares	20
Av. Estrada Real, 414, Aparecida, Torno	25
Av. do Rio, 14, Torno	10
Rua de Marlães, 64, Nespereira	2
Longra, Santo Estêvão de Barrosas	5 + 1 (Apt)
Estrada S.ª Maria de Sousela, 1913, Sousela	6 + 1 (Apt)
Estrada do Casal de Baixo, 374, Aveleda	4

Rua de Miraldo, 262, Freamunde	21
Av. 1º de Dezembro, 137, Paços de Ferreira	35
Rua Leopoldo Saraiva, 48, Freamunde	10
Rampa de São Pedro, Raimonda	6
Rua Fundo de Vila, 184, Arreigada	6
Rua de São João, Codessos	6



**PAREDES**

Paredes Design Hotel	x	H***	www.paredesdesignhotel.com	255 781 521
Paredes Hotel Apartamento		HA***	www.paredeshotel.com	255 780 490
Chalé Confort Hotel		H**	www.chaleconforhotel.pt	224 110 347
Hotel Dom Leal		H**	www.hoteldomleal.com	224 156 282
Casa de Estrebuela		TH		255 777 543
Casa do Médico		TH		224 501 415
Casa da Torre	x	CC		225 963 538
Casa das Camélias		CC		914 818 526
● Casa de Louredo	x	CC	www.casadelouredo.pt	255 780 900
Quinta de Valdeira		AB	www.casabrigo-quintadevaldeira.com	963 378 172
Baracha	x	AL		963 025 452
Quinta da Sobreira	x	AL		929 298 289
Quinta do Rio Sousa	x	AL		967 879 540
ASA – Área de Serviço de Autocaravanas		Autoc.		

PENAFIEL

Penafiel Park Hotel & Spa	x	H****	www.penafielparkhotelspa.com	255 710 100
Termas de S. Vicente Palace Hotel & Spa		H****	www.termasdesaovicente.pt	255 617 080
Penahotel		H***	www.penahotel.com	255 711 420
Dom Hotel		H**	www.domhotel.pt	255 720 782
Hotel Restaurante Aliança		H**	www.hotelrestaurantealianca.com	255 612 255
Hotel Quinta de Santa Cruz	x	HR	www.quintasantacruz.com	255 613 070
Hotel Quinta das Quintães		HR	www.quintadasquintaes.com.pt	255 613 553
Casa da Lage		TH		255 612 219
Quinta da Maragossa		TH	www.casadamaragossa.com	255 612 797
● Solar Egas Moniz	x	TH	www.solaregasmoniz.com	255 754 249
Casa dos Esteios	x	AG	www.casadosesteios.com	962 830 700
Quinta de Aból de Baixo		AG	www.quintadeabol.com	919 881 851
Quinta de Gatão		AG	www.quintadegatao.com	935 299 935
Casa da Ventozella	x	CC	www.casadoventozella.com	255 391 192
Casa do Aguiheiro		CC	www.casadoxine.org	255 752 382
Casa Valxisto	x	CC	www.valxisto.pt	936 473 986
Casal do Outeiro de Leirós		CC	www.casaldouteiro.com	255 732 770
Passal Country House	x	CC		965 606 444
Quinta da Fonte Arcada		CC	www.quintafontearcada.com	255 755 485
Quinta do Bacêlo		CC	www.quintadobacelo.com	917 554 617
Quinta do Lobo Branco		CC	www.quintadolobobranco.com	255 752 626
Quinta do Padrão		CC	www.quintadopadrao.pt	932 233 490
Quinta Vale de Rans	x	CC	http://valederans.com	255 402 215



Rua Central de Mouriz, 1595, Paredes	46
Rua Almeida Garrett, Paredes	76
Rua Central de Vandoma, 554, Vandoma	22
Av. Central de Gandra, 1460, Gandra	24
Av. da República, 95, Paredes	5
Rua Santa Isabel, 7, Sarnada, Aguiar de Sousa	7
Rua da Torre, 208, Sobrosa	4 + 1 (Apt)
Rua Dr. Bernardo P. Pereira Leite, 3, Cristelo	7
Lugar da Herdade, 8, Louredo	10
Rua de Santa Comba, 1865, Sobreira	2
Rua do Campo Lindo, 1059, Recarei	4
Rua da Asprela, 610, Vilar, Sobreira	6
Rua do Rio, 112, Parada de Todeia	3
Rua da Igreja, 503, Lordelo	

Quinta das Lajes, Penafiel	69
Av. Central das Termas, Termas de S. Vicente	133
Parque do Sameiro, Penafiel	50
EN 15, Sobreiros, Croca	42
Av. Central das Termas, 2, Termas de S. Vicente	21
EN 108, km 34, Canelas	10
Rua das Quintãs, 681, Valpedre	10
Largo Dr. António Moreira, S. Miguel de Paredes	5
Rua da Maragossa, 79, Valpedre	3 + 5 (Apt)
Rua dos Monges Beneditinos, 158, Paço de Sousa	10
Quinta do Ameal, 172, Termas de São Vicente	8
Quinta de Abôl de Baixo, Eja	9
Rua de Gatão, 59, São Martinho de Recesinhos	7 + 4 (Apt)
Av. António Ribeiro, 1888, Vila Cova	5
Calçada de Quintandona, Lagares	2
Rua P. Agostinha, 233, Quintandona, Lagares	8
Casal do Outeiro, São Martinho de Recesinhos	6
Largo do Mosteiro, 82, Paço de Sousa	5
Quinta da Fonte Arcada, Fonte Arcada	5 + 1 (Apt)
Rua do Bacêlo, 117, Termas de São Vicente	4 + 1 (Apt)
Rua do Outeiro, Paço de Sousa	9
Rua do Padrão, 295, Duas Igrejas	5 + 2 (T2)
Rua da Portela, 435, Rans	3 + 4 (Apt)



**PENAFIEL**

Solar de Sebolido		CC	www.dourowake.com	220 131 755
Vizinha da Viúva		CC	www.vizinhadaviuva.com	936 917 190
Eira das Carvalhas	x	AL		962 891 298
Quinta da Moura	x	AL		919 411 789
Quinta do Bairro	x	AL		934 986 931
INATEL – Termas de Entre-os-Rios		Termas	www.inatel.pt	255 616 059
ASA – Área de Serviço de Autocaravanas		Autoc.		

CASTELO DE PAIVA

Douro41 Hotel & Spa	x	H****	www.douro41.com	255 690 160
● Hotel Casa de São Pedro	x	HR	www.hotel-spedro.com	255 689 468
Casa do Villas		AG	www.casadovillas.com	916 275 867
Quinta de Gildinho		AG	www.quintadegildinho.com	910 419 394
Quinta de Vilar e Almarde		AG	www.qvalmarde.pt	916 365 381
Olival da Vinha		CC	www.olivalcasarural.pt	255 148 618
Rio Moment's		CC	www.riomoments.com	962 343 498
Out of Town Hostel		Host.		934 374 846
ASA – Área de Serviço de Autocaravanas		Autoc.		

CINFÃES

ArsDurium Douro Hotel		H****	www.dourohotel.com	255 561 337
● Douro Hotel Porto Antigo	x	H****	www.hotelportoantigo.com	255 560 150
Casa Altamira		TH	www.casaaltamira.com.pt	255 620 020
Casa da Quinta da Calçada		TH	http://casacalcada.com	255 563 210
Casa de Montemuro		TH	www.casademontemuro.pt	916 374 379
Casa de Rebolfe		TH	www.casadorebolfe.pt	228 313 482
Quinta da Ventozela	x	TH	www.quintadaventozela.com	255 562 342
Casa de Campo de Enxidrô	x	CC		913 444 411
Casa do Lódão	x	CC	www.casalodao.no.sapo.pt	225 561 277
Casa do Moleiro		CC	www.casadomoleiro.com	225 024 532
Cerrado dos Outeirinhos	x	CC	www.cerradosouteirinhos.pt	255 561 574
Douro Green		CC	www.dourogreen.com	932 773 412
Quinta da Costeira		CC		255 563 096
Quinta da Vinha Velha		CC	www.quintadavinhaveilha.com	914 504 698
Casa da Costinha	x	AL		917 892 001
Casa das Castanhas	x	AL		925 781 785
Parque de Campismo de Mourilhe		PC		

RESENDE

Douro Marina Hotel Termal & Spa	x	H****	www.douromarinahotel.com	254 870 700
Hotel Comércio		H**	www.hotelcomercio.pt	254 874 105
Casa do Souto		TH		937 568 404

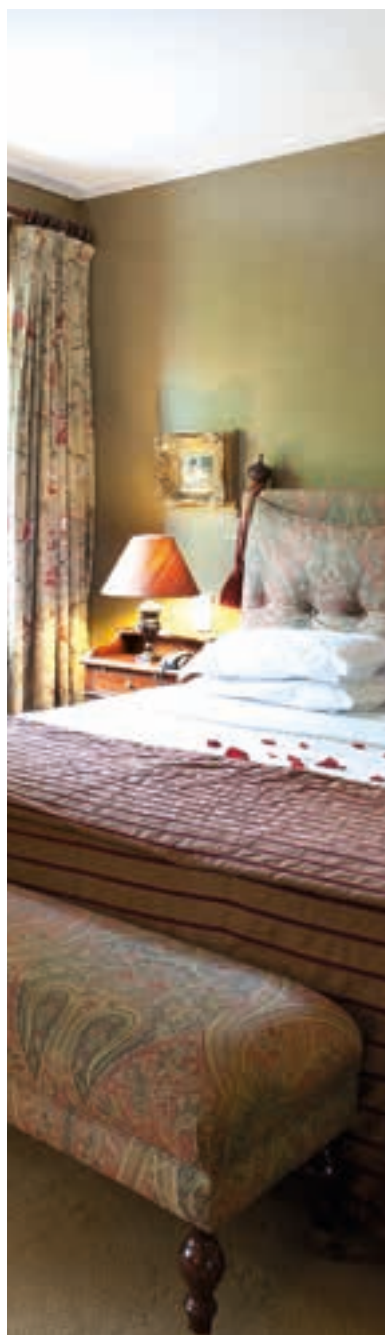


Rua de São Paulo, Sebolido	6
Trav. de Quintandona, Lagares	3
Rua do Carvalho, 218, Oldrões	2
Rua da Praia, 236, Sebolido	4
Trav. do Bairro, 40, Canelas	5
EN 106, km 39, Eja	42
Rua da Igreja, Guilhufe	

EN 222, km 41, Vista Alegre, Raiva	61
Quinta de São Pedro, Castelo de Paiva	12
Eirô de Nojões, Real	5
Gildinho, Real	6
Vilar de Nojões, Real	6
Rua Emídio Navarro, 179, Castelo de Paiva	7
Lugar de Várzea, Bairros	13
Lugar de Talas, Fornos	10 pax
Rua Emídio Navarro, Castelo de Paiva	

Lodeiro, Oliveira do Douro	10
Rua do Cais, 675, Porto Antigo, Oliveira do Douro	23
Lugar da Lavra, Espadanedo	8
EN 222, Oliveira do Douro	10
Quinta do Paço, Travassos	10
Rua do Rio Bestança, 1795, Porto Antigo, Ol. Douro	5
Lugar do Casal, Cinfães	8
Lugar de Enxidrô, Tendais	T2
Quinta do Outeiro, Boassas	3
Pelisqueira, Ferreiros de Tendais	4
Rua Major Monteiro Leite, 62, Cinfães	2
Rua José Correia Sales, Souselo	5
Calçada de Medados, 158, Cinfães	6
Rua de Finzes, 348, Oliveira do Douro	5
Caminho do Lugar do Além, 150, S. Crist. Nogueira	3
Rua da Costinha, Campos Arriba, S. Crist. Nogueira	3
Mourilhe, São Cristóvão de Nogueira	

Av. Dr. Correia Pinto, Caldas de Aregos	34
Av. Dr. Correia Pinto, Caldas de Aregos	20
Estrada de Anreade, Resende	4



**RESENDE**

Quinta do Carujeiro		TH		254 200 389
Casas Fundo d'Aldeia, Adegas e Artista		AG		254 401 159
Quinta do Outeiro	x	AG	www.quintadoouteiro.pt	254 874 018
Quinta das Lamas e Salgueirinhos	x	CC	quintadaslamasesalgueirinhos.blogspot.pt	254 874 087
Quinta de Casal Mato	x	CC		254 871 693
Vald'Aregos	x	CC	www.valdaregos.pt	254 874 176
Quinta da Porta Caseira		AT	www.portacaseira.com	254 878 278
Casa de Tapadeirô	x	AL	http://tapadeiro.multivica.pt/casa	966 944 969

BAIÃO

Douro Royal Valley Hotel & Spa	x	H*****	www.douroyal.com	255 070 900
Douro Palace Hotel Resort & Spa	x	H****	www.douropalace.com	254 880 000
Casa da Lavand'eira	x	TH	www.casadalavandeira.com	255 551 008
Casa de Cochêca		TH CC	www.cocheca.com	255 551 174
Casa do Monte		TH	www.casadomonte.pt	918 011 077
O Casarão		TH	www.eventoscasarao.com	254 882 177
Quinta da Casa Grande de Pinheiro		TH	www.casagrandepinheiro.com	254 882 202
Quinta da Ermida		TH	http://quintadaermida.planetaclix.pt	254 881 588
Quinta das Quintãs		TH	www.quintadasquintas.com	254 882 269
Quinta de Guimarães		TH	www.quintadeguimaraes.com	213 570 590
Quinta do Ervedal		TH	www.quintadoervedal.com	254 882 468
Casa da Torre		CC	www.torredeportomanso.com	255 551 232
Casa das Feitorias		CC		254 886 066
Casa do Silvério		CC	www.feq.pt	254 882 120
Casas de Pousadouro		CC	www.casasdepousadouro.com	226 099 318
Douro Suites		CC	www.dourosuites.com	938 880 085
Quinta das Aguincheiras		CC		255 551 338
Quinta de Marnotos	x	CC	www.marnotos.pt	935 525 886
Albergue de Natureza de Mafómedes		AB	www.cm-baiao.pt	255 541 430
Albergue de Natureza de Porto Manso		AB	www.cm-baiao.pt	255 541 430
Casa da Juventude de Baião		AB	www.cm-baiao.pt	255 540 500
Casa da D. Marquinhos	x	AL	www.marquinhos.com	913 371 727
Pensão Borges	x	AL	www.residencialborges.com	255 541 322

MARCO DE CANAVESES

Casa dos Becos	x	AG	www.casadosbecos.com	255 511 744
Quinta da Bouça	x	AG	www.bouca-agroturismo.com	919 881 215
Quinta da Calçada do Souto		AG	www.quintacalcadadosouto.com	918 212 639
Casa da Quintã	x	CC	http://casadaquintafolhada.wixsite.com	255 423 229
Casa das Vendas		CC	www.casadasvendas.net	916 719 681



Louredo de Baixo, Miomães	5
Quinta da Graça, Anreade	18
Anreade	9
Rua das Lamas, 2022, São Cipriano	6
Rua de Casal Mato, 212, Resende	7
Senhora da Piedade, São Romão de Aregos	6
Mirão, Resende	8
Rua do Matinho, Brejo, São Cipriano	4

Portela do Rio, Pala, Ribadouro	69
Carrapatelo, Santa Cruz do Douro	60
Penalva de Baixo, Ancede	10
Cochêça, Mesquinhata	4 + 4 (Apt)
Rua Principal, 1112, Teixeira	9
Calçada das Lages, 151, S. ^{ta} Marinha do Zêzere	5
Calçada da Casa Grande, 45, Valadares	5
Lugar da Ermida, Santa Marinha do Zêzere	10
Mirão, S. Tomé de Covelas	5 + 2 (Apt)
Lugar de Míguas, Santa Marinha do Zêzere	8
Santa Marinha do Zêzere	8
Porto Manso, Ribadouro	8
Quinta da Cancela, Tresouras	4
Caminho de Jacinto, 3110, S. ^{ta} Cruz do Douro	4
Laranjal, Santa Cruz do Douro	7
Rua da Portela do Rio, 543, Ribadouro	6
Rua Maestro Ferreira Couto, 1213, Ancede	5
EN 304-3, Gestaçõ	6
Mafómedes, Teixeira	3
Porto Manso, Ribadouro	4
Lugar de Chavães, Ovil	61 camas
Caminho da Granja, 59, S. ^{ta} Marinha do Zêzere	2
Rua de Camões, 4, Baião	14

EM 642, 1097, Paredes de Viadores	6
Rua do Curro, Paços de Gaiolo	5
Rua Calçada da Torre, 126, Vila Boa de Quires	9
Rua de Cem, 384, Folhada	4
Rua Cor. Fernando Monterroso, 313, Tabuado	5



**MARCO DE CANAVESES**

Casa de Andrães		CC	www.casadeandraes.com	255 535 052
Casa de Campo de Santa Cristina	x	CC	www.santacristina.pt	255 630 193
● Casas de Gondomil e Vila Cete		CC	www.casadegondomil.pt	255 619 122
Casa de Telhe		CC	www.casadetelhe.com	919 383 232
Casa do Bairro		CC		934 433 122
Quinta da Várzea de Cima		CC	www.quintadavarzeadecima.blogspot.pt	255 531 034
Quinta de Mosteirô		CC		255 581 493
Quinta de VillaSete	x	CC	www.villasete.com	255 405 088
Quinta de Vila Verde		CC		255 521 199
Quinta do Cão		CC		917 201 078
Turismo Castelo de Gouveia		CC	www.turismocastelougouveia.pt	936 515 515
Abrigo de Montanha da Venda da Giesta		AB	pedestrianismo-aaro.blogspot.pt	918 608 499
Albufeira Hostel	x	Host.		255 534 420
Convento de Alpendurada		AL	www.conventoalpendurada.pt	255 611 371
Juncal – Ecological Country Camping		PC	www.ecocampingjuncal.com	255 511 684

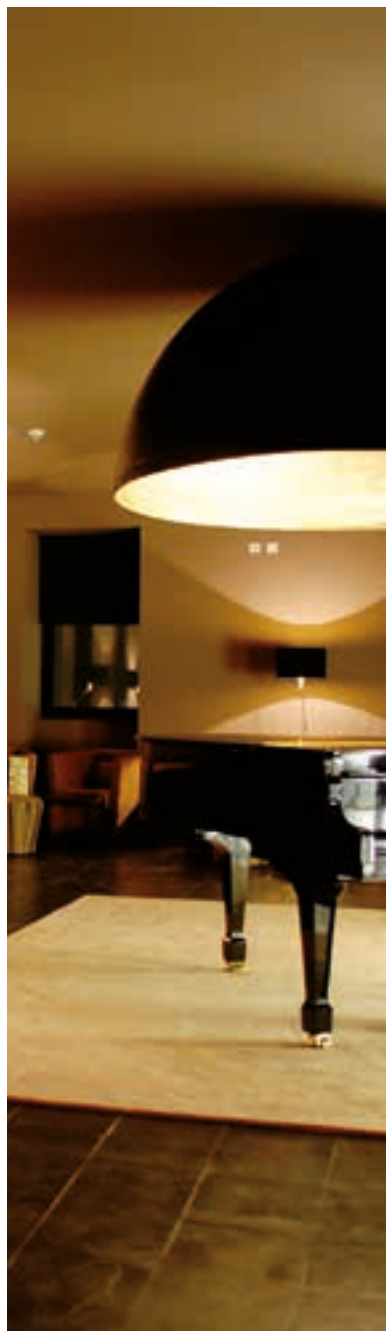
AMARANTE

● Hotel Casa da Calçada, Relais & Châteaux	x	H*****	www.casadacalcada.pt	255 410 830
Hotel Amaranato		H***	www.hotelamaranto.com	255 410 840
Hotel Navarras		H***	www.hotelnavarras.pt	255 431 036
Hotel Quinta da Cruz & Spa		HR	www.hotelquintadacruz.pt	255 730 040
● Monverde Wine Experience Hotel	x	HR	www.monverde.pt	255 143 100
Pousada do Marão		Pous.	www.pousadas.pt	255 460 030
Casa da Levada		TH	www.casalevada.com	255 433 833
Casa da Pedra		TH	www.casadapedra.com.pt	255 422 997
Casa do Carvalho		TH		255 422 622
● Quinta de Pousadela	x	AG	www.quintadapousadela.com	925 638 541
Quinta de Travancela	x	AG	www.quintadetravancela.pt	255 735 549
Solar de Passinhos		AG	www.solardepassinhos.pt	912 106 634
Aldeia do Tâmega		CC	www.aldeiadotamega.com	255 410 040
Casa da Nogueira		CC	www.casadanogueira.com	255 424 035
Casa de Infesta		CC	www.casadeinfesta.com	253 412 057
Casa de S. Faustino de Fridão		CC		255 410 860
Casal de Aboadela		CC		255 441 141
Quinta da Ribeira		CC	www.aquintadaribeira.com	933 943 355
Quinta de Ribas		CC	www.quintaderibas.com	255 422 113
Casa da Juventude de Amarante		AB	www.cj-amarante.org	255 420 234
Hostel des Arts		Host.	www.hosteldesarts.com	255 095 951
Parque de Campismo do Penedo da Rainha		PC	www.ccporto.pt	255 437 630
ASA – Área de Serviço de Autocaravanas		Autoc.		



Rua de Andrães de Baixo, 91, Santo Isidoro	9
Cam. das Andrades, Alpendorada e Matos	3
Cam. de Gondomil, 222, Alpend. e Matos	4
Rua de Pomarelhos, 56, Soalhães	5
Rua do Bairro, 302, Ariz	8
Trav. da Várzea, 306, Tabuado	6
Mosteirô, Sande	6
Rua das Covas, 272, Alpendorada e Matos	8
Rua Brigadeiro Nunes da Ponte, 1019, Tuíás	5
Rua da Foz, 648, São Lourenço do Douro	7
R. Casal Paio, Várzea da Ovelha e Aliviada	10
Venda da Giesta, Soalhães	40 camas
Rua Rainha D. Mafalda, 709, S. Nicolau	36 camas
Av. de S. Bento, 9, Alpendorada e Matos	37+16 casas
Rua das Cortes, 219, Soalhães	2+13 ten.+13 car.

Largo do Paço, 6, Amarante	30
Rua Acácio Lino, 333, Amarante	35
Rua António Carneiro, 84, Amarante	58
Largo da Cruz, Real, Vila Meã	25
Qt. Sanguinhedo, Cast. Redondo, Telões	46
Curva do Lancete, Ansiães	15
Bustelo, Travanca do Monte	3
Lugar da Pedra, Vila Chão do Marão	4
Rua do Carvalhal, 62, Jazente	6
Pousadela, Ôlo	1 + 2 (Apt)
Rua de Felgueiras, 15, Mancelos	4
Rua de Passinhos, 434, Vila Caiz	6
Rua do Tâmega, 2245, Fregim	22
Rua Central, Canadelo	2
R. Fundo Vila, 61, Infesta, Gouveia (S. Simão)	3
Rua de São Faustino, Fridão	6
Casal de Aboadela, Aboadela	4
Rua Ribeira da Baía, 340, Louredo	4
Rua de Ribas, 413, Vila Chã do Marão	4 + 4 casas
Av. General Silveira, 193, Amarante	9
Rua Cândido dos Reis, 53, Amarante	15 + 48 camas
Rua Pedro Alvellos, Amarante	500 (camp.)
Parque Florestal, Amarante	



**CELORICO DE BASTO**

Celorico Palace Hotel & Spa	x	H****	www.celoricopalace.com	255 322 214
Casa de Canedo	x	TH	www.casadecanedo.com	255 361 293
Solar do Souto		TH	solaridosouto.blogspot.com	255 655 142
Casa da Boavista		CC	www.cameliasdebasto.com	914 880 608
Casa das Laranjeiras		CC	www.cameliasdebasto.com	914 880 608
Casa do Campo		CC	www.casadocampo.pt	255 361 231
● Quinta das Escomoeiras	x	CC	www.quintadasescomoeiras.com	255 322 785
Quinta dos Mouras		CC	www.quintadosmouras.com	255 346 193
Pousada de Celorico de Basto		AB	www.mun-celoricodebasto.pt	255 321 237
Parque de Campismo de Celorico de Basto		PC	www.campingceloricodebasto.pt	255 323 340



Mosteiro de Cárquere | Resende



Rua Comb. do Ultramar, 100, Celorico de Basto	42
Rua Abelheiro de Baixo, 110, Canedo de Basto	9
Vilar, S. Clemente, Gandarela de Basto	5
Gêmeos	5
Codessoso	14
Molares	8 + 2 (Apt)
Lourido, Arnoia	9
Rua de Carcavelos, 608, Infesta	4
Rua Dr. Ernesto Faria Leal, 64, Celorico de Basto	32 camas
Rua Joaquim Narciso Bahia, 159, Cel. Basto	350 (camp.)





CONTACTOS ÚTEIS



FELGUEIRAS

Bombeiros Voluntários de Felgueiras	255 926 666	Rua Costa Guimarães, Felgueiras
Câmara Municipal de Felgueiras	255 318 000	Praça da República, Felgueiras
Centro de Saúde de Felgueiras	255 310 920	Rua Agostinho Ribeiro, Felgueiras
GNR – Posto Territorial de Felgueiras	255 340 150	Rua Agostinho Ribeiro, Felgueiras
Hospital Agostinho Ribeiro	255 310 820	Av. Dr. Magalhães Lemos, Felgueiras

LOUSADA

Bombeiros Voluntários de Lousada	255 912 119	Rua dos Bombeiros Voluntários, 52, Lousada
Câmara Municipal de Lousada	255 820 500	Praça Dr. Francisco Sá Carneiro, Lousada
Centro de Saúde de Lousada	255 912 228	Av. Major Arrochela Lobo, Lousada
GNR – Posto Territorial de Lousada	255 810 470	Parque Industrial, Lousada
Hospital da Misericórdia de Lousada	255 820 700	Av. Major Arrochela Lobo, Lousada

PAÇOS DE FERREIRA

Bombeiros Voluntários de Paços de Ferreira	255 965 339	Rua Dr. Nicolau Carneiro, Paços de Ferreira
Câmara Municipal de Paços de Ferreira	255 860 700	Praça da República, 46, Paços de Ferreira
Centro de Saúde de Paços de Ferreira	255 962 506	Rua Rainha D. Leonor, 107, Paços de Ferreira
GNR – Posto Territorial de Paços de Ferreira	255 962 431	Rua Dr. Leão de Meireles, Paços de Ferreira
Hospital da Misericórdia de Paços de Ferreira	255 962 819	Rua Dr. Leão Meireles, Paços de Ferreira

PAREDES

Bombeiros Voluntários de Paredes	255 788 788	Av. dos Bombeiros Voluntários, Paredes
Câmara Municipal de Paredes	255 788 800	Praça José Guilherme, Paredes
Centro de Saúde de Paredes	255 782 319	Av. Comendador Abílio Seabra, 104, Paredes
GNR – Posto Territorial de Paredes	255 788 760	Alam. Dr. José Cabral, Paredes
Hospital Particular de Paredes	255 780 730	Rua Dr. Elias Moreira Neto, 141, Paredes

PENAFIEL

Bombeiros Voluntários de Penafiel	255 212 122	Largo dos Bombeiros Voluntários, 2, Penafiel
Câmara Municipal de Penafiel	255 710 700	Praça do Município, Penafiel
Centro de Saúde de Penafiel	255 718 530	Trav. da Rua Marquês de Pombal, Penafiel
Hospital Arrifana de Sousa	255 718 100	Largo Santo António dos Capuchos, Penafiel
Hospital Padre Américo – Centro Hosp. Tâm. e Sousa	255 714 000	Lugar do Tapadinho, Guilhufe
GNR – Posto Territorial de Penafiel	255 710 940	Largo Conde de Torres Novas, Penafiel



CASTELO DE PAIVA

Bombeiros Voluntários de Castelo de Paiva	255 690 550	Av. Gen. Humberto Delgado, Castelo de Paiva
Câmara Municipal de Castelo de Paiva	255 689 500	Largo do Conde, Castelo de Paiva
Centro de Saúde de Castelo de Paiva	255 690 280	Rua Prof. Egas Moniz, Castelo de Paiva
GNR – Posto Territorial de Castelo de Paiva	255 690 380	Zona Ind. de Felgueiras, Castelo de Paiva

CINFÃES

Bombeiros Voluntários de Cinfães	255 561 567	Rua Coronel Numa Pompílio, 35, Cinfães
Câmara Municipal de Cinfães	255 560 560	Largo dos Paços do Concelho, Cinfães
Centro de Saúde de Cinfães	255 561 275	Rua Capitão Salgueiro Maia, Cinfães
GNR – Posto Territorial de Cinfães	255 560 070	Cruz das Bouças, Cinfães

RESENDE

Bombeiros Voluntários de Resende	254 877 122	Rua Dr. Francisco Sá Carneiro, 789, Resende
Câmara Municipal de Resende	254 240 930	Av. Rebelo Moniz, Resende
Centro de Saúde de Resende	254 870 060	Av. Afonso Henriques, 226, Resende
GNR – Posto Territorial de Resende	254 877 304	Rua Mons. Manuel de Almeida, Resende

BAIÃO

Bombeiros Voluntários de Baião	255 541 231	Rua Camões, Baião
Câmara Municipal de Baião	255 540 500	Praça Heróis do Ultramar, Baião
Centro de Saúde de Baião	255 542 212	Rua Dr. João Antunes Guimarães, 40, Baião
GNR – Posto Territorial de Baião	255 540 000	Rua Comandante Agatão Lança, Baião

MARCO DE CANAVESES

Bombeiros Voluntários de Marco de Canaveses	255 534 115	Av. Gago Coutinho, 533, Marco de Canaveses
Câmara Municipal de Marco de Canaveses	255 538 800	Largo Sacadura Cabral, Marco de Canaveses
Centro de Saúde de Marco de Canaveses	255 539 670	R. Prof. José Mag. Aguiar, 85, M. Canaveses
GNR – Posto Territorial de Marco de Canaveses	255 531 277	Av. S. ¹ a Teresa do Menino Jesus, M. Canaveses
Hospital Santa Isabel (Misericórdia)	255 538 300	Alam. Dr. Miranda da Rocha, M. Canaveses

AMARANTE

Bombeiros Voluntários de Amarante	255 422 718	Av. 1.º de Maio, Amarante
Câmara Municipal de Amarante	255 420 200	Alam. Teixeira de Pascoaes, Amarante
Centro de Saúde de Amarante	255 431 374	Rua Nova, Amarante
GNR – Posto Territorial de Amarante	255 437 790	Av. Gen. Vitorino Laranjeira, 287, Amarante
Hospital de Amarante – Centro Hosp. Tâm. e Sousa	255 410 500	Quinta da Lama, Telões

CELORICO DE BASTO

Bombeiros Voluntários Celoricenses	255 321 223	Av. João Pinto Ribeiro, Celorico de Basto
Câmara Municipal de Celorico de Basto	255 320 300	Pr. Card. D. António Ribeiro, Celorico de Basto
Centro de Saúde de Celorico de Basto	255 320 220	Av. João Pinto Ribeiro, Celorico de Basto
GNR – Posto Territorial de Celorico de Basto	255 320 010	Rua 5 Outubro, 81, Celorico de Basto

FICHA TÉCNICA



PROMOTOR Rota do Românico

COORDENAÇÃO GERAL Rosário Correia Machado | Rota do Românico

TEXTO CIENTÍFICO (Monumentos) Lúcia Rosas | Leonor Botelho | Nuno Resende | Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

OUTROS TEXTOS Rota do Românico

FOTOGRAFIA (Monumentos) Rota do Românico | António Cabral | R. Sousa Santos | Fedra Santos | Arquivo IHRU | André Brito | António Coelho | José Vicente

OUTRAS FOTOGRAFIAS Rota do Românico | ADRIMAG | AJAF – Associação Juvenil Ao Futuro | Alexander Bogorodskiy | Alberto Plácido | André Brito | António Cabral | António Coelho | Associação de Canoagem do Vale do Sousa | Associação Desportiva de Amarante | Associação dos Amigos do Rio Ovelha | Aviz Golf Club | BTT Kunalama – Associação para o Desenvolvimento da Portela | Câmaras Municipais de Amarante, Baião, Castelo de Paiva, Celorico de Basto, Cinfães, Felgueiras, Lousada, Marco de Canaveses, Paços de Ferreira, Paredes, Penafiel e Resende | Casas de Pousadouro | Catarina Providência | Clube Automóvel de Lousada | Clube Náutico de Caldas de Aregos | Clube TT Paredes Rota dos Móveis | Daniela Ferreira | Douro41 Hotel & Spa | Douro Palace Hotel Resort & Spa | Duarte Pinheiro | Egídio Santos | Estação Arqueológica do Freixo | Extreme XL Lagares | Fábrica do Pão de Ló de Margaride | Filipe Vaz | Fundação Eça de Queiroz | Golfe de Amarante | Hotel Casa da Calçada Relais & Châteaux | In Situ, Conservação de Bens Culturais | INATEL | Indie Music Fest | Iva Vinha | João Octávio | José Augusto Costa | Kartódromo de Baltar | Lousada Country Hotel | Magikland | Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso | Napoleão Monteiro | Paredes Golfe Club | Parque Aquático de Amarante | Pedro Pacheco | Pedro Teixeira | Penafiel Park Hotel & Spa | Quinta da Aveleda | Quinta da Granja | Quinta da Massôrra | Quinta de Guimarães | Quinta de Lourosa | R. Sousa Santos | Rafting Atlântico | Regina Coelho | Restaurante Cozinha da Terra | Restaurante Largo do Paço | Restaurante Miradouro | Santa Casa da Misericórdia de Penafiel | Sentir Património | Solar Egas Moniz | Termas das Caldas de Aregos | Termas de São Vicente | Trilhos Verdes BTT

CAPA Mosteiro de Pombeiro | Felgueiras. Pormenor do portal ocidental

INFOGRAFIA (p. 20) Anyforms Design

ILUSTRAÇÃO (Monumentos) Edições Livro Branco | Miguel Palmeiro

DESIGN E PAGINAÇÃO Abigail Ascenso e Fedra Santos

IMPRESSÃO Lidergraf – Artes Gráficas

TIRAGEM 4.000

EDIÇÃO 2.ª | maio de 2019

ISBN 978-989-99331-8-7

DEPÓSITO LEGAL 456246/19

FINANCIADO POR



PARCERIAS



TURISMO DO PORTO E NORTE DE PORTUGAL





ROTA DO
ROMÂNICO

Uma experiência fundada na História.



Uma Rota fundada nas memórias do Românico, que convida a uma viagem inspiradora a lugares com História, junto de singulares conjuntos monásticos, igrejas, capelas, memoriais, pontes, castelos e torres senhoriais, amadurecida em terra forjada de verde, repleta de saberes e sabores.

